

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Iara Bastos Campos

DISCURSO, INTELECTUAIS E PODER:
Os psicanalistas e suas projeções imaginárias em colunas e entrevistas de jornais
(1980-1998)

Juiz de Fora
Março de 2017

Iara Bastos Campos

Discurso, intelectuais e poder: os psicanalistas e suas projeções imaginárias em colunas e entrevistas de jornais (1980-1998)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientador: Doutor Wedencley Alves Santana.

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Campos, Iara Bastos.

Discurso, intelectuais e poder : os psicanalistas e suas projeções imaginárias em colunas e entrevistas de jornais (1980-1998) / Iara Bastos Campos. -- 2017.

290 p. : il.

Orientador: Wedencley Alves Santana

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2017.

1. Discurso. 2. Imprensa. 3. Poder. 4. Intelectuais. 5. Psicanalistas. I. Alves Santana, Wedencley, orient. II. Título.

IARA BASTOS CAMPOS

**DISCURSO, INTELLECTUAIS E PODER: OS PSICANALISTAS E SUAS
PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS EM COLUNAS E ENTREVISTAS DE JORNAIS
(1980-1998)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração Comunicação e Sociedade, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Teresa Cristina da Costa Neves
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, que não se resume apenas a resultados de uma pesquisa, mas que corresponde também aos primeiros passos de um caminho escolhido para a vida.

Agradeço, então, à CAPES, pelo auxílio financeiro que possibilitou, ao longo do segundo ano de mestrado, a realização da pesquisa com maior tranquilidade.

Ao grupo Sensus – Discursos em Comunicação e Saúde, que permitiu muitas trocas de experiências e de autores, abrindo vários caminhos na minha vida profissional.

Ao Weden, professor-orientador, que tornou possível toda essa jornada, ao me convidar, em 2012, para o grupo Sensus. Muito obrigada por ter me apresentado a esse universo! Agradeço pelas incontáveis horas de discussões sobre AD; por todos os ciclos de leitura; pelos milhares de livros emprestados, por todas as críticas construtivas; e, também, por ter acreditado na possibilidade de realização de uma pesquisa como esta, além de ter confiado na minha capacidade para realizá-la.

À banca de qualificação: Agradeço aos professores Teresa Neves e Potiguara Mendes da Silveira Jr. que, desde a monografia de graduação, acreditaram na proposta de realização deste trabalho e deram valiosas sugestões para que fosse dada a continuidade à pesquisa. Agradeço também imensamente à professora Aline Andrade Pereira, que não poupou esforços em debater criticamente o tema poder, intelectualidade e mídia, permitindo-me ampliar a fundamentação teórica deste estudo.

Aos professores Paulo Vaz e, mais uma vez, Teresa Neves, que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca de defesa, avaliando e contribuindo para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Aos psicanalistas Jurandir Freire Costa, Jorge Forbes e Miriam Chnaiderman, que aceitaram atenciosamente conversar sobre psicanálise no Brasil, além de indicar bibliografias, possibilitando que eu ampliasse meu entendimento sobre o tema.

À família: a meus pais André e Emília, por terem ficado ao meu lado durante toda essa etapa da minha vida. Ao meu irmão, Flávio, parceiro para todas as horas e leitor atento de *abstracts*. À vó Dinorah e à Matilde, por todo o apoio. Agradeço imensamente a vocês não só pela paciência, compreensão e carinho, como também por acreditarem nos meus planos para o futuro e me darem forças para avançar os próximos passos. Amo vocês profundamente!

Aos amigos que contribuíram, cada um à sua maneira, para esta jornada: Clarisse, Diana, Stephanie, Cícero, Lorena, Gustavo e Alessandra (que, além de ótimas companhias, foram cuidadosos leitores de produções acadêmicas!); Catarina, Isa, Alice e Nathália Rippel (parceiras de publicação e de jornadas Sensus); Thalita, Valéria e Karina (amizades especialistas em apoios psicológicos). Vocês são todos inesquecíveis! Espero um dia conseguir retribuir pelo menos um pouquinho do que cada um de vocês fez por mim.

Aos colegas do IMS (Instituto de Medicina Social/UERJ), que me acolheram na turma e me inseriram no campo de debates sobre saúde mental, mostrando-me sempre outras perspectivas.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo mapear discursos na imprensa acerca da figura do psicanalista, na medida em que são entendidos como “vozes autorizadas”, convocadas pelos jornais para diagnosticar as formas de mal-estar psíquico e, principalmente, social da contemporaneidade. Tendo base teórico-conceitual na Análise de Discurso, o objetivo principal é compreender como se dá a transformação da imagem pública de/sobre os psicanalistas, no período de 1980 a 1998 – delimitado por dois momentos da história da psicanálise no Brasil que repercutiram na imprensa: a “crise” institucional da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e a cisão das escolas filiadas à Associação Mundial de Psicanálise. Compõem o *corpus* 474 textos de colunas assinadas por psicanalistas e entrevistas publicadas nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*. Os resultados da análise indicaram que houve variação nas temáticas sobre as quais psicanalistas costumavam depor: os temas especializados tiveram mais espaço na primeira metade da década de 1980 e temas como arte e cultura, comportamento, sentimentos e desigualdades e direitos humanos predominaram no restante do tempo. Quanto às projeções imaginárias, as mais frequentes são as que colocam o psicanalista no lugar de “pensador”, caracterizando-o como intelectual mais do que como clínico ou especialista. De 1980 a 1998, houve um deslocamento da imagem do psicanalista, antes mais identificado ao discurso teórico-psicanalítico, para a do intelectual mais generalista, capaz de comentar temas como política e comportamento. A análise apontou para diferenças no modo de convocação do psicanalista pelos dois jornais, sendo a *Folha de S. Paulo* mais ligada ao saber psicanalítico e às articulações dele com demais saberes (filosófico ou religioso), enquanto em *O Globo* prevalece a imagem do psicanalista que fornece dicas de como solucionar determinado problema íntimo, principalmente nas colunas do tipo “consultório sentimental”.

Palavras-chave: Discurso. Imprensa. Poder. Intelectuais. Psicanalistas.

ABSTRACT

This research aims to map discourses about the figure of the psychoanalyst in the press, insofar as they are understood as "authorized voices", summoned by the daily newspaper to diagnose the forms of psychic and, especially, social malaise of the contemporary. Based on a theoretical and conceptual basis in Discourse Analysis, the main objective of this work is to understand how occurs the transformation of the public image of/about the psychoanalysts, from 1980 to 1998 – period delimited by two moments of the history of psychoanalysis in Brazil that had repercussions in the press: The institutional "crisis" of the Psychoanalytic Society of Rio de Janeiro and the split of schools affiliated to the World Association of Psychoanalysis. 474 texts of columns signed by psychoanalysts and interviews published in the newspapers *Folha de Sao Paulo* and *O Globo* compose the *corpus* of this research. The results of the analysis indicated that there was variation in the themes on which psychoanalysts used to testify: specialized themes had more space in the first half of the 1980s and themes such as art and culture, behavior, feelings, inequalities and human rights prevailed in the rest of the time. As the imaginary projections, the most frequent are those that put the psychoanalyst in the place of "thinker", characterizing him as an intellectual rather than as a clinician or specialist. From 1980 to 1998, there was a displacement of the image of the psychoanalyst, previously more identified to the theoretical-psychoanalytic discourse, for the intellectual of a generalist type, capable of commenting on themes such as politics and behavior. The analysis indicated differences in how the psychoanalyst is summoned by the two newspapers, *Folha de S. Paulo* being more linked to psychoanalytic knowledge and its articulations with other knowledge (as philosophical or religious), while in *O Globo* the image of the psychoanalyst that provides tips on how to solve an intimate problem prevails, especially in the "sentimental consulting" columns.

Keywords: Discourse. Press. Power. Intellectuals. Psychoanalysts.

LISTA DE SIGLAS

DSM – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)

IBRAPSI – Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições

IMS – Instituto de Medicina Social

IPA – *International Psychoanalytical Association* (Associação Psicanalítica Internacional)

JB – Jornal do Brasil

PNL – Programação Neurolinguística

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SBP – Sociedade Brasileira de Psicanálise

SBPRJ – Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

SBPSP – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

SPRJ – Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PODER, PSICANÁLISE E INTELLECTUAIS NA IMPRENSA	13
2.1 COMUNICAÇÃO, PODER E SABER	13
2.1.1 Foucault e as relações de saber-poder	16
2.1.2 Bourdieu e o poder simbólico	18
2.1.3 Comunicação e poder	21
2.1.4 Imprensa e psicanalistas: nosso objeto à luz das conceituações de poder... 24	24
2.2 ESTRATÉGIAS DE SABER-PODER E PSICANÁLISE.....	26
2.2.1 Psicanálise: estratégias de saber-poder na saúde mental.....	26
2.2.2 Psicanálise: uma história das instituições e a intelectualidade.....	32
2.3 INTELLECTUAIS, PODER E IMPRENSA	38
2.3.1 Os intelectuais e o poder.....	38
2.3.2 A <i>intelligentsia</i> e os psicanalistas	42
3 ANÁLISE DO DISCURSO, MÍDIA E SABER.....	47
3.1 DISCURSO E PODER.....	47
3.2 DISCURSO E MÍDIA: PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS	52
3.3 PSICANALISTAS EM JORNAIS: PRELIMINARES DA ANÁLISE	62
3.3.1 Percurso da pesquisa	63
3.3.2 Uma observação da totalidade de publicações de/sobre psicanalistas.....	64
3.3.2.1 <i>Coleta na Folha de S. Paulo</i>	66
3.3.2.2 <i>Coleta em O Globo</i>	68
3.3.3 Psicanalistas em colunas e entrevistas (1980-1998)	69
3.3.3.1 <i>Psicanalistas na Folha de S. Paulo</i>	70
3.3.3.2 <i>Psicanalistas em O Globo</i>	72
3.3.3.3 <i>Psicanalistas nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo: uma comparação</i>	73
4 DISCURSOS DE/SOBRE PSICANALISTAS NA IMPRENSA	75
4.1 PSICANALISTAS NOS JORNAIS: PRINCIPAIS TEMAS.....	75
4.1.1 Apresentação das famílias temáticas	75
4.1.1.1 <i>Temas Especializados</i>	76
4.1.1.2 <i>Temas Gerais</i>	78
4.1.2 Trajetos temáticos em colunas e entrevistas	84
4.1.2.1 <i>Trajetos temáticos em colunas</i>	84
4.1.2.2 <i>Trajetos temáticos em entrevistas</i>	94
4.2 PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS DE PSICANALISTAS NOS JORNAIS	99
4.2.1 As projeções imaginárias de/sobre psicanalistas nos jornais	100
4.2.1.1 <i>Imagem do psicanalista “pensador” - IA (A) 1</i>	100
4.2.1.2 <i>Imagem do psicanalista “avaliador institucional” - IA (A) 2</i>	122
4.2.1.3 <i>Imagem do psicanalista “militante” - IA (A) 3</i>	126
4.2.1.4 <i>Imagem do psicanalista “crítico de arte” - IA (A) 4</i>	129
4.2.1.5 <i>Imagem do psicanalista “clínico” - IA (A) 5</i>	132
4.2.1.6 <i>As projeções sobre outros psicanalistas</i>	136
4.2.2 O lugar do psicanalista diante dos jornais e seus leitores.....	138
4.2.2.1 <i>Projeção e autoimagem dos psicanalistas: uma análise de títulos</i>	138

4.2.2.2 “A imprensa” segundo os psicanalistas.....	145
4.2.3 As projeções imaginárias dos jornais em relação aos psicanalistas.....	147
4.2.3.1 As formas de identificação dos psicanalistas colunistas pelos jornais.....	147
4.2.3.2 O modo de significar o psicanalista nas entrevistas.....	155
4.2.3.2.1 Imagem do psicanalista “pensador” – IB” (A) 1	160
4.2.3.2.2 Imagem do psicanalista “especialista” – IB” (A) 2	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
REFERÊNCIAS	173
ANEXOS	181
ANEXO A - TABELA COMPLETA DE COLUNAS (1980 – 1998).....	181
ANEXO B - TABELA COMPLETA DE ENTREVISTAS (1980 – 1998).....	229
ANEXO C - QUADRO DE COLUNAS E ENTREVISTAS POR ANO	243
ANEXO D - QUADRO DE NOMES DE PSICANALISTAS.....	245
ANEXO E - QUADRO DE FAMÍLIAS TEMÁTICAS POR ANO.....	255
ANEXO F - QUADRO DE TOTAL DE OCORRÊNCIAS POR TEMÁTICA.....	267
ANEXO G - LISTA DE TÍTULOS DE COLUNAS (NOMES PRÓPRIOS).....	269
ANEXO H - GRÁFICOS	273

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação ocupam, nas sociedades contemporâneas, um lugar privilegiado em relação à constituição, produção e reprodução de discursos sociais. Sejam falas e sentidos proferidos a partir do senso comum, sejam discursos institucionalizados, a partir das vozes de especialistas, cientistas, intelectuais, o fato é que as mídias detêm o poder – ainda que compartilhado (em oposição, contraste ou consonância) com outras instituições – de propagar ou silenciar sentidos, autorizar ou desautorizar sujeitos, repetir ou deslocar discursos que vão servir como referenciais para a conduta humana, de avaliação da realidade, mesmo de percepção de nossos próprios sentimentos de bem e de mal-estar.

Diante deste cenário, emerge a necessidade de compreender como os saberes especializados acerca do bem-estar (físico, mental e social) e do mal-estar contemporâneos (medos e angústias, esperanças e frustrações, a questão das violências etc.) se materializam e se propagam pela imprensa, produzindo sentidos e (se) estabelecendo (em) relações de poder. Isso se dá porque à medida que os meios fazem circular saberes especializados, eles também produzem sentidos acerca destes saberes e dos sujeitos que os propagam, nem sempre em conformidade – mas também nem sempre em oposição – com o modo como foram constituídos nas instituições de origem.

Dentre os especialistas sobre esses saberes, estão presentes na mídia já há algum tempo os psicanalistas, muitas vezes convocados a falar sobre questões que nem sempre se limitam ao campo da saúde mental. Daí surge a principal questão que move este projeto: de que maneira os psicanalistas se constituem como sujeitos de discurso na imprensa? O que evidentemente já revela um pressuposto de pesquisa de que há alguma diferença entre estes “sujeitos da/na mídia” e os “sujeitos da clínica”, ou do meio institucional próprio. A fim de responder a tal questionamento, empreendemos a análise discursiva de colunas e entrevistas publicadas pelos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* entre os anos de 1980 e 1998. O recorte histórico é demarcado por dois momentos da história da psicanálise no Brasil que repercutiram na imprensa: a “crise” institucional da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e a cisão das escolas filiadas à Associação Mundial de Psicanálise.

Nossa hipótese é de que houve, neste período, descontinuidade na forma como a imprensa lidava com os psicanalistas e, sobretudo, na imagem que fazia circular sobre estes “sujeitos do saber” – com base na conceituação de “intelectual” por três pensadores, sendo eles Pierre Bourdieu (1968), Karl Mannheim (2001) e Norberto Bobbio (1997). Focando-nos neste último, que entende a intelectualidade a partir de dois tipos – humanistas ou ideólogos e

técnicos do saber – colocamos em teste a hipótese de que, ao longo do período de 1980 a 1998, os psicanalistas deixariam de ser convocados como “intelectuais” do primeiro tipo, detentores de um saber generalista (conhecedores de política, cultura, economia e todos os demais problemas da sociedade) e passariam a responder a questões mais “técnicas”, próprias do campo da saúde mental, disputando espaço com os demais saberes *psi* e das neurociências.

O objetivo principal desta pesquisa é compreender como se dá a transformação de discursos – e, por conseguinte, da imagem pública – de/sobre os psicanalistas, de forma a perceber o jogo de autorização e desautorização de vozes e saberes de saúde mental, convocados pela imprensa para “diagnosticar” a sociedade e depor sobre condutas humanas, afetos, bem e mal-estar.

Como nosso interesse é constituído pela relação com o campo de práticas da comunicação, buscamos compreender como a disputa entre saberes – bem como de sentidos atribuídos pelos psicanalistas a si e ao saber psicanalítico – é materializada pela imprensa. O papel da comunicação nesse momento fica evidente quando consideramos que ela “é parte importante dessa luta [por hegemonia] e a natureza e a qualidade de suas práticas podem contribuir para a transformação das estruturas e relações de poder ou para a sua manutenção” (ARAÚJO & CARDOSO, 2007, p. 21).

Dessa forma, o fato de os jornais materializarem determinadas vozes e sentidos, e não outros, faz com que eles se insiram como participantes no jogo de disputas entre saberes, tecendo, assim, relações de poder. Nossa temática aqui trabalhada se enquadra, portanto, na linha de pesquisa “Comunicação e Poder”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFJF).

Discursivamente, pensamos o funcionamento das relações de poder articuladas entre sujeito, ideologia e linguagem, diante de projeções imaginárias que os interlocutores – psicanalistas colunistas/articulistas/entrevistados, jornais e leitores – têm de si mesmos e do outro, em um processo que será observado em duas vias: a dos gestos de interpretação materializados nos jornais, que tendem a (re)afirmar o saber psicanalítico, atribuindo a ele um lugar de legitimação; e da autoprojeção, que leva o *autor* a (re)produzir sentidos, posicionando-se no discurso conforme a imagem que tem de si enquanto psicanalista.

Essa reflexão tem origem em dois trabalhos realizados no âmbito do “Grupo Sensus – Discursos em Comunicação e Saúde” e do projeto de pesquisa “Discursos na mídia sobre o bem e o mal-estar (físico, mental e social)”, ambos coordenados pelo Professor Dr. Wedencley Alves Santana. O primeiro deles, “Cartografias do mal estar: vozes e sujeitos da saúde mental em discursos na mídia”, foi desenvolvido como Iniciação Científica (2012-

2014), e consistiu na análise discursiva de matérias sobre saúde mental publicadas nas revistas *Veja* e *IstoÉ*, em 2012 e 2013. Os resultados apontaram que as vozes da psiquiatria e da neurociência prevaleceram sobre às da psicanálise e as de outras formas humanistas de conceber distúrbios, transtornos e fobias. Aliás, durante todo o período de análise, nenhuma matéria recorreu ao saber psicanalítico. Esse silenciamento da figura do psicanalista nas revistas atuais despertou o interesse em entender como em outros momentos da história – anteriores ao que Élisabeth Roudinesco (2000, p.46) define como “avanço espetacular da psicofarmacologia” que teria se sobreposto aos tratamentos embasados na psicanálise – falavam os psicanalistas na mídia.

Foi durante este processo que nos deparamos com o tema do segundo trabalho que antecede esta pesquisa, a “crise” institucional da psicanálise, que se tornou tema recorrente na imprensa depois da expulsão dos psicanalistas Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, no início da década de 1980. Desenvolvemos, então, como Trabalho de Conclusão de Curso de graduação (2014), a monografia “Do divã às redações: discursos sobre a ‘crise’ institucional psicanalítica nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil* (1980-1981)”, que teve como objetivo compreender como a “crise” institucional, bem como o “caso Amílcar Lobo” evidenciaram o lugar do psicanalista na imprensa, em um cenário de abertura política no Brasil. Esta pesquisa, no entanto, ficou restrita a um curto período de tempo, o que nos levou à pesquisa de mestrado, que, além de dar continuidade temporal ao trabalho, ainda nos permitiu expandir conceitualmente a compreensão discursiva em torno da figura do psicanalista em jornais.

No capítulo inicial, “Poder, psicanálise e intelectuais na imprensa”, são apresentados os conceitos de “relações de poder” por dois vieses distintos – de Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Na sequência, os pensamentos de cada um desses autores são articulados de forma a compreender as disputas de poder que ocorrem entre o saber psicanalítico: a) e a mídia; b) e outros saberes da saúde mental; c) entre suas diferentes correntes de pensamento. Ligados a esse último ponto, são lembrados alguns acontecimentos históricos – que constituíram acontecimentos discursivos – que marcaram a história da psicanálise, de forma a justificar nosso recorte temporal. Esclarecemos que ambos os casos evidenciam disputas internas ao campo da psicanálise e correspondem, segundo a Análise de Discurso, a fatos discursivos.

Por fim, apresentamos algumas definições de intelectualidade e propomos a articulação entre mídia, poder e intelectualidade, buscando assim entender como a figura do

psicanalista convocado pelos jornais na posição de colunista, articulista ou entrevistado pode ser compreendida sob tais conceituações.

No capítulo seguinte, “Análise do discurso, mídia e saber”, são discutidos os conceitos-chave da análise do discurso com a qual trabalhamos – a saber, projeção imaginária, formação discursiva e memória discursiva. Em seguida, buscamos compreender as relações entre discurso e mídia, partindo do pressuposto de que todo discurso está associado a relações ideológicas, logo, a relações de poder. Neste momento, contamos como se deu o percurso anterior à análise, esclarecendo os motivos de determinadas escolhas da pesquisa e, ao final, mostramos os procedimentos de coleta e os dados gerais da busca por “psicanalista” nos jornais. Só então efetuamos o recorte do *corpus* aos textos assinados pelos psicanalistas e a entrevistas com estes sujeitos.

Passamos, enfim, ao capítulo de análise dos dados: “Discursos de/sobre psicanalistas na imprensa”. Iniciamos a análise com a apresentação dos principais temas sobre os quais psicanalistas são chamados a debater, na imprensa, e partimos para a observação dos Trajetos Temáticos (GUILHAMOU, 1993), de modo a identificar como (e se) estas temáticas se modificaram ao longo do período analisado. Em sequência, empreendemos a análise discursiva das projeções imaginárias (PÊCHEUX, 1990), segundo a qual os sujeitos, que estão envolvidos em um jogo de múltiplos efeitos de sentidos, criam projeções sobre o outro, a partir de um imaginário social e das relações de poder envolvidas.

Dessa forma, a convocação de psicanalistas na posição de colunistas ou de entrevistados faz circular discursos sobre esses profissionais que, ao exporem opiniões, resultados de pesquisa ou avaliações gerais da sociedade, estão ocupando determinados lugares de especialistas, de legitimação do saber e, em consequência, estabelecendo relações de poder no campo da saúde mental. A análise torna-se possível nos textos publicados em jornais devido ao fato de que, para a Análise de Discurso, segundo Orlandi (2005, 2007), as textualidades são materializações de discursos e que, por sua vez, são materialidades da ideologia.

2 PODER, PSICANÁLISE E INTELECTUAIS NA IMPRENSA

Neste capítulo, discorreremos sobre as concepções de “relações de poder” que se estabelecem por meio de discursos e se articulam ao “saber”, a “regimes de verdade” e ao “poder simbólico”, tendo em vista a concepção discursiva de que todo “dizer é marcado por um jogo de poder da/na linguagem” (ORLANDI, 2001, p. 142).

Em seguida, apresentamos determinados acontecimentos (históricos e discursivos) que funcionam como marcos da historiografia das instituições psicanalíticas no Brasil.

Trazemos, mais à frente, alguns entendimentos acerca da intelectualidade, relacionando-a aos meios de comunicação e aos saberes da saúde mental, de forma a localizar a figura do intelectual nos jornais como voz autorizada a fazer circular discursos.

2.1 COMUNICAÇÃO, PODER E SABER

As relações de poder são alvos de investigação de campos diversos – da Filosofia, Sociologia e Ciências Políticas à Comunicação, que nos concerne mais diretamente. Nosso interesse pelas relações de poder que se travam através da mídia e, mais especificamente, da imprensa, se dá a partir da compreensão de que os meios de comunicação são responsáveis pelo realce de alguns discursos, bem como pela autorização e desautorização de saberes, na medida em que vocalizam determinados saberes mais do que outros.

Em relação à circulação, pela imprensa, de discursos sobre o saber psicanalítico, entendemos que, “de algum modo, induz a uma legitimação da psicanálise como lugar de produção de saber, mas transforma esse saber e os conceitos a ela pertinentes em uma ‘moral laica’” (MARIANI, 2003, p.9) –, em outras palavras, em um “sistema moral com a pretensão totalitária de interpretação do mundo” (MARIANI, 2003, p.9) –, ou seja, um guia de como agir ou de como pensar, o que Joel Birman (1994, p.121) descreve como “um mapa com direções infalíveis para seus percursos na incerteza da existência”.

Como nos propomos a olhar para as relações de poder que perpassam o campo da Comunicação sob uma perspectiva discursiva, cabe-nos uma breve explicação da noção de discurso na sua relação com as Teorias da Comunicação, algo já discutido por Alves (2007). É possível dizer que a AD rejeita, de um modo geral, as teorias administrativas ou descritivas, o que implica na crítica a alguns modelos explorados pelos estudos de mídia (e até mesmo “superados” pelo próprio campo). Assim, rejeita as teorias funcionalistas, as teorias

matemáticas da informação e comunicação¹ e as teorias dos efeitos² – dentre elas, a Teoria Hipodérmica³.

Além disso, a AD posiciona-se criticamente também em relação às teorias socioculturais e, por conseguinte, a outros modelos explorados pelas Teorias da Comunicação, como a Teoria Crítica e os Estudos de Recepção⁴. Por isso, “além dos Estudos Culturais, e muitas vezes associado a esses, temos um mosaico de análises discursivas que vêm superar as teses puramente formalistas, de caráter estrutural” (ALVES, 2007, p. 18).

Veem-se, então, modelos que aproximam o entendimento sobre os meios de comunicação tanto das ciências naturais – correspondendo a uma abordagem positivista acerca da mídia – como das vertentes socioculturais – que, como no caso da teoria desenvolvida por Lazarsfeld, consideram também a influência das dinâmicas sociais nos processos de comunicação. Diante dessas teorias, a Análise de Discurso mostra-se crítica tanto ao universalismo científico – que defende a ciência “pura” e imune a interferências da história e da cultura – quanto ao “relativismo radical”, uma vez que “o relativismo histórico ou cultural e seus oponentes não levam em consideração as redes de memória e a interdiscursividade entre ciência e outras racionalidades” (ALVES, 2007, p.22). Dessa forma,

se os teóricos descritivistas da comunicação estão antes de tudo evitando levar em consideração questões relativas às lutas ideológicas que se atualizam na maquinaria midiática, é porque para eles estas questões ficam do lado de fora de discussões científicas, o que é estabelecer o que “deve” e o que “não deve” ser ciência. E atribuir *dever* é antes de tudo uma *posição de poder*, e de forma assumida (ALVES, 2007, p.24, grifo do autor).

A partir dessa discussão é possível dizer que a AD busca superar o esquema clássico de comunicação e o reconfigura, a fim de explicar o funcionamento do discurso. Trata-se do modelo de Lasswell – o qual considera que um ato de comunicação ocorre linearmente entre emissor e receptor, com a transmissão de uma mensagem, dependendo das

¹ Fundamenta-se no modelo de Shannon-Weaver estabelecido na década de 1940, e trata-se de uma teoria sobre a “transmissão ótima das mensagens”, que tem por objetivo “melhorar a velocidade de transmissão de mensagens, diminuir as suas distorções e aumentar o rendimento global do processo de transmissão de informação” (WOLF, 1999, 48-49).

² Segundo as quais “os efeitos provocados pelos meios de comunicação de massa dependem das forças sociais que predominam num determinado período” (WOLF, 1999, p. 20).

³ Supunha, por um viés behaviorista, que “estímulos e respostas”, descritos como “unidades naturais” do comportamento, não haveriam de ser diferentes entre os seres humanos que, então, sofreriam igualmente os efeitos persuasivos da mídia (WOLF, 1999, p.27)

⁴ O que nos leva à análise de Alves (2007, p. 188), na qual o autor afirma que “um dos problemas das teorias da comunicação, é que ora se estabeleceu um sujeito-leitor preso ao imaginário – pensamos na primeira fase da Escola de Frankfurt, com Adorno – ora um sujeito-leitor que se auto-bastava, e aí pensamos em teorias da recepção, que quase proclamam um sujeito livre”.

condições do processo (do canal e do código), das intenções do falante e de com que efeito a informação foi transmitida (WOLF, 1999, p.10).

Para a Análise de Discurso, “não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, [do tipo] alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a” (ORLANDI, 2005, p. 21). A significação entre os interlocutores ocorre simultaneamente. Ademais, o processo de comunicação – ou de “não-comunicação”, afinal, segundo Orlandi (2005, p.21), a linguagem “serve para comunicar e para não comunicar” – não se limita à simples “transmissão de informação”, mas corresponde a um complexo processo de funcionamento da linguagem que “põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (ORLANDI, 2005, p. 21), sendo que a língua é entendida como “um lugar material em que se realizam os efeitos de sentido” (ORLANDI, 2012, p.83).

Além disso, para a Análise de Discurso, não interessam as “intenções do sujeito (autor) e também não se considera o texto em si. Trata-se do sujeito [...] que se constitui (e aos sentidos) na interpretação, textualizando o discurso” (ORLANDI, 2004, p.25). Em outras palavras, é possível dizer que “os sentidos não dependem de nossas intenções, mas de possibilidades e necessidades reais concretas com seus efeitos simbólicos” (ORLANDI, 2001, p.164) e funcionam ideologicamente, o que implica em relações de poder.

Além disso, na relação da AD com a comunicação, deve-se entender o que é efeito de sentidos, ou seja,

compreender a necessidade da ideologia na construção dos sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posições do sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos, mas se produzem com eles (ORLANDI, 2007a, p. 21).

É, portanto, diante deste jogo de produção de sentidos – bem como de constituição de sujeitos que se estabelecem na relação com a língua e com a história – que discutiremos, a seguir, as relações de poder e saber, com foco nas interseções da Comunicação com a Psicanálise. Para isso, embasamo-nos conceitualmente em dois autores que marcaram a reflexão contemporânea por conceber diferentes noções de *relações de poder e saber*: I) Michel Foucault que, pelo viés histórico, em oposição à “concepção reducionista e estática de poder”, estabelece um “esboço teórico, o projeto de uma microfísica do poder” (HONNETH, 1997, p.160, tradução nossa), e que, em continuidade, entrelaça a questão de poder com o saber, passando pela noção de *vontade de verdade*; II) Pierre Bourdieu, que, por

meio de uma abordagem sociológica, sinaliza a existência de um “poder simbólico”, noção que funciona de forma conjugada aos conceitos de *campo* e *habitus*.

Dedicaremos, então, as duas primeiras subseções deste capítulo para a apresentação conceitual de “poder” segundo Foucault e Bourdieu, respectivamente. Na terceira, mostraremos as aplicações dos conceitos ao campo da Comunicação e, na quarta, em seguida da apresentação de nosso objeto de pesquisa, pensaremos nossa questão à luz dos conceitos descritos.

2.1.1 Foucault e as relações de saber-poder

O funcionamento das estruturas de poder foi uma das questões centrais das obras de Michel Foucault. Segundo define o autor, de forma resumida, “o poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (FOUCAULT, 2003, p. 253). Em outras palavras, seria possível dizer que as “relações de poder estão simbolizadas em relações de força presentes no jogo de sentidos” (ORLANDI, 2001, p.144).

É possível dizer que o filósofo francês elaborou, em seus estudos, uma “genealogia do poder” de forma a complementar uma “arqueologia do saber” de seus trabalhos iniciais. Uma explicação sobre as “fases” da pesquisa de Foucault é necessária. Em um primeiro momento, ele trabalha com a *arqueologia*, ou seja, procura estabelecer a constituição dos saberes utilizando a análise das formações discursivas – sem se limitar ao nível do discurso – na articulação com as instituições, a fim de responder a *como* os saberes surgiam (sem, no entanto, procurar, como geralmente fazem os historiadores, um momento único e bem definido da gênese de determinado elemento) e se desenvolviam. Tal inovação metodológica inaugura-se em *História da loucura* (1961) e ganha continuidade em *As palavras e as coisas* (1966) e *A arqueologia do saber* (1969).

Num segundo momento, a obra foucaultiana passa a ter como ponto de partida o *porquê* dos saberes e das condições que se relacionam a eles – analisando-os de forma a explicar sua existência e suas transformações e incluindo-os em um tipo de dispositivo político de forma a situá-los como peças envolvidas em relações de poder (MACHADO, 2012). Esta fase metodológica foi chamada de *genealogia* e foi observada a partir de *Vigiar e punir* (1975) e *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1976). Sobre a genealogia, Foucault afirma que esta é uma forma de “história que [dá] conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc, sem ter que se referir a um sujeito, seja ele

transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história” (FOUCAULT, 2012, p.43).

O filósofo não desenvolveu uma teoria geral do poder, pois, para ele, não existe algo único e global que possa se chamar de “poder”; no entanto, existem relações de poder que se constituem historicamente. Assim, ele contesta a ideia, por exemplo, de que o Estado teria poder total sobre a sociedade.

Também, segundo Foucault, o poder se exerce de forma capilar, pois “para que haja um movimento [de poder] de cima para baixo, é preciso que haja, ao mesmo tempo, uma capilaridade de baixo para cima” (FOUCAULT, 2012, p. 372). Assim, o autor explica que

na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder (FOUCAULT, 2003, p.231).

Destaca-se também que, devido aos micropoderes não obedecerem a um único sentido, os efeitos deles podem ser globais, mas nunca totalmente estáveis (HONNETH, 1997, p.160).

Em meio às análises da microfísica do poder, Foucault empreende o estudo da “relação primordial existente entre os registros do saber e do poder de forma que se o primeiro se forjaria no registro do discurso, o segundo, em contrapartida, se constituiria no registro da força. Desta maneira, o saber implicaria sempre em poder e vice-versa” (BIRMAN, 2013, p.5).

Uma observação sobre a associação entre saber-poder e discurso para Foucault se faz necessária. É Gregolin (2007) quem recorre à obra *A arqueologia do saber* para elencar os seguintes pontos do pensamento foucaultiano:

o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas; [...] o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico; o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente) (GREGOLIN, 2007, p.4).

Ainda para compreender a relação saber-poder, Foucault utiliza a noção de *verdade*. O autor parte do pressuposto de que “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade” (FOUCAULT, 2012, p. 52), ou seja, um conjunto de premissas construído pelos saberes – sejam eles locais, científicos, econômicos, políticos – que faz

funcionar como verdadeiro, dependendo dos tipos de discurso que constitui e de que é constituído.

O filósofo indica ainda que há efeitos de verdade que “uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder” (FOUCAULT, 2003, p.229). Isso ocorre tanto porque os mecanismos de poder possibilitam as produções de verdades e a estabilização de discursos de verdade, como também porque tais produções de verdade estruturam, por elas mesmas, efeitos de poder que unem os indivíduos dessa sociedade.

Além disso, “a verdade [...] não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. Ela não é encontrada, mas suscitada” (FOUCAULT, 2012, p. 192) e, então, passa a ser necessário desenvolver um conjunto de regras, de estratégias, de dispositivos, de procedimentos para obter a produção desse acontecimento.

Diante da noção de produções de verdade, pode-se dizer que o autor aborda a intelectualidade a partir da apropriação de um “discurso de verdade”, que fundamenta o saber e permite que se exerçam relações de poder. A figura do intelectual é bastante criticada por Foucault, segundo o qual, durante muitos anos, ser intelectual era ser “de esquerda”, ser adepto de um “marxismo débil” e se sentir dono de uma verdade, como um representante das ideias universais e coletivas (FOUCAULT, 2012, p.47). Assim, “o intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência” (FOUCAULT, 2012, p.131).

O papel do intelectual, no entanto, se transformou, passando à figura do intelectual “específico”, que seria “aquele que faz uso de seu saber, de sua competência, de sua relação com a verdade nas lutas políticas” (FOUCAULT, 2012, p. 49) e, ao invés de ser aquele que “se coloca um pouco na frente” para dizer a verdade de todos, ele tem o papel de “lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso” (FOUCAULT, 2012, p. 132). Em outras palavras, é a partir da detenção de um saber específico que o intelectual se insere em um jogo de poder e isso se dá por meio do discurso.

2.1.2 Bourdieu e o poder simbólico

Pierre Bourdieu compreende as relações de poder por meio do viés sociológico, diferenciando-se – assim como Foucault – dos teóricos do poder, por voltar sua atenção aos fenômenos de percepção social, de produção simbólica e de relações de poder para além da

questão do Estado. O autor desenvolve a concepção de *poder simbólico*, partindo do pensamento de que se há poder em toda a parte, “é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido” (BOURDIEU, 1989, p.7). Assim concebe a definição de *poder simbólico* como esse “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p.8). Além disso, o poder simbólico é descrito, pelo autor, como

um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o “conformismo lógico”, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 1989, p.9).

Tal poder é exercido através de sistemas e/ou instrumentos simbólicos que, segundo o autor, podem ser compreendidos tanto como estruturas estruturantes – neste sentido, o autor recupera o pensamento de Durkheim ao afirmar que as *formas simbólicas* universais se transformam em formas sociais, relativas a um grupo particular e determinadas socialmente (senso = consenso) – como estruturas estruturadas – passíveis de uma análise estrutural, “os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (BOURDIEU, 1989, p.9).

De certa forma, as produções simbólicas são também instrumentos de dominação. Isso ocorre de maneira que a cultura dominante utiliza-se de sistemas simbólicos para integrar-se como classe dominante, garantindo a comunicação entre seus membros e, ao mesmo tempo, demarcando a distância entre classes, ou seja, estabelecendo a hierarquia e legitimando as distinções entre classes dominantes e dominadas.

Bourdieu retoma Durkheim e Radcliffe-Brown para afirmar que “os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’” (BOURDIEU, 1989, p.10). Dentre estes instrumentos, estão os de conhecimento e de comunicação, que tornam possível o consenso sobre o “sentido do mundo social” e contribuem para a reprodução da “ordem social”. Além disso, o autor destaca a importância das palavras como símbolos sociais ao afirmar que “apropriar-se das palavras em que se acha sedimentado tudo o que o grupo reconhece é ter a garantia de uma vantagem considerável nas lutas pelo poder” (BOURDIEU, 1989, p.143).

O autor pontua que uma das estratégias mais importantes para os profissionais do *poder simbólico* – poetas nas sociedades arcaicas, profetas, homens políticos, conforme

exemplifica o autor – consiste em apropriar-se do *sensu comum* e das palavras consideradas de valor pelo grupo que se pretende atingir pelos instrumentos de dominação simbólica.

Ao abordarmos a noção de dominação, uma breve observação é necessária. Bourdieu propõe pensar o conceito de *campo de poder* como relacional, ou seja, indica que a oposição entre as categorias “dominante” e “dominado”, na verdade, trata-se de “batalhas de extermínio mútuo que contrapõem os diferentes setores do campo de poder”. Conforme detalha Wacquant (2013, p.92), tais conflitos são “diferentes frações de uma suposta classe dirigente, cujo império torna-se mais opaco e mais impregnável pelo intrincamento crescente e pelas contradições cada vez maiores das engrenagens de dominação”.

Para Bourdieu, a noção de *campo* pode ser entendida como um espaço estruturado de posições, no qual dominantes e dominados se opõem e lutam pelo poder. Possuindo mecanismos próprios de funcionamento, os campos são resultados de processos de diferenciação social de classes, saberes e conhecimentos do mundo. Assim, estes campos encontram sustentação nas relações de força entre os agentes (indivíduos, grupos, instituições) que disputam a hegemonia, ou seja, a autoridade, o que concede o poder de estabelecer regras e de distribuir o capital específico de cada campo.

O conceito de *capital*, por sua vez, relaciona-se a um poder sobre um campo que possui mecanismos próprios que contribuem para garantir a produção de uma categoria de bens, o que resulta sobre um conjunto de rendimentos e ganhos. Assim, os tipos de capital, “à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de fato, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular que ocorre como poder e como coisa em jogo, neste campo)” (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Também o conceito de *habitus* é central na obra de Bourdieu. Noção não cunhada pelo sociólogo, embora amplamente retrabalhada por ele, é exemplificada no campo científico, como uma regra feita, um *modus operandi* científico que funciona segundo as normas da ciência sem mesmo ter estas normas na sua origem: é esta espécie de “sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada” (BOURDIEU, 1989, p. 23).

De forma mais ampla, o conceito de *habitus* aponta para um sistema de disposições e tendências incorporadas pelos atores sociais, decorrentes da especificidade do processo de socialização por eles percorrido, particularmente da sua inserção social mais

objetiva em determinados campos (religioso, intelectual ou científico, por exemplo) que presidem às suas práticas sociais. Dessa forma, tem-se que

os *habitus* individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa (SETTON, 2002, p.65).

Além disso, para o autor, os *habitus*, nos seus conteúdos, representam capital cultural – e, evidentemente, simbólico – sob a forma incorporada e, portanto, recursos de poder, já que o capital cultural, assim como o econômico, é distribuído desigualmente na sociedade. Os *habitus* constituem princípios de um “arbítrio cultural”, principalmente na sua acepção de cultura prática: são o sentido prático, o saber prático, evoluindo estrategicamente segundo uma lógica prática entre a acumulação de capital cultural e a legitimação social.

2.1.3 Comunicação e poder

Embora Michel Foucault e Pierre Bourdieu apresentem abordagens distintas acerca do poder – uma histórica e, a outra, sociológica –, ambos nos permitem expandir a compreensão das relações de força e de poder. Neste subcapítulo, nossa intenção é pensar as práticas da comunicação por meio das noções conceituais fornecidas pelos autores.

Primeiramente, podemos dizer que a concepção foucaultiana de redes capilares de poder, que transitam em múltiplos sentidos na sociedade, leva-nos a compreender a comunicação não como detentora de um poder único em uma dada hierarquia, mas como área repleta de mecanismos, instrumentos e dispositivos de força. É importante ressaltar que os micropoderes são exercidos tanto nas relações internas – como no interior das instituições jornalísticas e nas estruturas de produção midiática, de forma geral – como também na relação da comunicação, enquanto campo de práticas relacionadas à imprensa, com os demais campos.

Neste sentido, há regimes de verdade que selecionam e controlam a produção e a circulação de discursos, determinando quais deles podem ser (mais ou menos) ou não ser divulgados. Segundo esclarece Gregolin (2007, p.15), para Foucault, “a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico”. Dessa forma, fica evidente a força da comunicação – mais especificamente da imprensa – na seleção de

discursos, vozes ou saberes tomados como “autorizados” ou “verdadeiros”, conforme regimes de verdade que funcionam social e historicamente.

Este “regime de verdades”, que é construído historicamente, parte de instituições produtoras de discursos, como as universidades (com o saber científico), as forças armadas e policiais e todo o aparato jurídico, o exército, as escolas, a religião, as instituições do estado, etc. e perpassa instâncias da sociedade, dentre as quais se encontram os meios de comunicação. É importante ressaltar que, neste cenário, a mídia não é mera ferramenta de propagação de discursos, controlada por instituições que produzem saberes dominantes. Ela participa ativamente da produção de discursos, além da escolha de que dizeres devem ser propagados e quais especialistas, possivelmente entendidos como intelectuais, devem ser ouvidos. Pelo viés da Análise de Discurso, é possível entender que “o poder está sempre rodeando os sentidos que produzem com uma grande quantidade de discursos que teria a finalidade de explicá-los, desambiguizá-los, para nos dar a certeza do (seu) sentido (verdadeiro)” (ORLANDI, 2001, p.144).

Apontadas as aplicações conceituais de poder em Foucault para a imprensa, passamos à reflexão acerca das contribuições do pensamento de Bourdieu, que nos fornece aparato teórico para perceber socialmente as relações de comunicação como relações de poder que produzem efeitos essencialmente simbólicos. Entretanto, o sociólogo defende que

não basta notar que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom ou o *potlatch*, podem permitir acumular poder simbólico (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Sendo mais complexo do que isso, é preciso compreender que os sistemas simbólicos enquanto instrumentos – estruturados e também estruturantes – de comunicação e de conhecimento exercem a sua “função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)” (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Neste sentido, há um efeito ideológico no funcionamento das produções simbólicas como instrumentos de dominação que produz a cultura dominante,

dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 1989, p.10-11).

Além disso, se para o autor a apropriação do senso comum pelos profissionais do *poder simbólico* – ou seja, não só por aqueles que exercem essa forma de poder diretamente, mas também pelos que são cúmplices, ainda que sem o reconhecer, do exercício de tais relações de poder – é uma das mais importantes estratégias para atingir determinado grupo pelos instrumentos de dominação simbólica, é possível compreender os meios de comunicação de massa, nesse processo, como um destes instrumentos. Isso se dá porque é a partir deles que a mídia define comportamentos, modos de pensar e de agir correspondentes às culturas “dominantes”.

Os *media* funcionam, neste cenário, como “instâncias significativas de fixação do *habitus* e criação de sistemas simbólicos de poder” (OLIVEIRA, p.5, 2009). Isso é consequência de um mecanismo de validação de imagens e discursos que circulam de forma a massificar o que é considerado cultura popular e mantendo restrito o que seria elitizado. É neste sentido que Bourdieu traz a afirmação de que “a distribuição das opiniões em uma população determinada depende do estado dos instrumentos de percepção e de expressão disponíveis e do acesso que os diferentes grupos têm a esses instrumentos” (BOURDIEU, 1989, p.64).

Ainda em relação ao *poder simbólico*, mas de forma a funcionar no domínio de *campos simbólicos*, é importante destacar que “há tantos campos quantas são as formas de interesse: leis de mercado, jogo de risco e interesse capital” que se estabelecem pela força do *habitus* (OLIVEIRA, p.7, 2009). Portanto, uma leitura dos campos simbólicos dos meios de comunicação de massa nos leva à compreensão de que os *media* não exercem poder independentemente, mas estabelecem a condição de dominação diante de um jogo complexo de interesses. Neste sentido, aplicamos a concepção de *habitus*, de forma a identificar, na imprensa, o poder de agir na

construção de um novo agente social portador de um *habitus* alinhado às pressões modernas. No caso específico dos indivíduos da atualidade, grande parte deles precocemente socializados pela mídia, a realidade da cultura de massa parece ser inexorável. Pulverizando e tornando visível uma série de experiências biográficas, modelos identitários distintos dos apreendidos nos contextos locais da família e da escola, a mídia opera como agente socializador descontextualizado (SETTON, 2002, p.69).

Dessa forma, o papel dos meios de comunicação em fazer circular discursos – produzindo efeitos de evidência e de sentidos⁵ – funciona de maneira semelhante ao de chefes

⁵ Fazemos aqui uma remissão à Análise do Discurso, que entende *efeito de evidência* a partir da ilusão referencial e do conceito de transparência da linguagem (ORLANDI, 2007b, p.32). Esta noção está ligada à zona de esquecimento número dois, ou seja, à ilusão do tipo “eu sei o que eu digo” e *efeito de sentido* entre interlocutores como a definição conceitual de “discurso” (ORLANDI, 2005).

e líderes religiosos ou políticos, que se portam como emissores de mensagens supostamente legítimas, falando, pelas imagens validadas simbólica e socialmente, em nome de um grupo. Assim, estruturam e sustentam os processos de comunicação e de hierarquização de valores e normas no âmbito da sociedade.

2.1.4 Imprensa e psicanalistas: nosso objeto à luz das conceituações de poder

A partir das noções apresentadas, partimos para um dos questionamentos que guia esta pesquisa: como se constitui, ao longo do período de 1980 a 1998, a relação dos meios de comunicação, mais precisamente da imprensa, com a psicanálise e os psicanalistas, e que discursos vigoram não só *a partir destes* como também *sobre estes* quando convocados para avaliar questões acerca do bem e do mal-estar contemporâneo?

Podemos pensar, com base em Foucault (1996, 2012), que o discurso de saber, ligado à *vontade de verdade*, se exerce por meio do “modo como o saber é aplicado à sociedade, como ele é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1996, p.17). Além disso, a *vontade de verdade* exerce um “poder de coerção” sobre outros discursos, que recorrem a ela para conseguir legitimação (FOUCAULT, 1996, p.18). Diante do nosso objeto de pesquisa, é possível dizer que os discursos de/sobre a psicanálise e os psicanalistas são marcados por vontades de verdade e, na medida em que se tornam discursos legitimados e autorizados pela mídia, estabelecem relações de poder.

Para além das relações de força que se dão na mídia, há no campo da psicanálise, como em qualquer outro, saberes que suscitam a relação de poder como esta é entendida por Foucault. E, ainda, “estas relações de poder-saber promovem estratégias de produção de verdades e ao mesmo tempo possibilitam sua reformulação em novas verdades que são constituídas historicamente” (MACHADO, 2012, p.24).

Para além dos micropoderes e uma vez que o *poder simbólico* legitima-se a partir da linguagem, podemos aplicar as concepções de Bourdieu para compreender que é por meio da linguagem que se evidencia a legitimidade de discursos e o reconhecimento de vozes e saberes autorizados pela imprensa. Dessa forma, ao fazermos a aproximação com nosso objeto de pesquisa, podemos entender que os *media* posicionam-se como determinantes na convocação da figura do psicanalista como detentor de um saber, estabelecendo, assim, uma forma de poder simbólico.

Consideramos também que os meios de comunicação de massa, ao propagarem discursos de senso comum, constroem e confirmam o consenso, acabando por fixar sentidos aparentemente “naturais”. Neste momento, introduzimos um comentário sobre a noção de

“consenso” para a Análise de Discurso. Segundo Orlandi (2004, p.57), a fixação de sentidos, qualquer que seja ela (nas formas de senso comum, estereótipo ou clichê, por exemplo) é socialmente organizada. Como consequência, há um “processo social de atribuição (distribuição) dos sentidos segundo o qual, em toda sociedade, há vozes que se tornam gerais (indeterminadas) e que contribuem para a formação do conhecido ‘consenso’” (ORLANDI, 2004, p.57).

Além disso, destacam-se no processo de fixação de sentidos as vozes das autoridades, também chamados, pela autora – enquanto ocupam a posição-sujeito de legitimadores de discursos – de “personagens discursivos” e “mediadores”. Estas “autoridades” – que, em nossa pesquisa correspondem tanto aos psicanalistas (“autoridades” propriamente, detentores de saberes) como à imprensa (que detém o poder de selecionar ou apagar vozes e sentidos, determinando quem deve ocupar o lugar de autoridade) – “administram assim a produção dos sentidos e estabelecem a partilha entre a injunção ao dizer e o silenciamento” (ORLANDI, 2004, p.57).

Retomando, então, o pensamento de Bourdieu, e expondo o conceito de *campo*, definido pelo autor como uma luta de saberes por hegemonia, em um cenário em que dominantes e dominados se opõem, podemos compreender tanto o *campo* da comunicação quanto o dos saberes *psi* (dentre os quais se encontra o saber psicanalítico, o psiquiátrico, bem como os advindos das psicologias e psicoterapias) e da saúde mental funcionando como ambientes de constantes disputas pelo poder. No entanto, devido ao nosso interesse pelo entendimento de relações de poder na imprensa, limitamos as reflexões acerca da psicanálise àquelas que passam pelo campo da comunicação.

Ora, apesar de Foucault e Bourdieu trabalharem com percepções bastante distintas sobre o funcionamento das relações de poder na sociedade, ambos apresentam pensamentos que relacionam poderes às formas de saber fundamentados em “verdades”. Como a Comunicação corresponde a um campo permeado de saberes – seja de forma interna, com saberes próprios do campo comunicacional (saberes esses tanto teóricos como técnicos), seja na relação com demais campos de conhecimento (como a medicina, o direito, a psicanálise) – suscitam nela – e a partir dela – constantes relações de poder.

De certa forma, essa capacidade que a imprensa tem de estabelecer e, ao mesmo tempo, de *se* estabelecer *em* relações de poder, pode ser entendida, se utilizarmos o pensamento foucaultiano, como um campo inserido em redes de *micropoderes*. Ao mesmo tempo, se considerada conforme a abordagem de Bourdieu, a comunicação é capaz de forjar *habitus* que se impõem socialmente.

Trabalhamos com o pressuposto de que a convocação de psicanalistas, bem como a de outros especialistas, pela mídia, presume uma projeção imaginária do jornal em relação a estes sujeitos. Isso é possível uma vez que, de uma perspectiva discursiva, “a relação entre as palavras e as coisas, entre a linguagem e o real, [bem como entre sujeitos] não é direta, mas sim mediada pelo imaginário” (NUNES, 2001, p.37).

Isto nos leva a refletir sobre uma possível ilusão de unidade nos discursos propagados por estes psicanalistas. Ao convocarem sujeitos aparentemente com a mesma formação e atuação profissional, os jornais podem estar buscando por um fechamento em determinados discursos, pois, quanto mais se limitam os sentidos sobre um sujeito, “menos fissuras se encontram no dizer, mais se produz o efeito de delimitação e fechamento, de saturação dos sentidos e, portanto, de adesão do sujeito enunciativo àquilo que ele tem (enuncia) como verdade” (PAYER, 2006, p.60).

Ainda com base no campo das práticas jornalísticas, a convocação de vozes de psicanalistas, pela imprensa, a depor sobre o mal-estar contemporâneo aponta para a compreensão de que há discursos correspondentes a certos saberes que são tomados como verdades e legitimados quando reproduzidos pela imprensa. Tal pensamento nos encaminha, então, para a necessidade de analisar quais sentidos os jornais realçam e permitem circular acerca/a partir dos psicanalistas.

2.2 ESTRATÉGIAS DE SABER-PODER E PSICANÁLISE

Apontadas as conceituações sobre saber-poder e as suas implicações para o campo teórico da Comunicação, passamos, então, à compreensão das relações de força para a psicanálise, enquanto saber que nasce na saúde mental.

2.2.1 Psicanálise: estratégias de saber-poder na saúde mental

Entender as relações entre poder e psicanálise implicam também em reconhecer o surgimento desse saber em face à racionalidade psiquiátrica. Foucault (2006, p.170), quando menciona o nascimento da psicanálise, afirma que esta “pode ser interpretada como o primeiro grande recuo da psiquiatria”, uma vez que a verdade do saber psiquiátrico – verdade esta que advém do saber e, no caso da psiquiatria, das categorias de diagnóstico a partir de uma “leitura científica” dos sintomas da doença – foi colocada em xeque pela verdade psicanalítica, que tem outra maneira de classificar e de entender o sujeito da saúde mental.

Embora o pensamento psicanalítico de Freud deslocasse as verdades psiquiátricas e abalasse o poder dos médicos sobre os “loucos”, a primeira tentativa de antipsiquiatrização surgiu não da psicanálise, mas da simulação (“a loucura simulando loucura”) e da histeria, que podem ser encaradas, não como fenômenos patológicos, mas como artifícios de luta contra os dispositivos do poder psiquiátrico (FOUCAULT, 2006, p.169).

Ainda assim, se até então a verdade do saber positivista garantia à psiquiatria um poder sobre esse “doente do espírito” (FOUCAULT, 2006, p.168), devemos compreender os deslocamentos de poder entre os saberes da saúde mental.

O estudo de uma arqueologia da loucura aponta para vários momentos que marcam a história da saúde mental a partir das concepções de “loucura”, “anormalidade”, ou “desvio da norma”, “demência”, ou ainda, “delinquência”. Na Idade Clássica⁶, por exemplo, as concepções que separam razão e insanidade são disputadas pela psiquiatria e pela moral. Ambas contavam com aportes específicos para justificarem os processos de alienação dos “doentes dos nervos”, oscilando entre definições de patologias e desatinos. Já no final do século XVIII, a psiquiatria científica passou a embasar-se em uma “tática moral” cada vez mais fundamentada no positivismo, que “impunha seus mitos de objetividade científica” (FOUCAULT, 2009, p.501).

No século XIX, o pensamento positivista resume a relação psiquiatra-doente mental a um par, no qual, ao se unirem,

desfazem todas as alienações. E é nessa medida que toda a psiquiatria do século XIX converge realmente para Freud, o primeiro a aceitar em sua seriedade a realidade do par médico-doente, que consentiu em não separar do par nem seus olhares, nem sua procura, que não procurou ocultá-la numa teoria psiquiátrica bem ou mal harmonizada com o resto do conhecimento médico (FOUCAULT, 2009, p.502).

Como consequência, a psicanálise viria a libertar o “anormal” da estrutura asilar, mas não o liberou do ponto fundamental: o laço médico-doente. Sob esse olhar, “criou a situação psicanalítica, onde, por um curto-circuito genial, a alienação torna-se desalienante porque, no médico, ela se torna sujeito” (FOUCAULT, 2009, p. 503).

São perceptíveis, desse jeito, as implicações da psicanálise no jogo de forças entre os saberes da saúde mental. Por isso, por mais que psicanalistas, na imprensa, muitas vezes emitam dizeres sobre política, economia e educação, não deixam de ser parte constitutiva dos saberes da saúde. Então, explicitaremos, a seguir, alguns conceitos que abarcam as noções de saúde mental para além de uma simples oposição à “doença”.

⁶ Foucault tem um jeito particular de periodizar a história, abordando, na História da Loucura na Idade Clássica, o período que vai do século XV ao XIX.

Teoricamente, a conceituação de saúde mental vai muito além da ciência e da prática psiquiátricas. “Quando nos referimos à saúde mental, ampliamos o espectro dos conhecimentos envolvidos, de uma forma tão rica e polissêmica que encontramos dificuldades de delimitar suas fronteiras, de saber onde começam ou terminam seus limites” (AMARANTE, 2007, p.15-16). Essa amplitude se dá porque saúde mental é muito mais do que identificar, nomear ou tratar psicopatologias. Além disso, a complexidade do campo aumenta na medida em que percebemos que não faz referência apenas ao estado mental dos sujeitos e indivíduos, mas também das coletividades.

Na relação com os saberes que compõem a rede da saúde mental estão, além da psiquiatria e dos demais saberes *psi* – psicologia, psicanálise (ou psicanálises, como ressalta Amarante [2007, p.16]) – a neurologia e as neurociências, e campos das ciências humanas e sociais, como a filosofia, a antropologia, a sociologia, a filologia, a geografia e outras importantes para as noções não só de psicopatologias, estruturas psíquicas e semiologias, mas também aquelas ligadas a políticas públicas e manifestações culturais da nossa sociedade (AMARANTE, 2007, p.16).

Diante de inúmeras definições sobre saúde mental – que apontam, discursivamente, para modos de apropriação de exclusão de sentidos e sujeitos – recorreremos à historiografia conceitual do tema, realizada por Almeida Filho, Coelho e Peres (1999). Os pesquisadores destacam dois autores: Georges Canguilhem e Michel Foucault. O primeiro elabora um debate sobre a tensão entre os pares normal-patológico ou saúde-doença, não admitindo a patologia como um conceito contrário ou contraditório ao normal, na medida em que o patológico não significa a ausência completa de normas, mas a coexistência de outras normas.

Assim, Canguilhem (2009), ao discutir os pensamentos de Comte e Claude Bernard, posiciona-se criticamente em relação ao postulado positivista da ciência, que equiparava os fenômenos fisiológicos e patológicos aos da física, observando-os como se estes fossem homogêneos e apresentassem variações quantitativamente avaliáveis. O filósofo questiona, diante disso, a definição de uma média de normalidade e defende que a norma seria sempre individual, observando assim que “se o normal não tem a rigidez de um fato coercitivo coletivo, e sim a flexibilidade de uma norma que se transforma em sua relação com condições individuais, é claro que o limite entre o normal e o patológico torna-se impreciso” (CANGUILHEM, 2009, p. 71). Tal imprecisão conceitual reflete-se tanto nas formas de diagnóstico – como detalha a partir do exemplo do astigmatismo, que seria normal em uma sociedade pastoril, mas anormal na marinha ou na aviação – como nos modos de abordar a

existência – pois faz necessário pensar saúde como “valor” e, assim, instauram-se “normas vitais” (2009, p.79).

De forma diretamente ligada ao campo epistemológico da medicina, Canguilhem (2009, p.45) afirma que o conceito de saúde corresponde à “vida no silêncio dos órgãos; que, por conseguinte, o normal biológico só é revelado [...] por infrações à norma, e que não há consciência concreta ou científica da vida, a não ser pela doença”. Em outras palavras, “não seria a ausência de normalidade que constituiria o anormal, ou seja, o patológico também seria normal, pois a experiência do ser vivo incluiria a doença. O patológico implicaria uma certa forma de viver, pois não haveria vida sem normas de vida” (COELHO; ALMEIDA FILHO, 1999, p.19).

Em continuidade ao debate sobre as normas em relação ao patológico, Foucault aborda a questão asilar e as anormalidades comportamentais. Segundo o filósofo, a partir da segunda metade do século XIX, surgiram novos parâmetros de normalidade, tanto no âmbito da medicina geral como especificamente da mental e da psicologia que nascia. O autor aponta para o poder do tipo disciplinar, que atua sobre mentes e corpos, a fim de atingir a normalização, dominar e “adestrar” o “louco”, por meio do saber terapêutico (FOUCAULT, 2012, p. 203). Neste contexto, “buscava-se intervir sobre o indivíduo humano, seu corpo, sua mente, e não apenas sobre o ambiente físico, para com isso normalizá-lo para a produção” (ALMEIDA FILHO; COELHO; PERES, 1999, p.114).

Trazendo a discussão para a atualidade, o conceito de “saúde mental” torna-se indissociável do conceito de “saúde” no sentido geral. No século XX, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de enfermidade, mas como “estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Tal conceito é exaustivamente criticado, não só por ser um ideal positivista dificilmente acessível (MOULIN, 2008, p.18), mas também por estar ultrapassada, uma vez que enxerga como dissociáveis e dissociados os fatores físico, mental e social (SEGRE; FERRAZ, 1997, p.539). Esta noção de uma saúde mental “ampliada” é o que nos leva a discutir os sentidos de mal-estar como aquilo que aflige os sujeitos não só em seu físico, mas também nos níveis mental, psíquico, político, moral e ideológico.

É, portanto, ultrapassando as fronteiras entre os saberes médico-biológicos que a psicanálise pode ser reconhecida também como uma “força de emancipação humana” que ofereceu, em conjunto com outros saberes, uma base de pensamento para movimentos sociais e culturais como, por exemplo, o modernismo da década de 1920 (MAGNO; MEDEIROS, 2015), os estados de bem-estar inglês e americano, assim como a liberação sexual de

mulheres e homossexuais que se instauraram, respectivamente, nas décadas de 1960 e 1970 (ZARETSKY, 2006).

No entanto, é a partir da década de 1990 que se afirma, no campo da saúde mental, o entendimento de psicopatologia como caracterizada pelo paradigma biológico, em que as neurociências funcionam como referências teóricas (BIRMAN, 2003). Com isso, as formas terapêuticas centradas nos psicofármacos adquirem maior importância, relegando, de certa forma, a psicanálise a um papel secundário⁷.

Hoje em dia, a psicofarmacologia tornou-se [...] o estandarte de uma espécie de imperialismo. De fato, ela permite que todos os médicos – em especial os clínicos gerais – abordem da mesma maneira todos os tipos de afecções, sem que jamais se saiba de que tratamento elas dependem. Assim, psicoses, neuroses, fobias, melancolias e depressões são tratadas pela psicofarmacologia como um punhado de estados ansiosos, decorrentes de lutos, crises de pânico passageiras, ou de um nervosismo extremo, devido a um ambiente difícil (ROUDINESCO, 2000, p.23).

Além disso, o jogo de forças entre os saberes da saúde mental é visível não só nas formas de perceber as questões mentais como também na nomeação e categorização dos distúrbios psíquicos, psicológicos, ou ainda, comportamentais. Para a psiquiatria, as classificações nosográficas, bem como a descrição dos sintomas e as substâncias indicadas para o tratamento das síndromes, dos transtornos e dos distúrbios, estão descritos no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), organizado e publicado pela *American Psychiatric Association* (APA) – publicação que pode ser vista, discursivamente, como tecnologia de linguagem – de modo aproximado ao papel do dicionário em relação à gramática –, como uma tentativa, do saber médico-psiquiátrico, de fixação e estabilização de sentidos. O manual foi lançado em 1952 e passou por reedições e atualizações até o momento, sendo que a terceira delas, o DSM III, corresponde ao ano de 1980.

Diferentemente das edições anteriores, que estabeleciam uma forte relação com a psicanálise – não só ao utilizar as nomenclaturas de “neurose” e “psicose” como categorias centrais, mas também ao compreender a “natureza simbólica dos sintomas psiquiátricos” como “enigmas demandando interpretação” (BEZERRA JÚNIOR, 2012, p.19) – o DSM III passou por uma “revolução” conceitual e ideológica, marcada pelo rompimento com a

⁷ O que nos remete à “farmacologização”, conceito que pode ser entendido como “tradução ou transformação de condições, capacidades e potencialidades humanas em oportunidades para intervenções farmacológicas”, de forma a criar identidades em torno do uso de determinados fármacos, além de reforçar a ideia de que ‘para cada mal há um comprimido’, levando à expansão do mercado farmacêutico para além das áreas tradicionais, incluindo o uso por indivíduos saudáveis”. Este processo impõe alterações à prática médica, uma vez que desloca o “paciente” para o lugar de “consumidor”, além de efetivar a “colonização da vida humana pelos produtos farmacêuticos” (CAMARGO JÚNIOR, 2013, p. 845).

psicanálise. “A consequência mais importante dessa manobra foi o abandono da concepção do sintoma como signo e sua definição enquanto sinal” (BEZERRA JÚNIOR, 2012, p.21). Assim os distúrbios mentais deixaram de ser entendidos como reações a problemas existenciais e de ordem biopsicossocial para serem manifestações orgânicas do sofrimento psíquico.

Embora este fato marque uma ruptura entre saberes psiquiátrico e psicanalítico, a partir de uma disputa interna do campo *psi*, não é possível afirmar que a psicanálise perdeu força neste momento. Aparentemente de forma contraditória, podemos dizer que “quanto mais as instituições psicanalíticas implodem, mais a psicanálise está presente nas diferentes esferas da sociedade e mais serve de referência histórica para a psicologia clínica” (ROUDINESCO, 2000, p.28). Isso se dá porque seu vocabulário expandiu-se para além do mundo *psi*, e hoje termos como desejo, libido, superego/supereu e inconsciente são conhecidos “tanto pelas massas, quanto pelas elites” (ROUDINESCO, 2000, p.28).

Historicamente, foi nas décadas de 1970 e 1980 que a psicanálise teve seu “boom” e se sobressaiu diante das demais práticas *psi*. Nesse primeiro momento,

consumia-se psicanálise, falava-se ‘psicanalês’, o mundo das relações pessoais era interpretado em termos psicanalíticos. Outras práticas e teorias psicológicas já despontavam no ‘mercado terapêutico’, mas a psicanálise permanecia como referência (RUSSO, 2008, p.38).

Atualmente, a psicanálise ainda “reina soberana, mas em toda parte é colocada em concorrência com a farmacologia” (ROUDINESCO, 2000, p.28). Interessa-nos, diante disso, perceber como a disputa entre estes saberes se materializou nas textualidades de psicanalistas, nas colunas e entrevistas publicadas nos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, de 1980 a 1998.

Diante das relações travadas entre sentidos vários acerca da saúde mental e dos saberes *psi*, bem como dos profissionais e especialistas de cada uma dessas áreas, faz-se necessário lembrar que há uma memória discursiva, fundamentada no esquecimento (ORLANDI, 2004, p.59), que articula os discursos disponíveis. Além disso, existe sempre uma “relação com um elemento prévio ao discurso, não asseverado pelo sujeito, não submetido à discussão, já esquecido em sua origem e que, no entanto, funciona no dito” (ORLANDI, 2004, p.47). Assim,

para que uma palavra faça sentido, é preciso que ela já tenha sentido. [...] Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já-dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do “anonimato” e da “universalidade”. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história (ORLANDI, 2007a, p.136).

Diante disso, podemos dizer que essa memória que se sustenta no já-dito, seja sobre a psicanálise, seja sobre a psicofarmacologia ou sobre outros saberes *psi*, na medida em que circula nos jornais, que funciona como arquivo e reestrutura a memória discursiva, atualiza sentidos sobre o mal-estar na contemporaneidade.

2.2.2 Psicanálise: uma história das instituições e a intelectualidade

É também na história das instituições psicanalíticas e na relação de psicanalistas “renomados” – ou seja, que se envolveram em acontecimentos e receberam destaque na imprensa e, internamente, nas sociedades – que a memória discursiva opera. Aqui, portanto, a memória deve ser entendida “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p.50).

Diante disso, é preciso também diferenciar conceitualmente “acontecimento histórico”, que é um “elemento histórico descontínuo e exterior” (PÊCHEUX, 1999, p.49) e “acontecimento discursivo”, que resulta do processo de atribuição de sentido aos elementos da história a partir do imaginário e do já-dito.

Além disso, na interseção da noção de memória discursiva com as relações de poder, conforme já discutidas anteriormente, entende-se que há sempre um jogo de forças na memória: “um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula”, mas também, ao contrário, “o jogo de força de uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos implícitos” (PÊCHEUX, 1999, p.53). A seguir, apresentaremos alguns acontecimentos (tanto históricos, como discursivos) que ressignificaram a memória acerca dos psicanalistas no país.

A historiografia da psicanálise a partir da fundação das instituições, no Brasil, tem início na década de 1920, em São Paulo e, alguns anos depois, no Rio de Janeiro. A entrada da psicanálise na capital paulista foi marcada por recusas e resistências das autoridades médicas. Em um primeiro momento renegado pelos psiquiatras, o pensamento psicanalítico carregado por Durval Marcondes aproximou-se das artes, chamando a atenção da intelectualidade paulistana e do movimento modernista (MELLONI, 2009, p. 58). É no contexto da Semana de Arte Moderna de 1922, durante a “discussão sobre um projeto para a/de nação [...] que a psicanálise começa a ser difundida no Brasil por um segmento expressivo da *intelligentsia* nacional” (FACCHINETTI; PONTE, 2003, p.62).

Nessa época, o médico Franco da Rocha, fundador do Hospital de Juqueri, foi uma exceção à resistência contra o pensamento freudiano, pois adotou, desde o início dos anos 1920, as noções psicanalíticas nas instituições asilares. Ele reconhecia a importância das ideias de Freud e aplicava métodos e conceitos de forma a combinar psiquiatria e psicanálise, pois entendia esta última como um “systema de medicina das nevroses e psychoses” e, para ele, “não se tratava de opor um método a outro, mas de escolher aquele que era mais adaptado a cada quadro nosográfico” (VALLADARES, 2005, p.94).

Entretanto, só em novembro de 1927, Franco da Rocha fundaria, junto com Durval Marcondes, a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) em São Paulo. Para isso, contou com apoio da elite intelectual paulista, com a qual Marcondes mantinha laços (FACCHINETTI; PONTE, 2003, p.65). Assim, da Sociedade paulista participavam “além de médicos de renome, intelectuais e artistas como Menotti del Picchia, Candido da Motta Filho, Olívia Guedes Penteado, Paulo José de Toledo e Tarsila do Amaral [...] vários outros, [que] não tinham formação médica” (PONTE, 1999, p.73).

É a insatisfação de Durval Marcondes e Franco da Rocha com a falta de apoio da classe médica e o desinteresse de psiquiatras pelos preceitos freudianos que os leva ao Rio de Janeiro, para pedir apoio a Juliano Moreira. Médico renomado e diretor de um Hospital Psiquiátrico, ele já vinha fazendo, desde 1889, referências às obras de Freud (PONTE, 1999, p.25) – ainda que nunca tenha se autodenominado psicanalista (MELLONI, 2009, p.63). Neste cenário, é fundada, então, a SBP carioca, nomeando Juliano Moreira como presidente e o médico Porto-Carrero como vice. Em 1929, a Sociedade foi provisoriamente reconhecida pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) e outros médicos psiquiatras de prestígio da época, como Henrique Roxo, contribuíram para a inserção do pensamento psicanalítico no país.

A criação da SBP marca o começo da psicanálise freudiana no Brasil – o primeiro país na América Latina a implantar o “freudismo” (ROUDINESCO; PLON, 2011, p.209) –, uma história que tem continuidade até hoje, com as várias Escolas e Sociedades psicanalíticas que foram sendo criadas, seguindo diversas correntes do pensamento. As três primeiras instituições de formação psicanalítica ligadas à IPA que seguem a linha freudiana são a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). “Esses estabelecimentos, nos anos 60 e 70, se dirão guardiães da ‘verdadeira’ psicanálise – um território onde a ‘verdade’ está presente” (COIMBRA, 2004, p.47). Para elas, as demais sociedades não eram “oficiais”.

A vertente lacaniana, por sua vez, é trazida ao Brasil em 1976 pelos psicanalistas Magno Machado Dias e Betty Milan (ex-analisandos de Lacan), fundadores do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, o primeiro grupo de formação estritamente lacaniano do país. Depois desse momento e, ainda mais no início dos anos 1980, “o modelo proposto por Lacan, tanto do ponto de vista teórico-técnico quanto do político-profissional, teria legitimidade suficiente para pretender fazer dos lacanianos os verdadeiros, senão os únicos ‘herdeiros’ do freudismo mais radical” (FIGUEIREDO, 1988, p.136). Tal institucionalização do pensamento psicanalítico tem continuidade com a fundação do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI), o Instituto Freudiano de Psicanálise (IFP), entre outras instituições, como a Letra Freudiana, a Terra-Clínica-Escola e a Sociedade de Estudos Psicanalíticos Latino-Americanos.

Por sua vez, a Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), vinculada à AMP de Jacques-Alain Miller, instalou-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 1995 (AMENDOEIRA, 2015). A partir de então, deram-se inúmeras rupturas e cisões, originando diversas outras Escolas psicanalíticas. Atualmente, a estimativa é de haver “quatro mil psicanalistas no Brasil, filiados a instituições das mais diversas origens e seguindo, praticamente, todas as linhas teóricas e concepções de desenvolvimento psíquico desenvolvidas a partir das ideias de Sigmund Freud” (AMENDOEIRA, 2015, n.p.).

Diante da numerosidade de grupos, Escolas e Sociedades freudianas e lacanianas, Figueiredo (1988, p.138), ao traçar a história do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, afirma que “apesar das diferenças e, mesmo, das divergências teóricas e políticas, todos [os grupos] têm um ponto comum: legitimar profissionalmente o trabalho psicanalítico de seus membros”. É, então, entendendo as crises e as cisões das instituições de psicanálise como uma busca por afirmação de um lugar do psicanalista e pelo reconhecimento do saber psicanalítico que, neste trabalho, lembramos brevemente a história da psicanálise no Brasil.

Depois de reconhecida a instauração das primeiras instituições psicanalíticas e o contexto atual da psicanálise no país, voltamos a 1980, ano da “crise” da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), a fim de detalhar o acontecimento que constitui o marco inicial do recorte temporal deste trabalho, devido à ampla repercussão do tema na mídia.

A “crise” institucional da psicanálise foi consequência de uma série de insatisfações de alguns psicanalistas associados à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) em relação a condutas internas da entidade e teve início com a cobertura, pelo “Jornal

do Brasil” (JB), de um seminário sobre “Psicanálise e Política” (CERQUEIRA FILHO, 1982).

A reportagem que tornou pública a “crise” interna das instituições psicanalíticas teve como título “Os Barões da Psicanálise” e foi publicada no JB, em 23 de setembro de 1980. Na matéria, os psicanalistas Eduardo Mascarenhas, Wilson Chebabi e Hélio Pellegrino denunciavam, por meio de entrevista, aspectos internos das instituições psicanalíticas, como: a “gerontocracia” nas Sociedades, o “falso apoliticismo”, o elitismo, o alto custo da análise e o pouco conhecimento, entre os psicanalistas, das obras de Freud.

A denúncia teve ampla repercussão tanto internamente nas instituições psicanalíticas cariocas filiadas à IPA – SPRJ, da qual Pellegrino e Mascarenhas eram membros associados, e também Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) – quanto na imprensa.

O desenrolar da “crise” tornou-se, frequentemente, pauta na mídia, ao longo dos primeiros anos da década de 1980. Houve, por exemplo, cobertura a protestos de psicanalistas contra a expulsão dos membros da SPRJ envolvidos na denúncia (CAMPOS; ALVES, 2015).

O que ficou conhecido como o “caso Amilcar Lobo” reforçou a “crise” e, por sua vez, trata-se da denúncia contra um candidato em formação pela SPRJ, acusado de participar de torturas contra presos políticos. O psiquiatra Amilcar Lobo era também médico do exército, onde “tinha por função cuidar para que prisioneiros submetidos à tortura sobrevivessem” (FIGUEIREDO, 2012, p.95).

O caso – que já era conhecido desde 1973, quando a psicanalista Helena Besserman Vianna realizou uma denúncia contra Lobo por meio da revista argentina *Cuestionamos 2* (COIMBRA, 1995, p.94) – é retomado, pela imprensa, em fevereiro de 1981 (*O Globo*, 07/02/1981, p.12; JB, 06/02/1981, p.9), quando a presa política Inês Etienne Romeu, a única sobrevivente da “Casa da Morte”, aparelho clandestino de repressão ligado ao Centro de Informações do Exército, em Petrópolis, viera a denunciar a presença de Lobo como médico – que atendia pelo codinome de Dr. Carneiro – no local (COIMBRA, 1995, p.100).

As denúncias contra Amilcar Lobo, juntamente com as críticas de Pellegrino, Mascarenhas e Chebabi publicadas pelo JB, acabaram, portanto, por

inaugurar uma crise sem precedentes nas duas sociedades cariocas vinculadas à IPA e deram margem a um grande número de reportagens, em que os periódicos de maior prestígio no país expuseram a uma opinião pública estarecida, o obscurantismo e as relações espúrias que permeavam parte das instituições psicanalíticas do país (PONTE, 1999, p.153).

O público, portanto, passou, por meio da imprensa, a acompanhar e, indiretamente, a participar do embate interno das instituições psicanalíticas.

Neste momento, as matérias sobre a “crise” mostravam, a todo o momento, que as instituições psicanalíticas não faziam mais do que reproduzir um cenário político externo, baseado na repressão – simbolizada, por exemplo, na punição de Pellegrino e Mascarenhas –, na tomada arbitrária de decisões – que se tornaria aparente com a expulsão dos psicanalistas e na elaboração de uma falsa retratação que eles teriam assinado – e na censura e no silenciamento – representado, por exemplo, na proibição da realização das reuniões do Fórum de Debates na sede da SPRJ.

Esta espécie de “reprodução” de um cenário macroinstitucional teria dado à “crise” o status de tema de interesse nacional, com extensa publicação na imprensa, além de estabelecer uma memória discursiva acerca das instituições psicanalíticas.

Acontece que, pelo dedo se conhece o gigante, ou melhor: as mini ou microinstituições reproduzem, em escala liliputiana, as vicissitudes estruturais e as mazelas das macroinstituições. Nesse sentido, por exemplo, o gigantismo do Estado, com seus aparelhos ideológico, repressivo e burocrático, pode vir a refletir-se num pequeno dedal de água. Eis o motivo pelo qual mínimas crises, no seio de instituições minúsculas, podem despertar grandes paixões e intensos – e extensos – interesses. [...] Esta é, a meu ver, uma das razões pelas quais a crise da SPRJ chegou a provocar, na classe média brasileira, um frêmito de entusiasmo via de regra reservado a outras áreas de atividade e a outros personagens (PELLEGRINO, 1982, p.31).

Reconhecer a história das instituições psicanalíticas no Brasil nos leva a perceber que, desde a instauração do primeiro grupo de adeptos de Freud a se organizar no país, a imprensa atua como divulgadora da psicanálise e de suas questões. Exemplo disso é a publicação do artigo “A psychanalyse não tem recebido em São Paulo o merecido apoio”, de Durval Marcondes, no *Diário da Noite*, em 11 de março de 1929 (MELLONI, 2009, p.61), ou seja, logo no início da implantação da psicanálise no país.

Além disso, a mídia, enquanto exercia um papel de divulgadora de debates internos à psicanálise e, de certa forma, de reprodutora de questões da política nacional em um cenário institucional, cumpria também uma função de autorização da voz do psicanalista, em meio a outros especialistas. O papel da mídia no início da década de 1980, para a psicanálise, portanto, iria além da simples combinação de “denúncia, informação e eventualmente alguma transmissão de conhecimento” (COELHO JÚNIOR, 1999, p.1).

Como discutido anteriormente, a denúncia de Pellegrino e Mascarenhas contra a SPRJ firmou a “crise” institucional psicanalítica no Brasil. No entanto, há antecedentes de

conflitos internos às sociedades de psicanálise também na França e que acabaram por afetar a estrutura das escolas brasileiras de formação em psicanálise. O principal deles foi a dissolução da *École Freudienne de Paris* (EFP), também em 1980 – embora a crise da EFP já tivesse se tornado assunto público desde setembro de 1979 (ROUDINESCO, 1986, p.707). A derrocada da Escola foi decorrente de críticas ao ensino de Lacan, acusado por seus discípulos de ser autoritário e ditador, e ao passe⁸.

Depois da dissolução da EFP, Lacan convida os interessados a seguir com ele para a *Escola da Causa Freudiana* (ECF), um novo fórum criado para difusão do pensamento lacaniano. As rupturas, no entanto, continuam a ocorrer. A ECF mesmo passou por duas cisões, sendo a primeira em 1989, que originou a Escola Sigmund Freud e, a segunda, em 1998, que fez fundar a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (QUINET, 2009, p.12).

Nesse mesmo ano houve o que foi chamado de “Cisão de 1998” (RIBEIRO, 1999). Este conflito foi bastante amplo, a ponto de envolver não só Escolas brasileiras ou francesas, mas também sociedades psicanalíticas de pelo menos nove países, ligadas a *L'Association Mondiale de Psychanalyse* (AMP). A AMP, fundada por Jacques-Alain Miller, em 1992, abarcava, na época, as cinco Escolas de Psicanálise do Campo Freudiano:

além da EBP [Escola Brasileira de Psicanálise], a Escola Europeia de Psicanálise (com sede na Espanha), a Escola da Causa Freudiana (na França e com seção na Bélgica), a Escola de Caracas (com ramificações na Colômbia, Bolívia, Chile e Peru) e a Escola de Orientação Lacaniana (na Argentina) (RIBEIRO, 1999, p.84).

A crise foi decorrência da “tensão” entre as Escolas e a AMP que deveria, segundo seu regulamento, obedecer às noções de “permutação” – que visava à manutenção da hierarquia, estruturada em diretoria e conselho – e “garantia” – que objetivava a organização do “gradus”, título que depende de uma nomeação (RIBEIRO, 1999, p.84-85). A insatisfação com esta forma de estruturação das Escolas acarretou a “Cisão” com a AMP.

Em um contexto mais amplo, Roudinesco e Plon (2011, p.96) discutem que o enfraquecimento da AMP, em decorrência da Cisão, foi o que levou à criação da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF). Discutir estas questões leva-nos, portanto, a compreender que há um amplo campo de forças em disputa dentro das instituições psicanalíticas que acaba por afetar o cenário psicanalítico brasileiro.

⁸ Termo que designa um processo de passagem em que um analisando em formação se expõe a um “júri” de analistas capazes de avaliar se o primeiro está preparado para tornar-se psicanalista (ROUDINESCO; PLON, 2011, p. 1135).

Além disso, neste cenário de conflitos tanto intra como interinstitucionais, cabe-nos comentar que o movimento psicanalítico na década de 1990 foi marcado também, no contexto psicanalítico de São Paulo, por uma tentativa de reafirmação nacional. Segundo Valladares (2005, p. 276), essa geração de psicanalistas se empenhou em produzir um “estilo local”, estimulando “o diálogo intelectual inter-societário e com o público não filiado à IPA”, no lugar de imitar e propagar os saberes produzidos por intelectuais estrangeiros. Adentrar estas discussões nos permite um entendimento mais aprofundado acerca dos discursos que circulam entre psicanalistas.

2.3 INTELECTUAIS, PODER E IMPRENSA

Apresentadas as noções conceituais de relações de poder e as formas como estas se exercem, pela imprensa, por meio da legitimação ou silenciamento de discursos, bem como autorização e desautorização de vozes e de saberes, passamos às definições de “intelectual”. Com isso, é nosso intuito compreender de que forma essa referência pode ser aplicada ao entendimento do psicanalista que fornece aos jornais sua opinião acerca de fatos, acontecimentos e comportamentos.

2.3.1 Os intelectuais e o poder

Todo o cenário descrito na seção anterior aproxima-nos das questões de saber e poder (institucionais ou não) e leva-nos a trazer questões sobre as materializações de discursos de/sobre psicanalistas, na/pela imprensa. Podemos pensar que o saber psicanalítico ganhou, a partir das relações de poder e da disputa entre os campos, a possibilidade de vocalizar cada vez mais discursos na mídia. Isso se dá devido à legitimação da figura do psicanalista através de uma projeção imaginária (estabelecida pela memória discursiva) do intelectual detentor de verdades e de saberes.

É importante ressaltar que ao jornal não interessa se apropriar de um saber científico (assim como psicanalítico), a fim de fornecer interpretações acerca de determinados temas que abarquem o mal-estar. Segundo Alves (2007, p.36), “quando se quer a palavra da ciência, jornalistas não dizem por si mesmos, vão ouvir especialistas. O que coloca cientistas, acadêmicos e técnicos especializados como pertencendo a um *outro discursivo* bastante marcado”. Esta questão fica clara quando há a convocação de especialistas, vozes externas ao jornal, como os psicanalistas, para redigir colunas e dar entrevistas para a imprensa. Assim, a ciência – como também a psicanálise – é “o *outro discursivo* a que o jornalismo parafraseia,

mas nele não se dilui, é sempre o *outro*. E pela diferença desse *outro*, se define” (ALVES, 2007, p.36).

Conceitualmente, para pensarmos os psicanalistas como intelectuais que vocalizam discursos e os propagam por meio da imprensa, recorreremos a historiadores, filósofos e sociólogos, a fim de entender o pensamento em torno da intelectualidade. É Norberto Bobbio (1997) quem define o intelectual – outrora chamado de sábio, douto, *philosophe*, literato, *savant*, homem de gosto ou ainda, quando associado ao saber religioso ou teológico, clérigo ou sacerdote – como o sujeito que possui a tarefa de “elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou simples opiniões, que acabam por constituir as ideias ou os sistemas de ideias de uma determinada época e de uma determinada sociedade” (BOBBIO, 1997, p.110). De acordo com essa concepção, os psicanalistas que opinam, em colunas de jornal, sobre comportamentos socialmente aceitos, estão assumindo o papel de “sábios”.

Segundo Bobbio (1997, p.11), a figura do intelectual sempre existiu, independente dos nomes que tenha recebido em cada momento da história, pois trata-se de indivíduos que, junto ao poder econômico, político e aos demais poderes com os quais mantinha acordo ou desacordo, detinha o poder ideológico. E este poder se exerce pela palavra, que permite a transmissão de ideias, de visões do mundo e de ensinamentos práticos.

No entanto, ao discutir os detentores do poder ideológico e suas relações com outros poderes é preciso atentar-se para o fato de que os intelectuais não formam uma categoria homogênea nem “uma massa indistinta” com um pensamento comum (BOBBIO, 1997, p. 9). Diante da heterogeneidade que marca o mundo intelectual, o filósofo italiano propõe compreender, sobretudo, dois tipos relevantes de *savants*: os ideólogos e os expertos – ainda que destaque que os tipos não são exclusivos, uma mesma pessoa pode ter traços de ambos (BOBBIO, 1997, p. 72).

De acordo com o autor, o primeiro tipo caracteriza-se por fornecer “princípios-guia”, humanistas, são manipuladores de ideias, enquanto o segundo, por desenvolver “conhecimentos-meio”, cientistas, são manipuladores de dados. De forma mais detalhada, pode-se dizer que

os ideólogos são aqueles que elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, aceita – em sentido forte, a ação é “legitimada” –, pelo fato de estar conforme aos valores acolhidos como guia da ação; os expertos são aqueles que, indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem que a ação que a ele se conforma possa ser chamada de racional segundo o objetivo (BOBBIO, 1997, p.74).

Olhar para a forma mais extrema de cada um dos tipos – para os intelectuais que demarcam fortemente a separação entre os meios e os fins – pode ajudar-nos a compreender melhor a distinção entre eles. Por exemplo, o ideólogo radical corresponde ao “utopista”, que enxerga tão claramente os fins quanto descuida dos meios, não reconhecendo os caminhos para atingir o objetivo que idealiza. Poderia ser, por exemplo, o psicanalista que discute a relação entre feminismo e saber psicanalítico, sem apontar para soluções concretas para atingir o objetivo de “empoderamento da mulher”. No outro extremo há o “puro técnico” que, extremamente atento aos meios, não é capaz de visualizar os fins de suas ações (BOBBIO, 1997, p.74). Neste caso, encaixam-se aqueles que discutem, por exemplo, a prática psicanalítica e “o dia a dia no divã”, atentando-se apenas ao aparato técnico.

A tipologia sugerida por Bobbio aponta também para as diferentes éticas a que cada classe de intelectual deve obedecer. Ressalta-se que o autor esclarece, em seu texto, utilizar o tom propositivo e prescritivo para pensar não *o que fazem* os intelectuais, mas *o que devem fazer*. Dessa forma, aponta que os ideólogos devem fundamentar-se na ética da convicção, enquanto os expertos devem seguir a ética da responsabilidade. Assim, “o dever dos primeiros é o de serem fiéis a certos princípios, custe o que custar; o dever dos segundos é o de propor meios adequados ao fim e, portanto, de levar em conta as consequências que podem derivar dos meios propostos” (BOBBIO, 1997, p.76).

A questão da fidelidade a princípios ideológicos e da responsabilidade diante de saberes técnicos coloca o problema da relação entre aqueles que são convocados para desenvolver teorias que permitam a melhor compreensão ou um modo de interpretação do mundo e aqueles de quem se espera uma transformação técnica. É neste sentido que Bobbio indica a dupla possibilidade de teses: primeiro, a do primado da inteligência sobre a razão, que por vezes é entendida como “intelectualista” ou “idealista”,

segundo a qual os intelectuais são o sal da terra, o fermento da história, os promotores do progresso civil e assim por diante, donde uma sociedade poderia ser julgada pelo lugar que atribui, ou pela posição que concede, ou pelos privilégios que permite (o da liberdade de expressão antes de mais nada) aos próprios senhores das ideias (BOBBIO, 1997, p.111);

E então, a segunda, do “primado da vontade ou da ação”, em oposição, entendida como “anti-intelectualista”, segundo a qual os intelectuais ou vivem reclusos em uma “torre de marfim”, de onde não têm contato com a realidade ou “são considerados chatos, que o poder político faz muito bem em manter nos guetos dourados das universidades ou das academias, para que incomodem o menos possível” (BOBBIO, 1997, p.112).

Seguindo esta lógica, os psicanalistas, se encarados como intelectuais ao exporem suas visões de mundo em textos publicados pela imprensa, podem se enquadrar nas duas formas de exercer a intelectualidade. São ideólogos, humanistas, enquanto pensam os fins relativos a questões sociais, econômicas, políticas, filosóficas ou ainda artísticas, relacionadas ao mal-estar, aos sofrimentos e aos afetos humanos. Por outro lado, podem ser expertos quando propagam dizeres sobre formação do analista, técnicas de estudos e formas de aplicação do saber psicanalítico, ou ainda, sobre questões clínicas ligadas ao comportamento humano.

Com isso, os psicanalistas que atuam como expertos, nos jornais, devem atentar-se à responsabilidade que têm diante dos leitores. Se dizem algum conselho de como se comportar diante de alguma situação ou se demonstram domínio técnico ligado ao corpo orgânico do indivíduo, ele assume a função do “especialista”, do “cientista” no sentido mais próximo ao positivista, responsável pelos dados e informações fornecidas.

Em contraposição aos expertos estão os psicanalistas que assumem a função de ideólogos, em textos publicados em jornais. Estes exploram sistemas de ideias, sugerem concepções de mundo e emitem opiniões baseando-se em teorias humanistas (e não apenas técnicas) – por exemplo, matérias em que psicanalistas apresentam ao leitor as concepções freudianas sobre afetos e não sobre a técnica de como proceder com a hipnose em um analisando – e em princípios e valores – como é o caso dos indivíduos que se filiam a partidos políticos e passam a emitir avaliações sobre a sociedade não só como psicanalistas e cidadãos, mas também na posição de candidatos.

Retomamos, então, Bobbio (1997), quando este propõe uma reflexão sobre o intelectual e a classe política a partir das categorias que Coser expressa em *Men of ideias*. Segundo o autor, não só há relação do intelectual com o poder político quando o próprio intelectual está no poder – como o caso do psicanalista no exemplo que mencionamos acima – , mas também podem os intelectuais exercerem influência na política, sem participar diretamente dela – podendo ocorrer, por exemplo, com psicanalistas simpatizantes a ideologias e propostas partidárias que publiquem em jornais ou que, na prática da profissão, influenciem seus analisandos. Há também intelectuais que desempenham a função de legitimar o poder já constituído, quando atuam como porta-vozes; assim como intelectuais que se coloquem como críticos do poder e aqueles que não desejam se envolver intencionalmente com as questões do poder político.

2.3.2 A *intelligentsia* e os psicanalistas

Outra abordagem possível é a de Pierre Bourdieu (1968), que pensa sociologicamente o intelectual como situado na história e na sociedade, de forma que suas preferências intelectuais e seus gostos (artísticos, por exemplo) dependam de sua cultura e daquilo que foi introjetado de acordo com a época ou com a classe de origem do indivíduo. No caso dos psicanalistas, enquanto intelectuais convocados pela imprensa, esta questão fica evidente nos temas de cada momento da história – como, por exemplo, a discussão sobre a reformulação da lei do divórcio, em 1988, que atraiu a atenção de vários psicanalistas; ou a inflação, no início da década de 1990.

Além da cultura de seu tempo, Bourdieu chama a atenção para aqueles intelectuais que se formam em escolas, segundo um mesmo “modelo” de pensamentos. Segundo o autor, estes têm entre si um “espírito” em comum e uma predisposição em pensar sobre determinados problemas e abordá-los de maneira semelhante, ainda que discordem entre si. É neste sentido que o sociólogo francês explica que “os homens cultos de uma época determinada podem estar em desacordo quanto aos objetos que disputam, mas estão pelo menos de acordo em disputar certos objetos” (BOURDIEU, 1968, p.140), o que serve de explicação para a recorrência de determinados temas, em colunas assinadas por psicanalistas.

Outro ponto importante sobre intelectualidade é trabalhado por Bourdieu, que corresponde ao conceito de *campo intelectual*. O autor o entende como um “sistema de linhas de força” que “se dispendo, opondo e comendo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo” (BOURDIEU, 1968, p.105), comparável ao que ocorre com as forças em um campo magnético. É importante ter em mente que este *campo intelectual* pode ser entendido como um sistema que tem leis de funcionamento próprias e que os indivíduos que o compõem e que com ele se relacionam possuem autonomia relativa, uma vez que há interações que dependem de fatores outros, como a sociedade e a época. Assim,

lembrar que o *campo intelectual* como sistema autônomo ou pretendente à autonomia é o produto de um processo histórico de autonomização metodológica, autorizando a pesquisa da lógica específica das relações que se instauram no interior desse sistema e o constituem enquanto tal é também dissipar as ilusões nascidas da familiaridade mostrando que, produto de uma história, esse sistema não pode ser dissociado das condições históricas e sociais de sua constituição e, com isso, condenar toda tentativa de considerar as proposições apreendidas do estudo sincrônico de um estado do campo como verdades essenciais, trans-históricas e transculturais (BOURDIEU, 1968, p.113).

Em sua obra, o sociólogo parte da noção de “projeto criador” e, portanto, da figura do artista para discutir o *campo intelectual*. Detalha, então, que tal campo cultural é um tipo

de *inconsciente cultural* no qual seu poder ou sua autoridade interna ao campo depende da posição que ocupa nele (BOURDIEU, 1968, p.106). Embora o pensamento de Bourdieu remeta com frequência a exemplos de intelectuais do campo artístico, buscamos aqui fazer uma aproximação dos conceitos para pensar outra figura que corresponde a do intelectual, a do psicanalista.

Os psicanalistas não só são pensadores que se formam em escolas, organizando-se em sociedades e instituições, apropriando-se das teorias freudianas, lacanianas, entre outras, como também podem ser entendidos como intelectuais por serem, muitos deles, escritores, autores de inúmeros livros, além de textos como artigos e colunas publicados em jornais. Sendo assim, psicanalistas podem ser considerados também “criadores”. Por outro lado, por vezes, os psicanalistas convocados a opinarem nos jornais exercem o papel de “críticos”, ocupando uma função de mediador entre o “criador” e o público.

Bourdieu destaca que a “objetivação da intenção criadora”, em outras palavras, a “publicação”, depende de uma série de relações sociais ocorrerem, envolvendo diversos agentes que constituem o *campo intelectual* em um determinado momento – editores, autores, críticos, público, por exemplo. “Em cada uma dessas relações, cada um dos agentes empenha não só a representação socialmente constituída que tem do outro termo da relação [...], mas também a representação da representação que o outro termo da relação tem dele” (BOURDIEU, 1968, p. 125). Dessa forma, o intelectual depende da definição social de si e do valor que lhe é dado como resultado do conjunto de relações entre os que compõem o *campo intelectual*.

Ainda segundo o autor, a complexidade da estrutura deste campo pode variar de acordo com o tempo e com as sociedades em que se encontram. Deve-se reconhecer também que a autonomia e o poder que cada agente possui extrapola o *campo intelectual* e depende de uma realidade social exterior a ele, como, por exemplo, a posição que ocupa em relação às autoridades culturais e aos poderes econômicos (BOURDIEU, 1968, p. 132).

Também pelo viés sociológico, Karl Mannheim (2001) toma como objeto a intelectualidade, a partir da história da *intelligentsia* e da origem social destes “provedores de ideologias para certas classes”. A princípio, é importante destacar que, para esta linha de pensamento, a *intelligentsia* não é em si uma classe, um grupo unificado, nem um partido político específico, já que os indivíduos dessa não possuem interesses comuns. Sobre isso, o autor afirma que “nada poderia ser mais alheio a esse estrato que a mentalidade monolítica e a coesão” (MANNHEIM, 2001, p. 80).

Ainda assim, por mais que não formem uma unidade ideológica, os intelectuais assumem, ao longo da história, o papel de “feiticeiros de conceitos e reis do domínio de ideias”, capazes, muitas vezes, de ditar o *Welgeist*, ou seja, o “espírito da época”. Mannheim atenta-se à arrogância que, por vezes, aparece como marca da *intelligentsia*, já que os intelectuais – sacerdotes, profetas, poetas do Humanismo e filósofos do Iluminismo, lembra o autor – atribuíam a si uma enorme importância, como os únicos indivíduos capazes de interpretar o mundo. No entanto, “a fé do erudito em sua própria missão só dura enquanto ele detém a chave dos segredos do universo, enquanto ele é o órgão pensante de outros grupos. Sua presunção se esvai diante da imperativa visão do mundo de outro grupo” (MANNHEIM, 2001, p. 79).

Ainda segundo Mannheim (2001, p. 81), os intelectuais, então, não formam uma casta que se coloca acima das classes, mas as permeiam. Podem integrar organizações institucionais ou filiar-se a partidos políticos (como ocorreu, entre os psicanalistas, com Eduardo Mascarenhas, em 1990, e Marta Suplicy, em 1981), mas, ao contrário daqueles que não compõem a *intelligentsia*, são capazes de enxergar um problema por mais de uma perspectiva e de mudar de ponto de vista com mais facilidade.

Se os intelectuais não se organizam por classe ou por unidade ideológica e com frequência “mudam” de lado quanto a uma questão, o que os identifica, diante de outros indivíduos da sociedade? Ainda com base no pensamento de Mannheim (2001, p. 86), “o principal atributo comum dos intelectuais é seu contrato, em graus diferenciados, com a cultura”. Uma vez entendida quem forma a *intelligentsia*, o autor indica algumas maneiras de diferenciação na organização dos intelectuais que, segundo ele, surgiram em momentos distintos da história e não se substituíram com os anos, mas passaram a coexistir na sociedade (2001, p. 89).

Esquemáticamente, são elas: a) a que diferencia a partir daqueles que exercem atividades manuais e intelectuais (MANNHEIM, 2001, p. 86); b) a que, levando em conta o status social, distingue entre profissionais liberais e ofícios (2001, p. 87); c) a que separa entre cultos (*Gebildeten*) – o autor exemplifica com as figuras dos doutores, advogados, professoras, pastores, comerciantes e outros habituados a reunir-se nas tavernas – e incultos. (Até aqui, funcionam três “princípios intercambiáveis de seleção, ou seja: educação, posição social e renda. Uma renda substancial pode compensar alguma falta de cultura e vice-versa” [2001, p. 88]); d) como consequência do último tipo de distinção enumerado, a distinção de “culto” passa a levar em conta critérios burocráticos de distinção, como possuir certificados e

diplomas para assumir cargos de administração pública. Assim, os homens “formados” passam a ser diferenciados dos que não possuem “educação acadêmica”.

Após estudar essas transformações no entendimento do que é *intelligentsia*, Mannheim detalha que o conhecimento do intelectual “contemporâneo” pode se desenvolver de duas maneiras: ou na experiência de vida, que são adquiridos de forma “espontânea, casual ou imitativa”, sem um “método consciente”; ou como resultado de “esforços dedicados e de uma tradição cultivada” (MANNHEIM, 2001, p. 91), como aprendizado adquirido através de algum processo de educação. Nem é preciso dizer que é neste segundo tipo que se enquadram os saberes teóricos, acadêmicos, filosóficos e psicanalíticos. Entretanto, é a partir de um conhecimento elaborado que se discutem questões de experiências de vida, ou seja, o primeiro tipo de conhecimento encontra-se como objeto de discussão, por exemplo, quando o tema é comportamento humano e ações inconscientes e imitativas.

Por fim, faremos uma última observação acerca da *intelligentsia* em Mannheim. Trata-se da noção de *habitat social* dos intelectuais (MANNHEIM, 2001, p.126-127), a partir de três tipos: o local – constituído pelas comunidades pequenas e médias, mantidas pela tradição e por laços sociais de proximidade como os de amizade –; o institucional ou organizacional – como é o caso, por exemplo, dos partidos políticos e das sociedades psicanalíticas – e o desvinculado, que podem até ter preferências político-ideológicas, mas não se associam a nenhum partido e não participam de nenhuma organização.

Seguindo este pensamento, os psicanalistas se enquadram como parte da *intelligentsia* por serem indivíduos dispersos entre as classes sociais, as instituições e as muitas ideologias as quais, ora defendem, ora atacam, mostrando a mobilidade de pontos de vista e, na palavra de Mannheim, uma certa “empatia”, que é típica dos intelectuais modernos (MANNHEIM, 2001, p.92).

Do ponto de vista discursivo, o psicanalista sobre o qual a imprensa projeta a imagem do intelectual, ocupa posições-sujeito de acordo com discursos com os quais se identifica e, portanto, propaga. A relação do sujeito com o imaginário se estende, então, para além da projeção dos jornais e dos leitores sobre o psicanalista, tornando-se também o que vamos chamar de uma “ilusão discursiva” sobre si. Isso significa que o sujeito tem a ilusão “não apenas de ser a fonte do sentido (‘esquecimento número 1’), mas também de ter o domínio daquilo que diz, de ser o mestre absoluto do seu próprio processo de enunciação, dominando as estratégias discursivas necessárias para dizer o que pretende (‘esquecimento ideológico número 2’)” (INDURSKY, 1992, p.23). Em outras palavras, ainda segundo Indursky (1992, p.24), o sujeito no discurso é “interpelado, mas acredita-se livre”.

É possível dizer ainda que os jornais, ao convocarem especialistas para redigirem colunas ou fornecerem entrevistas, talvez projetem sobre estes intelectuais a imagem de representantes de grupos, de comunidades, com determinados pensamentos, como se houvesse uma unidade discursiva entre psicanalistas. No entanto, conforme afirma, ironicamente, Mezan (1988, p.15), “os psicanalistas não falam a mesma língua”.

Neste caso, Renato Mezan referia-se a um quadro de teorias psicanalíticas que, sob o mesmo vocabulário, entende as concepções de maneiras muito distintas. Contudo, do ponto de vista discursivo, esse fenômeno pode ser explicado a partir da noção de polissemia, que se constitui na incompletude fundamental do dizer. Assim, segundo Orlandi (2007, p.47), “é a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. E é o silêncio que preside essa possibilidade [...]. Quanto mais falta, mais silêncio se instala e mais possibilidades de sentidos se apresentam”. Esta polissemia discursiva está presente nos textos de colunas e entrevistas com psicanalistas, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

3 ANÁLISE DO DISCURSO, MÍDIA E SABER

Neste capítulo apontaremos as bases conceitual-metodológicas da Análise de Discurso (doravante AD) e indicaremos noções e princípios desta disciplina que possam servir tanto para compreender a relação entre “mídia e discurso”, diante de relações de poder – seja institucional, seja ideológico – como “discurso e saber psicanalítico”, tecendo assim as bases teóricas do nosso objeto.

Apresentaremos primeiro as questões conceituais da disciplina da AD e os modos de funcionamento do discurso – através, principalmente, dos conceitos de “Projeção Imaginária”, “Formação Discursiva” e “Memória Discursiva” – recorrendo a Pêcheux (1990; 1999) e Orlandi (2001; 2005; 2007). Utilizaremos noções da teoria dos discursos para olhar para o campo das práticas da comunicação, conforme apontamentos de Alves (2007; 2010) e explicaremos as etapas de análise do *corpus* de pesquisa, desde a elaboração de um Trajeto Temático (GUILHAMOU, 1993) até a análise propriamente discursiva.

3.1 DISCURSO E PODER

Para compreender discursos de/sobre o psicanalista, na imprensa, precisamos antes reconhecer que os sentidos não estão dados em uma determinada textualidade (seja verbal ou não verbal, como o gesto, a voz, e a imagem), mas são resultados do posicionamento dos sujeitos no discurso – ou seja, na relação do sujeito com a história (ideologia) e a linguagem, uma vez que “o discurso é o lugar em que se pode observar [a] relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2005, p.17).

O discurso é também definido como “efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 2005, p.21), de forma que, para a AD, o processo da comunicação não se realiza simplesmente como transmissão de informação de um indivíduo a outro. Em outras palavras, “não há sentidos em si. Eles são ‘relação a’ e não são gerais, mas se determinam pelas condições em que são produzidos, em formações imaginárias: imagem de quem fala, de quem ouve, do próprio objeto de que se fala, das circunstâncias em que irrompem” (ORLANDI, 2001, p.164).

Além disso, a perspectiva discursiva concebe textualidades como formas de materialização do discurso, questionando os efeitos de transparência e de literalidade da língua (ORLANDI, 2007a, p.21).

Outra questão conceitual importante diz respeito às etapas dos processos de produção do discurso. São elas: “sua constituição, a partir da memória do dizer”, “sua formulação” e “sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições” (ORLANDI, 2001, p.9). Nesta pesquisa, levaremos em conta as três etapas, atentando-nos mais para a formulação e a circulação, a partir dos discursos de psicanalistas materializados em textos de colunas e entrevistas publicadas nos jornais.

Para problematizar a relação entre Análise de Discurso e comunicação, entendemos que “a AD trabalha o lugar da mídia nesse processo de produção e constituição político-simbólicas, diferentemente das teorias sociais, nas suas múltiplas linhas, que buscam os processos de manutenção e transformação social” (ALVES, 2007, p.28).

Com base nisso, e uma vez que a mídia assume uma responsabilidade “pela circulação, no espaço público, de palavras e fórmulas cujos efeitos são altamente simbólicos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.117), consideramos o papel dos meios de comunicação – inseridos em um jogo de disputas de saberes e capazes de estabelecer, entre eles, relações de força – em eleger determinadas vozes e acabar, portanto, promovendo, amplificando e fazendo circular certos sentidos em detrimento de outros.

Dessa forma, as palavras e os sentidos não estão “soltos”, mas são

administrados por relações de poder, por determinações históricas, por injunções institucionais. Na análise de discurso dizemos isso falando que há uma divisão social do trabalho da *interpretação*: mesmo que os sentidos (e as palavras) estejam soltos, os gestos de interpretação sempre se dão em posições ideológicas que podem ser analisadas e, assim, compreendidas, em seu funcionamento. Isto porque os sujeitos (se) significam a realidade social e natural em determinadas condições e a partir de um saber discursivo, uma *memória* que se faz pela filiação a uma rede de sentidos, historicamente determinados e politicamente significados (ORLANDI, 2001, p.141-142, grifo nosso).

Segundo esta concepção, os sentidos são construídos e propagados de forma atrelada à ideologia (à história) e interpelam (ao mesmo tempo em que são interpelados por) a linguagem, o político, o sujeito. Por isso, não é possível haver “unicidade de sentidos” e, diante disso, Orlandi (2001, p.144) afirma que “o sentido claro é aquele que se estabiliza, o sentido dominante”. Assim, alguns discursos propagam-se e fixam-se mais do que outros, pois “faz parte da encenação retórica do poder advogar a clareza, a transparência, praticando assim o apagamento, o silenciamento dos outros sentidos possíveis” (ORLANDI, 2001, p.144). A demarcação das relações de poder passam, portanto, pela linguagem ou, como explicita Orlandi (2001, p.144), há um “poder de linguagem” que “se exerce pela força dos lugares de interpretação”.

Nesta pesquisa, a elaboração da análise se dará em duas etapas consecutivas que correspondem à identificação de: 1) Famílias Temáticas e, em seguida, de Trajetos Temáticos, ao longo do período de 1980 a 1998; e 2) identificação de Projeções Imaginárias, o que nos remete, conseqüentemente, às Formações Discursivas (FDs) e Memória Discursiva.

A etapa primeira, de identificação das Famílias Temáticas (FT), implica na categorização das colunas e entrevistas de forma a permitir traçar, posteriormente, o Trajeto Temático das FTs mais recorrentes nos jornais. Ressaltamos que, para extrair o tema das materialidades, observamos elementos textuais e discursivos, não realizando, portanto, uma Análise de Conteúdo, que se atentaria apenas aos primeiros. Importante destacar também que nossa análise centra-se em elementos verbais, desconsiderando imagens, fotos e design da página do jornal.

Conceitualmente, a noção de Trajeto Temático mobiliza a história do discurso ao organizar, ao longo de um período de tempo, mecanismos para a observação de sentidos materializados nos textos. Assim,

com a descrição de um trajeto temático, nós estamos no centro de múltiplas redes de enunciados, articulados cronologicamente em torno de atos configuradores. Como tal, e para o grande benefício do pesquisador, os recursos textuais mais diversos são mobilizáveis: atos de linguagem, apontamentos sociopolíticos, normas político-linguísticas explícitas, noções-conceitos, etc.⁹ (GUILHAMOU, 1993, p.11-12, tradução nossa).

Neste caso, interessam-nos noções-conceito apropriadas pela Análise do Discurso, principalmente as “projeções imaginárias” (que serão apresentadas mais detalhadamente na seção seguinte), que constituem nosso “ponto de ataque” desta análise.

Segundo Guilhamou (1993), determinadas expressões permitem a identificação de um Trajeto Temático, pois regulam um campo discursivo, devido à vasta produção e emissão de enunciados. A fim de captar estes sentidos propagados ao longo do tempo, devemos observar a regularidade enunciativa de um enunciado situado na proximidade de outro, pois “ao encontro de toda interrogação sobre a origem ou a originalidade lexical de um enunciado, sua regularidade é um recurso inédito, uma riqueza incomparável que manifesta as regras de

⁹ *Avec la description d'un trajet thématique, nous sommes au coeur de multiples réseaux d'énoncés, articulés chronologiquement autour d'actes configurants. A ce titre, et au plus grand profit du chercheur, les ressources textuelles les plus diverses sont mobilisables : actes de langage, désignants socio-politiques, normes politico-linguistiques explicites, notions-concepts, etc.* (GUILHAMOU, 1993, p.11-12).

funcionamento do trajeto temático em que ele se atualiza”¹⁰ (GUILHAMOU, 1993, p.11, tradução nossa).

É preciso mencionar também que ao abordarmos o conceito de Trajeto Temático, estaremos atentos à relação entre AD e história – ou melhor, uma “análise de discurso do lado da história” (GUILHAMOU, 2007) – o que nos exige uma atenção redobrada sobre o arquivo que compõe nosso *corpus*, pois estão em jogo “noções de acontecimentos, de tópicos emergentes, de trajetos temáticos, de objetos discursivos, etc.”¹¹, que demonstram as possibilidades, na língua, que se abrem e fornecem ao analista do discurso uma “maneira específica de abordar a materialidade da língua na discursividade do arquivo”¹² (GUILHAMOU, 2007, p.10, tradução nossa). Por isso nossa preocupação em expor, no capítulo anterior, questões da história da psicanálise no país, entre crises e cisões institucionais que constituem discursos sobre o psicanalista.

Tendo em vista tais cuidados metodológicos referentes à identificação de um Trajeto Temático, partimos, então, à análise discursiva, sendo que,

para analisar a superfície linguística de um discurso, faz-se necessário examinar os mecanismos sintáticos e o funcionamento enunciativo em questão, de-superficializando esses mecanismos e buscando estabelecer suas matrizes de sentido. Somente após essa etapa, é possível buscar a dessintagmatização discursiva, com vista a atingir o processo discursivo que lhe subjaz e, através dele, a FD [Formação Discursiva] que afeta o sujeito do discurso. (INDURSKY, 2013, p.42)

Então, depois de identificar as regularidades de sentido a respeito das imagens dos psicanalistas nas textualidades submetidas à análise, será possível reconhecer a que projeções imaginárias elas remetem.

A fim de exemplificar os resultados da análise, no capítulo seguinte indicaremos segmentos textuais extraídos das colunas e entrevistas com psicanalistas nos quais destacaremos, em negrito, os enunciados recortados. Destacamos que, segundo Pêcheux (2008, p.53), o enunciado ou a sequência de enunciados é “linguisticamente descritível como uma série (léxico sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. São estes pontos de deriva que exemplificaremos ao apontar os discursos materializados nos textos dos jornais.

¹⁰ *A l'encontre de toute interrogation sur l'origine ou l'originalité lexicale d'un énoncé, sa régularité est une ressource inédite, une richesse incomparable manifestant les règles de fonctionnement du trajet thématique où il s'actualise* (GUILHAMOU, 1993, p.11).

¹¹ *notions d'événements, de sujets émergents, de trajets thématiques, d'objets discursifs, etc.* (GUILHAMOU, 2007, p.10).

¹² *une manière spécifique d'aborder la matérialité de la langue dans la discursivité de l'archive, qui fournit du travail au linguiste* (GUILHAMOU, 2007, p.10).

Além disso, levamos em consideração, ao longo da análise, que discursos são mobilizados pelos psicanalistas em colunas e entrevistas, identificando algumas Formações Discursivas (FD). Estas podem ser conceituadas como “regiões historicamente determinadas de relações de força e de sentidos”, ou ainda, “pontos do dizer em que se reúnem as diferentes formulações de enunciados” (ORLANDI, 2007a, p.20).

Dessa forma, as FDs são do nível do discurso e não do texto; apenas é possível identificá-las ao pensarmos nas textualidades como materializações discursivas. Segundo Courtine (2013, p.59), “as formações discursivas não são jamais dispositivos locais, mas atravessam e religam uma pluralidade heterogênea e disseminada de campos do saber e de regimes de práticas”.

Embora não apontemos as Formações Imaginárias (FI) referentes às FDs identificadas é preciso estar atento à existência delas, pois são do nível da *ideologia* e, por isso, interferem nas projeções imaginárias. Aqui, um adendo sobre este conceito para a AD se faz necessário. Esta disciplina considera que “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2005, p.17). Desse modo, uma vez que o sujeito é interpelado pela língua e pela história, estes dois elementos são também constitutivos do discurso. “A ideologia se produz, assim, justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (ORLANDI, 2007a, p.20).

Além disso, a ideologia é percebida, pela Análise de Discurso, não como o convencionalizado para as ciências sociais e humanas – com sentido de “ocultação”, de “verdadeiros sentidos do discurso, que estariam escondidos” –, mas como um processo de produção “de uma interpretação particular” (ORLANDI, 2007a, p.96), produzindo efeitos de “evidência” que se sustentam sobre sentidos já institucionalizados e admitidos por todos como “natural” (ORLANDI, 2007a, p.96).

É possível também compreender que a ideologia representa um “efeito de completude” de sentidos já estabelecidos. No entanto, “o discurso é sempre incompleto assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos” (ORLANDI, 2001, p.113) e a incompletude faz parte do processo de produção de sentidos – sentidos estes que podem ser considerados como “trajetos simbólicos e históricos não terminados” (ORLANDI, 2001, p.114).

A incompletude é marcada, na linguagem, pelo equívoco, que significa não o erro, mas aquilo que falta, o furo da linguagem. O “furo” existe também na ideologia, que é a contradição, e na psicanálise, que é o inconsciente (FERREIRA, 2005, p.71). Esta falta, a impossibilidade de completude, resulta na incapacidade de totalização dos sentidos tanto por aqueles que fazem circular dizeres (neste caso, os jornais e os psicanalistas) como por aqueles

que desejam capturar esses sentidos (os leitores ou analistas do discurso). Por isso, destacamos que “em Análise do Discurso, não existe um modelo que se aplique automática e indiferenciadamente a todo e qualquer discurso” (INDURSKY, 2013, p.59).

É preciso ressaltar também outro princípio da AD, que é o da heterogeneidade como marca do discurso, o que permite que um enunciado possa se identificar com mais de uma FD (ORLANDI, 2005). Segundo Orlandi (2001, p.115), “todo texto é heterogêneo do ponto de vista de sua constituição discursiva: ele é atravessado por diferentes Formações Discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e contraditória com os sentidos, com o político, com a ideologia”. Além disso, “todo texto, oral ou escrito, traz consigo um conjunto de versões possíveis que o rodeiam” (ORLANDI, 2001, p. 142). Por isso, um mesmo segmento textual pode apontar para mais de um tipo de projeção imaginária, o que buscaremos apontar quando identificado.

Observar isso é importante na medida em que o trabalho de análise não pode silenciar discursos concorrentes. Mesmo que possamos perceber um ou outro discurso predominante, é justamente o funcionamento da heterogeneidade que é preciso mapear. Neste caso, portanto, tomaremos o cuidado de não fazer leituras unívocas, que só confirmem hipóteses.

3.2 DISCURSO E MÍDIA: PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS

Neste subcapítulo, pretendemos estabelecer, a partir da base teórica da Análise de Discurso, as relações entre as discursividades sobre psicanalistas e a imprensa, seguidas das aproximações com o nosso objeto de pesquisa.

Para a análise de textualidades publicadas na imprensa – seja naquelas assinadas por colunistas e articulistas, seja em entrevistas com psicanalistas para os jornais – é possível pensar o conceito de “projeção imaginária”. Isso porque falar em “psicanálise” (ou em “psicanalista”) já produz gestos de interpretação que sugerem alguns processos de significação para certas regiões de sentido em detrimento de outras. Para além do jogo de relações de forças, há o de relações de sentidos – memória do dizer – que guiam a interpretação entre as muitas possibilidades de imaginário dos sujeitos (ideológico e historicamente atravessados).

Por isso, em relação aos discursos materializados por jornais de alta circulação como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, devemos ter em mente que, como explica Alves (2010, p.104), “os grandes meios de comunicação, portanto, principalmente a partir do trabalho

jornalístico, conseguiram o efeito de massificação necessário para se instituírem como espaços legitimados de produção de sentidos”. De certa forma, como os jornais selecionados para análise possuem legitimação nacional, seus redatores e entrevistados, bem como seus leitores, reconhecem a autoridade desses veículos. Em outras palavras, não se trata de um pequeno jornal local, o que, provavelmente, alteraria a relação com a projeção *imaginária* tanto dos leitores como dos entrevistados, colunistas e articulistas.

Neste sentido, para a AD, “o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem” e constitui-se a partir de relações de poder, no “confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições” (ORLANDI, 2005, p.42). Assim, a noção de “formação imaginária” (Pêcheux, 1990) tanto pode estar ligada à linguagem, como ao sujeito, que projeta em/para si e em/para o outro – sabendo que o outro é um interlocutor qualquer, independente de tratar-se de um único indivíduo, ou de um grupo de leitores de determinado jornal ou de instituições – posições-sujeito e identificações discursivas. Em outras palavras, “as projeções imaginárias são o jogo de antecipações que os interlocutores fazem uns dos outros, sobredeterminados tanto pelos lugares sociais quanto pelas posições discursivas” (ALVES, 2010, p. 103).

Assim, entre dois sujeitos cada um atribui “a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1990, p.82).

De maneira esquematizada, Osakabe (2002, p.53) explica o pensamento de Pêcheux, visando “colocar em evidência os protagonistas do discurso”, da seguinte forma:

$$A \xrightarrow[\text{R}]{\begin{matrix} \text{(E)} \\ \text{D} \end{matrix}} B,$$

Sendo assim representados:

A: o destinador;

B: o destinatário;

R: o referente;

(E): o código linguístico comum a A e a B;

D: a sequência verbal emitida por A em direção a B.

O esquema, embora baseado na teoria da informação, substitui a noção de *mensagem* pela de *discurso* e permite acrescentar a importância da imagem – projetada

mutuamente entre destinador e destinatário imaginariamente – que os interlocutores têm de si e do outro diante da produção de efeitos de sentidos, ou seja, do processo discursivo.

Assim, podemos esquematizar, conforme desenvolveu Pêcheux (1990) e aprofundou Osakabe (2002):

IA (A): Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em A

IA (B): Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em A

IB (B): Imagem do lugar de B pelo sujeito situado em B

IB (A): Imagem do lugar de A pelo sujeito situado em B

Ainda esquematicamente, para cada expressão corresponde uma projeção imaginária embasada em uma das “questões implícitas” que são: IA (A) - “Quem sou eu para lhe falar assim?”; IA (B) - “Quem é ele para eu lhe falar assim?”; IB (B) - “Quem sou eu para que ele me fale assim?”; IB (A) - “Quem é ele para que ele me fale assim?”.

Nesta pesquisa, consideraremos principalmente as formações imaginárias do tipo IA (A), que implicam na análise das projeções imaginárias de: a) os psicanalistas, sobre si mesmos enquanto intelectuais detentores de um saber, convocados a ocupar determinado “lugar” nos jornais; b) os psicanalistas, em seu questionamento sobre a posição-sujeito que ocupam tanto em relação aos leitores que projetam ter (B’) e, ainda que indiretamente (porque o jornal é projetado através da imagem que se faz de seus leitores), em relação aos jornais para os quais escreve(u) ou concede(u) entrevista (B’), conforme esquematizado a seguir:

IA (B’): imagem que o psicanalista projeta sobre o leitor

IA (B’): imagem que o psicanalista projeta sobre o jornal

Sendo B’ referente ao jornal, temos que IB (B) coloca a questão implícita “quem sou eu [o jornal] para que ele [o psicanalista] me fale assim?” e IB (A) “quem é ele [o psicanalista] para que me fale assim?”. Como nosso objetivo é compreender a imagem do psicanalista na imprensa, estas formas de projeções centradas às imagens dos jornais ou dos leitores não serão analisadas aqui.

Cabe-nos ressaltar que nosso interesse, nesta pesquisa, não é estabelecer formas determinadas ou determinantes de papéis sociais que os psicanalistas ocupam enquanto intelectuais na imprensa e nem, tampouco, discutir o “lugar do enunciador” – os *topoi* (DUCROT, 1989) que eles ocupam – pois não visamos discutir que “pontos de vista” expressam os enunciadores, por meio da enunciação.

Além disso, sabemos que o esquema de Pêcheux que adotamos já foi reelaborado, por exemplo, por Osakabe (2002), em que o autor acrescenta os pontos de vista sobre o referente, adicionando as perguntas implícitas “de que lhe falo eu?” e “de que ele me fala?”. Ao levantar tais indagações, “a pergunta fundamental não é mais localizável em A ou B, mas *sobre A e B*” (OSAKABE, 2002, p.55), de forma a desdobrar-se no questionamento sobre “o que A pretende falando dessa forma?”, o que foge às nossas intenções de trabalho. Consideramos, então, suficiente, para responder às nossas questões de pesquisa, a esquematização original, centrada nas projeções imaginárias dos sujeitos do discurso – reforçando que esta visão não deixa a desejar em relação à sua complexidade, uma vez que consideramos que estes sujeitos estão sempre interpelados pela ideologia e pela linguagem.

Na articulação dos sujeitos do conhecimento com os discursos sobre ciência, a partir do viés da projeção imaginária e do jogo ideológico, deve-se levar em conta um cenário mais amplo, afinal, toda produção de conhecimento¹³ está ligada a “condições materiais (ao mesmo tempo econômicas [...], ideológicas e políticas – relações de forças entre classes antagônicas e científicas) dessa produção sejam reunidas”, ao passo que essas condições só são possíveis na sua relação com a história (HENRY, 1992, p. 135). Isso ocorre porque o processo de produção, bem como de propagação do conhecimento, está necessariamente associado às formações ideológicas e estas, por sua vez, estão ligadas às

condições materiais historicamente específicas, com relação às quais o processo de produção do conhecimento tem uma autonomia *relativa*, pelo fato de manter com ela uma relação de constituição (nesse sentido as formações ideológicas em questão são um aspecto das condições necessárias para a produção de tais ou tais conhecimentos) e de contradição (na medida em que esse processo opera sobre essas formações como sobre uma matéria-prima que ele transforma) (HENRY, 1992, p. 143, grifo do autor).

Isso é importante de destacar na medida em que a concepção de uma verdade científica historicamente definida interfere na compreensão do sujeito da ciência e implica na “revisão da relação entre o ‘sujeito da ciência’ e o simples sujeito” (HENRY, 1992, 135).

Em relação à imagem do “sujeito do conhecimento” enquanto aquele que “detém um saber”, Payer (2006) desenvolveu um estudo discursivo aplicando a noção de projeção imaginária à escrita intelectual (por exemplo, em trabalhos acadêmicos), chamando a atenção para o

¹³ Sendo que, segundo Henry (1992, p. 143), a própria expressão “produção de conhecimento” já aponta para um discurso materialista sobre a ciência, por se tratar de uma escolha por utilizar “produção” e não outra palavra, como “criação”, por exemplo.

tipo de *vínculo* ou de *responsabilidade* que se estabelece entre o sujeito que está em uma posição (imaginária) de enunciar o verdadeiro e o real sócio-histórico em que a enunciação se inscreve, aí incluindo, conseqüentemente, o vínculo que se estabelece com o leitor/interlocutor (PAYER, 2006, p.61. Grifos da autora).

Se entendermos o psicanalista como intelectual, é possível imaginar que esse sujeito possa projetar para si a “responsabilidade” de ser fiel aos saberes psicanalíticos e de representar seus pares enquanto grupo de sujeitos que se expressam mostrando identificação com as mesmas matrizes de sentido. Por isso, espera-se encontrar nos textos de psicanalistas a materialização do “funcionamento discursivo de enunciados que produzem *efeitos de certeza*, que se constituem na linguagem de um sujeito ‘determinado e firme’” (PAYER, 2006, p.60), embasado em um saber – que se institui em relações de poder – reconhecido como “verdadeiro”. O problema é que, por outro lado,

quanto mais se apresentam formas determinativas no dizer; quanto mais se prendem os sentidos na constituição de um sujeito determinado, menos fissuras se encontram no dizer; mais se produz o efeito de delimitação e fechamento, de saturação dos sentidos e, portanto, de adesão do sujeito enunciativo àquilo que ele tem (enuncia) como verdade (PAYER, 2006, p.60).

Acrescenta-se ainda que Payer (2006) encontrou como resultado de pesquisa com textualidades de intelectuais acadêmicos algumas regularidades no modo enunciativo. A primeira, diz respeito ao modo de “denúncia”, bastante incisivo; o segundo, ainda que relacionado com o anterior, é mais sugestivo, utilizado como proposição, com o qual “se convida o interlocutor a um modo de relação com o saber que não é simplesmente de dependência em relação à verdade enunciada, mas de engajamento na própria formulação e constituição daquilo que se tem como verdade” (PAYER, 2006, p.61). Embora não tomemos como ponto de partida as duas formas enunciativas encontradas pela autora, a análise realizada nos dá base para refletir sobre os discursos propagados por intelectuais nas materialidades publicados pela imprensa, pois, assim como os intelectuais acadêmicos, os psicanalistas (se) estabelecem (em) relações de poder com os discursos acerca do conhecimento e da ciência.

De acordo com Orlandi (2001), os discursos de divulgação científica são aqueles que fazem seu “percurso na sociedade e na história, publicizando-se e fazendo circular o saber de maneira particular. Constituindo o sujeito capitalista como sujeito do conhecimento, sujeitos à ciência” (ORLANDI, 2001, p.149). Seguindo este viés, é possível dizer que vários são os sujeitos que propagam discursos de divulgação científica. Especificamos, porém, que no caso que abordamos nesta pesquisa, não levamos em conta o jornalista (figura

especializada em Jornalismo Científico), pois centramo-nos em textualidades de colunas escritas por psicanalistas e entrevistas fornecidas por estes à imprensa.

No entanto, interessam-nos os gestos de interpretação dos psicanalistas nos jornais e, por isso, discutiremos a noção de “divulgação científica”, ainda que sejam necessárias algumas ressalvas conceituais acerca da relação psicanálise-ciência. Além disso, devemos esclarecer que, por “divulgação”, entendemos os discursos que, nos jornais, expõem conhecimentos sobre determinado saber ou prática e que, para nós, os psicanalistas, enquanto sujeitos de um saber especializado, funcionam como propagadores ou divulgadores da psicanálise.

O caminho que a AD propõe para compreender o discurso científico passa pelo entendimento de que a presença do conhecimento na sociedade – bem como seus modos de circulação – depende das “tecnologias de linguagem” disponíveis. Dessa forma, não só se produz sentidos sobre o conhecimento científico, como também se produz “efeitos sobre a forma das práticas científicas no conjunto da sociedade e sua presença na história” (ORLANDI, 2001, p.149). Isso se torna visível tanto no nível da produção/formulação como no da circulação do discurso, ao considerarmos o papel da imprensa. Assim, o leitor de ciência, seja ele um especialista ou um leitor não-especializado, é “um sujeito que participa da constituição da sociedade urbana e que entra nesse processo, que é o da divulgação científica, que vem ocupar uma das formas de socialização/popularização (vulgarização?) do conhecimento” (ORLANDI, 2001, p.150).

É importante esclarecer que “o discurso de divulgação científica não é uma soma de discursos” (ORLANDI, 2001, p.151) nem, sobretudo, uma “tradução” do discurso científico para uma linguagem mais compreensível para o leitor não-especializado. Para a AD, uma tradução só pode ocorrer entre duas línguas e, no caso da divulgação científica, tanto o discurso de origem (científico) como o aquele com o qual dialoga (jornalístico) pertencem à mesma língua (são apenas discursos diferentes, na mesma língua), apesar de todos os efeitos de sentido específicos de cada um deles. Assim, “o discurso de divulgação científica é textualização jornalística do discurso científico” (ORLANDI, 2001, p.151). Não há, portanto, uma “tradução” do saber psicanalítico de Freud ou Lacan feita por psicanalistas nos textos publicados em jornais.

Ainda que não possamos tratar os discursos psicanalíticos como científicos, é possível compreendê-los como uma releitura da divulgação científica, uma vez que ambos abordam a circulação (ou a “vulgarização”) de conhecimento, ora sobre saúde mental, ora sobre o mal-estar social que acomete os sujeitos.

Orlandi (2001, p.152) chama a atenção para o efeito de “exterioridade” da ciência, quando “a ciência sai de si, de seu próprio meio, para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano dos sujeitos, ou seja, ela vai ser vista como afetando as coisas a saber no cotidiano da vida social”. A fim de compreender melhor a circulação dos discursos acerca do conhecimento, buscaremos estender a noção de efeito de “exterioridade” para os discursos de “saber psicanalítico”. Quando este se vê textualizado nos jornais – ainda que não se trate de divulgação científica, pois não aborda descobertas, mas sim modos de interpretação da sociedade através de um saber especializado – a psicanálise, assim como a ciência, “sai de si”, deixa de ocupar apenas um espaço “sacralizado” dos consultórios ou da reflexão clínico-acadêmica dos cartéis e seminários, para apresentar-se no cotidiano da sociedade.

Outra questão a ser discutida é que a todo discurso corresponde “o efeito-leitor que o institui e o caracteriza no modo mesmo em que ele se apresenta na circulação dos sentidos em uma formação social dada em sua história” (ORLANDI, 2001, p.151). Do ponto de vista da análise de discurso, ao produzir um texto, *o autor* realiza gestos de interpretação e constitui, ao mesmo tempo, os efeitos-leitor correspondentes. O que nos traz a necessidade de pensar na figura do autor, para a vertente teórica em que estamos inseridos.

Diante de um cenário marcado pelo movimento estruturalista, que defende o descentramento do sujeito, Michel Foucault – juntamente com outros filósofos da época – afirma a “morte do autor”, ou seja, que “o autor não existe”. Esta figura não seria um sujeito, mas deveria ser entendida como uma função que se exerce. Assim, “o termo *função* retira da figura do autor qualquer caráter intrínseco e a situa na relação com a exterioridade que a constrói, situa o autor na história” (LAGAZZY-RODRIGUES, 2006, p.91).

De fato, Foucault (1996, p.27) relembra que, em determinados momentos da história (sobretudo no século XVIII), a atribuição da autoria a determinado sujeito era o que atestava o caráter de “verdade” do que estava sendo dito, principalmente quando se tratava do discurso científico. No entanto, este filósofo é crítico à noção de individualidade e de identidade que se atribui ao “eu”, indivíduo autor. Dessa forma, o autor não é um “indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto”, mas um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1996, p.26).

Orlandi (2005, p.75) desloca a noção de autoria conforme discutida por Foucault, afirmando que “a própria unidade do texto é efeito discursivo que deriva do princípio de autoria” e, portanto, “um texto pode até não ter um autor específico, mas, pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele”.

A autoria é, assim, uma função discursiva que exige do sujeito que assume a função de autor buscar “mais plenamente eliminar a heterogeneidade enunciativa, o equívoco e as contradições, dando seu nome em garantia” (ALVES, 2010, p.96).

Por isso, aquele que assume a função de autoria preocupa-se com elementos como “coerência, respeito às normas estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade, relevância, [...] unidade, não-contradição”, entre outras coisas, como trabalhar a articulação entre interioridade e exterioridade – ou seja, ao mesmo tempo, reconhecer o que se espera dele na exterioridade e demarcar uma identidade como autor e, para isso, deve recorrer à interioridade (ORLANDI, 2005, p. 76).

Além disso,

não basta falar [ou escrever] para ser autor. A assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor. O sujeito precisa passar da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor, responsável pela unidade e coerência do que diz (ORLANDI, 2005, p.76).

Em nossa análise, levaremos em conta que os psicanalistas – no momento em que produzem dizeres em colunas ou em entrevistas para os jornais – assumem a função de autoria, pois se colocam na “origem do dizer” de algo imaginariamente “seu”, que acreditam ser original, relevante, coerente e, portanto, responsabilizam-se pelo que foi dito e nomeiam-se autores destas textualidades.

Além disso, na medida em que consideramos que os materiais textuais coletados dos jornais são formas de arquivo, temos que as textualidades que compõem nosso *corpus* constituem “uma matéria-prima essencial do trabalho histórico” e, constituir as textualidades publicadas na/pela imprensa “em termos de discurso implica não somente caracterizar as formas enunciativas, sintáticas ou retóricas que são as suas, mas implica igualmente inscrevê-las [em] longas séries de formulações, nesta memória discursiva” (COURTINE, 2013, p.56).

Conceitualmente, a memória discursiva pode ser entendida como “um espaço móvel de deslocamentos, disjunções, divisões, de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, de réplicas, polêmicas e contra discursos” (ORLANDI, 2012, p.64). Esta memória é “estruturada pelo esquecimento”, diferentemente da memória de arquivo, institucionalizada, que “apaga o esquecimento, organizando o discurso documental” (ORLANDI, 2004, p.125). Seguindo esta lógica, para que um sentido, dentre tantos possíveis, seja compreendido ele passa pelo “filtro de uma FD” e, então, “ele vai tomar um sentido e os demais serão ‘esquecidos’” (INDURSKY, 2011, p.100).

Com base na AD, consideramos, então, que os textos de colunas e entrevistas de psicanalistas, quando publicados nos jornais, não só constituem a memória do já-dito – que, segundo Orlandi (2007, p.87), corresponde ao “interdiscurso”, ou seja, ao “conjunto do dizível” histórica e simbolicamente definido –, se inserindo em determinadas FDs, como também produzem efeitos de (re)inserir a memória em uma atualidade.

Deste mesmo ponto de vista, pode-se dizer que “sob as palavras e os enunciados que, entretidos, produzem uma superfície textual, outras palavras e outros enunciados lhe subjazem. Ou seja, toda materialidade carrega em si um conjunto de traços discursivos que a conectam a já-ditos anteriores e exteriores a ela mesma” (INDURSKY, 2011, p.92).

Na análise que realizamos de enunciados, atentamo-nos, em um primeiro momento, às regularidades de sentido, pois “o discurso se faz *no regime de repetição*, e tal repetição se dá no interior de práticas discursivas que são de natureza social” (INDURSKY, 2011, p.93, grifo da autora). Além disso, capturar os sentidos *pré-construídos*, que remetem à memória do discurso, nos permite identificar as projeções imaginárias mais recorrentes, dentre as muitas possíveis.

Por outro lado, uma vez que há sempre “um jogo de força na memória” que se institui a partir não só da manutenção da “regularização pré-existente com os implícitos”, mas também, ao contrário, da “desregulação que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’” (PÊCHEUX, 1999, p.53), buscamos, na análise, reconhecer as rupturas de sentidos, a fim de refletir sobre as relações de poder que se dão no discurso.

Isso é perceptível, principalmente, na análise dos provérbios utilizados, pelos psicanalistas, nos títulos de suas colunas. Primeiro, porque “o sujeito do discurso, ao mobilizar um provérbio, identifica-se com seu saber, colocando-se na *posição de sujeito* que assume aquela verdade e a atualiza em seu discurso” (INDURSKY, 2011, p.94, grifo da autora); e, segundo, porque, uma vez que estes autores modificam os ditos populares ao retomá-los, eles perturbam, assim, a memória social cristalizada em torno de um saber “que é da ordem do todo o mundo sabe”. Das duas formas, os colunistas evidenciam o jogo de relações de poder que estão estabelecidas. Além disso, em relação à memória discursiva, ao modificar um dito popular “faz-se necessário que [a] memória se reorganize para poder acomodar este novo sentido que também passa a se inscrever no interdiscurso, podendo, pois, circular em práticas discursivas” (INDURSKY, 2011, p.102).

Outra etapa da análise, também relacionada à memória discursiva, leva-nos ao estudo que Guilhamou e Maldidier (1984) desenvolveram sobre a estrutura coordenada, a partir da recorrência do enunciado “Pão e X”, durante a Revolução Francesa. Os autores

empreenderam a análise do discurso revolucionário a partir de construções de frases como *Du pain et la liberté*, *Du pain et du fer*, e *Du pain et la constitution de 1793*, ou seja, há uma estrutura – e um sentido – que se constitui com a repetibilidade de *Du pain et X* (GUILHAMOU; MALDIDIER, 1984, p.98).

Embora não estejamos trabalhando com o discurso de revolução, este estudo nos sugere pensar em um tipo de repetição estabelecida a partir de uma “palavra-pivô” (assim como “o pão”), que permite a análise de uma estrutura. Trata-se do que chamaremos, analogamente ao estudo mencionado, de “Psicanálise e X”. Esta etapa da análise será breve e consistirá na observação discursiva de títulos que contenham tal estrutura, com o objetivo de compreender: a que elementos a psicanálise é associada pelos psicanalistas nos jornais; a que sentidos a articulação remete; e de que forma o entendimento destas construções sintáticas e semânticas pode contribuir para a compreensão da imagem dos psicanalistas na imprensa.

Descritos nossos “pontos de ataque”, ou seja, os elementos textuais para os quais nos atentaremos primordialmente na análise, passamos a uma observação sobre um dos tipos de textualidade que compõe nosso *corpus*. Trata-se das colunas do tipo “consultório sentimental”. Embora nossas questões, nesta pesquisa, estejam restritas ao entendimento de discursos que circulam nos jornais sobre os psicanalistas – não nos cabendo, portanto, avaliar esses discursos ou compará-los com as abordagens psicanalíticas clínicas –, é interessante comentar um estudo realizado por Bethania Mariani (2003), que teve como objetivo analisar colunas de “consultório sentimental”, publicadas por jornais, e comparar o que dizem estes textos com o que deveria ser dito dentro de um consultório psicanalítico.

A autora parte do pressuposto de que há uma relação historicamente construída, entre jornais e leitores, baseada na crença em uma pretensa responsabilidade jornalística e na veracidade dos relatos factuais e, dessa forma, do ponto de vista do leitor “já figuram nas páginas impressas pré-significados por uma relevância constituída pelo imaginário: se o jornal publicou é porque é importante ou só é importante o que aparece no jornal” (MARIANI, 2003, p.7). No entanto, paradoxalmente, esse imaginário seria contestado nas colunas de “consultório sentimental”.

Seria possível considerar, então, que essas colunas constituem uma brecha, uma rachadura, uma falha no ritual ideológico¹⁴ jornalístico de apresentação da “verdade” de fatos que falam por si, cujo suporte seria a língua entendida como instrumento de comunicação de informações. O que provoca a falha é a irrupção de uma

¹⁴ Em termos discursivos, a “falha” pode ser entendida como um a “fratura no ritual ideológico que resulta na produção de um acontecimento: na relação sujeito-língua-história, é a instauração de um lapso linguístico, de um equívoco histórico, é a presentificação, enfim, de um sentido não previsto que pode vir a produzir um deslocamento, uma reviravolta para o sujeito, para a história” (MARIANI, 2003, p.8).

subjetividade, de uma personalidade: a carta apresenta um problema pessoal, um sofrimento particular e singularizado. Assim, as colunas estariam fomentando duas fraturas nesse ritual: a irrupção de uma subjetividade, de uma personalidade [...] e, também, o acolhimento do discurso psicanalítico como lugar de respostas para os problemas apresentados (MARIANI, 2003, p.8).

A principal conclusão da análise realizada por Mariani foi que há uma “uniformização temática” nas colunas – marcada, por exemplo, pela forma como as cartas são semelhantes entre si – o que apaga as subjetividades, ao passo que produz uma “homogeneização das singularidades”. Desse modo,

a partir da leitura das cartas e das respostas dadas pelos colunistas, os leitores, missivistas ou não, imaginam identidades (“se eu estivesse onde você/ele/x se encontra, eu veria e pensaria o que você/ele/x vê e pensa”) que apagam as descontinuidades e o heterogêneo e produzem uma ilusão de consenso tanto no que se refere à questão relatada (todos temos o mesmo tipo de problemas) quanto ao tipo de solução proposta pelo colunista-psicanalista [todos poderíamos resolver da mesma forma]. O individual, dessa forma, serve como modelo de subjetividade coletiva além de funcionar como suporte para a normatização moral das relações sociais (MARIANI, 2003, p.10).

Esta pesquisa forneceu material para pensarmos discursivamente as colunas de “consultório sentimental” publicadas por *O Globo*, além de permitir-nos compreender, do ponto de vista da psicanálise, como a imprensa é vista ao fazer circular discursos sobre este saber. No entanto, esclarecemos mais uma vez que este não é o viés abordado neste trabalho e que nossa análise apenas tangencia o campo da teoria psicanalítica (por meio dos discursos) sem adentrá-lo.

É preciso explicar ainda que, para efeito de indexação, no capítulo seguinte, chamaremos os segmentos textuais de PXS_Y, em que “P” se refere às Projeções Imaginárias, exemplificadas pelos Segmentos ou Sequências textuais (S), ao passo que X corresponde ao número que daremos para cada tipo de projeção imaginária na sequência, e Y ao número do segmento, ambos seguindo a ordem de aparição no texto. Dessa forma, será possível retomar alguma sequência textual sem que seja preciso reescrever todo o texto recortado.

3.3 PSICANALISTAS EM JORNAIS: PRELIMINARES DA ANÁLISE

Nesta seção, apresentaremos, primeiramente, uma breve descrição das etapas que antecederam a análise, narrando as escolhas que tomamos ao longo do percurso de definição e aproximação com nosso objeto empírico.

3.3.1 Percurso da pesquisa

A primeira proposta para esta pesquisa consistiu na análise de revistas de informação que dispunham de acervo digitalizado (*Veja e IstoÉ*), por estas oferecerem um número de publicações que nos permitiria analisar a totalidade (ou quase) de textualidades sobre psicanalistas. No entanto, uma observação dos jornais nos levou a perceber uma diversidade temática e discursiva mais apropriada para responder à nossa questão.

Inicialmente, então, propusemo-nos a realizar a coleta de textos de quatro veículos: *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Estado de São Paulo*. Dessa forma, teríamos acesso aos principais discursos que circulam não só em âmbito nacional, como também aqueles mais próprios nos dois Estados do sudeste brasileiro que possuem maior concentração de psicanalistas. Principalmente o número excessivo de publicações inviabilizou esta proposta.

Houve também dificuldades em definir os tipos de texto que seriam submetidos à análise. A ideia inicial era observar os discursos materializados em textos de vários gêneros – de reportagens a editoriais, passando por notícias e, possivelmente, charges que mencionassem a palavra “psicanalista”. Dessa forma, teríamos acesso a dizeres dos jornais sobre os “sujeitos do saber psicanalítico”, mas obteríamos resultados mais limitados de psicanalistas sobre eles mesmos. Mais uma vez, foi a necessidade de um recorte maior que nos encaminhou para a opção por publicações de colunistas, articulistas e entrevistas, uma vez que estes correspondem a textos em que a voz do psicanalista é mais direta e mais isenta de edições – ao menos se comparadas a reportagens e notícias que possam convocar psicanalistas na posição de fontes.

Uma explicação quanto aos gêneros textuais analisados é necessária. Ao dizermos “coluna” referimo-nos à “seção especializada do jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida com estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” (MARQUES DE MELO, 2003, p.139). Em nossa pesquisa, levamos em conta colunas e artigos assinados por psicanalistas e a “Vida Íntima”, de Pedro Salas (pseudônimo do psicanalista Paulo Sternick).

Encontramos uma dificuldade em diferenciar conceitualmente os termos “colunista” e “articulista”, já que parte dos manuais de redação de jornais, embora não os trate como sinônimos, não explica a distinção entre eles. Segundo um dicionário online de língua

portuguesa¹⁵, articulista é “a pessoa que escreve artigos em jornais ou revistas”; e colunista significa “comentarista, cronista ou crítico de literatura, artes plásticas, política etc., que mantém uma seção num periódico”. A partir destas conceituações, é possível extrair a compreensão de que “colunista” é aquele que escreve periodicamente – “mantém uma seção” – e um articulista escreve apenas eventualmente. Optamos, portanto, por levar à análise textos tanto de colunistas como de articulistas da *Folha de S. Paulo* e de *O Globo*. Por vezes, não faremos distinção entre “coluna” e “artigo”, considerando todos os textos cujo autor seja indicado como “psicanalista”. Quanto às entrevistas, consideramos todas aquelas que publicam as perguntas seguidas das respostas dos psicanalistas, com ou sem foto e independente do tamanho.

A fase da coleta se deu em duas etapas: na primeira, realizamos a busca através do mecanismo próprio dos acervos digitais dos dois jornais¹⁶, encontrando, ao todo, 8.045 resultados (4.376 de *O Globo* e 3.669 de *Folha de S. Paulo*) ao longo do período de 1980 a 1998. Na segunda etapa, abrimos manualmente página a página, a fim de identificar quais traziam colunas (fixas ou não, com textos de articulistas convidados) e entrevistas com psicanalistas.

Esclarecemos que tentamos chegar o mais próximo possível da totalidade de colunas e de entrevistas, reconhecendo, porém, uma limitação, já que os tipos de textos selecionados nem sempre seguem um padrão de formatação ou de apresentação que facilite a rápida identificação. Porém, devido ao volume de matérias com que trabalhamos, acreditamos ser irrelevante o número de textos que possa, por acaso, ter sido negligenciado na segunda etapa da busca.

3.3.2 Uma observação da totalidade de publicações de/sobre psicanalistas

A fim de termos uma visão mais geral de todo o material publicado com menção a psicanalistas, em *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, estendemos a busca às décadas anteriores, desde 1940, e à posterior, 2000, nos dois jornais, para todos os gêneros de texto. Com isso, percebemos que, em *O Globo*, o crescimento do número de matérias com a palavra “psicanalista” por década foi progressivo – começando com 41 em 1940, dando um salto para 242 em 1950 e para 489 em 1960. Em 1970, o aumento foi ainda mais considerável, passando a 1.326. Seguiu, então, com 1.841 em 1980, dando um novo salto, em 1990, para 2.917 e, por fim, a última década completa que é possível verificar, a de 2000, chega a 3.145.

¹⁵ Disponível em <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

¹⁶ *Folha de S. Paulo*: <http://acervo.folha.uol.com.br>; *O Globo*: <http://acervo.oglobo.globo.com>.

A *Folha de S. Paulo*, por sua vez, apresentou, também, um aumento no número de publicações ao longo do mesmo período, no entanto, este crescimento não foi contínuo. O número de matérias por década subiu de 62, em 1940, para 218, em 1950. Na sequência temporal, cresceu novamente, em 1960, para 272 matérias e, em 1970, para 774. O maior salto foi entre as décadas de 1970 para 1980, ano em que foram notificados 2.065 resultados – ou seja, psicanalistas foram mencionados, pelo jornal, 1.291 vezes mais do que na década anterior. No entanto, há uma pequena queda na década de 1990, que indica 1.813 páginas. A quantidade de vezes em que o jornal utiliza a palavra “psicanalista” ou seu plural volta a crescer em 2000, com 2.380 resultados indicados na busca. (Vide **gráfico 1**, em anexo).

Ao comparar os dois jornais, percebemos que *O Globo* teve mais publicações do que a *Folha de S. Paulo* nas décadas de 1950, 1960, 1970, 1990 e 2000. Em outras palavras, com exceção de 1940 e de 1980, o primeiro acionou mais vezes a figura do psicanalista. Uma análise puramente quantitativa poderia indicar que *O Globo* teria dado mais voz a estes especialistas do que a *Folha de S. Paulo*. Estes dados nos apontaram a necessidade de observar mais detalhadamente, ano a ano, as publicações. Para isso, focaremos no período de 1980 a 1998, anos que correspondem aos selecionados para esta pesquisa.

Ao longo dos 19 anos analisados, o número de publicações oscilou de forma diferente em cada jornal. *O Globo* começa o ano de 1980 com 133, aumenta em 1981 para 161, declina em 1982, marcando seu valor mais baixo no período (116) e, depois, se mantém em ascensão até 1986. Em 1987 cai, chegando a 179, mas, então, começa a ascender de forma mais intensa, em 1988 e 1989. Deste último ano a 1990 mantém em 335 páginas anuais e, em seguida, volta a crescer, atingindo seu máximo absoluto em 1991, com 415. Em 1992, despenca para 188. Retoma, então, o crescimento lentamente até 1994 e em 1995 tem o segundo pico, com 354 textos. No ano seguinte volta a cair e se mantém relativamente constante até 1998. (Estas informações podem ser vistas no **gráfico 2**, em anexo).

A *Folha de S. Paulo* inicia, em 1980, já em seu máximo absoluto (523 páginas), do período analisado. Até 1982, o número de publicações por ano declina radicalmente. A partir de então oscila bastante, mantendo-se, até 1989, na faixa entre 100 e 200 textos anuais. Em 1990, atinge 215 e, em 1992 tem um dos vales absolutos (o outro é em 1984), com apenas 126 matérias. Este número aumenta, novamente, em 1993, mas só alcança o segundo pico em 1995, com 226 páginas. Chama-nos a atenção, portanto, que a quantidade máxima de vezes em que um psicanalista é mencionado em um jornal não corresponde ao pico do outro.

A dúvida levantada é se um dos principais motivos de haver tanta diferença entre os dois veículos analisados deve-se à divulgação intensa – pois tanto *O Globo* (com 415)

quanto a *Folha de S. Paulo* (com 523) apresentam, em média, mais de uma publicação por dia nos anos de suas máximas – da peça teatral “Tem um psicanalista na nossa cama”. A fim de saber se é esta a razão, verificamos as editorias e cadernos em que psicanalistas são mais comumente convocados, a fim de verificar se houve aumento de publicações em Cultura (em *O Globo*) ou Ilustrada (na *Folha de S. Paulo*).

De acordo com as indicações de editorias de cada um dos jornais, e considerando que o site do acervo *Folha de S. Paulo* nem sempre indica corretamente a seção em que o texto foi publicado, podemos perceber que há variações nas editorias que mais publicam a palavra “psicanalista”.

É importante destacar que ambos os jornais trazem os resultados em “páginas” que mencionam psicanalistas, o que significa dizer que, se houver em uma mesma página mais de uma matéria indicando este especialista, será contabilizado pelo sistema de buscas como apenas um resultado. A seguir, apresentamos algumas especificidades de cada um dos jornais.

3.3.2.1 Coleta na Folha de S. Paulo

Em *Folha de S. Paulo* foi utilizado um filtro para a pesquisa. Assinalamos no site a opção “com pelo menos uma das palavras”, e restringimos a busca a matérias que contivessem os sintagmas “psicanalista” ou “psicanalistas”. Buscamos também pelo plural a fim de detectar publicações realizadas em coautoria.

Há uma peculiaridade na *Folha de S. Paulo* quanto à catalogação de editorias. A observação possibilitou-nos perceber que as temáticas das matérias coletadas nem sempre correspondem ao caderno ou à editoria apontada pelo mecanismo automático de busca. Além disso, o site não obedece a um padrão de catalogação das seções (por exemplo, matérias de “Folhetim” são, eventualmente, apresentadas como pertencentes ao “Quarto Caderno”). Também devemos levar em conta que, por abranger um longo período, algumas seções mudaram de nome (serve-nos de exemplo a seção “Televisão” que, a partir de 1992, passou a intitular-se “TV Folha”), foram criadas (como é o caso de “Folhateen”) ou mesmo deixaram de existir entre 1980 e 1998 (por exemplo, “Mulher”, “Folha Feminina” e “Cidades”).

Em “Primeiro Caderno” encontram-se matérias de temas como política, economia, finanças, educação, mundo, dentre outros que, às vezes são indicados como editorias, mas, em outras, são mostrados apenas como contidos no Caderno.

Isso indica que a divisão de matérias por editoria, neste jornal, pode não indicar com precisão os temas abordados. É para sanar este problema que traremos, no próximo capítulo, junto à análise do macrotexto, uma apresentação das principais temáticas de colunas de/entrevistas com psicanalistas.

Diferentemente de *O Globo*, o acervo da *Folha de S. Paulo* assinala as páginas de classificados (“Classifolha”) que, apesar de resultar em 43 páginas, nem todas as matérias indicadas correspondem à seção. Além disso, a busca neste jornal não mostra matérias de Primeira Página ou Capa.

Ainda que haja esta dificuldade na catalogação das editorias, é possível perceber as variações relativas entre as seções, devido ao grande número de publicações. (Os dados podem ser verificados no **gráfico 4**, em anexo, no qual observamos o número de páginas por editorias a partir de 1974, para que fosse possível comparar com *O Globo*).

É visível que as oscilações na quantidade de páginas a cada ano são menos intensas do que em *O Globo*. Assim, há apenas um pico de maior relevância, em 1980, em que se destaca em Ilustrada (com 366 páginas) e Primeiro Caderno (com 144).

Poucas foram as editorias que contiveram publicações ao longo de todo o período analisado. Destacaram-se, por quantidade: a Ilustrada, com 1.283; e o Primeiro Caderno, com 838. Estas foram as únicas seções que não tiveram nenhum ano sem que alguma matéria mencionasse “psicanalista” ou “psicanalistas”.

As outras editorias ou foram “interrompidas” em algum momento, ou corresponderam a apenas um curto período de tempo. Assim, detalhamos que: entre 1988 e 1991 houve publicações em Cidades, totalizando 108 resultados; entre 1982 e 1985, a busca indicou 25 páginas em Folha Feminina e Mulher; entre 1980 e 1983, em Local/Educação, foram identificadas 19 páginas; a partir de 1988, Televisão e TV Folha tiveram 33 indicações de páginas; até 1989, Folhetim mencionou “psicanalista” 175 vezes; a partir de 1991, Folhateen teve 17 resultados; Negócios, 18 páginas, ambos a partir de 1988; Folha D/Revista D/Revista da Folha, contando desde 1989, apresentou 87 resultados; de 1991 a 1995, Cotidiano teve 83 páginas; desde 1992, Mais! trouxe à tona 200 páginas com a palavra “psicanalista”; Acontece, desde 1993, 37 resultados; Guia da Folha, 8 páginas, apenas nos dois últimos anos da coleta. Das editorias que existem também em *O Globo*, Ciência trouxe apenas seis resultados (dois em 1990 e quatro em 1991); Esportes somou 26 páginas e Economia, 12.

Ressaltamos que, a partir de 1990, as Regionais apresentaram 406 páginas, sendo elas referentes às seguintes regiões: Folha Nordeste; Folha Vale; Folha Vale do Paraíba; Folha Sudeste; Folha Norte; Folha ABCD; Folha São Paulo; Folha Ribeirão; Folha Campinas.

3.3.2.2 *Coleta em O Globo*

Para realizar a busca em *O Globo*, utilizamos o filtro “qualquer uma dessas palavras”, no qual indicamos as possibilidades: “psicanalista; psicanalistas”, uma vez que o mecanismo de busca distingue as formas de plural e singular. Destacamos que, para ter acesso ao acervo deste jornal é necessário possuir uma conta.

Do total de páginas encontradas na busca, não estão inclusas as de classificados, pois estas não são disponibilizadas no acervo digital. Além disso, as páginas dos dias 07 de junho de 1981, 14 de junho de 1981 e 09 de janeiro de 1986 foram desconsideradas porque, apesar de identificadas pela busca, não estão disponíveis no site. Como são apenas três páginas em 4.758 de *O Globo*, acreditamos que a falta delas não vá influir consideravelmente nos resultados.

Na busca, foram encontrados não só textos jornalísticos que continham o léxico “psicanalista”, como também informes publicitários que ou anunciam “a psicanálise ao alcance da comunidade” (16/07/1987) ou apresentam um empreendimento imobiliário “para neuróticos urbanos” (17/05/1981). Estes casos não foram considerados para a análise, por não se tratarem de entrevistas, colunas ou artigos de psicanalistas.

Também foram desconsideradas da análise as numerosas páginas que continham apenas anúncio ou sinopse (em “Rio Show”, Segundo Caderno) da peça teatral “Tem um psicanalista na nossa cama”. A peça de João Bethencourt estreou em 1979 e foi encenada por muitos anos, tendo sido divulgada por *O Globo* quase que diariamente em 1989, para o público carioca.

O mecanismo de busca do acervo digital de *O Globo* já identifica, a partir do ano de 1974, as editorias do jornal: Ciência, Cultura, Economia, Esportes, Mundo, País, Rio, Opinião, Primeira Página. É importante notar que não houve mudança significativa no nome das seções, entre 1980 e 1998. Entre todas as editorias, ao longo do período observado, os “psicanalistas” foram mais mencionados em Cultura, com 1.969 páginas. Em segundo lugar, com 1.419, ficou a editoria intitulada Rio, muitas vezes com notas de divulgação de seminários, encontros e debates sobre psicanálise. Com menos referências, os psicanalistas apareceram 614 vezes em Ciência e 176 em País, 82 em Mundo, 53 em Economia, 51 em

Opinião e 32 em Esportes. Em Primeira Página, o resultado indicou 42 páginas. (Vide **gráfico 3**, em anexo). O gráfico 3 mostra-nos que os três momentos com maior número de publicação correspondem, em ordem decrescente, a: Rio, em 1991, com 244 páginas; Cultura, 1995, com 216; e, Cultura, 1989, com 188 resultados. Também podemos ver que as publicações em Ciência apresentaram um crescimento constante a partir de 1994.

3.3.3 Psicanalistas em colunas e entrevistas (1980-1998)

Nesta seção, faremos as primeiras aproximações com os textos de colunas e entrevistas. Foram coletados, ao todo, 474 textos, somando 237 colunas¹⁷ da *Folha de S. Paulo*, 163 colunas de *O Globo*, 40 entrevistas publicadas no primeiro jornal e 34 no segundo.

Observamos que, na *Folha de S. Paulo*, 34 das 237 colunas correspondem a comentários sobre livros (ora de psicanálise ou outros saberes, ora de romances ficcionais). Em *O Globo*, por sua vez, 25 das 163 colunas abordam livros e há uma peculiaridade neste jornal que é a publicação de colunas do tipo “consultório sentimental” (87 das 163 colunas), com correspondências a dois psicanalistas – Pedro Salas, de 1980 a 1987, com 48 textos e Alberto Goldin, em 1998, com 39. Importante destacar que até 1987 praticamente todas as colunas de psicanalista corresponderam à “Vida Secreta” de Pedro Salas, tendo uma única exceção, em 1995, com um texto de Wilson Chebabi no Segundo Caderno.

Uma observação sobre quem foi Pedro Salas é necessária, uma vez que ele se diferencia dos demais colunistas selecionados para a análise. Este nome é, na verdade, um pseudônimo adotado pelo psicanalista Paulo Sternick para assinar a coluna “A Vida Secreta”, na qual ele responde a cartas de leitores e leitoras sobre problemas existenciais e conjugais. A grande quantidade de publicações de “Vida Secreta”, juntamente com o fato de que a palavra “psicanalista” é recorrente no corpo do texto quando o autor faz referência a si mesmo ou a seus colegas de atuação clínica, levou-nos a incluir os textos de Pedro Salas no *corpus* da pesquisa, ainda que ele não se identifique como psicanalista na assinatura de sua coluna. Tomamos este caso como exceção. Em geral, desconsideramos da busca textos em que psicanalistas não assinem nem como psicanalista nem como analista (embora este último não estivesse na busca, foi possível identificá-lo em colunas que mencionavam, no corpo do texto, a palavra “psicanalista”). Não levaremos à análise todas as colunas de “Vida Secreta”, mas apenas aquelas indicadas na busca, ou seja, as que trazem a palavra “psicanalista”, no plural ou no singular.

¹⁷ Sempre que mencionarmos textos de “colunas”, diremos respeito a “colunas” ou “artigos” assinados por psicanalistas.

A seguir, apresentaremos, de forma comparada, quantas foram as colunas e as entrevistas com psicanalistas em *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, ano a ano (conforme mostram os **gráficos 5 e 6**, anexo H, e também o quadro do anexo C). Depois, indicaremos quais os nomes de psicanalistas foram mais recorrentes em cada jornal (anexo D).

Com relação às colunas, é possível notar que, em ambos os jornais analisados, a quantidade de textos assinados por psicanalistas oscila bastante entre os anos de 1980 e 1998. No caso de *O Globo*, o ponto mais notável na quantidade de publicações assinadas por psicanalistas corresponde ao pico de 1998, com a coluna semanal, assinada por Alberto Goldin (passando de 17 a 50 textos, de 1997 a 1998). Na *Folha de S. Paulo*, não há, no período analisado, nenhuma coluna do tipo “consultório sentimental”. Há, no entanto, alguns momentos de maior número de colunas assinadas por psicanalistas – o primeiro, em 1983 (com 24 textos); o segundo, em 1996 (com 25 textos). Apesar de os índices quantitativos apontarem esses períodos, não existe nenhum motivo evidente para tais aumentos na quantidade de psicanalistas convocados, uma vez que não há, como em *O Globo*, a inauguração de uma nova coluna fixa neste momento.

Quanto às entrevistas, em *O Globo* elas praticamente se concentram na década de 1990 (apenas quatro em 30 foram realizadas entre 1980 e 1989) e há um pico em 1993, com o máximo, entre os dois jornais, de sete entrevistas no ano. O segundo momento com maior número de psicanalistas entrevistados é o ano de 1998, no mesmo jornal, com seis entrevistas. A *Folha de S. Paulo* traz este tipo de textualidade de maneira mais uniformemente distribuída do que *O Globo*, apresentando um máximo de cinco entrevistas ao ano (em 1986, 1988, 1992, 1993 e 1995).

Sabemos que, por vezes, o mecanismo de busca da *Folha de S. Paulo* não tenha identificado a assinatura, devido à ilegibilidade – seja consequência do tamanho da letra, seja porque a página foi danificada com o tempo. No entanto, devido ao extenso número de textos coletados, acreditamos que o levantamento e a categorização correspondem a uma quase totalidade, de forma significativa para a pesquisa. Em *O Globo*, não houve essa dificuldade do sistema em “ler” o termo “psicanalista”. O mecanismo de busca parece reconhecer, ainda que em menor resolução, as palavras menores.

3.3.3.1 Psicanalistas na Folha de S. Paulo

São, ao todo, 61 psicanalistas colunistas ou articulistas da *Folha de S. Paulo*, ao longo do período de 1980 a 1998, sendo que oito destes textos são escritos em coautoria (dois

ou três autores). Antes de detalhar quem são os nomes mais recorrentes, voltamos a afirmar que partimos do pressuposto de que os colunistas “falam de um lugar de autoridade – são doutores, seus títulos aparecem junto com seus nomes – estabelecido com o auxílio do próprio jornal e, dessa forma, a eles é atribuído uma competência e um poder de dizer *a verdade*” (MARIANI, 2003, p.9, grifo nosso).

Passemos, então, à enumeração desses sujeitos. Na *Folha de S. Paulo*, quatro psicanalistas assinaram mais de 20 colunas: Hélio Pellegrino (autor de 27 textos, de 1981 até 1985, três anos antes de seu falecimento); Betty Milan (autora de 24, sendo 20 deles na década de 1980 e quatro na de 1990); Contardo Calligaris (com 22, tendo assinado a primeira publicação em 1993) e Miriam Schnaiderman (com 21, com publicações distribuídas entre 1983 e 1998).

Outros quatro tiveram, no mesmo período, entre 10 e 20 colunas: Marta Suplicy (com 15 textos, publicados entre 1991 e 1997, tendo o maior número de colunas em 1994, ano em que se candidatou a deputada federal pelo PT-SP); Jurandir Freire Costa (tendo assinado 14 colunas, sendo a primeira em 1989 e as outras 13 entre 1992 e 1997); Renato Mezan (também com 14 textos, distribuídos entre 1983 e 1998); e Maria Rita Kehl (com 13, publicados entre 1985 e 1998, sendo que de forma mais intensa nos três últimos anos).

Além destes, outros oito psicanalistas tiveram três ou mais textos assinados no jornal: Chaim Samuel Katz (com oito colunas distribuídas entre 1981 e 1995); Fábio Hermann (tendo assinado seis textos, todos na década de 1980, de 1981 a 1986); Oscar Cesarotto (com cinco, entre 1984 e 1988); Marilene Carone (com cinco, sendo que o último foi em 1987); Suely Rolnik (também com cinco, entre 1986 e 1997); Rubem Alves (com quatro colunas, na segunda metade da década de 1990); Márcio Peter de Souza Leite (três colunas, entre 1984 e 1985, sendo todas em coautoria); e Marina Massi (também com três, sendo um de 1988, um em 1994 e outro em 1996).

Dez psicanalistas – Celi Denise Cavallari; Daisy Wajnberg; Durval Checchinato; Félix Guattari; Gregório Baremlitt; Jorge Forbes; Luiz Tenório Oliveira Lima; Márcio V. Pinheiro; Regina Chnaiderman; Sérgio Telles – tiveram duas colunas assinadas ao longo do período do levantamento e outros 29 (os quais não citaremos cada um dos nomes devido à numerosidade) possuem apenas uma publicação.

Além disso, escreveram em coautoria os/as psicanalistas Cecília Montag Hirschzon e Melany S. Copit (1982); Oscar Cesarotto e Márcio Peter de Souza Leite (1984 e 1985); Geraldino Alves Ferreira Neto; Márcio Peter de Souza Leite; Oscar Cesarotto (1985); Néstor Perlongher e Suely Rolnik (1988); Luiz Fernando Silva Pedroso e Celi Denise Cavallari

(1992); Marta Suplicy e Rose Marie Muraro (1994); Contardo Calligaris e Eliana Calligaris (1995); e, por fim, Ana Raddi Uchôa e Miriam Chnaiderman (1996).

Os demais psicanalistas que tiveram apenas uma coluna na *Folha de S. Paulo* não serão citados aqui devido à numerosidade (totalizam 35), mas seus nomes e ano da publicação podem ser consultados no anexo D - “Quadro de nomes de psicanalistas”.

Quanto às entrevistas, foram identificados, na *Folha de S. Paulo*, 29 psicanalistas na posição de entrevistados. A grande maioria aparece neste tipo de texto apenas uma vez durante o período de 1980 a 1998, com exceção de cinco nomes: Renato Mezan, que foi entrevistado cinco vezes (duas na década de 1980 e o restante no início de 1990); Félix Guattari e Jacques-Alain Miller, que tiveram suas respostas traduzidas e publicadas três vezes (todas na década de 1980); Jurandir Freire Costa, também três vezes entrevistado (todas na década de 1990); e Jean Laplanche, assim como os demais psicanalistas franceses, teve seus dizeres traduzidos para o português, duas vezes (em 1988 e 1992).

Chama-nos a atenção, portanto, que dentre os nomes mais recorrentes nas entrevistas, encontram-se os psicanalistas intelectuais franceses – como Marie-Claire Boons, Pierre Fédida, Joseph Attié, Jean Clavreul, Elizabeth Roudinesco. Há também autores de outras nacionalidades, como Bélgica (Lydia Flem), Argentina (Emilio Rodrigué), Alemanha (Conrad Stein), Estados Unidos (Donald Spence). Além desses, o jornal apresenta textos do grego naturalizado francês, Cornelius Castoriadis, e Contardo Calligaris, de origem italiana, que se mudou para o Brasil.

3.3.3.2 *Psicanalistas em O Globo*

Em *O Globo*, foram identificados 42 colunistas e/ou articulistas. Conforme já mencionado anteriormente, predominam as colunas de Pedro Salas (48 textos, de 1980 a 1987) e Alberto Goldin (39 colunas, todas em 1998). Em seguida, com maior número de textos está Walderman Zusman (com oito, entre 1996 e 1997); Marta Suplicy (com seis, sendo cinco deles em 1995 e 1996 e um em 1991) e Moisés Tractenberg, com cinco (de 1996 a 1998).

Com quatro textos há Clara Góes, sendo que três deles são comentários sobre livros (de 1993 a 1995); Beatriz Fonseca, todos sobre livros (de 1993 a 1994); e Sheiva Cherman (de 1994 a 1998). Com três artigos assinados, há Joel Birman, sendo que uma discute um livro (de 1997 e 1998); Octavio Souza, com dois textos sobre livros (de 1990 a 1996); e Jurandir Freire Costa (de 1993 a 1996).

Com dois, há Antônio Quinet (1991 e 1997); Carlos Roberto Saba (ambos em 1997); Dora Gurfinkel Haratz (ambos em 1998); Ivanise Fontes (1993 e 1997). Os outros 28 psicanalistas, que tiveram apenas um texto publicado, estão identificados no anexo D-II. Há, em *O Globo*, apenas uma coluna assinada em coautoria, de Plínio Leite dos Santos Júnior e Maria Eliza Pereira Nunes Maciel (1997).

Quanto aos psicanalistas entrevistados pelo jornal, temos um total de 32 nomes. Dentre estes, destacam-se Alberto Goldin, que concedeu a *O Globo* três entrevistas, ao longo do período analisado, nos anos de 1991, 1995 e 1998; Jurandir Freire Costa e Luiz Alfredo Garcia Roza, que foram entrevistados duas vezes cada um (o primeiro em 1993 e 1998 e, o segundo, em 1993 e 1995).

Assim como a *Folha de S. Paulo*, *O Globo* apresentou, entre os psicanalistas entrevistados, muitos nomes estrangeiros, de várias nacionalidades – Alberto Goldin, Emilio Rodrigué, Eduardo Kalina e Juan Carlos Kusnetzoff (argentina); Alessandra Piontelli (italiana); Catherine Millot, Elisabeth Roudinesco, Félix Guattari, Gérard Pommier, Jacques-Alain Miller, Jean Laplanche e Paul-Laurent Assoun (francesa); Julia Kristeva (búlgaro-francesa); Michael Kaufman (estadunidense); Rosine Josef Perelberg (britânica); e Serge André (belga).

O Globo apresentou uma particularidade, que é a entrevista com mais de um psicanalista, no mesmo texto. Isso ocorreu em dois momentos: o primeiro, com Hélio Pellegrino e José Nazar (1983) e Isaac José Nigri; e o segundo com Isidoro Eduardo Americano do Brasil (1990).

3.3.3.3 Psicanalistas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*: uma comparação

São notáveis, a partir das observações anteriores, duas principais diferenças entre os nomes de psicanalistas que assinam colunas nos dois jornais. A primeira refere-se à diferença na quantidade de nomes recorrentes – seja em colunas fixas, seja em textos de articulistas convidados – nos dois jornais. A *Folha de S. Paulo* apresentou maior número de psicanalistas (61) em relação a *O Globo* (42) e neste último há uma concentração de textos assinados pelos psicanalistas das colunas de consultório sentimental. Enquanto em *O Globo*, de todos os nomes identificados, apenas dois tiveram mais de dez textos publicados, a *Folha de S. Paulo* trouxe oito psicanalistas com dez ou mais colunas. Além disso, embora neste último alguns nomes se destaquem mais do que outros, não houve nenhum que despontasse

de forma tão diferenciada, como ocorre, por exemplo, com Pedro Salas (com quase cinquenta textos).

A segunda diferença que identificamos está relacionada à concentração ou distribuição dos nomes ao longo do tempo. Em *O Globo*, os psicanalistas que têm mais colunas – entre 1980 e 1998 – estão concentrados em determinados períodos: por exemplo, Pedro Salas assina textos de 1980 a 1987, sem falhar nenhum ano e Alberto Goldin tem todos seus textos concentrados em 1998. Na *Folha de S. Paulo*, diferentemente, Betty Milan tem seu primeiro texto publicado em 1980 e o último em 1996; também Miriam Chnaiderman tem suas colunas distribuídas no tempo, tendo escrito praticamente todos os anos, ao longo do período analisado. Hélio Pellegrino, no entanto, é uma exceção, pois seus 27 textos estão concentrados em apenas quatro anos, 1981 a 1985, sendo que 12 deles foram publicados em 1983.

Importante notar que alguns nomes são comuns aos dois jornais analisados, ainda que com frequência de publicações distinta. É o caso, por exemplo, de psicanalistas como Antônio Quinet, Chaim Samuel Katz, Octávio Souza, Jurandir Freire Costa, que estão presentes tanto na *Folha de S. Paulo* quanto em *O Globo*. Sobre esta questão, destacamos alguns casos que chamaram nossa atenção: Marta Suplicy foi a única psicanalista identificada no levantamento de nomes mais recorrentes nos dois jornais (15 textos na *Folha de S. Paulo* e seis em *O Globo*); Hélio Pellegrino, Betty Milan e Miriam Chnaiderman, embora tenham aparecido entre os mais frequentes na *Folha de S. Paulo*, tiveram apenas um texto assinado em *O Globo*; Benilton Bezerra Júnior e Elisabeth Roudinesco tiveram apenas uma coluna em cada um dos jornais, durante o período analisado.

Nas entrevistas, vários são os psicanalistas que se encontram em ambos os jornais – a saber, Eduardo Mascarenhas, Élisabeth Roudinesco, Emilio Rodrigué, Félix Guattari, Francisco Daudt da Veiga, Hélio Pellegrino, Jacques-Alain Miller, Jean Laplanche e Jurandir Freire Costa.

Alguns nomes – como Isidoro Americano do Brasil, Eduardo Kalina, Alberto Goldin, Contardo Calligaris, Fábio Hermann, Félix Guattari, Hélio Pellegrino, Jurandir Freire Costa – estão presentes tanto em colunas como em entrevistas, entre os anos de 1980 e 1998.

4. DISCURSOS DE/SOBRE PSICANALISTAS NA IMPRENSA

Neste capítulo, desenvolveremos a análise do material coletado dos jornais, seguindo os conceitos da Análise de Discurso – projeções imaginárias, formações discursivas e memória discursiva – já apontados no capítulo anterior.

A análise será apresentada em três etapas. Na primeira, a partir da macrotextualidade¹⁸, serão indicados os temas (especializados e gerais) mais recorrentes em colunas e entrevistas com estes especialistas, analisando o trajeto temático ao longo do período de 1980 e 1998.

Na segunda, serão apresentados os resultados da análise dos discursos sobre os psicanalistas nos jornais. Analisamos as materialidades textuais, buscando identificar as posições-sujeito em que se encontram os autores e as principais formações discursivas. Para isso, observaremos enunciados recortados de textos referentes às temáticas mais frequentes nos jornais: “Teoria Psicanalítica”; “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes”; “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições” – entre os Temas Especializados – e “Comportamento”; “Arte e Cultura”; “Sentimentos” e “Desigualdades e Direitos Humanos” – entre os Temas Gerais (conforme classificação nossa, que será explicada a seguir).

4.1 PSICANALISTAS NOS JORNAIS: PRINCIPAIS TEMAS

Nesta subseção, buscamos identificar as famílias temáticas que se destacam em cada um dos jornais analisados. Posteriormente, traçaremos um trajeto temático, observando como se alteraram os temas principais abordados pelos psicanalistas, entre os anos de 1980 e 1998.

4.1.1 Apresentação das famílias temáticas

A partir da observação textual das colunas e entrevistas coletadas para a pesquisa, foi possível identificar dois principais eixos temáticos os quais denominamos: 1) Temas Especializados (TE) – ligados mais diretamente ao saber psicanalítico; 2) Temas Gerais (TG)

¹⁸ Denominamos macrotextualidade um conjunto extenso de textualidades – constituída em qualquer que seja a materialidade significativa – que se relacionam, tomadas para análise num certo recorte de tempo ou de espaço. Ainda que a AD não trabalhe com a saturação do *corpus* (ORLANDI, 2012), a questão da análise do discurso a partir de macrotextualidades se justifica por conta da maior disponibilidade de arquivos digitais que hoje o pesquisador pode ter à mão.

– que podem ou não aparecer identificados diretamente com a psicanálise. A seguir, destrincharemos cada uma destas categorias, descrevendo as famílias temáticas.

4.1.1.1 Temas Especializados

A começar pelo eixo que chamamos de “Temas Especializados”, têm-se oito subcategorias temáticas que estão contidas nesta divisão: a) Saberes psicanalíticos e Outros Saberes; b) Instituições (Escolas) Psicanalíticas e/ou Outras Instituições; c) Teoria Psicanalítica; d) Prática Psicanalítica; e) Formação Psicanalítica; f) Divulgação do Pensamento Psicanalítico; g) História da Psicanálise; h) Biografias de Psicanalista. A seguir, serão descritas brevemente cada uma das subcategorias. Vale observar que, embora apareçam em proporções diferentes, todas as subcategorias de TE foram identificadas em ambos os jornais.

Em **(a)** destacaram-se os saberes filosóficos, sociológicos, religiosos, científicos – dentre eles, médicos e psiquiátricos – em diálogo com os saberes psicanalíticos, conforme esquematizados no diagrama:

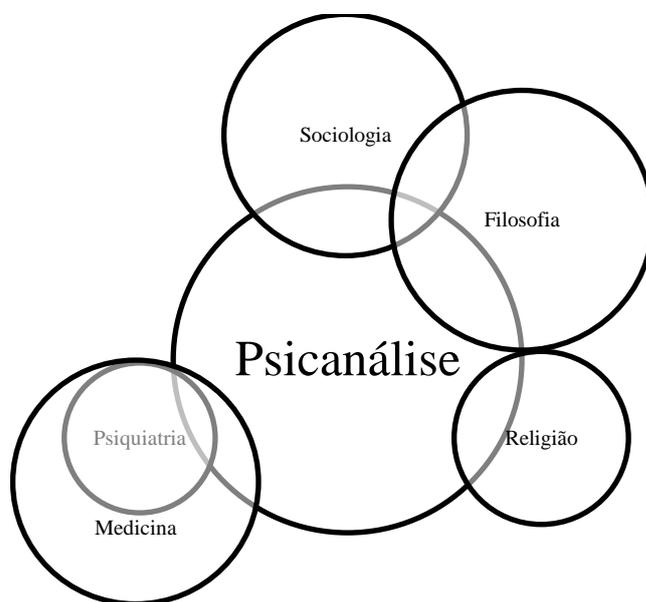


Diagrama 1: Diálogos entre saber psicanalítico e outros saberes¹⁹

Como representado no diagrama acima, os temas correspondentes aos saberes advindos da psicanálise estão em constante diálogo com outros pensamentos, que também

¹⁹ Embora reconheçamos que há outras articulações possíveis – como campos de interseção entre saberes filosóficos e psiquiátricos ou entre sociológicos e religiosos – esclarecemos que estes não foram representados no diagrama por não terem sido identificados nos textos analisados.

dialogam entre si – como é o caso da Filosofia e da Sociologia. Isso ocorre, por exemplo, quando Contardo Calligaris (*Folha de S. Paulo*, 30/01/1994) recorre a Horkheimer e Walderman Zusman (*O Globo*, 26/11/1997), a Wittgenstein, ambos para fundamentarem seus argumentos baseados primeiramente no saber psicanalítico. Ou ainda quando Antonio Quinet (*Folha de S. Paulo*, 22/10/1988) escreve que “Lacan mostra em seu seminário como a ética da psicanálise entra em desacordo com a ética de Aristóteles”. Por vezes, também os saberes religiosos, científicos (da neurociência, por exemplo) e médicos (incluindo, evidentemente, o psiquiátrico) fazem referência ao filosófico, sem se desvencilhar da psicanálise.

Da mesma forma em que há diálogos entre saberes, há relações entre instituições **(b)**, que ora disputam entre si, ora se reafirmam. Dessa forma, não apenas se destacam os conflitos internos das instituições psicanalíticas – como a “crise” da SPRJ e a “Cisão” de 1998 – como também se travam relações entre Escolas Psicanalíticas e Instituições Psiquiátricas e Religiosas (dentre as quais predominam, nas colunas coletadas, as cristãs, com exceção do texto “Circuncisão, uma violência”, de Moisés Tractenberg [*O Globo*, 07/09/1998] que aborda uma prática do judaísmo). Outro segmento textual que exemplifica esta temática é o que contém a crítica de Rubem Alves à instituição da igreja católica: “Mas aí falou o bispo. Discordou. Proibiu a festa do amor. Proibiu o casamento. Não culpem o bispo. Ele é inocente. Não é opinião dele. Bispos não têm opinião. Bispos são seres eclesiásticos: dizem o que a igreja manda” (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 05/05/1996).

Outra categoria dentre os temas especializados é a que abrange as Teorias psicanalíticas **(c)**. Estas podem ser entendidas como “o resultado da simbolização da suportância desse saber advindo da associação livre [o saber psicanalítico]” (FORBES, *Folha de S. Paulo*, 23/01/1983). Correspondem, portanto, a esta categoria, as colunas que discutem conceitos próprios da – ou apropriados pela – psicanálise, como: real, transferência, memória, inconsciente, narcisismo, pulsão de morte, subjetividade, desejo, perversão, neurose. O segmento de texto a seguir é um exemplo dos muitos debates conceituais e tentativas de definição e/ou de releitura de concepções: “A chamada perversão nada mais é do que a montagem em que os sujeitos, alternadamente, podem ocupar a posição de objeto ou instrumento do gozo do Outro, ou de detentor imaginário do saber que faz o outro gozar” (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 27/04/1993).

As discussões sobre a Prática Psicanalítica **(d)**, no sentido da atuação clínica, também aparecem nos jornais. É um exemplo disso a coluna de Pedro Salas (*O Globo*, 13/06/1982), em que o psicanalista levanta questionamentos do tipo: “Como é que alguém pode avaliar o “aproveitamento” de uma sessão? Como é que se vai medir isso? Na minha

opinião, nem analista nem analisando têm qualquer ideia dos efeitos que aquela experiência está provocando”.

Sobre a Formação Psicanalítica (e) – um debate que perpassa teorias e práticas do campo, além de estar associado ao debate institucional – podem ser tomados como exemplos textos como “Aprendizado da psicanálise: formação ou deformação?” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 03/04/1983) e “Política de formação em Psicanálise” (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 15/06/1986). Trata-se da ênfase nos procedimentos para que um indivíduo se torne um psicanalista e, em geral, é tomada de forma crítica aos modelos de formação já adotados.

Por sua vez, o que chamamos de “Divulgação do Pensamento Psicanalítico” (f), é uma categoria que abrange comentários sobre livros recém-lançados, cujos autores são psicanalistas ou pensadores da psicanálise – como é o caso, por exemplo, de “Perspectiva lança livro sobre Klein” (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 25/11/1987) e “Coletânea mostra rigor do pensamento de Lacan” (QUINET, *O Globo*, 06/12/1997). Incluem-se, como divulgação, também as discussões acerca de eventos (congressos, encontros, debates, seminários) de psicanálise – forma mais comumente encontrada nas entrevistas.

Ainda que em menor quantidade, são publicados textos que fazem referência à história da psicanálise (g), como em “Batalha dos cem anos no Rio. O avanço da psicanálise” (ROUDINESCO, *O Globo*, 20/09/1987) e “Horkos ou ‘pelos charutos de Freud’” (HERMANN, *Folha de S. Paulo*, 12/06/1983), em que o autor apresenta, cronologicamente, as perspectivas das “gerações” psicanalíticas.

De maneira articulada à história do saber psicanalítico, encontram-se textos biográficos de psicanalistas (h), que tanto se debruçam sobre a vida de um único psicanalista – como é o caso de “Biógrafa usou os arquivos da filha de Freud” (BARBOSA, *Folha de S. Paulo*, 28/03/1993) e “Lacan para os íntimos” (AMERICANO DO BRASIL, *O Globo*, 16/06/1991) – como também buscam relacionar mais de uma figura de destaque para a psicanálise. Isso ocorre, por exemplo, em “se Freud é indiscutivelmente o Pai da Psicanálise, e se a Lacan puder ser atribuído o lugar de filho, em que posição colocar Melanie Klein? Talvez na de Espírito Santo... ou na de Virgem Maria, que alguns espíritos maldosos quererão reservar para Anna Freud” (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 25/11/1987).

4.1.1.2 Temas Gerais

Chamamos de “temas gerais” aqueles que não discutem diretamente o saber psicanalítico, embora possam, muitas vezes, utilizá-lo para interpretar ou analisar determinada

questão. São eles: I) Debates ideológicos e religiosos; II) Política; III) Mundo; IV) Desigualdade e Direitos Humanos; V) Temas Jurídicos; VI) Economia; VII) Arte e Cultura; VIII) Saúde; IX) Sentimentos; X) Violência; XI) Comportamento; XII) Educação.

É importante destacar que estes temas estão presentes no jornal *Folha de S. Paulo*, no entanto, nem todos aparecem em *O Globo*, o que aponta para uma diversidade temática maior do primeiro. Esclarecemos também que as temáticas não são isoladas umas das outras, portanto, um mesmo texto pode abordar mais de um tema. É o que ocorre, por exemplo, com a discussão sobre ética em psicanálise que, por vezes, se inclui na temática de conflitos institucionais – como na entrevista com Jacques-Alain Miller intitulada “Genro de Jacques Lacan enfrenta a ética da psicanálise” (*Folha de S. Paulo*, 23/01/1989) – e, em outros momentos, perpassa a categoria de sentimentos como ocorre em “O amor no divã: uma questão ética” (QUINET, *O Globo*, 28/04/1991).

A seguir, apresentaremos, então, os temas gerais identificados nas colunas e entrevistas com psicanalistas publicadas em jornais.

Em “Debates ideológicos ou religiosos” (I) enquadram-se textos que abordam questões acerca do Capitalismo, Comunismo, Marxismo, Democracia, Fascismo, Nazismo, Cristianismo. Embora tenha sido identificado em colunas de ambos os jornais, este tema é bem mais recorrente entre textos publicados na *Folha de S. Paulo*.

Os fragmentos de texto a seguir nos servem de exemplo: “O ser humano, no regime capitalista, é mercadoria no mercado de trabalho” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 19/12/1984) e

Vinte anos de autoritarismo e medo somados a uns dez ou quinze de inveja e ressentimento em relação aos (poucos) que gozaram mesmo a festa do consumo já que a maioria só consumiu via propaganda e telenovela. Deu no que deu: milhões de pessoas sem lugar social, sem identidade política, recusando-se a ser proletários, mas não sendo muito mais do que isso, orgulhosos só de suas boas intenções (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 21/08/1985).

Quanto ao debate acerca da religião, é abordado sempre pelo viés da crítica. É o caso de “Materialismo e misticismo” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 04/04/1983), em que o psicanalista estabelece relações entre ideologias marxista e cristã ao afirmar que “para Marx, tanto quanto para Freud, a crença religiosa tem o caráter inevitável de uma construção ilusória”.

Em “Política” (II), podemos dizer que as palavras-chave para a identificação temática são: eleição/eleições, democracia, corrupção, ditadura, repressão, censura e Diretas Já – quanto a esta última, Hélio Pellegrino brinca nos títulos “Lombrigueiro contra indiretas”

(*Folha de S. Paulo*, 03/04/1984) e “Não me venham com indiretas” (*Folha de S. Paulo*, 08/02/1984). O debate sobre política no Brasil é central também em, por exemplo, “Tortura, nunca mais” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 21/08/1985), “Notas sobre as eleições” (*Folha de S. Paulo*, KEHL, 28/12/1989), “A política transformada em criatividade e paixão” (FREIRE, *O Globo*, 25/06/1984), e – sem restringir-se ao cenário brasileiro – em “Reinventar a política” (GUATTARI, *Folha de S. Paulo*, 19/08/1990). Esta temática também é mais frequente nos textos de *Folha de S. Paulo* do que de *O Globo*.

É importante ressaltar que tanto I quanto II dialogam com frequência com questões internas das instituições psicanalíticas (b), quando a abordagem passa pela crítica ao autoritarismo e à falta de democracia dentro das Sociedades.

Correspondem a “Mundo” (III), textos sobre globalização, imigração e guerra, de forma a debater principalmente os efeitos e as causas destes fenômenos. Tais questões são centrais, respectivamente, em “A rede de proteção cosmopolita” (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 07/04/1996), “A cultura da assimilação” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 23/07/1995) e “As guerras sujas” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 21/05/1983). Esta temática não foi central em nenhum texto analisado de *O Globo*.

“Desigualdade (social, econômica e de gênero) e Direitos Humanos” (IV) é uma temática que dialoga com I, II e III, na medida em que é, com frequência, abordada como consequência do capitalismo e agravada ora por decisões político-partidárias, ora pela guerra e por dificuldades decorrentes da imigração para a Comunidade Europeia. Este tema é central em textos como “A multiplicação dos pães” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 04/10/1983), “A praga escravagista brasileira” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 22/09/1996) e “Programa Bom Menino”, em que a psicanalista Glória Leal (*O Globo*, 09/07/1991) lamenta o fim de um programa de assistência social a adolescentes de 12 a 18 anos.

A desigualdade de gênero é também tema bastante recorrente, principalmente nas colunas de Marta Suplicy, como exemplificado pelo segmento textual a seguir:

O fato é que as mulheres foram incorporadas à vida pública com determinações muito definidas de condutas de desinteresse material e atos de altruísmo, saindo de casa para incursões filantrópicas, remendos para a omissão dos poderes públicos, excluídas dos processos decisórios. E, quando no mercado de trabalho, tendo que aceitar condições desiguais e discriminação explícita (Suplicy, *O Globo*, 08/03/1996).

Também relacionados às temáticas anteriores, há o que chamamos de temas jurídicos (V) em colunas e entrevistas com psicanalistas. Incluem-se, nesta categoria, debates sobre processos legais – como em “Erro médico – custo alto nos EUA” (PINHEIRO,

27/01/1992) – legislação (acerca de maioria, criminalização, legalização do aborto e divórcio) e direito da criança e do adolescente. Em textos sobre temas jurídicos, psicanalistas discutem também as penalidades a criminosos e traficantes, criticando, por exemplo, a injustiça na distribuição das penas, como pode ser lido no segmento textual a seguir: “a impressão é a de que, no Brasil, [...] chegamos a um nível de desorganização social e desorientação moral em que perdemos o sentido de medida e proporção no terreno da justiça” (COSTA, *O Globo*, 10/05/1996).

Economia (VI) não é um tema tão recorrente, mas se destaca no debate acerca da inflação – como é visto no fragmento de “Sadismo e inflação” (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 02/07/1994) – e da crise econômica. Um exemplo é a fala do psicanalista Hélio Pellegrino que, em entrevista, esclarece como precifica suas consultas e se justifica, dizendo que “a crise leva as pessoas a terem menos dinheiro. O tratamento é muito caro e o surto inflacionário obriga os analistas a reajustarem os honorários. [...] Eu faço reajustes trimestrais, o que é uma violência, mas resultado da violência de que também padeço” (PELLEGRINO, *O Globo*, 12/12/1983).

Já “Arte e Cultura” (VII) é tema de numerosas colunas, pois abrange comentários sobre diversos gêneros de produção artística – literatura, cinema, música, teatro, telenovela, fotograma, tatuagem, surrealismo –, bem como debates sobre cultura e identidade brasileira (que abarca colunas sobre carnaval) e, também, debates críticos sobre mídia. Nesta categoria encontram-se não só textos como “Ana, como Gláuber” (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 09/11/1982) que recorre a produções cinematográficas para desenvolver o debate, mas também a literatura – como em “Palavras em movimento nos poemas de Bonvicino” (CHNAIDERMAN, *O Globo*, 29/06/1996) – e marchinhas de carnaval para defender o que seria uma identidade brasileira, como no fragmento de Milan (*Folha de S. Paulo*, 26/05/1984): “Se na guerra da lagosta (1963) o Brasil envia navios para expulsar os pescadores franceses, o carnaval já resolve a questão diplomaticamente, compõe e canta a ‘Marcha da Lagosta’: ‘Largue esta lagosta / Deixe a minha areia / Senão vai dar coisa feia’”.

Há também autores que buscam *diagnosticar* não “o povo brasileiro”, mas o sujeito artista, como em: “Essa doença se chama ‘poesia’. O poeta sabe que a notícia revela sempre o rosto de quem a dá. ‘O país sem limites de cada artista é ele mesmo’, dizia Cummings” (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 12/11/1995). E, sob outro aspecto de “cultura de massa”, alguns psicanalistas discutem a mídia, conforme pode ser exemplificado por segmentos textuais como “a leitura dos jornais nos alimenta em cada hoje com o clichê nosso de cada dia” (ZUSMAN, *O Globo*, 13/01/1997) e “a droga oferecida pela TV, multiplicada

pelos canais a cabo, o cinema comercial e outras mídias mais” (ROLNIK, *Folha de S. Paulo*, 19/05/1996).

Por sua vez, em temáticas relativas à “Saúde” (VIII), foram identificados textos sobre tratamento e atenção ao doente mental, serviços e sistemas de saúde, crítica a medicamento (antidepressivo), loucura, depressão e Aids. Um dos exemplos é o segmento textual que aborda os sistemas de saúde como direito dos cidadãos (dialogando, portanto, com a categoria “Desigualdade e Direitos Humanos”): “Numa visão moderna da sociedade, a saúde é direito de todos. [...] Mas, ao mesmo tempo, a distribuição do atendimento à saúde está em crise” (PINHEIRO, *Folha de S. Paulo*, 25/11/1991).

Há também colunas sobre saúde da mulher, como “Laqueaduras gratuitas” (SUPLICY, *O Globo*, 04/03/1995). Casos como esse fazem referência a serviços do Sistema Público de Saúde (SUS) – os NAPS –, e, com frequência, efetivam a crítica ao atendimento, ao diagnóstico clínico e à medicalização. Vê-se como exemplo desta temática o fragmento de texto, a seguir:

Porque o que dá trabalho é olhar para a singularidade de cada um: diagnósticos semelhantes podem significar sofrimentos radicalmente diferentes. O que dá trabalho é fazer visitas domiciliares como é de rotina nas equipes dos NAPS, ter uma equipe de plantão para receber e acolher as criaturas em crise, ficar com elas à noite, durante o tempo que for necessário. O que dá trabalho é medicar em doses que tranquilizem, mas que não apaguem as subjetividades das pessoas (CORBISIER, *Folha de S. Paulo*, 20/06/1996).

Ressaltamos que, embora aparentemente poucos psicanalistas colunistas e/ou articulistas tenham opinado em textos que categorizamos como “Saúde”, é possível considerar este conceito na sua forma ampliada – entendendo, por exemplo, que toda forma de mal-estar (violência, desigualdade, angústia, medo, insegurança) implica em uma questão de saúde. Assim, as temáticas dialogam entre si, associando-se ao debate sobre saúde.

Passando às temáticas que fazem referência aos “Sentimentos” (IX), temos a apresentação de questões relacionadas a medo, culpa, inveja, dor, sofrimento, angústia, insegurança, vergonha, melancolia, “medo da solidão”, “o vazio” e também a esperança, felicidade, paixão e amor. Esta temática é bastante frequente nas colunas do tipo “consultório sentimental”, permeando praticamente todos os textos de Alberto Goldin – por exemplo, “Ciúme não é prova de amor, mas de traumas infantis” (*O Globo*, 08/03/1998) e “Quando o desejo sexual naufraga em melancolia” (*O Globo*, 28/06/1998) – e Pedro Salas – como exemplificado por “O sentimento religioso e o medo de ficar só” (*O Globo*, 04/05/1980) e “Amor de carnaval, quase infinito” (*O Globo*, 02/11/1986).

Embora predominantes nestas colunas, textos de outros psicanalistas também são, por vezes, permeados de debates sentimentais. São exemplos desta temática as passagens “O amor vampiresco desconhece a ética do amor e a sedução de acenos e olhares; há posse imediata do objeto do gozo no transe hipnótico da vítima” (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 27/12/1992); “a ciência, tão cheia de pesquisas e de verdades, sabe levar o homem à lua, mas não sabe como fazê-lo amar” (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 11/03/1998).

Esta temática relaciona-se diretamente à saúde, quando ligadas a questões de saúde mental, como a “depressão”. Associa-se também à “Arte de Cultura”, quando articula sentimentos representados em filmes e romances. E, além disso, a “Comportamento”, em colunas de consultório sentimental, principalmente quando há relação de causa e efeito entre atitudes ou ações que resultam em sentimentos – por exemplo, como o aumento de expectativas que gera frustrações, conforme abordado em “Sonhos dourados, realidade frustrante” (SALAS, *O Globo*, 11/09/1983).

Por sua vez, o tema “Violência” (X) é amplamente discutido, nas formas de xenofobia, violência contra a mulher, violência sexual e estupro, violência urbana, violência nos manicômios. Destaca-se, entre outros, nos textos intitulados: “Violência e inconsciente” (NUNES, *Folha de S. Paulo*, 26/04/1981), “A violência, o sexo e o ‘SOS Mulher’” (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 08/08/1993); “Violência: o problema da rejeição” (CHEBABI, *O Globo*, 31/10/1985).

A temática de “Comportamento” (XI), conforme denominamos em nosso quadro temático, inclui discussões sobre sexo, sexualidade (incluindo homossexualidade), vício, suicídio, comportamento agressivo – que se difere de violência devido ao foco à abordagem na estrutura comportamental – comportamento diante de relações familiares, bem como nas relações amorosas ou íntimas, e comportamento diante de tecnologias. Assim como na temática “Sentimentos”, em “Comportamento” destacam-se textos de “consultório sentimental” – como “Atirando setas sobre alvo cego” (SALAS, *O Globo*, 24/02/1980) e “Quando a mulher manda sinais em busca de prazer” (GOLDIN, *O Globo*, 06/09/1998), ambos sobre comportamento sexual. Sobre o consumo de drogas, pelo viés comportamental, servem de exemplo os textos “Drogas e lucidez” (ZUSMAN, *O Globo*, 24/05/1996) e “Entre a inocência e o vício” (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 14/06/1992). Embora menos frequentes, incluem-se também, nesta categoria, textos sobre comportamento infantil e adolescente.

Por fim, “Educação” (XII) é uma das temáticas identificadas nas textualidades coletadas. Apesar de ser pouco frequente, é tema central da entrevista “Psicanálise na educação traz Conrad Stein ao Brasil” (STEIN, *Folha de S. Paulo*, 13/11/1988) e da coluna

“O vir-a-ser da aprendizagem e o eterno desejo de saber” (BIRMAN, *O Globo*, 15/08/1998), em que a educação é discutida a partir do saber psicanalítico – no entanto, sem mencionar a utilização de uma base teórico-conceitual da psicanálise, senão teríamos incluído “Educação” entre os demais saberes em diálogo com o saber psicanalítico, como Tema Especializado.

4.1.2 Trajetos temáticos em colunas e entrevistas

O jornal *Folha de S. Paulo* apresentou maior diversidade temática, em comparação com *O Globo*, trazendo pelo menos um texto sobre cada um dos temas identificados. A seguir, será especificado como se deu o trajeto temático, ao longo do período de 1980 a 1998, para cada um destes jornais. Isso será possível uma vez que a análise de uma regularidade enunciativa acerca das temáticas, em sua relação com a história, aponta para o modo de funcionamento de um trajeto temático (GUILHAMOU, 1993).

Ressalta-se que a quantidade de ocorrências temáticas não corresponde, necessariamente, ao número de colunas e entrevistas, pois um só texto pode apresentar mais de um tema, conforme nossa classificação.

4.1.2.1 Trajetos temáticos em colunas

Nas colunas da *Folha de S. Paulo*, foram identificadas 93 ocorrências referentes ao que chamamos de Temas Especializados (TE) e 186 de Temas Gerais (TG) – o que, quantitativamente, corresponde a uma proporção de 33,33% de TE para 66,67% de TG. Em *O Globo*, por sua vez, foram 38 ocorrências de TE e 147 de TG, ou seja, 20,54% das colunas correspondem a Temas Especializados e 79,46% a Temas Gerais. Temos, então, um total de 131 ocorrências de TE para 333 de TG, considerando a soma dos jornais.

Em relação aos Temas Especializados, predominaram, nos jornais, colunas sobre “Teoria Psicanalítica” (43 ocorrências), “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” (34) e “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições” (22). Os demais temas especializados, embora menos recorrentes, apareceram no mínimo em quatro colunas: “Prática Psicanalítica” (9); “Divulgação do Pensamento Psicanalítico” (8); “Biografias de Psicanalista” (6); “História da Psicanálise” (5); e, por fim, “Formação Psicanalítica” (4).

É possível afirmar que, quando observados separadamente, tanto a *Folha de S. Paulo* como *O Globo* apresentaram maior número de ocorrências das mesmas duas Famílias Temáticas: “Teoria Psicanalítica”, com 28 ocorrências na *Folha de S. Paulo* e 15 em *O*

Globo; e “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes”, 21 ocorrências no primeiro jornal e 13 no segundo. No entanto, a terceira temática mais recorrente, na soma dos dois jornais, apareceu de forma desigual: 20 vezes na *Folha de S. Paulo*, mas apenas duas em *O Globo*.

Dentre os Temas Gerais, destacaram-se, quantitativamente, as famílias temáticas “Comportamento” (80 ocorrências); “Arte e Cultura” (59); “Sentimentos” (54); e “Desigualdades e Direitos Humanos” (33). As demais categorias apareceram menos frequentemente – “Debates Ideológicos” (26); “Política” e “Violência” (ambos com 22 ocorrências); “Saúde” (15); “Temas Jurídicos” (12); “Mundo” (sete vezes, todas na *Folha de S. Paulo*). “Educação” e “Economia” foram os temas menos presentes em colunas de psicanalistas, aparecendo, respectivamente, duas vezes (uma em cada jornal) e uma única (apenas na *Folha de S. Paulo*).

Comparativamente, os Temas Gerais foram identificados de forma bastante desigual entre os dois jornais, o que pode ser observado entre as quatro famílias temáticas mais recorrentes. “Comportamento”, por exemplo, destacou-se como principal tema de *O Globo*, tendo sido identificado 58 vezes, enquanto que, na *Folha de S. Paulo*, ocuparia o terceiro lugar em frequência, com 22. “Arte e Cultura”, ao contrário, aparece 44 vezes na *Folha de S. Paulo* e apenas 15 em *O Globo*. Isso aponta para uma das diferenças na forma de convocação de psicanalistas colunistas/articulistas pelos dois jornais analisados. Além disso, em comparação à *Folha de S. Paulo*, *O Globo* apresentou menor diversidade de temas; apenas duas famílias temáticas referentes a Temas Especializados estiveram presentes em mais de dez colunas neste jornal. Entre os Temas Gerais, houve temáticas não contempladas por *O Globo*, como “Mundo” e “Economia”.

Feitas as observações gerais quantitativas de cada eixo temático passaremos, então, ao trajeto que as famílias temáticas percorreram ao longo do período de 1980 a 1998. Diante do “movimento” de aumentos e diminuições de ocorrências temáticas nos jornais, podemos dizer que, tanto os Temas Especializados como os Gerais, sofreram oscilações. Por exemplo, em TE na *Folha de S. Paulo*, identificamos, só na primeira década, três momentos de crescimento, seguidos de quedas (vide **gráfico 7**, em anexo): o primeiro, de 1980 a 1982 (passando de zero a 11 ocorrências); então decresce até 1984 (atingindo uma); volta a aumentar em 1985 (passando a 13); decresce uma segunda vez até 1987 (chegando a três); cresce pela terceira vez em 1988 (para 12) e volta a cair (com apenas duas) em 1989. Na década de 1990 (**gráfico 8**, em anexo) – até 1998, ano final de nossa observação – tem-se como máximo seis e mínimo uma ocorrência, entre ondas de aumento e diminuições. No mesmo jornal, TG também oscila, com maior variação de quantidade de ocorrências,

apresentando momentos, por exemplo, de saltar de quatro (1982) a 16 (1983) e, depois, retornando a uma (em 1987).

Em *O Globo*, o mesmo movimento de oscilações pode ser observado mais claramente em TG do que em TE, pois os Temas Gerais começam declinando, entre 1980 e 1981 (de nove para quatro); voltam a aumentar até 1983 (passando a oito); decaem novamente no ano seguinte (até três); têm novo crescimento até 1986 (com sete); mas voltam a reduzir, chegando a apenas uma ocorrência em 1988; atingem o mínimo (zero) em 1992; continuam a oscilar ao longo da década de 1990, até saltar para o maior pico de TG, em 1998 (com 50 ocorrências).

Ao observarmos, então, o total das publicações, vemos que em ambos os jornais predominaram os Temas Gerais, em detrimento dos Especializados. Contudo, na *Folha de S. Paulo*, os TE foram mais recorrentes do que os TG em todos os anos da segunda metade da década de 1980 (de 1985 a 1989) e também em 1982. Em *O Globo*, o mesmo não acontece; TG é, em geral, mais frequente do que TE, com exceção de 1990 (em que ambos os temas tiveram mesmo número de ocorrências); 1992, em que o Tema Especializado predominou, por uma só ocorrência; e 1994, único ano em que TE superou TG, por duas ocorrências. Além disso, cabe notar que em *O Globo*, TE não foi identificado nas colunas nenhuma vez nos anos de 1983, 1985, 1986, 1988, 1989 e 1995. O mesmo não ocorre na *Folha de S. Paulo*, que só deixou de apresentar alguma ocorrência de TE no ano de 1980.

Na década de 1980, ao voltarmos nossa atenção aos picos de ocorrências, temos, em destaque²⁰, os Temas Gerais na *Folha de S. Paulo*, em 1983 e 1984 e os Temas Especializados, em 1982, 1985 e 1988 – isso também demonstra que não há equivalência temática entre os dois jornais, pois dois destes períodos de pico (1985 e 1988) de TE na *Folha de S. Paulo* correspondem a dois dos anos em que não foi identificada nenhuma ocorrência da mesma temática em *O Globo*.

No período de 1990 a 1998, por sua vez, o maior pico – com 50 ocorrências – corresponde a TG em *O Globo*, no ano final de nosso recorte. O segundo, com 29, também é identificado como Tema Geral, mas na *Folha de S. Paulo*, em 1996. Ainda com alta recorrência, há TG em *O Globo* em 1996, com 23; TG em 1994 e 1997, na *Folha de S. Paulo*, com 17 e, o mesmo eixo temático, neste mesmo jornal, em 1983 (com 16) e 1984 (com 15). Ou seja, é evidente o destaque aos Temas Gerais em ambos os jornais, ao longo do período

²⁰ Aqui, apenas para observação, tomamos como exemplo os anos com doze ou mais menções às temáticas identificadas.

analisado, sendo que as únicas exceções ocorrem na *Folha de S. Paulo*, na segunda metade dos anos 1980, quando predominam os Temas Especializados.

A fim de perceber melhor sobre o que falam os psicanalistas e como a forma de convocação destes intelectuais se transformou ao longo do tempo – estabelecendo a relação entre história e campo discursivo (GUILHAMOU, 1993) –, focaremos, a seguir, nas famílias temáticas que predominam nos jornais, observando ano a ano.

Primeiramente, entre os Temas Especializados, chama-nos a atenção a recorrência – que implica na identificação de uma regularidade enunciativa, a partir das FTs – dos temas “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” e “Teoria Psicanalítica” que, em ambos os jornais, apresentaram maior número de ocorrências, ao longo do período de 1980 a 1998 (conforme apontam os **gráficos 9 e 10**, em anexo).

A categoria de “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes”, na *Folha de S. Paulo*, aparece pela primeira vez em 1981, em uma coluna de Samuel Chaim Katz, intitulada “Um sofista entre nós” (*Folha de S. Paulo*, 29/11/1981). Depois disso, aparece distribuída em quase todos os anos (com exceção apenas de 1986, 1989, 1991 e 1992), mantendo-se quase sempre com uma ocorrência/ano. Destaca-se, com cinco ocorrências, no ano de 1988: “Psicanálise de sintomas sociais” (MASSI, *Folha de S. Paulo*, 21/08/1988); “Psicanalista é alvo fácil de estereótipos” (COELHO, *Folha de S. Paulo*, 09/10/1988); “Lacan contra Aristóteles” (QUINET, *Folha de S. Paulo*, 22/10/1988); “O gozo místico” (TELLES, *Folha de S. Paulo*, 22/10/1988); “Cathérine Clément propõe refletir sobre a ‘badalação’ psicanalítica” (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 10/12/1988). Chama-nos a atenção que, neste caso, não há repetição dos psicanalistas que escrevem sobre a temática e predominam, entre os saberes em diálogo com o psicanalítico, o filosófico. No entanto, há também o sociológico e o religioso.

Em *O Globo*, o trajeto do tema “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” é bastante diferente. Esta família temática fica um longo período sem nenhuma ocorrência (mais precisamente, de 1983 a 1992) e tem seu auge em 1996 e 1997, concentrando sete colunas nestes dois anos – entre elas, “Terapia da mente: com ou sem remédio?” (TRACTENBERG, *O Globo*, 23/06/1996), um diálogo com o saber médico-psiquiátrico; “A guerra dos sexos pela ótica das ciências sociais” (SOUZA, *O Globo*, 19/10/1996), como o próprio título indica, com o saber sociológico; “Clonificação: fatos e mitos” (ZUSMAN, *O Globo*, 06/03/1997), com o saber científico; “A eficácia do tratamento psicanalítico” (FONTES, *O Globo*, 18/05/1997), com o neurocientífico; “Sem retoques” (ZUSMAN, *O Globo*, 26/11/1997), filosófico e também do campo da linguagem. Destacamos apenas

algumas colunas, a fim de exemplificar a diversidade de saberes em diálogo com a psicanálise, em *O Globo*.

É interessante observar que a família temática “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” foi identificada, em um mesmo texto, conjuntamente com outros Temas Especializados, em *O Globo* – com “Práticas Psicanalíticas”, em “A psicanálise vai à raiz do problema” (COSER FILHO, *O Globo*, 09/10/1994); e “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições”, em “Luta da tradição, da superstição e da autoridade” (SALAS, *O Globo*, 02/03/1980) – e, na *Folha de S. Paulo*, com Temas Gerais – como em “Debates Ideológicos em ‘Esquecer? Não: In-quecer’” (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 18/09/1987); e “Violência”, em “A devoração da esperança no próximo” (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 22/09/1996).

Passando à família temática “Teoria Psicanalítica”, notamos que, tanto na *Folha de S. Paulo*, como em *O Globo*, só aparece uma vez, entre as colunas, nos três primeiros anos observados. Em 1982 e 1984 não foi identificada em nenhum dos dois jornais. Destaca-se, com cinco ocorrências na *Folha de S. Paulo*, no ano de 1985 – “De um debate que não há” (HERMANN, *Folha de S. Paulo*, 08/09/1985); “Totem e Talmud” (FERREIRA NETO; LEITE; CESAROTTO, *Folha de S. Paulo*, 08/09/1985); “Para além dos monólogos cruzados” (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 08/09/1985); “Freud em português (2)” (CARONE, *Folha de S. Paulo*, 20/10/1985); “A constituinte, o desejo, e a lei” (VOLICH, *Folha de S. Paulo*, 03/11/1985). Ressaltamos que os três primeiros textos foram extraídos do mesmo jornal e todos eles pertencem à seção “Folhetim”.

Por sua vez, em *O Globo*, discussões sobre “Teoria Psicanalítica” só ganham força na década de 1990, e têm como ano-chave 1997, também com cinco ocorrências: “Homossexualidade perturba a todos” (SANTOS JÚNIOR; MACIEL, *O Globo*, 18/08/1997); “Em defesa de uma certa alegria” (BRAGA, *O Globo*, 22/08/1997); “Strachey roubou a ‘dimensão trágica’ de Freud” (KATZ, *O Globo*, 27/09/1997); “Édipo, cem anos depois” (ROCHA, *O Globo*, 24/10/1997); e “Coletânea mostra rigor do pensamento de Lacan” (QUINET, *O Globo*, 06/12/1997). Alternando entre as seções intituladas “Prosa & Verso” e “Opinião”, é notável como o tamanho dos textos é menor do que as colunas de “Folhetim” da *Folha de S. Paulo*, o que aponta para diferenças nas formas de convocação dos psicanalistas pelos jornais.

A terceira família temática de TE mais recorrente, “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições”, totaliza 22 colunas, contudo, ela se diferencia das categorias apresentadas anteriormente por se distribuir de maneira desigual entre os dois jornais

analisados – foi identificada em 20 textos assinados por psicanalistas na *Folha de S. Paulo* e apenas dois em *O Globo* (trajeto temático demonstrado no **gráfico 11**, em anexo).

Na *Folha de S. Paulo*, as relações institucionais – tanto psicanalíticas como de outras instituições, como a religiosa, sob o olhar da psicanálise – são recorrentes no início da década de 1980, presentes em 17 das 20 ocorrências entre 1981 e 1986. Neste primeiro ano concentram-se as discussões sobre a “crise” institucional que culminou com a expulsão dos psicanalistas Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. São exemplos desta temática as colunas “A Sociedade Psicanalítica e a expulsão dos demônios” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 15/03/1981) e “A inflação do eu” (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 15/03/1981), ambos publicados no caderno “Folhetim”, intitulado “E a cuca vai bem?”.

Embora nossa análise limite-se aos textos de psicanalistas, cabe comentar que, esta edição especial trazia, juntamente com as colunas destes intelectuais críticos ao “autoritarismo” e à “ditadura” dentro das instituições psicanalíticas, outros textos (de autores que não assinam como psicanalistas) que discutem saúde mental no país. É o caso do artigo de Denise Ribeiro, no qual a autora discute a proposta de lei “Julianelli”, que pretendia regulamentar as atividades exercidas no setor de saúde, colocando todos os profissionais de saúde, como psicólogos e enfermeiros, “sob a chefia do médico”. Ainda na mesma edição, há também a crítica ao modelo hospitalar de internação do doente mental (*Folha de S. Paulo*, 15/03/1981). O caderno tem, ao todo, 12 páginas e traz, ainda que não apenas na voz do psicanalista, textos que criticam as relações de poder associadas às profissões *psi*. Cabe observar que até mesmo as charges desta edição fazem menção à saúde e, a primeira delas, ironiza um dos psicanalistas envolvidos na “crise” institucional da SPRJ, onde se lê a frase: “Uma página que não é o Mascarenhas, mas que também está na moda”. Portanto, todo este espaço do jornal dedicado à temática aponta para a importância que o debate teve na época.

Em 1982, a temática de relações institucionais atingiu seu pico, com oito ocorrências em colunas da *Folha de S. Paulo*, dentre elas, “Crise na psicanálise” (CARONE, *Folha de S. Paulo*, 19/09/1982); “Mal necessário” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 27/03/1982) e “Psicanálise e excomunhão” (AMERICANO DO BRASIL, *Folha de S. Paulo*, 11/07/1982). Há também a “A resposta da diretoria do Ibrapsi a Chaim Samuel Katz” (BAREMBLITT, *Folha de S. Paulo*, 20/06/1982) em que a instituição se defende das críticas de Samuel Katz à falta de democracia nas sociedades psicanalíticas. Neste caso, além de relembrar o conflito de Pellegrino e Mascarenhas com a SPRJ, o psicanalista dirigiu-se ao Ibrapsi, que havia também, na época, punido duas alunas, em formação psicanalítica, por

razões que não constavam no regulamento do Instituto (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 30/05/1982).

A temática das instituições psicanalíticas é central em algumas outras colunas da década de 1980, por exemplo, “Lobo, um psicanalista no divã” (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 26/10/1986), sobre o “caso Amilcar Lobo” (descrito no capítulo 2 dessa dissertação).

Na década de 1990, identificamos também o debate institucional, mas em contexto internacional, em “A discórdia silenciada” (ROUDINESCO, *Folha de S. Paulo*, 25/02/1996) e o diálogo com a instituição religiosa, como em “Quem não pode transar não pode casar” (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 05/05/1996), em que o autor critica a Igreja Católica por não aceitar um casamento em que um dos noivos era incapaz de engravidar sua esposa, devido a um problema de saúde.

Em *O Globo*, nas duas vezes em que a temática institucional é identificada nos textos de psicanalistas, a questão é interna às sociedades psicanalíticas – a primeira, em cenário nacional, em “Luta da tradição, da superstição e da autoridade” (SALAS, *O Globo*, 02/03/1980); a segunda, entre psicanalistas estrangeiras que cindiram linhas diferentes no pensamento psicanalítico, abordado em “Choque entre Anna Freud e Melanie Klein acabou em um acordo de damas” (GUIMARÃES, *O Globo*, 10/10/1998).

Quanto ao eixo temático TG, observaremos mais atentamente as quatro famílias temáticas predominantes: “Comportamento”, “Arte e Cultura” (cujo trajeto ano a ano pode ser visto nos **gráficos 12 e 13**, em anexo), “Sentimentos” e “Desigualdades e Direitos Humanos” (**gráficos 14 e 15**, em anexo).

Ao analisar os dois jornais conjuntamente, nota-se que “Comportamento” foi o tema mais recorrente, destacando-se em *O Globo*, com 17 colunas no ano de 1998. Dentre estes textos, apenas dois não são colunas de “consultório sentimental” de Alberto Goldin, ambos sobre comportamento especificamente durante o casamento – “Casamento dá certo?” (CHERMAN, *O Globo*, 19/03/1998) e “O casamento na terceira idade” (TRACTENBERG, *O Globo*, 15/02/1998). A fim de apontar alguns títulos referentes à mesma subtemática na coluna “Vida Íntima”, destacamos textos como “A receita para manter um casamento feliz” (GOLDIN, *O Globo*, 10/05/1998) e “A estabilidade do casamento ou o risco da procura?” (GOLDIN, *O Globo*, 19/07/1998).

Embora a temática “Comportamento” seja a mais recorrente, ela encontra-se concentrada em 1998, em *O Globo*. Na década de 1980 (**gráfico 12**, em anexo), foi identificada uma única vez neste jornal, em 1980, no texto “O mundo interior do ser humano e suas fantasias” (SALAS, *O Globo*, 03/08/1980), parte da coluna de “consultório

sentimental” “A vida secreta”. Na década de 1990, ela aparece uma vez em 1994, outra em 1995, tem um crescimento para seis ocorrências no ano de 1996 e se apresenta com cinco em 1997. Nestes anos com maior recorrência, apareceram as subtemáticas de comportamento sexual – ligado a questões como sexualidade na adolescência, sexualidade e saúde (Aids), homossexualidade, traição e infidelidade – postura diante de novas tecnologias e consumo de drogas.

Na *Folha de S. Paulo*, a temática do comportamento também foi mais frequente na década de 1990 (vide **gráfico 13**, em anexo). Nos anos 1980, apareceu apenas cinco vezes – uma vez nos anos de 1980 (sobre homossexualidade), 1984 (sobre sexualidade, em coluna sobre a cirurgia de Roberta Close) e 1988 (sobre comportamento infantil); e duas em 1982. Depois, este tema volta a aparecer, e em pelo menos em uma coluna, entre 1992 e 1998. Seu pico, assim como em *O Globo*, foi no ano final de nosso recorte, com cinco ocorrências. As subtemáticas comportamento são parecidas com as de *O Globo*, predominando a questão sexual – como exemplificam as colunas “Papai e mamãe nos trópicos: maioria diz viver em uma cultura liberada, mas não se interessa tanto por sexo” (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 18/01/1998); e “A favor do prazer” (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 08/02/1998) – e havendo outras, como o comportamento diante de novas tecnologias – “Deseducação virtual” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 25/10/1998). Não houve, no entanto, a abordagem do comportamento atrelado ao uso de drogas ilícitas.

Passando à família temática “Arte e Cultura” (indicada na tabela em anexo apenas como “Cultura”, de forma a abreviar a expressão), esta se destaca na *Folha de S. Paulo*, jornal em que apenas não aparece no curto período de 1989 a 1991 (embora nesse momento esteja presente em *O Globo*). O ano com maior número de ocorrências (chegando a oito) de “Arte e Cultura” na *Folha de S. Paulo* foi 1996, seguido de 1983 (com sete) e 1997 (com seis). Apesar de não se apresentarem de maneira estável no trajeto temático, as questões artísticas e culturais são muito presentes neste jornal. São também amplamente discutidas, em um leque de subtemas que vão da literatura e do cinema à identidade nacional e à mídia – conforme nos exemplificam as colunas “Nas origens de Shakespeare” (WAJNBERG, *Folha de S. Paulo*, 07/07/1996); “A imprensa não entende o que diz Joãozinho Trinta” (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 08/02/1985); e “Mitos do êxito em carruagens de fogo” (HIRCHZON; COPIT, *Folha de S. Paulo*, 27/06/1982).

Em *O Globo*, “Arte e Cultura” é o terceiro tema que mais aparece, com 15 ocorrências, quase todas localizadas na década de 1990 – apenas uma, em 1989, sobre carnaval: “O Joãozinho de cabeça feita” (MILAN, *O Globo*, 09/02/1989). O único ano entre

1990 e 1998 em que não há aparição desta temática nas colunas de *O Globo* é 1992, no restante há no mínimo uma e no máximo cinco (1996).

A família temática dos “Sentimentos”, assim como “Comportamento”, predomina entre as colunas de “consultório sentimental” e, em seu trajeto, destaca-se, em *O Globo*, com 26 ocorrências no ano de 1998, todas relativas à coluna “Vida Íntima”, de Alberto Goldin. Entre os subtemas explorados predominam os sentimentos associados a relacionamentos amorosos – como amor, desejo sexual, ciúme, medo do desejo, vergonha (por ter um pênis pequeno), insegurança e culpa decorrente de traição –, embora, eventualmente, outros sejam abordados, como acontece com a coluna que discute o pânico de voar.

Para além do ano de 1998, “Sentimentos” só foi temática abordada nas colunas de *O Globo* em 1980 e 1996, uma vez em cada ano, debatendo, respectivamente, as subtemáticas dos sentimentos de baixa autoestima e solidão.

Na *Folha de S. Paulo*, na década de 1980, “Sentimentos” foi temática central de dois textos em 1983 (o primeiro sobre dor e sofrimento e, o segundo sobre esperança) e um em 1981 (sobre inveja). Na década seguinte, também apresentou poucas ocorrências – duas em cada um dos anos a seguir 1992, 1994, 1995 e 1997 (com pelo menos um texto sobre “amor” por ano e com dois, ao longo dos anos indicados, sobre “felicidade”); e uma em 1998 (sobre o sentimento de “paixão”), ano de maior contraste com o jornal *O Globo*.

Por fim, “Desigualdades e Direitos Humanos”, temática que totaliza 33 ocorrências – 24 na *Folha de S. Paulo* e nove em *O Globo* – está presente, de maneira distribuída, ao longo dos anos 1980 no primeiro jornal, embora não apareça uma única vez no segundo, no mesmo período. Atinge seu máximo em *O Globo*, em 1996 (ano em que é a Temática Geral com mais destaque, entre as principais), com cinco ocorrências, e, neste jornal, o tema das desigualdades aparece apenas outras quatro vezes, sendo duas em 1991 e duas em 1995.

No jornal *Folha de S. Paulo*, é o segundo Tema Geral mais frequente e apresenta o máximo em 1983, com quatro colunas, sendo três assinadas por Hélio Pellegrino. Uma marca desta temática que chama a atenção é estar em diálogo com vários outros temas, tendo sido identificada, por exemplo, em colunas de “Debates Ideológicos” – “Capitalismo e mistificação religiosa” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 29/10/1984) – “Política” – “Análise de um caráter” (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 21/08/1985) – “Cultura” – “Quem dança em ‘Baila conmigo?’” (CARONE, *Folha de S. Paulo*, 19/07/1981) – “Mundo” – “O bobo e os reis” (BELO, *Folha de S. Paulo*, 15/02/1993) – “Violência” – “A praga escravagista brasileira” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 22/09/1996) – “Comportamento” – “O

homossexualismo avança. ‘O argumento central de Sullivan é discutível’” (COSTA, *O Globo*, 01/06/1996) – “Temas Jurídicos” – “A legalização do aborto no Brasil” (SUPLICY, *O Globo*, 24/02/1996) – e também, juntamente com Tema Especializado “Teoria Psicanalítica” – “Psicanálise e justiça social” (MALLET, *Folha de S. Paulo*, 01/06/1986).

Os trajetos temáticos de TG apontam, então, para uma diversidade na forma de distribuição dos temas, que aparecem ora mais concentrados, ora mais dispersos (e até mesmo ausentes), de forma bem mais irregular do que os TEs. Enquanto os Temas Especializados apresentam alguns picos medianos, alguns TGs (como “Comportamento” e “Sentimentos”) despontam em determinados momentos, quando se apresentam associados a determinados psicanalistas. O mesmo não ocorre entre os Temas Especializados, que são discutidos por diferentes psicanalistas, sem destacar algum nome específico.

Uma vez que, para a AD, dados são fatos discursivos, então as regularidades temáticas – bem como as enunciativas – identificadas nas colunas assinadas por psicanalistas apontam desde já para algumas das primeiras percepções acerca dos discursos sobre/de a figura do psicanalista.

Primeiramente, a análise dos trajetos temáticos permitiu-nos ver, ao longo do período de 1980 a 1998, que há um realce da imagem do psicanalista “generalista”, capaz de discutir temas variados, que não tomam o saber e as teorias psicanalíticas como tema central de seus debates. Assim, pode-se dizer que, com frequência, o psicanalista colunista não escreve sobre psicanálise, mas sobre “qualquer coisa” – de filosofia e política à economia, saúde, direito –, mesmo que tendo a psicanálise em segundo plano.

Chamou nossa atenção também a diferença na forma de convocação da figura do psicanalista pelos dois jornais analisados. Percebe-se, entre *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, um diferente funcionamento discursivo e, logo, trajetos temáticos distintos. Esta diferença fica evidente na segunda metade da década de 1980, quando os Temas Especializados superam, em número de colunas, os Temas Gerais na *Folha de S. Paulo*, enquanto que em *O Globo*, no mesmo período, continuam a predominar os TGs.

Discursivamente, essa sobreposição dos TEs na *Folha* desafia a regularidade temática até então evidenciada, o que aponta para efeitos de sentido de valorização do pensamento psicanalítico – seja ele relacionado tanto aos saberes psicanalíticos, quanto às teorias ou às instituições. Neste momento, psicanálise torna-se tema central das colunas. No entanto, no início da década de 1990, os Temas Gerais voltam a ser dominantes – principalmente “Arte e Cultura” –, o que pode ser lido como um segundo período de apagamento da figura do psicanalista especializado na medida em que houve a afirmação do

psicanalista intelectual e “generalista”. Em *O Globo*, este apagamento ocorre desde a década de 1980, pois nele TG predomina na maior parte do tempo.

4.1.2.2 Trajetos temáticos em entrevistas

Em um total de 74 entrevistas – 40 publicadas na *Folha de S. Paulo* e 34 em *O Globo* – foram identificadas 47 ocorrências referentes ao que chamamos de Temas Especializados e 40 de Temas Gerais, o que, quantitativamente, indica uma predominância dos temas mais diretamente ligados à psicanálise.

Na *Folha de S. Paulo*, a proporção foi de 33 TE para 16 TG (em porcentagem, 67,3% de TE para 32,7% de TG), enquanto que, em *O Globo*, foi de apenas 14 TE para 24 TG (36,84% de TE para 63,16% de TG). Percebe-se, então, que as ocorrências temáticas, nas entrevistas, não obedecem à mesma proporção nos dois veículos analisados, sendo, aliás, praticamente o inverso. Por isso, apontaremos, a seguir, as temáticas principais separadas em cada um dos jornais.

Em relação aos Temas Especializados em entrevistas predominam, na *Folha de S. Paulo*, as famílias temáticas “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” (10 ocorrências) e “Teoria Psicanalítica” (9). Os outros TEs estiveram bem menos presentes: “Divulgação do Pensamento Psicanalítico” (5); “História da Psicanálise” (4); “Formação Psicanalítica” (2); e os demais – “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições”, “Prática Psicanalítica” e “Biografias de Psicanalistas” – apareceram apenas uma vez ao longo do período analisado.

Desde já é possível observar diferenças entre as temáticas abordadas em colunas e em entrevistas: por exemplo, a questão institucional tão debatida por psicanalistas colunistas quase não apareceu nas entrevistas; textos que têm como propósito central divulgar o pensamento de psicanalistas – informando o leitor sobre debates de seminários e livros sobre psicanálise – são consideravelmente mais frequentes em entrevistas. Ao mesmo tempo, discussões acerca do processo de formação de psicanalistas são a temática menos recorrente em ambos os tipos textuais (colunas e entrevistas).

Em *O Globo*, os Temas Especializados estão distribuídos de maneira distinta ao longo do tempo. Embora neste jornal predominem também entrevistas da temática “Teoria Psicanalítica”, há sobre ela apenas quatro ocorrências. Proporcionalmente, a diferença entre o número de vezes em que são discutidas as teorias da psicanálise e os outros temas é pequena: “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições” (aparece três vezes); “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes”, “Prática Psicanalítica” e “Biografias de Psicanalistas”

(aparecem duas); e “Formação Psicanalítica” aparece uma só vez. Diferentemente da *Folha de S. Paulo*, “Divulgação do Pensamento Psicanalítico” e “História da Psicanálise” não foram identificadas em entrevistas de *O Globo*, o que contribui para o baixo número de ocorrências de TE neste jornal.

De forma geral, se observarmos a soma de TEs nos dois veículos submetidos à análise, percebemos a predominância das mesmas temáticas indicadas nas colunas, embora em proporções bastante distintas. São elas: “Teoria Psicanalítica” (13) e “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” (12).

Por sua vez, as Temáticas Gerais nas entrevistas devem ser comentadas. Na *Folha de S. Paulo*, destacou-se o tema “Política”, com cinco aparições. Depois, com apenas duas ocorrências, estão “Debates Ideológicos”, “Saúde”, “Violência” e “Comportamento”; e, com apenas uma, “Desigualdades e Direitos Humanos”, “Arte e Cultura” e “Sentimentos”. As demais temáticas não foram identificadas nas entrevistas deste jornal. Chama-nos a atenção, então, a diferença que há entre os Temas Gerais em colunas e entrevistas – ainda maior do que a identificada em Temas Especializados – pois as duas principais temáticas em colunas (“Arte e Cultura” e “Desigualdades e Direitos Humanos”) raramente apareceram nas entrevistas.

Em entrevistas de *O Globo*, predominaram – assim como nas colunas – o tema “Comportamento” (com nove ocorrências). No entanto, a diferença quantitativa para as demais temáticas é considerável: “Saúde”, teve três; “Política”, “Economia” e “Sentimentos”, duas; “Temas Jurídicos”, “Arte e Cultura”, “Violência” e “Educação”, apenas uma. Nota-se que a temática “Economia” não apareceu entre as colunas de *O Globo*, tendo sua única ocorrência neste jornal em um texto do tipo entrevista.

Ao todo, em *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, é possível observar que, entre os TGs, apenas um tema destacou-se a ponto de ter mais de dez ocorrências entre as entrevistas: “Comportamento”. Ressaltamos também que “Mundo” foi a única temática ausente dos dois jornais, entre os dizeres de psicanalistas entrevistados.

A seguir, apontaremos os trajetos temáticos percorridos pelas FTs mais recorrentes em ambos os jornais analisados, de forma a destacar aqueles que tiveram mais de dez ocorrências, já que as demais, por aparecerem tão pontualmente, não chegam a estabelecer um “percurso” no tempo.

A começar pelos Temas Especializados, temos “Teoria Psicanalítica” como a Família Temática mais recorrente, ao considerarmos a soma de ocorrências dos dois jornais (presente em 13 entrevistas). Este Trajeto Temático pode ser lido a partir da constância na

aparição do tema na *Folha de S. Paulo* (conforme o **gráfico 16**, em anexo), que foi identificada a primeira vez em 1983 e segue de forma distribuída, com uma ocorrência a cada ano em que aparece – 1984, 1986, 1988, 1989, 1992 e 1993 –, só tendo um aumento em 1995, com duas entrevistas.

Em *O Globo*, a distribuição temática ao longo do período analisado não se dá de forma tão homogênea. A primeira ocorrência foi identificada no ano de 1980, mas depois “Teoria Psicanalítica” só volta a aparecer em 1993, até então com uma única entrevista por ano. Assim como na *Folha de S. Paulo*, duas ocorrências foram identificadas em 1995, e uma última, em 1998. Cabe comentar que os conceitos abordados pelos psicanalistas nas entrevistas são bastante variados, em ambos os jornais, indo de “psicose” (LIMA, *Folha de S. Paulo*, 31/01/1993) e “perversão” (ANDRÉ, *O Globo*, 18/06/1995) a “superego” (DAUDT, *Folha de S. Paulo*, 10/12/1992).

“Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes”, segunda Família Temática mais recorrente dentre TE, soma 12 ocorrências, sendo apenas duas de *O Globo* e as outras dez da *Folha de S. Paulo* (ver **gráfico 17**, em anexo). No jornal em que é menos frequente, aparece só na década de 1990 – mais precisamente, em 1992 e 1994, em entrevistas de Félix Guattari “sobre a ‘Caosmose’”, que traz a confluência entre psicanálise e filosofia (GUATTARI, *O Globo*, 31/05/1992) e de Miguel Calmon, sobre psicanálise e neurociências, em que discute a técnica da Programação Neurolinguística (CALMON, *O Globo*, 08/05/1994).

Na *Folha de S. Paulo*, esta temática é mais frequente na década de 1980, aparecendo em duas entrevistas em 1981, uma em 1982, outra em 1984 e mais duas em 1987. Nestes textos, são feitas as relações entre psicanálise e saber filosófico e religioso. Já na década seguinte, tal FT aparece uma vez em 1991, outra em 1993 e duas em 1994, com abordagens bastante distintas das primeiras, pois os psicanalistas desse período dialogam com os saberes da sociologia, da física e das neurociências.

Embora sejam apenas duas entrevistas a apresentarem as relações entre saberes psicanalíticos e os das neurociências, é interessante observar que estas discussões só foram encontradas a partir dos anos 1990, não só na entrevista de Calmon (*O Globo*, 08/05/1994), mas também na de Joel Birman (*Folha de S. Paulo*, 21/11/1993).

Em relação aos Temas Gerais, “Comportamento” foi a única Família Temática que obteve mais de dez ocorrências (11, na soma dos dois jornais) e destacou-se entre as entrevistas de *O Globo*. Enquanto na *Folha de S. Paulo* só apareceu duas vezes, uma em 1992 e outra em 1995, em *O Globo* foi tema principal de nove entrevistas, todas publicadas depois de 1990 (ver **gráfico 18**, em anexo).

Entre os anos de 1990 e 1995, somente um texto por ano chegou a enfatizar essa temática e o fez de formas bem variadas, indo desde questões sobre comportamento em determinada fase da vida – como a terceira idade em “O ancião deprimido” (MASCARENHAS, *O Globo*, 16/06/1990) ou a adolescência em “O adolescente precisa muito dos pais” (ALBERTI, *O Globo*, 13/09/1992) – passando por discussões sobre comportamento diante de novas tecnologias – “Relações fetichistas com o computador” (GOLDIN, *O Globo*, 19/08/1991) –, comportamento de consumo – “Ela quer ver até onde pode ir” (GOLDIN, *O Globo*, 25/06/1995) – até debates sobre comportamento sexual – como em “Desconhecimento, o maior problema sexual” (KUSNETZOFF, *O Globo*, 11/09/1994).

O pico da temática dá-se em *O Globo*, em 1998, com três entrevistas: uma sobre consumo de drogas (BAPTISTA, *O Globo*, 17/03/1998); outra sobre sexualidade (MILLOT, *O Globo*, 02/05/1998); e a última sobre comportamento feminino (GOLDIN, *O Globo*, 22/11/1998). Mais uma vez, é evidenciada a diversidade de subtemas dentro da FT “Comportamento” e, assim como nas colunas, essa temática aparece mais recorrentemente em textos de psicanalistas em *O Globo* do que na *Folha de S. Paulo*.

A partir do conceito de trajetos temáticos, que nos permite relacionar discurso e história, é possível observar que, enquanto os psicanalistas foram quase que anualmente convocados pela *Folha de S. Paulo* – na forma de entrevistados – em *O Globo*, convocações deste tipo só se tornam frequentes depois de 1989. Este é um indício de que houve um silenciamento da voz do psicanalista, em entrevistas de *O Globo*, durante a década de 1980. Confrontando os resultados de entrevistas com os de colunas, os períodos de suposto silenciamento não coincidem, ou seja, não é possível dizer que o jornal desconsiderou a figura do psicanalista durante o período analisado; apenas que as formas de convocação são distintas ao longo do tempo – ora psicanalistas estão mais presentes como colunistas ou articulistas, ora como entrevistados.

Quanto às principais temáticas identificadas nas entrevistas, entre 1980 e 1998, *O Globo* recorreu a psicanalistas um maior número de vezes para tratar de questões comportamentais, tanto em colunas como em entrevistas. Esta ocorrência aponta para uma regularidade na forma de convocação do psicanalista por este jornal. Na *Folha de S. Paulo* ocorre diferente. O fato de só se terem duas entrevistas sobre “Comportamento” neste jornal indica que a imagem que se tem desse sujeito é outra. Como predominam, na *Folha*, entrevistas sobre Temas Especializados, pode-se dizer que a convocação nesta modalidade textual realça a imagem do especialista, em detrimento da do intelectual humanista. Fica evidente com isso que os efeitos de sentido produzidos acerca do psicanalista, neste jornal,

são distintos em textos de colunas – em que prevalecem os Temas Gerais – e de entrevistas – que publicam mais frequentemente a voz do psicanalista que depõe sobre Temas Especializados.

4.2 PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS DE PSICANALISTAS NOS JORNAIS

A partir da fundamentação conceitual da Análise de Discurso já discutida no capítulo anterior, podemos dizer que o discurso produzido por um sujeito (A) sempre pressupõe um destinatário (B), sendo que A e B designam para si e para o outro, mutuamente, uma série de projeções imaginárias, que apontam, nos processos discursivos, para a imagem que cada um tem do seu lugar e do lugar do outro (INDURSKY, 1992, p.48).

Lembrando, “A” corresponde ao “lugar do psicanalista”. O “sujeito situado em A” é o próprio psicanalista, no momento em que exerce a função de autor. Chamaremos B’ os leitores, e B” os jornais que publicam o texto de/sobre o psicanalista. Dessa forma, as projeções imaginárias que psicanalistas têm do jornal seriam uma consequência daquelas que possuem em relação a seus leitores. Dessa forma, escrevendo para um leitor idealizado, o colunista ou articulista, possivelmente, imagina qual seria o “público” do jornal.

Antes de iniciar a análise dos enunciados, apresentaremos um exemplo que promove a reflexão sobre o jogo de projeções imaginárias que abrange colunista, imprensa e leitor. Trata-se de um conflito entre Maria Rita Kehl, psicanalista ex-colunista de *O Estado de S. Paulo*, e o jornal para o qual escreveu até fevereiro de 2010, quando foi demitida. Segundo a psicanalista, sua demissão foi devida a um “delito de opinião”, após a publicação do texto “Dois pesos...”, no qual discutia a “desqualificação do voto dos pobres” (KEHL, 2010). Em contra-argumento, o diretor de conteúdo do Grupo *O Estado de S. Paulo* afirmou, na época, que Maria Rita Kehl – ao escrever sobre política – descumpriu com a proposta do caderno no qual publicava: o de ter “um espaço em torno da psicanálise. Um divã para os leitores” (GANDOUR, 2010).

Este caso exemplifica como *O Estado de S. Paulo* projetou sobre Maria Rita Kehl uma imagem distinta da que a psicanalista tinha sobre si. Além disso, o jogo de projeções se estende aos leitores e ao jornal, pois a psicanalista não só supôs ter liberdade em relação à escolha do tema de sua coluna, como também imaginou um leitor diferente do projetado pelo jornal. Assim, neste jogo de projeções – que são tanto da ordem do simbólico como da do imaginário – houve um mal entendido que acabou por suspender as publicações da psicanalista no jornal. Este caso ilustra como as projeções imaginárias (se) estabelecem (nas) relações de poder presentes na imprensa.

4.2.1 As projeções imaginárias de/sobre psicanalistas nos jornais

Chamando de IA (A) a imagem do lugar de A para o sujeito situado em A – de forma a questionar: “Quem sou eu para lhe falar assim?”, analisamos a imagem que o psicanalista projeta de si diante da projeção que faz do “lugar do psicanalista”.

Apresentaremos, então, as projeções do lugar que o psicanalista ocupa na sociedade (a qual integram os leitores dos jornais) a partir de enunciados de colunas e entrevistas publicadas em jornais. Destacamos que as projeções imaginárias enumeradas não correspondem, necessariamente, aos temas principais nem às categorias já descritas, embora tenham sido identificadas nos textos que correspondem às famílias temáticas mais recorrentes.

Descrevemos, então, as principais projeções imaginárias dos psicanalistas sobre si – IA (A) –, a partir de colunas e entrevistas publicadas nos jornais, conforme enumeramos e descrevemos a seguir.

Neste momento da análise, utiliza-se a seguinte indexação: PXS_Y são as Projeções (P) exemplificadas nos Segmentos (S), em que X corresponde ao número que consta em “IA (A) X” e Y ao número do segmento, em ordem de aparição neste texto.

4.2.1.1 Imagem do psicanalista “pensador” - IA (A) 1

A imagem do psicanalista “pensador”, ou seja, do intelectual capaz de refletir tanto sobre o universo das letras como sobre os mal-estares que afligem a sociedade contemporânea, é a mais frequente nos jornais. Quando convocados para escrever uma coluna ou para conceder uma entrevista, na maior parte das vezes, os psicanalistas projetam-se no lugar do intelectual humanista ou “manipulador de ideias” (BOBBIO, 1997) e, para isso, fazem circular discursos sobre saberes diversos – da filosofia, da sociologia à psicanálise e literatura.

Esta imagem pode ser exemplificada pelo segmento textual a seguir, que recortamos do texto “Foucault e a loucura”:

P1S1: É claro que **poderíamos continuar a pensar as teses do maior livro de Foucault**. Mas vamos ver algo distinto. **Para os psicanalistas ficavam ainda outras perguntas. [...] Uma, que discuti bastante com Foucault**, seria sobre a morte. **Por que só a morte como modelo da experiência trágica, do imediato e do desregramento?** O terror da morte, a morte como limite, o homem como ser para a morte, são temas de um certo Ocidente bem datado, e de apenas alguns de seus grupos sociais. Não se trata de uma experiência universal. **Contudo, estas inscrições universalizantes não se fariam no interior de saberes, que**

abstrairiam suas experimentações sociais e singulares sob a égide de leis a serem generalizadas? Ou seja, **o que seria minha tese**, também a morte jamais foi uma experiência unitária, só aparecendo como tal diante das regularidades/regularizações de uma **Razão** (pretensamente) homogênea. **Isto é, como psicanalista, me interessava pensar a loucura como experiência fundante da morte e do desregramento.** (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 26/08/1984)

Nesta sequência textual, estão presentes diversos elementos de discursos em que o psicanalista ocupa o lugar de “pensador”. Primeiramente, o autor da coluna mostra-se conhecedor das “teses do maior livro de Foucault”, um autor reconhecido com quem ele afirma ter discutido bastante sobre sua tese. A recorrência a autores importantes, principalmente da filosofia, é frequente nos textos de psicanalistas em jornais e aponta para um discurso acadêmico das ciências humanas e sociais, em que há uma valorização do conhecimento de livros e autores. Além de que, ao discutir sobre uma “Razão” o psicanalista está mobilizando também uma memória discursiva, que remete a uma temática constante do pensamento moderno.

Um segundo elemento, contíguo ao primeiro, é o fato de o psicanalista não só demonstrar conhecimento sobre o filósofo francês, mas basear-se nos pensamentos dele para embasar e desenvolver sua própria tese. Desse modo, em P1S1, por exemplo, o “pensador” não se detém em Foucault, mas utiliza-o para pensar o tema da morte, avançando para além do autor de base.

Outra marca da imagem do psicanalista “pensador” é a elaboração de questões ao longo do texto – como, em nosso exemplo: “Por que só a morte como modelo da experiência trágica, do imediato e do desregramento?” e “Contudo, estas inscrições universalizantes não se fariam no interior de saberes, que abstrairiam suas experimentações sociais e singulares sob a égide de leis a serem generalizadas?”. Perguntas como estas produzem sentido sobre o autor, sugerindo uma associação entre a produção do texto e o processo de reflexão.

Um último ponto sobre o qual o segmento P1S1 nos permite discutir é a forma como o autor do texto se posiciona enquanto psicanalista, a partir dos enunciados: “Para os psicanalistas ficavam ainda outras perguntas” e “Isto é, como psicanalista, me interessava pensar a loucura como experiência fundante da morte e do desregramento”. Percebe-se, diante destes dizeres, que o autor demarca o lugar do saber de onde fala: é psicanalista e não filósofo, por exemplo.

Abaixo, discutiremos outro exemplo de psicanalista “pensador”, a partir de P1S2:

P1S2: Quando **exemplarmente Marx fala** em supressão da filosofia, quando Wittgenstein fala em desaparecimento da filosofia, quando Heidegger fala em consumação da filosofia, o primeiro na práxis, o segundo na terapia (da linguagem), o terceiro na questão do pensamento, os três estariam derrubando as bases de suas afirmações se com isto visassem ao gesto fundamental da filosofia: há que filosofar para negar filosofia. [...] **Em todos os três é o gesto último do filosofar que comanda a crítica. Meu livro “Melancolia” (Ensaio Sobre a Finitude do Pensamento Ocidental) era um manifesto que buscava esse sentido.** (STEIN, *Folha de S. Paulo*, 09/01/1983)

Este caso reforça o exemplificado por P1S1, no sentido de que se faz referência a pensadores clássicos, como Marx, Wittgenstein e Heidegger e estabelece um diálogo entre estes autores, buscando evidenciar o que eles teriam em comum – que, segundo o psicanalista, seria a reflexão embasada no “gesto último do filosofar”. Mais do que uma simples retomada do saber filosófico, a figura do psicanalista “pensador” aparece aqui como inclusa no círculo dos filósofos mencionados, uma vez que o autor afirma ter escrito um livro buscando o mesmo sentido existente na obra deles. Neste momento, o autor demarca sua posição não como psicanalista, mas como produtor de conhecimento filosófico.

Destacamos que há, neste exemplo, a demonstração de opinião do autor em relação a Marx, quando, de forma elogiosa, utiliza a expressão “exemplarmente” para referir-se ao modo como este pensador expunha suas ideias.

O psicanalista que se projeta como “pensador”, nos jornais, aparece também produzindo avaliações sobre o mal-estar da sociedade, por meio de avaliações dos problemas – sejam ideológicos (como P1S3, a seguir), sejam de cunho mais político (como P1S4) – que afligem os indivíduos.

P1S3: **Vivemos num mundo absolutamente desprovido de ideais que entusiasmem. Terminaram as grandes paixões políticas e religiosas. Hoje, só há três formas de a gente encontrar um sentido da vida**, de ter identidade, saber quem a gente é e se sentir bem consigo mesmo: é ser admirado pelo outro, vencendo a corrida pelo sucesso; pelo dinheiro; pelo amor e prazer. Sexo, amor, dinheiro, visibilidade na mídia: esses são os heróis do nosso tempo. **E são coisas extremamente frágeis. Se uma dessas coisas durasse, explodiria o sistema capitalista.** (COSTA, *O Globo*, 29/10/1998)

P1S4: **Ai de nós que somos legislados, julgados e governados por legisladores, juízes e governadores maniqueístas (poucos escapam)** que sinceramente creem estar dando soluções reais aos problemas sociais quando **atribuem a seu par antitético a autoria dos descalabros**, para em seguida se sentirem tranquilos como se tivessem dado solução aos problemas que se propuseram resolver. [...] **Ai de nós que não temos os políticos que merecemos, salvo exceções bem raras.** (ZUSMAN, *O Globo*, 13/01/1997)

No primeiro exemplo acima, o psicanalista enumera as “formas de a gente encontrar um sentido da vida”, diante da falta de “grandes paixões políticas e religiosas”. Aparece aqui a imagem de um avaliador desse “mundo absolutamente desprovido de ideais que entusiasmem”. Além disso, o autor localiza no tempo os problemas que analisa, ao dizer “*hoje*, só há três formas [...]”, posicionando-se como pensador da atualidade, o que é reforçado pela expressão “do nosso tempo”. Ao fazer a observação presente no enunciado destacado, o psicanalista inclui-se (por meio do uso repetido de “a gente”) entre os sujeitos que precisam ser “admirados pelo outro” para então alcançar o “sentido da vida” e “ter identidade”.

Tal enumeração é um recurso típico de discursos identificados com o ideal de objetividade, o que implica na responsabilidade daquele que exerce a função-autor. Segundo Orlandi (2001, p.143), “somos regidos, em nossa forma histórica de sociedade, pela ‘vontade’ da verdade e pelo ‘imaginário’ da objetividade”. No entanto, há uma contradição na produção de sentidos, que perturba tais determinações. Embora tenhamos a “necessidade de um mundo normatizado quanto a seus sentidos, estabilizados, onde ‘x’ signifique ‘x’, com o qual podemos nos identificar, [...] não temos senão versões” (ORLANDI, 2001, p. 143).

Cabe lembrar que, para a AD, todo discurso se forma no equívoco²¹, naquilo que falha e, portanto, o sujeito não tem controle absoluto sobre os sentidos – “diz sem saber exatamente o alcance do dizer” (ORLANDI, 2001, p. 143).

Retomando a análise dos segmentos textuais, ao longo de P1S3, nota-se uma Formação Discursiva que compreende o sujeito e a sociedade de forma indissociada. Assim, toma as dificuldades subjetivas – como “ter identidade” e “sentir-se bem consigo mesmo” – como subjugadas a questões mais amplas – como a falta de “ideais que entusiasmem” e até ao “sistema capitalista”.

Em outro sentido, a imagem do psicanalista pensador aparece fortemente marcada pela circulação de discursos críticos ao governo – ou, de forma ampliada, aos poderes legislativo, executivo e judiciário. É o caso de P1S4. Neste segmento textual, percebe-se que o psicanalista não se posiciona como político, mas como cidadão, que reclama não ter “os políticos que merece”. É possível dizer que assim sugere um efeito de identificação com o leitor.

²¹ Lembrando que, para a AD, ao “equívoco” não se atribui o sentido de “erro”, mas de elemento constitutivo da linguagem, que quer dizer que “as palavras, em funcionamento, são sempre passíveis de sentidos contraditórios, de diferentes interpretações, porque os fatos se formulam como razões distintas para as pessoas” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p.84).

Chamam-nos a atenção duas questões: a primeira é a forma como este psicanalista preocupa-se em não generalizar, ressaltando mais de uma vez que há exceções – “poucos escapam”, porém, há os que escapam; “salvo exceções bem raras”. Este cuidado deve ser observado, uma vez que não é comum, pois, segundo Bobbio (1997, p.9) os intelectuais muitas vezes se perdem diante da “excessiva linguagem polêmica”, recaindo na “falsa generalização”. Destaca-se, então, que o psicanalista, mesmo ao opinar sobre legisladores, juízes e governadores, não deixa de ser cauteloso quanto à generalização. Acrescentamos que não há, no restante do texto, apontamento às tais exceções. Caso houvesse, o sentido aqui debatido talvez fosse alterado para uma propaganda política daqueles que não se enquadram nas críticas do autor.

O segundo ponto que chama nossa atenção é a escolha sintagmática realizada pelo psicanalista. Ao dizer que aqueles sobre quem fala “atribuem a seu par antitético a autoria dos descabros”, o autor utiliza um vocabulário incomum para os jornais. Com isso, aponta para a projeção imaginária que tem de um leitor culto – IA (B’). Sendo esta uma das possibilidades de leitura, podemos dizer que a expressão “ai de nós” refere-se a um “nós” restrito aos falantes da língua culta que, portanto, não abrange todos os cidadãos entre os “legislados, julgados e governados por legisladores, juízes e governadores maniqueístas”.

Outra forma de compreender a imagem do psicanalista pensador é como aquele que se projeta como autorizado a analisar o governo do momento e a sugerir soluções para problemas que este esteja enfrentando, conforme nos exemplifica P1S5:

P1S5: Para que a lei seja reconhecida e tenha o objetivo de estruturar uma sociedade, **o governo não deve assumir posições que o tornem a clássica figura fálica onipotente.** (VOLICH, *Folha de S. Paulo*, 03/11/1985)

Este exemplo interessa-nos particularmente por mostrar que o autor psicanalista, nos jornais, nem sempre se desloca da posição de “psicanalista clínico”, mesmo quando é chamado a discutir questões que não se restringem a uma análise do sujeito. Em P1S5, o articulista assume o papel de um “analista do governo” que, por meio do saber psicanalítico, seria capaz de perceber uma posição do governante que corresponde à “clássica figura fálica onipotente”.

Além da imagem do psicanalista “pensador” porque “clínico da sociedade”, encontramos o que se projeta autorizado a discutir arte e cultura por meio do entendimento psicanalítico, como nos aponta, dentre outras questões, P1S6:

P1S6: Toda obra de arte é, por um lado, um movimento de cura daquele que a produz – e um movimento de procura. Eu digo que “cura” é, na condição humana, “procura”. O artista procura, nas suas obras, dar forma às suas intuições para, através da linguagem, auscultar o mistério da existência humana. Enquanto ele faz esta procura, ele se cura. (PELLEGRINO, *O Globo*, 23/09/1990)

Aqui, a projeção imaginária do psicanalista intelectual fica evidente a partir do entendimento de que se trata de um “homem da cultura” ou “homem de gosto”, que, apesar de não ocupar o lugar de artista, despense tempo para debater o que este busca ao produzir sua arte. Ele integra, assim, o campo intelectual conforme Bourdieu (1968). Trata-se de um pensador, que tenta tamponar as lacunas do entendimento sobre questões variadas a partir do saber psicanalítico.

Além do psicanalista-pensador sobre a arte e o artista, há também aquele que ocupa o lugar do literato, como em P1S7:

P1S7: O sambista não enfrenta a morte e se a representa é antes para espantá-la; ele sabe da fugacidade, brinca a todo pano como se fosse acabar amanhã, **para que então tentar o diabo?** O touro é para o toureiro e a coragem do país ladino é outra, é a da paciência e do humor, de quem se opõe à tristeza insistindo na alegria, adia o choro [...] (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 04/03/1984)

É possível que um leitor “desavisado” não imaginasse, a partir deste segmento, se tratar de um texto assinado por uma psicanalista. A frase “para que então tentar o diabo?”, por exemplo, seria mais esperada em um texto de gênero literário. Percebe-se, portanto, a imagem do “pensador” como aquele que entende a literatura “por dentro”. Este, por vezes, percorre o caminho inverso, de não só utilizar o saber psicanalítico para entender o sujeito artista e suas produções, mas também para produzir arte, a partir de um modo psicanalítico de compreender o mundo. Um exemplo disso é a frase: “O sambista não enfrenta a morte e se a representa é antes para espantá-la”. Por outro lado, o diálogo entre arte e psicanálise é, por vezes, criticado por psicanalistas:

P1S8: Parece que algo em nosso mundo intelectual torna propícia a abordagem interdisciplinar, uma vez que **também dentro da psicanálise é possível notar um interesse cada vez maior pelas relações entre arte e psicanálise.** Há uma interpenetração das problemáticas que pode ser enriquecedora ou, às vezes, perigosa, quando perde de vista o que é peculiar a cada produção, podendo levar a reducionismos ou generalizações artificialmente construídas. (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 05/11/1995)

Enquanto se discute esta relação entre arte e psicanálise, a imagem que o/a psicanalista projeta de si é de “pensador(a)” e, diante disso, a autora do texto do qual

recortamos P1S8 se vê incluída em um “nosso mundo intelectual”. Para além de se projetarem autorizados a discutir – como mencionado no segmento anterior – “as relações entre arte e psicanálise”, alguns psicanalistas percebem-se também como debatedores de temas da cultura, de forma mais ampla do que aquelas materializadas nas manifestações artísticas.

P1S9: A cultura oficial evita e imita, a da brincadeira pela irreverência reverencia às outras culturas, assimila para criar o mais brasileiro, se nos traz a japonesa, garantidamente não a traz como a de lá, tamanho recato seria incompatível e a perna ao menos ela exhibirá; se apresenta a Cinderela é na figura de Piná. **A cultura antropofágica vive de sua diferenciação incessante**, dos deslocamentos que faz e das mais inesperadas condensações, gueixa loura ou cinderela negra..., existe menos através deste ou daquele símbolo do que pela devoração de todos e por isso ela não teme importar. **A questão é bem outra, conseguir se exportar.** (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 26/05/1984)

Tal discussão é mais frequente na *Folha de S. Paulo* e demonstra que a autora compartilha de uma memória discursiva referente ao movimento modernista – e, como evidenciado no segmento textual acima, ao Manifesto Antropófago, de 1928. Frequentemente, discursos como os que circulam nos enunciados destacados em P1S9 atualizam esta memória acerca da cultura. Como consequência, propõem uma releitura, em meio à década de 1980, de um movimento que nasce em 1920. Com isso, reafirmam a preocupação não com a incorporação de outras culturas, mas com a exportação da cultura brasileira.

Vale ressaltar que há também o que podemos pensar como um “estilo” de escrita que significa, marcado pelas rimas de “evita” e “imita”; “lá”, “exibirá” e “Piná”. Ao redigir dessa forma, a psicanalista se projeta como um autor no discurso literário, um personagem da cultura do país – lembrando sempre que o modo como o sujeito se articula intradiscursivamente (a construção do texto propriamente dita), é fortemente marcado pelas projeções imaginárias sobre si e sobre o interlocutor.

Destacamos aqui um tipo de imagem pouco frequente que, no entanto, deve ser comentada: a do “psicanalista artista”. Apesar de diferir do “pensador crítico de arte”, está associado a posições-sujeito de discursos sobre arte e cultura e, como sua aparição foi minoritária, optamos por não destacá-lo como outra forma de IA (A). Vê-se esta relação em P1S10, a seguir:

P1S10: Minhas fotos são contundentes, mas minha ideia é não fazer estereótipos. Depois de Juliano Moreira (hospital psiquiátrico), **nunca mais trabalhei com rostos. As fotos são detalhes do corpo, onde se fabrica uma espécie de contra-resistência institucional.** (DENIZART, *Folha de S. Paulo*, 29/10/1995)

Neste caso, o psicanalista entrevistado, conhecido pelo ensaio fotográfico de denúncia do modelo manicomial, encontra-se na posição de fotógrafo e é interpelado sobre a sua forma de produção artística. Enquanto artista ele destaca, em primeira pessoa, uma avaliação sobre o próprio trabalho – “minhas fotos são contundentes” – e demarca um estilo – “nunca mais trabalhei com rostos”. Simultaneamente, ele reflete sobre a foto enquanto “detalhes do corpo, onde se fabrica uma espécie de contra-resistência institucional”, expandindo, portanto, o modo de perceber sua expressão artística para além de elementos técnicos da fotografia. Neste momento, o psicanalista aproxima-se de uma FD antimanicomial, ao referir-se à “contra-resistência institucional” em um momento de crítica à instituição psiquiátrica tradicional, como era o caso da colônia Juliano Moreira, citada no segmento textual recortado do jornal.

Retomando a forma de identificação da imagem do psicanalista “pensador”, é recorrente a posição de “avaliador” de comportamentos da atualidade – não no sentido em que o analista clínico faz, ao diagnosticar o mal-estar que aflige o sujeito, mas como intelectual que observa a humanidade e reflete sobre suas questões. Neste sentido, tomamos como exemplo P1S11, a seguir:

P1S11: **O fundamental, penso, é abandonar a posição sadomasoquista de contemplação da degradação alheia ou da própria degradação. Isto é utópico e desmiolado? Pois, bem, “ça n’empêche pas d’exister”.** Um grão de loucura e devaneio, quem sabe, é desta falta que padecem nossas almas mortas, famintas de encantamento e razão de viver. (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 22/09/1996)

Este segmento textual exemplifica a demarcação do lugar do intelectual que joga com dois idiomas, projetando sobre o leitor o lugar de quem compartilha desse mesmo jogo. Além dessa marca textual, chama-nos a atenção o segmento “o fundamental, penso, é...” que aponta para a expressão de uma opinião, em primeira pessoa do singular, de forma a demarcar o lugar do psicanalista de forma específica, não como aquele que “*acha* ser fundamental” ou que “*acredita* ser fundamental”, mas como aquele que “*pensa* ser fundamental”. Neste caso, o verbo utilizado, em conjunto com os demais marcadores, aponta para a autoprojeção de “pensador”.

Ainda como intelectual atento a comportamentos, temos o exemplo a seguir:

P1S12: Aos poucos, **a modernidade nos levou a falar de nossa vida sexual**, a confessá-la, contá-la e, finalmente, erigi-la em peça chave de nossa verdade mais íntima. **Me diz como trepas, te direi quem és. A psicanálise foi um momento decisivo nesse processo. É possível que, como teria dito Foucault, esse novo pegajoso sexualismo fosse e seja,**

fundamentalmente, uma técnica do poder, ou, mais deleuzianamente, do micropoder (“Fala, que saberei como lidar contigo”). De qualquer forma, o crepúsculo das categorias inventadas pelo mesmo poder que nos levou a falar tanto de nossa sexualidade sugere que talvez o sexo esteja perdendo seu lugar de exceção. (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 13/04/1997)

Mobilizando discursos sobre “a modernidade” e tomando como base autores do campo da filosofia – como Foucault e Deleuze – o psicanalista em P1S12 discute sobre o comportamento sexual, definindo o lugar do saber psicanalítico nas relações de poder como “decisivo nesse processo” de fazer “falar de nossa vida sexual”. Chama-nos a atenção o uso da frase “me diz como trepas, te direi quem és”, que ao mesmo tempo em que sugere uma estratégia do autor de utilizar o humor, também indica uma crítica à psicanálise, em um contexto da determinação de “quem és” por meio da maneira como se comporta sexualmente. Além disso, é possível afirmar também, a partir da frase “me diz como trepas, te direi quem és”, que há a projeção do psicanalista livre no espaço que o jornal lhe concedeu, desafiando os discursos aceitos na própria imprensa e, por isso, se permite dizer abertamente termos como “trepar”.

Em continuidade, é possível entender que a imagem do “pensador” aparece, muitas vezes, associada a uma crítica às desigualdades, tanto em relação à distribuição de recursos (desigualdade socioeconômica), quanto à questão racial. A seguir, temos três exemplos de segmentos textuais dos quais recortamos os enunciados que analisaremos em seguida.

P1S13: Estamos repetindo o que de pior ocorreu no Ocidente. Não apenas produzimos os sem-teto e sem-pão; estamos multiplicando os “societyless”. (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 31/03/1996)

P1S14: A alegria (fingida ou não) na senzala sempre encorajou a festa na casa-grande. Não tenho carinho de sobra para o cartão postal de um Brasil-paraíso, em que o “povo” fica sorrindo e as elites contam tranquilas com a tolerância (e a inércia) de quem seria feliz com a casa própria na vila, fé religiosa e plano de saúde. (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 25/05/1997)

P1S15: O racismo existe no Brasil, só que de forma camuflada. Há miscigenação, aceitação de várias religiões, mas tudo muito brigado, lutado. Há um longo caminho a percorrer no reconhecimento das diferenças e **eu não sei o quanto as elites se dão conta disso.** Porque sempre que há o poder, há o disfarce da diferença, a camuflagem. **E é no assumir das diferenças que se pode lidar com elas.** (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 04/06/1995)

Os enunciados acima destacados assemelham-se por propor reflexões sobre as desigualdades e por, ao fazê-lo, utilizarem o tom crítico. O primeiro, ao afirmar que “estamos repetindo *o que de pior* ocorreu no Ocidente”, realiza uma crítica à miséria e ao sistema. Os outros dois enunciados dialogam com este sentido da produção das diferenças, mas apontam para novas possibilidades de leitura. Destacamos que ambos referem-se ao descaso das “elites” diante das desigualdades, sendo que P1S14 entende a oposição entre “povo” (que o próprio autor coloca entre aspas) e “elite” e P1S15 questiona se estas elites percebem o “longo caminho a percorrer no reconhecimento das diferenças” étnicas. O primeiro explora a ideia de que as elites não só se acomodaram (há uma “inércia”), mas que também se aproveitam da passividade do “povo”, que sorri e aparenta ser feliz com pouco – “casa própria na vila, fé religiosa e plano de saúde”. No segundo caso, é como se as elites fossem incapazes de perceber o que se passa, em termos de diferenças, no país.

Ao tecer a crítica à desigualdade racial, o psicanalista em P1S14 faz referência ao modelo escravagista brasileiro, ao mencionar a senzala e a casa-grande, recorrendo a uma memória discursiva da desigualdade profunda, da violência, do descumprimento dos direitos humanos. Em seguida, critica o “cartão postal de um Brasil-paraíso”, ou seja, uma imagem externalizada, que esconde os problemas reais do país. Nesse mesmo sentido, P1S15 aponta para a “camuflagem” do racismo e traz, ao final, uma possibilidade de saída para o problema: “é no assumir das diferenças que se pode lidar com elas”. Esta sugestão de solução, bem como as leituras que os intelectuais fazem do país, possibilitam compreender o psicanalista que se projeta na posição de avaliador do mal-estar social.

Nos discursos críticos à desigualdade, é comum o tom de denúncia, o que localiza a figura do psicanalista, por meio da projeção imaginária de si, nas relações de poder que se exercem. Isso se dá porque “enquanto gesto discursivo, a denúncia supõe no horizonte da interlocução um sujeito representado na posição de *poder* tomar providências que levariam a ‘reverter/modificar’ o estado de coisas denunciado” (PAYER, 2006, p.66, grifo da autora).

Por outro lado, às vezes o tom de denúncia confunde-se com o de sugestão, como parece ocorrer em P1S15, pois, após aparentemente denunciar o racismo camuflado que há no Brasil, a autora imprime o tom sugestivo ao dizer que “é no assumir das diferenças que se pode lidar com elas”. Isso pode ser entendido, discursivamente, conforme a explicação de Payer:

No modo sugestivo de enunciar, o autor não se exime de propor saberes e sentidos que julga produzirem, desde já, efeitos no interlocutor, no aqui e agora de uma relação que se funda em um tipo de vínculo mais direto com o leitor, diferente daquele que se efetua na denúncia, onde se convoca um Sujeito Outro que realizará

no futuro uma ação substancial para dar realidade ao enunciado que fica acenado. A sugestão/proposição não se deixa esgotar no recurso à ação posterior de uma autoridade, tampouco produz vazios de interlocução através de miragens equivocadas sobre o interlocutor, que anulam a força pragmática do dizer. (PAYER, 2006, p.69)

Os discursos de denúncia e de sugestão estão presentes em outras textualidades produzidas pelos psicanalistas, nos jornais, independente da temática abordada e das formas de projeção imaginária destes sujeitos, mas sempre os localizando em relações de poder.

Passemos, então, à outra imagem bastante recorrente do psicanalista “pensador”: a do teórico da psicanálise. Em nosso entendimento, este pretende definir o saber psicanalítico, debater quais são em suas funções e limites, discutir conceituações próprias do campo, como exemplificado por P1S16, a seguir:

P1S16: O inferno são os outros – disse uma vez Sartre – e, creio que esteve perto de ter razão. O Outro, na sua liberdade e transcendência, é um escândalo. Ele representa um drástico limite imposto à minha arrogância e onipotência. Para que o Outro possa existir, diante de mim, a salvo, é preciso que eu abra mão da cruel – da primitiva – tirania do meu desejo, que não admite nenhum tipo de obstáculo. Em suma: **é preciso que eu estruture o meu desejo segundo a Lei de Édipo.** (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 15/03/1981)

Neste caso – assim como outros exemplos já demonstrados anteriormente – o saber filosófico atravessa o discurso do colunista, ao exemplificar, por meio da citação “o inferno são os outros” e indicar o autor da frase (Sartre). O segmento aponta para a posição de um psicanalista não só convocado a opinar sobre determinada situação – como sujeito que pode dizer “creio que” –, mas também que se autoriza a concordar ou discordar de um grande pensador como Sartre que, segundo o colunista, “esteve perto de ter razão”. Em seguida, então, o autor recorre ao aporte conceitual do saber psicanalítico, demarcado pelo uso de “o Outro”, e a “Lei de Édipo” para discutir “o desejo”.

Esta imagem aparece com mais frequência em *Folha de S. Paulo* do que em *O Globo*, e chamou-nos a atenção o fato de que a este tipo de IA (A) parece corresponder uma IA (B’) de um leitor psicanalista ou, ao menos, conhecedor das teorias psicanalíticas que o permitem compreender o sentido pretendido pelo autor, sem demandar muitas explicações ou esclarecimentos teórico-conceituais²².

²² O que mostra a heterogeneidade das imagens projetadas sobre os leitores. Em suma, e é preciso tomar isso como uma hipótese de trabalho, pode-se dizer aqui que quando um psicanalista escreve, ele também pode estar escrevendo para os seus pares.

Em outro sentido, a imagem do psicanalista “pensador” nos jornais aparece ainda associada ao sujeito que busca estabelecer relações entre psicanálise e ciência. Para melhor compreender, tomemos os exemplos a seguir, a começar por P1S17:

P1S17: Até onde pode a psicanálise? Como se comporta ela, extra-muro? Será que a teoria de Freud só sai de casa para fazer turismo e trazer de volta impressões de viagens? Ou será que numa dessas excursões, quem sabe, ela volta impressionada pela paisagem nova? O desejo nada tinha de original. Muitos outros psicanalistas, alguns deles grandes teóricos, em muitos lugares e muitas ocasiões, tentaram a empreitada. Alguns foram bem-sucedidos, outros não. (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 21/01/1989)

A sequência textual acima apresenta diversos questionamentos acerca dos limites e das possibilidades de alcance da “teoria de Freud”, sendo essa a expressão que o autor utiliza para referir-se à psicanálise. Além disso, quando reflete sobre o saber no “extra-muro”, a “fazer turismo” e “excursões”, o psicanalista pergunta-se pelas fronteiras que um saber “tão largo” (como ele diz mais à frente, no mesmo texto) apresenta. A estratégia argumentativa que o intelectual utiliza, neste caso, é a sequência de indagações, sendo que nenhuma delas é respondida, uma vez que a segunda parte do segmento – “o desejo nada tinha de original...” – não esclarece os questionamentos incitados no enunciado recortado.

Em outros casos, a imagem do psicanalista “pensador” que se debruça sobre questões psicanalíticas, propõe a reflexão não só acerca do limite da psicanálise, mas também busca definir “o que quer a psicanálise” ou quem é “o verdadeiro psicanalista”, conforme os exemplos a seguir:

P1S18: Por comparação aos discursos “religiosos” a psicanálise não quer nada. Uma pessoa que está sofrendo e quer cessar sua dor está demandando bem-estar ao analista. Isto define uma demanda de análise, mas **se o analista aceitar essa demanda e fizer dela uma promessa da psicanálise, está fazendo discurso religioso como uma nova ortopedia da mente, como a programação neurolinguística**, por exemplo. (CALMON, *O Globo*, 08/05/1994)

P1S19: A psicanálise – prossegue Humberto Haydt – **não é apenas uma conversa, uma interpretação do relato, assim como a experiência mística não é uma genuflexão**, o recitar de afirmações. **O verdadeiro psicanalista é um artista-cientista**, que tem a mente arrebatada pela sua mente e pela mente do outro. (HAYDT, *O Globo*, 04/06/1980)

O psicanalista que se projeta imaginariamente como o autor de P1S18, percebe-se capaz de confrontar discursos sobre saberes distintos, não só daqueles ligados à saúde mental – como ao método da “programação neurolinguística” – como também ao religioso. Diante da afirmação “por comparação aos discursos ‘religiosos’ a psicanálise não quer nada”, o autor

aproxima-se de uma FD crítica ao discurso religioso e projeta, em oposição à religião, um “discurso ideal” sobre a psicanálise – a que “não quer nada” e não aceita a “demanda de análise”. Dessa forma, acaba por discutir também os “limites” da psicanálise (ao definir o que pode ou não aceitar o psicanalista, em sua atividade clínica), embora em um sentido distinto do apontado em P1S17.

Em P1S19, o psicanalista entrevistado pelo jornal também discute sobre o saber e a prática psicanalíticas, mas o faz começando por dizer o que a psicanálise *não é*. Segundo o autor, ela “*não é* apenas uma conversa, uma interpretação do relato”. É possível pensar que esta afirmação é uma defesa, uma resposta a algo que já foi dito (de que a psicanálise seria uma mera conversa). Podemos considerar, então, que há uma memória discursiva sobre o saber psicanalítico que abarca diversas possibilidades de definições já-ditas: o que seria e o que não seria psicanálise. É, possivelmente, neste acervo discursivo que o autor encontra a projeção imaginária do leitor – ou do entrevistador ao qual responde, sem mesmo que este o tenha questionado acerca do que seria psicanálise – contra o qual pretende se defender com a afirmação feita.

No mesmo exemplo, é curiosa a comparação que o psicanalista faz entre psicanálise e experiência mística: “assim como a experiência mística não é uma genuflexão”. Em outras palavras, se, para a experiência mística a genuflexão não é um simples dobrar de joelhos, para a psicanálise, o falar é mais profundo do que uma simples conversa entre analista e analisando. Nesta comparação, temos a remissão a um discurso religioso, a fim de defender a prática psicanalítica.

Ainda em P1S19, o autor afirma que “o verdadeiro psicanalista é um artista-cientista”. Este segmento implica, primeiramente, na pressuposição de que há um psicanalista que não é *verdadeiro*, ou seja, aquele que não corresponde à imagem projetada imaginariamente pelo autor, de um psicanalista “artista-cientista”. Em segundo lugar, tal definição sugere uma composição complexa, por juntar duas figuras comumente vistas como distantes: do artista e do cientista – uma ligada à arte, normalmente associada à criatividade e à espontaneidade e outra ao método e ao procedimento – ainda que haja também discursos segundo os quais do artista seja exigida a técnica e ao cientista seja imprescindível a criatividade.

Entre os textos analisados, é bastante recorrente o debate acerca do caráter de cientificidade do saber psicanalítico. Esta discussão, que interpela a psicanálise sobre ser ou não (ou até que ponto ser) ciência – ou a indagação se o saber psicanalítico atende ou não aos critérios científicos –, encontra sua raiz na epistemologia. Por isso, discutiremos a seguir

autores que buscaram definir o conhecimento científico. Depois, apresentaremos várias abordagens sobre a psicanálise em sua relação com a ciência. Entretanto, não é nosso intuito discutir se o saber psicanalítico é ou não científico, apenas identificar quais formações discursivas da epistemologia da ciência atravessam os discursos materializados nos textos de psicanalistas publicados na imprensa.

Cronologicamente, é-nos interessante voltar à discussão que Gaston Bachelard (1983) propõe. O filósofo recorre a épocas “pré-científicas” para recuperar exemplos de afirmações que já foram vistas como verdades – como o flogístico²³ – e que, para a ciência atual, soam como mitos. Com base nestas teorias, questiona a racionalidade e a objetividade à que o pensamento científico positivista se diz aliado. Para o epistemólogo, todo objeto é uma construção teórica, de forma que “na vida científica, os problemas não se apresentam por si mesmos. [...] Nada corre por si mesmo. Nada é dado” e, diante disso, a opinião do cientista torna-se o maior obstáculo a superar, pois ela ofusca a formulação de questões que levam à produção do conhecimento (BACHELARD, 1983, p.148).

O pensamento que desacredita da possibilidade de o cientista atingir a objetividade total, capaz de ser apenas um observador dos fenômenos se estende também a autores que mencionaremos a seguir, sendo um ponto de concordância entre Karl Popper e Thomas Kuhn, conforme o segundo destaca: “Sir Karl e eu estamos unidos na oposição a algumas das teses mais características do positivismo clássico, [...] somos céticos quanto aos esforços para produzir qualquer linguagem observacional neutra” (KUHN, 1970, p.9).

Adentrando o pensamento popperiano sobre a produção do conhecimento científico podemos dizer que este filósofo da ciência buscou garantir a racionalidade do progresso do conhecimento científico e estabelecer um critério racional que possibilite distinguir uma ciência de uma pseudociência (ou metafísica). Para isso, desenvolveu o critério da falseabilidade ou refutabilidade empírica, em contraste com a noção de verificabilidade dos métodos indutivos. Afinal, segundo este autor, não há observação pura, ao mesmo tempo em que as teorias pseudocientíficas também aceitam verificação (POPPER, 1980).

Os adeptos do método indutivo, tão criticados por Popper, justificavam a diferença entre ciência e pseudociência através do uso do método empírico (baseado, essencialmente, na indução) que decorre da observação ou da experimentação. Entretanto,

²³ Segundo o texto de Carra, autor do século XVIII citado por Bachelard (1983, p.168), trata-se de uma substância com poder flamejante que, quanto maior sua concentração, mais rápido o material queima quando em contato com o fogo. Por exemplo, “na palha e no papel, o flogístico integrante é muito raro [menos concentrado, mais disseminado], ao passo que é abundante no carvão de terra”, o que explicaria, para os “espíritos não científicos”, o porquê de determinados materiais queimarem tão mais rápido do que outros.

Popper constatou – a partir da observação da teoria da história de Marx, da psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler – que “é fácil obter confirmações ou verificações para quase toda teoria, desde que a procuremos” e que “a teoria que não for refutada por qualquer acontecimento concebível não é científica. A irrefutabilidade não é uma virtude, como frequentemente se pensa, mas um vício” (POPPER, 1980, p.4).

Segundo este pensamento, a psicanálise não pode, então, ser considerada ciência, uma vez que sua teoria é irrefutável, além de não poder ser testada. Segundo Popper, “quanto à epopeia freudiana do Ego, Superego e Id não se pode reivindicar para ela um padrão científico mais rigoroso do que o das estórias de Homero sobre o Olimpo” (POPPER, 1980, p.6).

Sobre a definição de conhecimento científico, Popper defende ainda que “a ciência não é um sistema de enunciados certos, bem estabelecidos; nem é um sistema que avança firmemente em direção a um estado definitivo”. Ciência também não é conhecimento (*epistème*), por “ela nunca pode pretender ter atingido a verdade, ou mesmo um substituto para ela, tal como a probabilidade” (POPPER, 1980, p.121).

Por outro lado, Imre Lakatos (1998) rejeita o pensamento de Popper, afirmando que “a ciência não é simplesmente ensaio e erro, uma série de conjecturas e refutações” (LAKATOS, 1998, p.3). Além disso,

o traço distintivo do progresso empírico não é constituído por verificações triviais. Popper tem razão ao afirmar que há milhões delas. O êxito da teoria newtoniana não consiste no fato de as pedras, quando largadas, caírem em direção à Terra, seja qual for o número de vezes que a operação se repita. Mas as ditas “refutações” não são o traço distintivo do fracasso empírico, como Popper preconizou, uma vez que todos os programas se desenvolvem num oceano permanente de anomalias. O que realmente conta são as previsões dramáticas, inesperadas, fantásticas: basta uma pequena dose delas para inclinar a balança; quando a teoria não acompanha os fatos, encontramos-nos face a programas de investigação degenerativos (LAKATOS, 1998, p.6).

É importante observar que o que Lakatos considera como “programas de investigação degenerativos” aqueles “progressivos”, ou seja, que produzem avanços para o método científico, o que aponta para a noção de mudança no pensamento relativo ao conhecimento, ou seja, à “revolução científica”. E este é o tema central dos estudos de Thomas Kuhn (1998).

As revoluções científicas correspondem aos “complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada” (KUHN, 1998, p.25), tendo em mente que a “ciência normal” deve ser entendida como a “atividade na qual a maioria dos

cientistas emprega inevitavelmente quase todo o seu tempo, é baseada no pressuposto de que a comunidade científica sabe como é o mundo” (KUHN, 1998, p.24).

Ao definir quem é o pesquisador que se dedica à ciência normal, diante desta noção de comunidade científica, Kuhn (1998, p.184) afirma que este é um “solucionador de quebra-cabeças” e não apenas alguém que expõe ao teste paradigmas – sendo que a noção de “paradigma” para a ciência corresponde às “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1998, p. 13). Cabe ressaltar que, ainda segundo Kuhn, um paradigma é “aquilo que os membros de uma comunidade científica partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (1998, p. 219). Assim, pesquisas baseadas nos mesmos paradigmas, obedecem às mesmas regras e padrões, estabelecendo consenso na pesquisa científica normal.

Por outro lado, as mudanças de paradigma causadas pelas revoluções científicas provocam um modo diferente de o cientista lidar com o mundo. Por isso, “na medida em que seu único acesso a esse mundo dá-se através do que veem e fazem, poderemos ser tentados a dizer que após uma revolução, os cientistas reagem a um mundo diferente” (KUHN, 1998, p.146). Esta seria a importância das revoluções do conhecimento, pois o cientista deixa de ser um replicador das tradições e tem condições de se abrir a novos objetos e percepções sobre o já conhecido.

Corresponde a este discurso acerca da ciência o pensamento de Regina Prudente e Maria Anita Ribeiro (2005), que entende a psicanálise como saber que promoveu uma revolução científica, a partir do corte epistemológico da descoberta da motivação inconsciente humana e da sexualidade infantil. Foi o próprio Freud que, envolto em uma atmosfera positivista e cientificista, típica do século XIX, buscou inscrever a psicanálise no campo das ciências (PRUDENTE; RIBEIRO, 2005, p.63).

Além disso, “Freud sempre entendeu a psicanálise não só como uma ciência, mas como uma Ciência da Natureza, uma *Naturwissenschaft*, tal como a Física, a Química ou a Fisiologia, e não como uma *Geisteswissenschaft*, uma Ciência do Espírito” (SISSON; WINOGRAD, 2010, p.68). Uma vez que o método proposto pelas “Ciências do Espírito” não tinha a observação nem a empiria como base do conhecimento, mas sim “valores *a priori*”, não constituía o corpo do saber científico. “Daí Freud conceber a atividade do cientista/psicanalista como um árduo trabalho de obtenção de dados e lapidação dos conceitos através da colaboração contínua e constante entre a observação e a teorização, seguindo os procedimentos da Ciência da Natureza” (SISSON; WINOGRAD, 2010, p.70).

Dando continuidade a este modo de compreensão, Althusser (1977, p.184) relembra a afirmação de Lacan²⁴: “Freud fundou uma *ciência*. Uma nova ciência que seria a ciência de um novo objeto: o inconsciente” (grifo do autor). Segundo Prudente e Ribeiro (2005, p.63), Louis Althusser foi o maior defensor teórico, durante a década de sessenta, da cientificidade da psicanálise. Ele acredita que a psicanálise é uma ciência “com a estrutura de todas as ciências”, pois ela

tem uma teoria e uma técnica (método) que torna possível o conhecimento e a transformação de seu objeto em uma prática específica. Como em toda ciência autenticamente constituída, a prática não é o absoluto da ciência, mas um momento teoricamente subordinado; um momento em que a teoria, tendo se tornado o método, inicia um contato teórico (conhecimento) ou prático (cura) com seu objeto específico (o inconsciente)²⁵ (ALTHUSSER, 1977, p.184, tradução nossa).

No entanto, em oposição aos discursos que aproximam psicanálise e ciência, temos, por exemplo, os que afirmam que a psicanálise é uma “protociência” – de acordo com a epistemologia empirista lógica – ou é metafísica – segundo o pensamento de Popper. Embora a psicanálise marque uma “novidade” no campo científico, ela “não é ciência porque não está no mesmo nível da física e com ela pouco se parece, notadamente quanto ao caráter dedutivo e experimental do seu procedimento de investigação” (CELES; BUCHER, 1984, p.78).

Além disso, a psicanálise se interessa pela “verdade do sujeito” enquanto que, na ciência – ao menos segundo as concepções tradicionais empiristas, indutivas, ou de “ciência normal” – “o sujeito se faz ausente”, devido à busca pela garantia de objetividade. Dessa forma, “se os procedimentos experimentais são para as ciências procedimentos de exclusão do sujeito, maneira própria de fazer com que a verdade fale do lado das coisas, entende-se os fracassos sucessivos das tentativas de experimentalização [...] da psicanálise” (CELES; BUCHER, 1984, p.86).

Outro motivo que levaria à crítica do entendimento da psicanálise como ciência trata-se dos métodos utilizados de observação clínica que, bem como qualquer tipo de observação,

são interpretações empreendidas à luz das teorias [...]; por esta razão, podem parecer sustentar as teorias à luz das quais foram interpretadas. Mas o verdadeiro apoio a uma teoria só pode ser obtido através de observações empreendidas como testes

²⁴ Segundo Sisson e Winograd (2010, p.68) destacam, à Lacan não interessava enquadrar a psicanálise como ciência, “pois se tratam de dois campos de saber radicalmente diferentes e irreduzíveis um ao outro”.

²⁵ it has a *theory* and a *technique* (method) that make possible the knowledge and transformation of its object in a *specific practice*. As in every authentically constituted science, the practice is not the absolute of the science but a theoretically subordinate moment; the moment in which the theory, having become method (technique), comes into theoretical contact (knowledge) or practical contact (cure) with its specific object (the unconscious) (ALTHUSSER, 1977, p.184).

(tentativas de refutação, para os quais os critérios de refutação devem ser estabelecidos anteriormente); deve-se definir que situações observáveis refutariam a teoria se fossem realmente observadas. Mas, que resultados clínicos poderiam refutar satisfatoriamente não só um diagnóstico analítico em particular mas a própria psicanálise? Os analistas têm discutido critérios e concordado com eles? (POPPER, 1980, p.6).

Conforme esta abordagem, vemos que até mesmo a discordância entre psicanalistas – que, conforme já vimos, é frequente e implica, muitas vezes, em relações de poder institucionais –, em relação a linhas de pensamento e abordagem ou a métodos clínicos, pode ser fator de discordância entre os discursos da epistemologia da ciência e da psicanálise.

Discutidas, então, as conceituações epistemológicas acerca do que é ciência e conhecidas as principais formações discursivas que fazem concordar ou discordar saberes psicanalíticos e científicos, retomamos, a seguir, à análise dos enunciados recortados dos jornais.

Tais discursos sobre a relação entre ciência e psicanálise estão presentes de diversas formas, nos jornais. P1S20 e P1S21 nos indicam uma dessas possibilidades, a de que os saberes científico e psicanalítico são aliados:

P1S20: A ciência não mostra complementaridade de sujeito e objeto. Diz-nos Jacques-Alain Miller em suas Conferências Caraquenhãs que “o discurso da ciência só se constitui a partir da extinção da significação, a partir da construção de redes sistemáticas de elementos em si mesmos desprovidos de significação, porém coerentes entre si”. **Não fala a ciência da suplementação da falta. Não cala a ciência a falta; ao contrário, fá-la operar. Nisto está implicada a possibilidade da psicanálise. O discurso da ciência foi condição do surgimento do discurso da psicanálise.** (FORBES, *Folha de S. Paulo*, 23/01/1983)

P1S21: A busca da coisa ou do fato que a linguagem deveria representar para a mente tornou-se uma busca obsessiva do referente perdido ou oculto pelo recalque. Se este referente não existisse, pensava Freud, a psicanálise não seria uma ciência e sim mais uma fábula; mais um mito; mais um conto de fadas. (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 06/11/1995)

P1S22: Ao psicanalista, enquanto homem de ciência, cabe lidar com todas as produções inconscientes, incluídas as suas próprias, e compreendê-las na formação de seus conceitos, **tarefa em que tem de reunir a criatividade tanto do artista quanto do cientista.** (AZULAY, *O Globo*, 25/01/1995)

Há uma regularidade de sentidos nos enunciados acima negritados. Em P1S20, diz o autor que “o discurso da ciência foi condição do surgimento do discurso da psicanálise”, pois, assim como a psicanálise, a ciência “não cala a falta, fá-la operar”. Em P1S21, por sua vez, o psicanalista afirma, por meio de uma condicional, que a psicanálise é uma ciência.

Segundo ele, há uma busca pelo referente perdido e “se este referente não existisse, pensava Freud, a psicanálise não seria uma ciência e sim mais uma fábula; mais um mito; mais um conto de fadas”. E, em P1S22, o psicanalista enquadra o psicanalista como “homem de ciência” que, contudo, “tem que reunir a criatividade tanto do artista quanto do cientista” em sua atividade. Há, portanto, uma possibilidade de leitura, a partir da materialização de discursos em textos de jornais, de que a psicanálise trata-se de uma ciência, o que implica na projeção imaginária de um psicanalista que ocupa o lugar de “cientista”.

Por outro lado, o psicanalista “pensador” questiona o lugar da ciência e dos saberes que se pretendem científicos. Nos jornais, esta posição-sujeito foi identificada em textos que materializavam neurodiscursos²⁶, de forma frequentemente crítica a estas matrizes de sentido, como nos exemplifica o segmento textual a seguir:

P1S23: As neurociências tentam invadir também esse campo [das psicoses], propondo terapêuticas biológicas e farmacológicas. Isso coloca um problema: **as neurociências vêm propor para as grandes massas fórmulas mágicas**, um modelo de lidar com dor psíquica facilitado pelas drogas. **Mesmo o público atendido pela psicanálise se sente seduzido pelas drogas, pela solução de se livrar da dor psíquica com medicamentos. Isso se monta de duas maneiras: pelos psicofármacos e pelo crescimento fantástico do narcotráfico.** (BIRMAN, *Folha de S. Paulo*, 21/11/1993)

Em P1S23, a disputa entre os saberes da saúde mental é evidenciada já no primeiro enunciado em negrito, pelo uso do sintagma “invadir”, sugerindo que as neurociências estejam lidando com um campo ao qual não pertencem. A crítica às “terapêuticas biológicas e farmacológicas” continua quando o entrevistado afirma que estas são propostas para as “grandes massas” como “fórmulas mágicas” e que “mesmo o público atendido pela psicanálise se sente seduzido [...] pela solução de se livrar da dor psíquica com medicamentos”. Daí o psicanalista parte ainda para a responsabilização das neurociências pelo “crescimento fantástico do narcotráfico”.

Indo mais além na análise das projeções imaginárias de psicanalistas pensadores da relação entre “psicanálise e X” – em que X, até o momento, foi associado às (neuro)ciências – há também a associação da imagem do psicanalista com o “artista” (em que X seria a produção artística), como exemplifica P1S24:

²⁶ Segundo Alves (2007, p.10), neurodiscurso corresponde ao discurso que se encontra na articulação das neurociências com a mídia, “alimentado pelo imaginário de um todo-saber, tornado possível pelas neurociências, imaginário este que funciona como mecanismo ideológico de apagamento das condições de produção daquele campo científico”.

P1S24: Já a psicanálise é artesanato e arte, além de se pretender ciência. É arte e, felizmente, sempre o será. O que se poderia desejar, não obstante, é que, mesmo dentro da execução artística, a cadeia que se inicia nos princípios gerais do método e que passa pela metapsicologia e pelos escalões teóricos diversos pudesse chegar até uma teoria da técnica razoavelmente precisa. Mas nenhum psicanalista, depois de uma sessão, é capaz de reconstruir essa hipotética cadeia. Quando o faz, suspeitamos, com razão, que tenha forçado artificialmente um cânone teórico sobre o material de seu paciente. (HERRMANN, *Folha de S. Paulo*, 08/09/1985)

Neste caso, além de destacar que “psicanálise é arte”, é feita também a associação ao “artesanato” como atividade artística, algo que não ocorre nos demais enunciados. Também diferentemente dos outros, a sequência discursiva “além de se pretender ciência” não corresponde, necessariamente, à mesma Formação Discursiva antes destacada – a de que “psicanálise é ciência”. Se este saber “se pretende” científico, não significa que ele é. Além disso, o autor explica que psicanálise “é arte e, *felizmente*, sempre o será”, sintagma que marca a posição-sujeito do psicanalista.

Há ainda outro sentido de ciência em textos de psicanalistas, conforme mencionado em P1S25:

P1S25: A psicanálise é antes de mais nada uma ciência do vínculo social, e Freud teria sido o primeiro grande cientista social a entender que o que rege a vida humana não são as relações econômicas, mas as relações de poder. (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 15/09/1990)

A discussão de “o que é ciência”, realizada pelo viés da epistemologia, não contempla a categoria em que a psicanalista parece enquadrar a psicanálise: a de “ciência do vínculo social”. Neste sentido, segundo a autora, “Freud teria sido o primeiro grande cientista social”, o que sugere a aproximação maior entre os discursos das ciências humanas e sociais com a psicanálise do que os discursos científicos, entre os quais se incluem os da saúde mental clínica, por exemplo.

Outro exemplo chamou, particularmente, nossa atenção. Embora não tenham sido muito recorrentes nos jornais – afinal, a maioria dos discursos que aproximam psicanálise e ciência o faz pela relação com a saúde mental (advindos das neurociências, por exemplo) – foram identificados enunciados em que o saber psicanalítico é comparado à Física:

P1S26: Sim, Freud e Einstein já trabalharam juntos nisso. Einstein coloca suas fórmulas em 1905, quando Freud analisa pela primeira vez uma criança, o pequeno Hans. O menino sofria de fobia. **Fobia é distúrbio fóbico, do movimento. Einstein formula o movimento, que desenvolve vida. Os humanos têm esse movimento de atração e repulsão. Psicanálise**

e física são a maior herança do século 20 para o futuro. (BICUDO, *Folha de S. Paulo*, 05/06/1994)

O texto de onde foi extraído o segmento textual acima é um exemplo único da aproximação do modo de produção do conhecimento psicanalítico com o das ciências exatas. Isso se dá pela afirmação de que “Psicanálise e física são a maior herança do século 20 para o futuro”, bem como pelo argumento lógico, explicitado em duas vias: a primeira, da psicanálise para a física – “Fobia é distúrbio fóbico, do movimento” – e a segunda, no sentido contrário, da física para a psicanálise – “Einstein formula o movimento, que desenvolve vida”. A explicação completa-se com a afirmação de que “Freud e Einstein [...] trabalharam nisso juntos” e com a formulação realizada por um sujeito que parece ocupar o lugar de especialista: “os humanos têm esse movimento de atração e repulsão”.

Os psicanalistas “pensadores” produzem sentidos também sobre si mesmos – não só enquanto cientistas (como já visto), mas também enquanto intelectuais e, evidentemente, enquanto psicanalistas. Primeiramente, enquanto intelectuais, é importante considerar que, conforme discutiu Bobbio (1997, p.8) “não é preciso ser médico para falar de medicina, ou jóquei para falar de hipismo. Mas não se pode falar de intelectuais sem fazer o que habitualmente fazem os intelectuais, e, portanto, sem ser, ao menos naquele momento, um intelectual, mesmo que não consciente de sê-lo”. A imagem do psicanalista que pensa a intelectualidade está presente, entre outros exemplos, em P1S27, a seguir:

P1S28: Intelectuais da velha tradição de esquerda (a nova, se existe, anda bem menos romântica) adoravam um bom bandido. A exemplo de Sartre com Genet, também no Brasil gente bem comportada, que passa a vida exercendo a discreta atividade de pensar, costumava investir algumas vãs esperanças nos poucos criminosos alfabetizados, de cor branca e bons dentes que aparecem por aqui. [...] Mas não é com essa gente que sonham **os intelectuais** – seus ídolos são os “drop-outs” da classe média que, por azar, por vício ou por gosto abandonaram perspectivas de emprego e família e caíram nas emoções da marginalidade. Destes, **os intelectuais** sempre esperaram que realizassem (**por eles**) o sonho de fazer da vida uma aventura perigosa, mas que valesse à pena. (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 21/04/1996)

A reflexão proposta pela psicanalista remete tanto aos “intelectuais da velha tradição de esquerda”, quanto à “nova tradição de esquerda”, à qual atribui o comentário “se existe, anda bem menos romântica”. Da mesma forma, nas demais vezes em que ela se refere aos intelectuais, o faz com certo distanciamento – “Mas não é com essa gente que sonham *os intelectuais*” e “Destes, *os intelectuais* sempre esperaram que realizassem (*por eles*)” –, sem se incluir neste grupo de intelectuais – afinal, não diz “nós intelectuais” e nem “que realizasse

(*por nós*)”. Apesar disso, ainda que sendo crítica à figura do intelectual, a imagem que passa é de que ela compõe este grupo sobre o qual debate. Afinal, como já discutido por Bobbio (1997, p.8), “quando os intelectuais falam dos intelectuais estão falando, na realidade, de si próprios, mesmo se por uma curiosa duplicação da personalidade acabam por falar da própria confraria, como se a ela não pertencessem”.

Outra questão comum aos intelectuais é a associação a escolas, de forma a legitimar determinados “modelos” de pensamento (BOURDIEU, 1968). Conforme já discutido em capítulo anterior, a psicanálise sofreu inúmeras cisões e fusões teóricas e institucionais e, sobre isso, a imagem do psicanalista pensador também está atrelada, como podemos ver no exemplo a seguir:

P1S29: **Atacar o freudismo ou o lacanismo não é atacar a psicanálise.** A atividade de certos analistas é absolutamente autêntica, **apesar de** suas referências teóricas. **Ora, centenas de psicanalistas argentinos foram torturados e isso também faz parte da psicanálise. Não se trata mais de se limitar somente aos divãs onde se deitam os ricos dos bairros de luxo.** (GUATTARI, *Folha de S. Paulo*, 29/11/1981)

É recorrente a imagem do “pensador” que discute a postura do psicanalista, a partir de estereótipos. Neste sentido, a projeção imaginária que este intelectual tem de si – e dos colegas de profissão – é fundamentada em uma outra projeção, a da sociedade sobre o psicanalista. Trata-se, portanto de um jogo de projeções, conforme exemplifica a seguinte sequência textual:

P1S30: Todavia, é verdade que já faz parte do **estereótipo do psicanalista** uma certa reserva calculada, que, em geral, promete muito mais do que poderia dar, se bem instada a revelar seu segredo. [...] Proibidade, desinteresse pessoal, tolerância, modéstia e sobretudo renúncia ao autoritarismo – à força de acreditar que isso exista em alguma parte – **exigimo-lo do psicanalista** para que seja digno de sua missão. (HERMANN, *Folha de S. Paulo*, 29/11/1981)

Neste caso, chama-nos a atenção o fato de o autor incluir-se não entre os psicanalistas, mas entre os que creem em tal estereótipo descrito. Esta é uma das leituras possíveis devido ao uso do verbo na primeira pessoa do plural – “exigimos do psicanalista”, e não “exige-se do psicanalista”, por exemplo. Tal escolha do autor pode indicar qual lugar o psicanalista pensa ocupar enquanto colunista, uma vez que parece se aliar aos seus leitores em vez de defender os psicanalistas contra uma imagem idealizada em relação a estes. Por outro lado, a utilização do comentário “à força de acreditar que isso exista em alguma parte”, sugere

um olhar crítico, denunciando certa ingenuidade de quem acredita que a “renúncia ao autoritarismo” é possível.

A imagem de um psicanalista idealizado e estereotipado está presente em outros enunciados e destacamos, a seguir, outro segmento textual que contenha essa exemplificação.

P1S31: Talvez porque haja ainda muita idealização e mistério em torno da figura do psicanalista – este ser bem analisado, especialista em conflitos e paixões humanas, que deveria estar imune aos “arranca-rabos” que costumam afligir **nossas pobres e mortais instituições**. Sendo assim, o prazer em causa é o da quebra da imagem sagrada: com que então **os psicanalistas são capazes** de exercer um poder abusivo, racionalizar, mentir, cometer violências contra colegas, oprimir, expulsar, etc? **Sim, são capazes**. (CARONE, *Folha de S. Paulo*, 19/09/1982)

Neste exemplo, a autora também se posiciona de maneira distanciada em relação aos psicanalistas, como se não compusesse esse “grupo” formado por pessoas que exercem a mesma atividade, quando diz “os psicanalistas são capazes? (...) Sim, são capazes”, onde está implícito que “sim, *eles* são capazes” – e não “*nós* somos capazes”. No entanto, na mesma sequência textual a autora refere-se a “*nossas* pobres e mortais instituições”, colocando-se, neste momento, como parte do grupo de indivíduos que integra as instituições psicanalíticas. Além disso, por posicionar-se como “ator institucional”, este enunciado exemplifica também o que chamamos de IA (A) 2, detalhado a seguir.

4.2.1.2 Imagem do psicanalista “avaliador institucional” - IA (A) 2

A esta imagem estão associadas as Formações Discursivas pró e contra as instituições, a partir de dizeres que criticam ou defendem ora a existência ou a necessidade de uma institucionalização, ora as formas de organização e os procedimentos internos de determinada associação – psicanalítica ou não.

A começar pelo viés crítico à institucionalização, temos o exemplo da sequência textual em que o colunista, projetando-se como “avaliador” das instituições, pretende explicar como as normas da instituição psicanalítica impedem o exercício do saber psicanalítico como este foi proposto por Freud.

P2S1: Quero dizer, **a Instituição Psicanalítica – sempre sintoma de outra cena** – tem suas formações (de compromisso) como substitutos do não-saber que sustentam normas, normas estas que substituem toda e qualquer possibilidade de acesso à Formação do Inconsciente. (AMERICANO DO BRASIL, *Folha de S. Paulo*, 11/07/1982)

Neste caso, o autor refere-se a “a Instituição Psicanalítica”, sem mencionar alguma Sociedade específica, o que possibilita a leitura de que sua crítica pode valer para todas. Além disso, destaca-se o comentário “sempre sintoma de outra cena”, por apresentar o sintagma “sintoma” que, associado ao saber psicanalítico, pode ter dois entendimentos: o de “efeito lacunar”, que aparece como “mensagem, passível de interpretação”; e também pode estar relacionado à satisfação pulsional, sendo aquilo “que resiste ao tratamento analítico” (MAIA; MEDEIROS; FONTES, 2012, 51).

Detalhar esta conceituação é importante no momento em que sabemos ser um psicanalista que escreve. Assim, o entendimento da instituição psicanalítica como “sintoma” se amplia, e pode ser lido não ser apenas como um indicativo de uma doença ou distúrbio – como poderia ser no discurso médico – ou mesmo um problema passível de interpretação psicanalítica, mas também como algo que resiste “ao tratamento”, ou seja, que não aceita ser solucionado. Isto é complementado por “outra cena” que pode significar uma questão política ou organizacional maior do que a própria instituição psicanalítica.

Em contraste à indistinção de “a Instituição Psicanalítica”, trazemos o exemplo de uma sequência textual que destaca o nome da Sociedade a que se refere.

P2S2: Não nos esqueçamos que a instituição psicanalítica, entre nós, vive um momento de profunda crise. Há cerca de um ano atrás, Eduardo Mascarenhas e eu **fomos expulsos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro**, por delito de opinião política, sem que nos tivesse sido dado, sequer, direito de defesa. Botamos a boca no mundo, por todos os meios à nossa disposição e o assunto se tornou público e político no mais alto grau. (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 13/02/1982)

Diferentemente da sequência anterior, nesta o autor deixa clara a sua crítica à “Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro”, mencionando a expulsão que poderia ser qualificada – a partir do que ele diz – como “injusta”, uma vez que não foi-lhe dado “sequer, direito de defesa”. O texto é escrito em primeira pessoa, e o tom persuasivo reforçado pela expressão “não nos esqueçamos que...”, incluindo o leitor à crítica efetuada, faz lembrar um manifesto, tipo textual que marca a imagem do intelectual.

Há também, nos jornais, a imagem do psicanalista “ator institucional” que pondera a existência das instituições, percebendo a importância delas, porém, com ressalvas e limites, conforme aponta o exemplo a seguir:

P2S3: A instituição é, a meu ver, um mal necessário e, portanto, um bem. O paradoxo aparente pode ser explicado a partir da definição de que a liberdade é o conhecimento da

necessidade. Se a instituição é um mal necessário, ela implica, necessariamente, um conhecimento da necessidade. [...] Acontece, entretanto, que a instituição – mal necessário – com muita frequência se transforma num mal mais do que necessário e, desta forma, **deixa de um bem para tornar-se um mal desnecessário**. (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 27/03/1982)

O autor, neste caso, não se refere apenas às instituições psicanalíticas e demarca a expressão de uma opinião, com o uso da expressão “a meu ver”. Aqui, fica evidente o “esquecimento número 1” da AD, pois o sujeito pensa ser a origem do dizer, ao expressar um posicionamento como seu, como próprio, como original. Por outro lado, a mesma expressão pode apontar para uma autodefesa, se o autor projetou um leitor que pudesse dele discordar.

Ao explicar o paradoxo que há entre uma instituição ser um “mal necessário” e, diante de excessos institucionais, tornar-se um “mal desnecessário”, o psicanalista projeta-se como crítico à instituição, embora reconheça a necessidade da sua existência. Contudo, a imagem do psicanalista “ator institucional”, por vezes, projeta-se como um defensor da instituição e de seus modos de organização, não apenas vendo-a como um “mal necessário”, mas como única possibilidade, como no exemplo a seguir.

P2S4: Nos perguntamos: qual é a estrutura institucional que pode garantir, com uma certeza absoluta, que a exima de autocrítica, a pureza de seus objetivos e o cumprimento de seus fins? Uma sociedade privada? Uma corporação de profissionais autônomos? Uma firma individual constituída por um profissional liberal? Como fazer para que haja justiça e democracia em instituições envolvidas em uma concorrência pela profissionalização? (BAREMBLITT, *Folha de S. Paulo*, 20/06/1982)

Importante destacar que a sequência textual acima foi extraída de uma coluna responsiva da diretoria do Ibrapsi ao texto publicado anteriormente, no mesmo jornal, escrito pelo psicanalista Chaim Samuel Katz. Diante disso, a projeção que o psicanalista faz de si pode ser entendida como a de um membro-defensor de sua instituição que, por extensão, acaba colocando questionamentos gerais a estrutura das instituições como um todo.

Percebemos que a imagem que o psicanalista projeta sobre si mesmo de um “ator institucional” relacionado às Escolas Psicanalíticas aparece mais frequentemente no início da década de 1980, em meio à “crise” das instituições de psicanálise e é mais recorrente na *Folha de S. Paulo*. Além disso, é mais frequente, nos jornais, a imagem do psicanalista crítico às organizações institucionais do que a de defensor das instituições.

Este olhar sobre as instituições não é lançado apenas às de cunho psicanalítico. Foi possível identificar o psicanalista ocupando um lugar de crítico externo à entidade que

avalia, como ocorre com as instituições psiquiátricas e asilares, conforme os exemplos a seguir:

P2S5: O sistema psiquiátrico brasileiro estaria envelhecido e superado. Em primeiro lugar pela constatação do **fracasso do sistema psiquiátrico** em todo o mundo. E em segundo lugar porque não há mais dinheiro federal para aplicar **nas grandes instituições asilares** ou nos enormes planos salvadores. (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 05/06/1983)

P2S6: Destinar alguém a **depósitos de loucos pobres e “criminosos”** é o mesmo que decretar sua degradação psíquica e sua morte social a curto prazo. (COSTA, *O Globo*, 10/05/1996)

Ambos filiam-se ao que podemos chamar de FD pró-Reforma Psiquiátrica – movimento de cunho político que pretendia o fim da internação e do isolamento do “louco” em manicômios e a instauração de um sistema de atenção psicossocial que possibilitasse ao doente mental continuar vivendo em sociedade (AMARANTE, 1995). Neste cenário, PAV5 critica indiretamente as instituições asilares ao apontar problemas em uma instância maior, o sistema que sustenta tal modelo institucional. Já em P2S6 o psicanalista projeta-se no lugar de crítico direto das instituições que equipara a “depósitos de loucos pobres e ‘criminosos’”.

Desvencilhadas de questões relativas à saúde mental, são alvos de crítica dos psicanalistas nos jornais, também as instituições religiosas, sobretudo a Igreja Católica. Destacando que a figura do psicanalista “avaliador institucional” da Igreja só foi identificada na *Folha de S. Paulo*, indicaremos alguns exemplos recortados dos textos.

P2S7: Mas aí falou o bispo. Discordou. Proibiu a festa do amor. Proibiu o casamento. Não culpem o bispo. Ele é inocente. Não é opinião dele. Bispos não têm opinião. **Bispos são seres eclesiais: dizem o que a igreja manda.** (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 05/05/1996)

P2S8: Desse ópio, a hierarquia eclesial, durante muito tempo, fez distribuição abundante, a serviço dos ricos. Agora, para desconforto e perplexidade dos **donos da vida**, as coisas começam a mudar – substancialmente. **A Igreja, abandonando o tráfico de entorpecentes espirituais**, dirige-se à consciência dos homens com o intuito cristianíssimo de despertá-la para a **luta em favor da verdadeira igualdade.** (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 29/10/1984)

A sequência textual P2S7, utilizando de humor, discute a falta de autonomia, de opinião, diante de uma instituição religiosa. Já P2S8, além de também ressaltar a “hierarquia eclesial”, demonstra a projeção imaginária de um psicanalista bastante crítico à instituição e à sua postura diante da desigualdade econômica – afinal, o autor afirma que a “hierarquia

eclesiástica, durante muito tempo” trabalhou “a serviço dos ricos”. Além disso, o psicanalista compara ações realizadas pela Igreja ao “tráfico de entorpecentes espirituais”.

Diante disso, mesmo ao reconhecer e atribuir, em suas palavras, o poder à instituição religiosa – em P2S7, ao reconhecer que a Igreja tem o poder de definir o que seus “membros” podem dizer e, em P2S8, referindo-se aos integrantes da entidade católica como “donos da vida” – os psicanalistas sentem-se autorizados a criticá-la, o que aponta para a forma como os psicanalistas se projetam nas relações de poder, diante das instituições.

Também sobre outros tipos os psicanalistas pensadores fazem circular sentidos, como podemos ver em P2S9, que amplia a noção de instituição para além das psicanalíticas, psiquiátricas e religiosas, conforme havíamos visto em outros enunciados:

P2S9: Essa não é uma questão brasileira. É mundial. **As instituições de tutela estão desabando, não só aqui como na Europa também, não apenas por conta de uma crise econômica como também de uma crise ética. Na verdade, é uma dupla crise. Uma crise institucional, desamparando uma estrutura familiar que foi tutelada durante quase dois séculos. E uma crise econômica, que ameaça o núcleo de resistência mínimo familiar – a provedoria – pelo desemprego.** (COSTA, *O Globo*, 13/06/1993)

O foco dos enunciados está na crise das “instituições de tutela”, que seriam mais um modo de organização institucional a ser criticado, mas de forma ampliada, pois o psicanalista faz circular discursos sobre constituição da “estrutura familiar” e crise econômica, indicando haver “uma dupla crise” que é apenas em parte institucional.

4.2.1.3 Imagem do psicanalista “militante” - IA (A) 3

A imagem de psicanalistas militantes aparece, dentre as textualidades analisadas, centrada, principalmente, em duas causas: a político-partidária e a feminista. A primeira confunde-se com a projeção de um “ator político”, uma vez que o psicanalista encontra-se envolvido diretamente com as ações políticas. Nestes casos, utiliza o espaço do jornal para promover as ideias de seu partido, em tom persuasivo, atuando como militante, como é observável no exemplo P3S1, a seguir:

P3S1: A luta contra a sociedade se fará, não através da criminalidade, mas em nome de altos valores reverenciados pela cultura: **a liberdade, a igualdade, a fraternidade**, a dignidade do trabalho, o pleno respeito à pessoa humana e aos seus direitos fundamentais. No caso brasileiro, esta é, por exemplo, **a nobre perspectiva aberta ao povo pelo partido a que pertencem: o Partido dos Trabalhadores. O PT, diante do desastre brasileiro, levanta a**

bandeira transformadora da sociedade, no sentido do socialismo democrático e libertário. (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 07/10/1984)

No enunciado destacado em P3S1, o autor se desloca da posição do psicanalista especialista, teórico ou clínico para a de ativista político, que fala em nome do partido a que pertence. Neste caso, profere o elogio abertamente, referindo-se à “nobre perspectiva” do Partido dos Trabalhadores e ao lema da Revolução Francesa – “liberdade, igualdade e fraternidade” –, recuperando uma memória discursiva de mudança e transformação por meio revolucionário. Além disso, reforça o sentido militante ao defender que “O PT, diante do desastre brasileiro, levanta a bandeira transformadora da sociedade, no sentido do socialismo democrático e libertário”.

A respeito da expressão “*no sentido do socialismo democrático...*”, podemos compreendê-la como modo de caracterização ou determinação do “socialismo” ao qual se refere o autor. Isso porque, na forma “X, *no sentido de p*”, segundo Authier-Revuz (1998), a expressão em itálico tem a função de determinar ou caracterizar o que é dito em seguida. Assim, discursivamente, podemos dizer que “X” é o que antecede a expressão e “p” é o que caracteriza/determina “X”, ou seja, “o socialismo democrático e libertário” caracteriza/determina “O PT... levanta a bandeira transformadora da sociedade”. E então, o detalhamento posterior busca especificar o sentido de “p” até sua saturação (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.36), evitando deixar lacunas de entendimento.

É notável que a projeção imaginária aqui identificada fica restrita a psicanalistas filiados a partidos políticos, como Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas e Marta Suplicy. Pode-se observar que, no texto do qual recortamos o segmento textual P3S1, o autor da coluna assina como “psiquiatra, psicanalista e escritor”; também Eduardo Mascarenhas, quando articulista de *O Globo* (16/06/1990), foi apresentado como “psicanalista e Diretor Científico da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro”. Marta Suplicy, no entanto, é a única que aparece como militante política e deixa clara, já na assinatura da coluna – “psicanalista e deputada federal pelo PT de São Paulo” – sua atuação partidária.

A outra figura recorrente – mais do que essa primeira, inclusive – é a da psicanalista militante feminista. Servem-nos de exemplo para esta projeção imaginária, os segmentos de texto a seguir:

P3S2: **Vamos fazer** desse 8 de março um ritual de passagem para a democracia paritária no Brasil, com o reconhecimento às nossas precursoras e **em respeito a todas as mulheres brasileiras!** (SUPLICY, *O Globo*, 08/03/1996)

P3S3: Vai ver que os sem-terra têm razão: se não pressionarem para lembrar que existem, nada acontece... Sem pressão, as coisas não mudam. E, para fazer pressão, é preciso organização política. **Nós, mulheres, somos 52% da população. Quando vamos acordar?** (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 14/02/1997)

Em P3S2, como P3S3, estão presentes marcas da militância tanto discursivas – como o tom persuasivo – quanto textuais – como a inclusão do sujeito autor na questão sobre a qual fala, no caso, o uso da segunda pessoa do plural – “vamos” – como forma de convocação. Olhando mais especificamente para o caso de P3S3, além de mencionar outro discurso de militância – o do movimento sem-terra – a psicanalista utiliza a expressão “nós, mulheres”, ao mesmo tempo chamando atenção das leitoras e se incluindo entre elas. Também a indagação “quando vamos acordar?” remete ao discurso militante e aponta para a projeção imaginária não só da psicanalista sobre si, mas sobre as leitoras que pretende atingir com seu texto.

A mesma imagem está presente em P3S3, com a diferença de que este segmento contém enunciados que indicam que a psicanalista não pretende apenas a organização política para valorização das mulheres, mas a igualdade de gênero.

P3S3: Queremos cumprir nossa parte **para que se possa conseguir que homens e mulheres tenham suas necessidades atendidas, com respeito às suas especificidades, sem que nós, mulheres,** tenhamos que ouvir novamente esta frase, dita por um jornalista de maneira simpática e buscando ser muito cooperativo: “Esta reunião é realmente interessante: vamos falar com a editora do caderno feminino!” (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 25/07/1995)

No entanto, da mesma forma que em P3S2, a psicanalista utiliza a expressão “nós, mulheres”, endereçando o dizer a certa parcela dos leitores e projetando-se diante do “público” feminino. Há ainda o sentido presente em P3S4.

P3S4: **Os dois sexos livres do ódio recíproco** é o que desejamos, **365 dias para recuperar o tempo perdido e aceitar a diferença entre eles, deixa-la mesmo imperar: DIFEROCRACIA, para que todo dia seja enfim o do homem e da mulher** (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 08/03/1983)

Por este segmento textual, podemos ler que a psicanalista aponta para a existência de um “ódio recíproco” entre os “dois sexos” – o que sugere o posicionamento em uma Formação Discursiva que compreende os gêneros de forma binária (ou homem ou mulher). Neste caso, não há desejo de igualdade, mas de “recuperar o tempo perdido e aceitar a diferença” entre homens e mulheres, o que é representado pelo neologismo grafado, pelo

jornal, em caixa alta: a “diferocracia” – ou seja, a soberania das diferenças, em contraste com a busca pela igualdade que, ainda que acompanhada da ressalva “com respeito às suas especificidades”, é defendida em P3S3.

A imagem da psicanalista militante que se fundamenta na ideologia feminista aparece também na crítica ao pensamento de que há um “modo feminino de amar”, que implica, por natureza, em sofrimento. P3S5, a seguir, exemplifica esta questão:

P3S5: Nós não queremos mais saber do masoquismo – nem falo daquele, perverso e fetichista, taco de bota e correntes (ao gosto dos homens, aliás), mas do outro, tão integrante da entrega amorosa que se diz feminino por natureza, masoquismo feminino, desde Freud, o modo feminino de amar. (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 06/12/1992)

Ao mesmo tempo em que a autora atua como feminista, por criticar a imposição de um comportamento da mulher submissa ao homem – não só que satisfaz fetiches sexuais, mas que obedece a um modo de entregar-se no amor – ela retoma o “lugar de psicanalista”, ao lembrar que o pensamento que critica é antigo, vem “desde Freud” (ainda que tal questão possa ser muito anterior ao criador da psicanálise). Chamamos a atenção para a repetição, em discursos correspondentes a este tipo de projeção imaginária, da inclusão da autora entre os leitores, com a utilização de “nós não queremos mais saber”. Para entender melhor, podemos substituir, a fim de apreender o sentido deste enunciado: “eu não quero mais saber” ou então “vocês não querem mais saber”, mas, ao invés dessas opções, escolheu-se “nós não queremos mais saber” e esta escolha significa.

4.2.1.4 Imagem do psicanalista “crítico de arte” - IA (A) 4

Quando o tema é arte e cultura, várias são as imagens dos psicanalistas, em textos publicados nos jornais: a do “pensador”, quando propõe reflexões sobre a sociedade a partir das manifestações culturais; a do “clínico”, quando o intuito é diagnosticar o sujeito artista; e a de “crítico de arte”, quando emite avaliações sobre determinado livro, filme ou peça teatral. A seguir, apresentaremos segmentos textuais e discursivos que exemplificam este último tipo de projeção imaginária.

P4S1: [...] é talvez essa característica inacabada que instiga o leitor a um fascinante exercício de imaginação para preencher as lacunas do texto e criar desenlaces possíveis para a trama do romance. Se foi uma traição a Visconti a permissão dada pela família para a publicação do texto póstumo incompleto, **o livro não desmerece o talento do genial cineasta**

e chega a nos fazer lamentar que ele não tenha podido (ou desejado) explorar mais esta faceta de sua rica sensibilidade. (FONSECA, *O Globo*, 02/01/1994)

O primeiro enunciado destacado em P4S1 aponta para uma análise crítica de um romance recém-publicado, indicando o que torna a obra interessante para seu leitor – “é talvez essa característica inacabada que instiga o leitor a um fascinante exercício de imaginação para preencher as lacunas do texto”. No segundo, que também pode ser entendido como parte da Formação Discursiva de valorização artística, o psicanalista elogia o “genial cineasta” que possuía uma “rica sensibilidade”, além de generalizar sua opinião, estendendo-a ao leitor, ao afirmar que “o livro [...] chega a *nos* fazer lamentar...”. A seguir, outro exemplo:

P4S2: Iconoclasta pela exaltação do feminino, cujo gozo é incontrolável, **contrário à ordem e avesso ao poder**. Arrojo imperdoável **exibir o avesso do sexo puro, fazer ver-lhe o phuro**, deixar ouvir-lhe os gemidos até o limite do não-senso, temeridade num tempo em que só a pedagogia tem vez e **a banalização é a garantia do sucesso, susexo**. Ana tivesse feito “Eu te amo” há meses estaria nas telas, **mas expôs o recalcado**, suprema irreverência, risco maior que Ana Carolina, como Gláuber, ousou correr. (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 09/11/1982)

Qualificando o filme como “iconoclasta pela exaltação do feminino” e “contrário à ordem e avesso ao poder”, podemos entender que a autora projeta-se na posição de crítica de cinema. No entanto, indo além, ela utiliza de jogos de palavras – “exibir o avesso do sexo *puro*, fazer ver-lhe o *phuro*” e “a banalização é a garantia do *sucesso*, *susexo*” –, o que pode ser entendido como uma forma de atestar sua proximidade com a poesia, por exemplo, de modo a integrar o mundo artístico, além do psicanalítico – evidenciado pelo comentário de que o filme “mas expôs o recalcado”, sendo o “recalque” (*Verdrängung*) um conceito discutido pela psicanálise desde Freud (1915).

Crítica semelhante faz outro psicanalista acerca do personagem de Bram Stoker, na versão cinematográfica de Coppola:

P4S3: Drácula fascina porque é paixão totalmente selvagem. **Porque é a volúpia que a ética amorosa obriga-nos a recalcar.** (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 27/12/1992)

Embora por outro motivo, a explicação baseia-se no mesmo conceito: o recalque. E, neste caso, além de buscar na psicanálise o modo de justificar – “porque é a volúpia que a ética amorosa obriga-nos a recalcar” – o colunista avalia: “Drácula fascina”.

Há ainda outros casos em que o psicanalista assume o lugar de “crítico de arte” e, além de, como já mostramos, comentar a obra ou o artista, a elogia ainda mais declaradamente, como em P4S4 e P4S5, abaixo:

P4S4: Seu livro, muito bem recebido pela crítica francesa, teve também boa acolhida na imprensa americana. **No Brasil, possivelmente terá igual sucesso, graças ao estilo cativante com que Leys desenvolve trama tão inventiva.** (FONSECA, *O Globo*, 05/12/1993)

P4S5: **Quem não foi ver deveria ir correndo. Aonde? Assistir a “Ela”, de Jean Genet.** Ver o Teatro Oficina de chão preto e passadeira vermelha, le Rouge et le Noir. [...] **Limpa a alma, juro, é indiscutivelmente salutar.** (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 19/12/1997)

P4S4 é apenas um pequeno segmento de um texto que aborda o livro de Simon Leys, intitulado “A morte de Napoleão”. Neste caso, chama-nos a atenção o tom elogioso utilizado pelo psicanalista – tanto nos comentários ao “estilo cativante” e à “trama tão inventiva”, quanto no fato de ele demonstrar acreditar na aceitação do livro pelo público brasileiro, conforme a afirmação de que “no Brasil, possivelmente terá igual sucesso”. Estes enunciados sugerem a imagem de um “crítico de arte” que, não só comenta a obra, como busca divulgá-la.

O mesmo ocorre em P4S5, de forma ainda mais “assumida”, quase que publicitária, devido ao tom de divulgação utilizado pela psicanalista em “quem não foi ver deveria ir correndo” assistir à peça – além do elogio de descrevê-la como “indiscutivelmente salutar”. Neste caso, diferentemente de P4S4, a autora emite sua opinião utilizando a primeira pessoa do singular: “limpa a alma, *juro*”. Temos, portanto, uma psicanalista que se projeta como autorizada a recomendar uma peça teatral a seu leitor.

Por outro lado, a imagem do “crítico de arte” nem sempre utiliza o tom elogioso. Por vezes, a “crítica” à obra é negativa, como nos exemplifica P4S6:

P4S6: **“O Corcunda de Notre Dame” seria ruim porque não respeita um original** que na verdade só vale aos nossos olhos porque nos permite dizer que **o bom humor da Disney, seu final feliz e suas cores rosas são sinais de nossa decadência.** (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 07/07/1996)

Neste caso, a crítica do colunista é dupla: dirige-se tanto à versão de “O Corcunda de Notre Dame” produzida pela Disney, como ao “bom humor da Disney”. As marcas disso se encontram no enunciado em que o psicanalista, utilizando-se de ironia, diz que “seu final feliz e suas cores rosas são sinais de *nossa decadência*”. Aqui, refere-se a uma decadência

cultural, o que poderia posicioná-lo também na projeção de “pensador”, caso tivesse desenvolvido mais sua reflexão sobre a questão.

4.2.1.5 Imagem do psicanalista “clínico” - IA (A) 5

A projeção imaginária do psicanalista clínico corresponde àquela em que o especialista analisa e, por vezes, diagnostica um sujeito. Esta imagem é a mais frequente entre as colunas de “consultório sentimental”, no entanto, está presente também em textos outros, como exemplifica o segmento P5S1, a seguir:

P5S1: “Mal te vi a minha vida foi só tua e chego a ter prazer em sacrificá-la”. Então, também se trata de um prazer. O que nós, outras, conhecemos disso? Muito ainda, mas não o confessamos aos nossos amantes: confessamos, culpadas e ansiosas pela cura, aos nossos psicanalistas. (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 06/12/1992)

No enunciado destacado acima, a psicanalista procura entender e analisar um comportamento, a partir de uma frase: “Mal te vi a minha vida foi só tua e chego a ter prazer em sacrificá-la”. A seguir, a autora discute, questionando este “prazer”. Neste momento, o texto segue o estilo de uma coluna de consultório sentimental, em que se fragmenta a carta de um leitor em frases, a fim de tentar compreender suas questões e comentá-las, com frequência propondo questionamentos ao leitor, como feito em: “O que nós, outras, conhecemos disso?”.

Importante atentarmo-nos que se projeta uma leitora que teria “prazer em sacrificar a vida” – o que está evidenciado pela demarcação de gênero em “outras”, bem como em “culpadas e ansiosas” – enquanto que “aos nossos psicanalistas”, considera a possibilidade de estes serem do gênero masculino. Ressalta-se também que em textos desse tipo, “os nomes dos leitores são fictícios para garantir o anonimato dos remetentes” e, deste modo, “estabelece-se no jornal uma região de sentido em que o relato do leitor é transformado em ficção” (NUNES, 2003, p.51), produzindo efeitos de identificação não com o leitor, mas com o personagem criado pelo jornal, juntamente com o colunista.

Outra questão que nos chama a atenção na referência aos psicanalistas é a utilização do verbo “confessar”, que, como um atravessamento do discurso religioso, posiciona este especialista na posição de alguém que ouve passivamente, como um padre, por exemplo, durante a confissão. Como já discutido anteriormente, está em Foucault (2012) a crítica à psicanálise como uma atividade de confissão da sexualidade, algo que pode também constituir a memória do discurso ao qual remete a colunista.

De modo mais direto, a figura do psicanalista clínico aparece, como exemplifica P5S2, a seguir, quando há identificação de características que apontam para diagnósticos:

P5S2: Drummond era um homem na linha esquizotímica, retraído, brioso – e também orgulhoso, no bom sentido. Não penso que fosse um caso de orgulho às avessas, não. Era tímido e – curiosamente – **tinha um problema de autoestima apesar de toda a importância que teve como poeta genial.** (PELLEGRINO, *O Globo*, 23/09/1990)

Em enunciados como os destacados acima, o autor utiliza do conhecimento clínico de analista para construir um diagnóstico e o expõe publicamente, nos jornais. Aqui, o “analisando” é o escritor Carlos Drummond de Andrade, quem o colunista afirma, em outra parte do texto, ter conhecido pessoalmente e, por isso, se autoriza a diagnosticá-lo, afirmando que “tinha um problema de autoestima” e era “um homem na linha esquizotímica, retraído, brioso – e também orgulhoso”.

Em sequência, o psicanalista acrescenta: “no bom sentido”. Este elemento discursivo indica a função-autor, de tentativa de explicar – neste caso, corrigir – o sentido sugerido anteriormente, o que nos remete à fórmula “X, não no sentido de q” que, embora não seja exatamente reproduzida, denuncia, da mesma maneira, a “realidade enunciativa do *não-um* do sentido”, enquanto que há a necessidade do autor de uma “especificação de *um* sentido”. É ao reconhecer a possibilidade de compreensão de um outro sentido de “q” (neste caso, de uma leitura demasiadamente negativa de Drummond) que o enunciador “coloca ‘seu sentido’” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.32).

Passamos, então, aos exemplos de colunas do tipo “consultório sentimental”, em que predomina a imagem do psicanalista “clínico”. É neste espaço em que o psicanalista “defronta-se com essa imagem pré-construída e socialmente aceita sobre seu saber: um saber voltado para a divulgação de explicações e soluções de problemas” (MARIANI, 2003, p.9), como podemos ver nos enunciados a seguir.

P5S3: A sua sexualidade era como um aparelho complicado, que chega sem o manual de instruções para fazê-lo funcionar. Ela não conseguia gozar com o marido porque desconhecia o conteúdo de suas fantasias eróticas. Fazer sexo sem fantasias é como comer sem fome. [...] L. tem parceiro, mas como faltam as fantasias, não tem prazer. (GOLDIN, *O Globo*, 25/01/1998)

O percurso da análise do psicanalista, nesta coluna, comumente repete a seguinte estratégia: começa por apresentar o problema, resumindo a queixa descrita na carta da leitora – “ela não conseguia gozar com o marido” –, em seguida, explica o problema,

reinterpretando-o psicanaliticamente – “porque desconhecia o conteúdo de suas fantasias eróticas” – e, por fim, detalha, como que contando para terceiros: “L. tem parceiros, mas como faltam as fantasias, não tem prazer”. Nota-se, portanto, que o colunista não direciona sua resposta à leitora que o consultou, mas aos demais leitores do jornal.

Além disso, o psicanalista parece se preocupar em fazer com que estes leitores, que são, sobretudo, projeções imaginárias do colunista, compreendam não só o que ele explica como também pelo que passa a pessoa que lhe escreveu. Isso é sugerido a partir da utilização de frases explicativas como “fazer sexo sem fantasias é como comer sem fome”.

Às vezes anônimas, como “L.”, às vezes apresentadas pelo primeiro nome, é possível considerar que a estratégia de utilização de um nome – ainda que fictício – pode significar, caso provoque a identificação com a leitora que se consulta através do jornal. No exemplo a seguir, “Simone” é analisada pelo psicanalista.

P5S4: Simone é uma mulher perfeitamente normal, muito mais do que imagina, ainda que seja mais magra ou mais alta que as outras. **Seu problema é que**, por rivalidade com o sexo masculino, na hora de fazer amor não tira só a roupa do corpo, mas também se desnuda da fantasia e fica limitada a sua mais crônica condição anatômica. Ninguém consegue um orgasmo com um cilindro de veias cobertas de pele, ela diz: “Nem se ele ficasse duas horas ‘socando’ eu não conseguiria gozar”. **Um dia, não muito distante, se conseguir reverter sua posição de rivalidade**, seu homem deixará de “ejacular dentro dela” ou de “socar” seu interior como se fosse a preparação de uma caipirinha. (GOLDIN, *O Globo*, 13/09/1998)

A personagem Simone recebe um diagnóstico após sua consulta, o de “uma mulher *perfeitamente* normal, *muito* mais do que imagina”. É perceptível, neste caso, a ênfase que o autor confere ao texto, a partir do uso dos sintagmas que destacamos, no entanto, logo em seguida, é escrita a expressão “seu problema é que...”, o que contradiz – ou, pelo menos, põe em dúvida – a normalidade que o mesmo psicanalista afirmou.

Na sequência, o autor, como nos demais textos, explica a questão central da carta (às vezes relendo-os através de conceitos psicanalíticos, às vezes não), e, então, apresenta a solução do “problema” em tom condicional: “Um dia, não muito distante, *se conseguir reverter* sua posição de rivalidade...”. Embora mencione esta condição e afirme que ela pode resolver o problema “um dia, não muito distante”, o autor não esclarece de que forma “Simone” deve agir para enfrentar sua questão. Assim, ele não assume, portanto, o papel de “conselheiro”, mas apenas de especialista capaz de compreendê-la.

Os psicanalistas clínicos, nos jornais, oscilam entre estas posições – analista e conselheiro – apresentando-se ora mais próximos, ora mais distantes daquele que os escreve, como nos mostram também os exemplos a seguir:

P5S5: Ela é teimosa e rema contra a maré; como foi vítima de abusos, quer agora abusar e transgredir as normas sociais. Não existe imoralidade em seu comportamento, apenas uma inversão sistemática de valores. Se ensinaram a uma menina de 5 anos a se comportar como mulher, aos 60, ela é uma menina ressentida que só deseja o que não pode ter. A norma diz: “não desejarás a mulher do teu vizinho”. Isto faz com que ela se apaixone pelo marido da vizinha. (GOLDIN, *O Globo*, 29/03/1998)

P5S6: Creio que estas duas jovens estão vivendo assim um processo de luto, de perda dos bons momentos passados juntas naquele grupo, e **a esta perda vem sobrepor-se uma série de outras relacionadas mesmo à etapa existencial que atravessam. Ou melhor, o sentimento de perda em relação àquele grupo seria uma experiência deslocada de outras situações originais, por exemplo, a perda do grupo familiar [...]**. (SALAS, *O Globo*, 16/11/1986)

Em P5S5, ao invés de apresentar um diagnóstico psicanalítico (como em P5S2) ou de realçar que a leitora é “perfeitamente normal” (como em P5S4), o psicanalista qualifica a pessoa que a ele escreve como “teimosa”. Atravessado por uma FD que poderíamos chamar de “determinista”, uma vez que ressalta as relações de causalidade, do tipo “se p, logo q” – “como foi vítima de abusos, quer agora abusar e transgredir as normas sociais” – o autor parece justificar as atitudes da “alisanda” através da história que ela conta na carta. Em meio às justificativas comportamentais, ele afirma que “não existe imoralidade em seu comportamento, apenas uma inversão sistemática de valores” e, ao fazê-lo, não utiliza nenhum marcador textual de “opinião”.

Ao contrário disso, em P5S6 o autor afirma, em primeira pessoa, crer que as “duas jovens estão vivendo assim um processo de luto”. Aqui, a marca opinativa, está presente, além do diagnóstico “clínico” (de luto) seguido da análise e apresentação de outro sentido para a situação de “perda” que as jovens enfrentam. Cabe ressaltar o uso da expressão “ou melhor” que, com efeito de retificação, pode ser considerada como “elemento exterior em relação ao discurso” que, segundo Authier-Revuz (1990, p.30), “interfere na cadeia do discurso em enunciação sob a forma de um ponto de heterogeneidade”.

Por vezes, os psicanalistas “clínicos” buscam definir sentimentos, emoções, sensações e explicá-los de forma didática, por vezes simplificada. Percebe-se que não estão agindo como “pensadores”, pois não lhes interessa refletir ou produzir conhecimento, mas

esclarecer um objeto de inquietação do sujeito, sem passar pela teoria, como nos serve de exemplo P5S7, a seguir:

P5S7: [...] podemos fazer uma comparação com um computador. Quando nos aproximamos a primeira vez de um computador, ficamos encantados com a tela. Porém, os comandos e os dados podem estar a dois metros ou 200 mil km. **Nós ficamos apenas no teclado e nos esquecemos dos chips, que são o cérebro do computador. Da mesma forma, homens e mulheres olham primeiro para o pênis ou o clitóris, mas os chips do organismo estão muito acima, no cérebro.** (KUSNETZOFF, *O Globo*, 11/09/1994)

No segmento textual acima, extraído de uma entrevista, o psicanalista compara o corpo humano com um computador, a fim de explicar ao leitor como funciona o prazer na relação sexual. Para isso, ele não busca explicação na teoria psicanalítica, nem reflete sobre o prazer nos tempos atuais, mas mobiliza conhecimentos e utiliza o mesmo tom explicativo que teria a resposta de uma carta para a coluna de “consultório sentimental”, em “nós ficamos apenas no teclado e nos esquecemos dos chips, que são o cérebro do computador. Da mesma forma, homens e mulheres olham primeiro para o pênis ou o clitóris, mas os chips do organismo estão muito acima, no cérebro”. Além disso, há neste enunciado um sentido implícito, que é o de alerta de “como não fazer” em uma relação sexual, o que também aponta para a semelhança ao discurso do psicanalista consultado através do jornal.

4.2.1.6 As projeções sobre outros psicanalistas

Além das considerações já feitas acerca da autoprojeção – ou seja, do modo de os psicanalistas perceberem a si mesmos, por meio de materializações discursivas da imprensa – chamou nossa atenção a maneira como estes intelectuais constantemente fazem referência a outros psicanalistas, geralmente citados por compartilharem do mesmo pensamento, como nos mostra o exemplo abaixo.

P6S1²⁷: Jurandir Freire, no Rio, descobriu que para as pessoas que têm a experiência da intimidade desenhada por modos de solidariedade não de um prédio dos Jardins, mas de uma favela, é muito mais apropriado um trabalho com grupos. (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 08/04/1991)

Este tipo de citação que, por vezes, chega a soar até como indicação do trabalho de um colega de “profissão”, é mais comum em textos da *Folha de S. Paulo* do que de *O*

²⁷ Esclarecemos que, embora não se trate de um sexto tipo de imagem, indicaremos os segmentos dessa seção como “P6SY”, a fim de manter a indexação e facilitar a leitura.

Globo e, muitas vezes, fazem indicações de livros cujos autores são psicanalistas, como nos mostra o seguinte segmento textual:

P6S2: As ditas perversões sexuais, outro exemplo, foram transformadas de pecados em doenças (ver sobre este processo dois livros de **Jurandir Freire Costa**: “Ordem médica e norma familiar”, Paz e Terra, 1979 e o recente “A face e o verso”, Escuta, 1995). (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 07/04/1996)

Neste último caso, acrescentou-se à citação do psicanalista o nome de dois de seus livros e a editora responsável pela publicação de cada um deles. De certa forma, pode-se dizer que está presente aqui uma das marcas do discurso acadêmico, que busca pela precisão do dizer. Por isso, estabelece normas de citação que devem incluir o ano da publicação e, nas referências, deve constar a editora, em caso de alguém querer verificar, na fonte, o que foi dito pelo autor citado.

Outra possibilidade seria perceber, por outro lado, a apresentação de tais informações como marcas de um discurso de divulgação do livro e de seu autor. De forma que, caso o leitor da coluna se interessasse pelo assunto, ele poderia procurar e comprar a obra citada. Não nos fixaremos a nenhuma das possibilidades de leitura, mas consideramos importante notar que em muitas das vezes em que foram identificadas citações a psicanalistas, estes eram também colunistas do jornal. Isso ocorre principalmente com Jurandir Freire Costa e Contardo Calligaris, que fazem menção um ao outro em diversas colunas (*Folha de S. Paulo*, 25/05/1997; 27/04/1993; 31/03/1996; 07/04/1996, por exemplo).

Há também outro tipo de citação, que não dirige a referência apenas aos psicanalistas envolvidos ou a livros que estes tenham escrito, mas a textos publicados no próprio jornal, como indica o exemplo a seguir:

P6S3: Outro episódio já tratado também anteriormente (“Formação Psicanalítica e Democracia” – **Chaim Samuel Katz**, Folhetim de 30 de maio último) [...]. Ao contínuo: recebem um ofício do IBRAPSI – assinado por **Gregório Baremlitt** (já transcrito na reportagem citada anteriormente) [...]. (AMERICANO DO BRASIL, *Folha de S. Paulo*, 11/07/1982)

O segmento textual destacado acima exemplifica a estratégia de retomada de textos anteriores do mesmo veículo, o que não só articula o diálogo com outros psicanalistas, como o faz também com o jornal, posicionando-o no jogo de projeções imaginárias como aquele que possui um espaço para o debate psicanalítico. Partimos, então, para a análise do lugar que o psicanalista ocupa diante dos jornais e de seus leitores.

4.2.2 O lugar do psicanalista diante dos jornais e seus leitores

É importante ter em mente que para cada imaginário há a projeção de um leitor diferente. Por outro lado, uma vez que os processos de projeção imaginária ocorrem de forma mútua (entre psicanalistas, jornais e leitores) e simultânea, a imagem que o psicanalista projeta sobre os jornais e sobre seus leitores é capaz também de interferir no lugar que o psicanalista pensa ocupar.

Relembramos que, de acordo com o esquema já apresentado no capítulo anterior, temos: IA (B) – trata-se da imagem do lugar de B para o sujeito situado em A e corresponde, segundo o pensamento de Pêcheux (1990), à pergunta “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. Neste caso, esquematiza a imagem que o psicanalista projeta de seu leitor – que chamaremos B’ – e dos jornais para os quais escreve – B’’.

Neste caso, consideramos que ocorre uma relação especular entre autor (A), leitor (B’) e jornal (B’’), pois é através da projeção imaginária que o sujeito que exerce a função-autor – ou seja, o psicanalista – tem de seus leitores que ele projeta o jornal no qual publica. Utilizando uma metáfora para melhor compreender, é como se, olhando para os olhos do leitor fosse possível ver, no reflexo, o jornal que este lê. Dessa forma, as projeções imaginárias que psicanalistas têm do jornal seriam secundárias em relação às que possuem de seus leitores e, escrevendo para um leitor idealizado, o colunista ou articulista, possivelmente, imagina qual seria o “público” do jornal.

4.2.2.1 Projeção e autoimagem dos psicanalistas: uma análise de títulos

As projeções imaginárias dos psicanalistas em relação a leitor e jornal ficam mais claras quando analisamos como os psicanalistas imaginam que seus leitores compartilham determinadas memórias discursivas, como é o caso das retomadas de provérbios ou ditos populares em títulos de colunas, conforme os exemplos: “De médico e louco – **diz o ditado** – cada um tem um pouco” (SALAS, *O Globo*, 27/04/1980); “Cada **época** tem os **adolescentes** que merece” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 06/11/1993); “Com quanta **culpa** se faz **modernidade**” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 19/06/1994).

Visivelmente, o primeiro exemplo se difere dos demais, não só por avisar o leitor de que se trata de um provérbio – com o uso da expressão “diz o ditado” –, como também por não modificar a formulação “de origem”, conforme denomina Indursky (2011). Os outros dois exemplos, diferentemente, rompem com a previsibilidade do dito e não simplesmente repetem

as frases “originais”: “cada **povo** tem o **governo** que merece” e “com quantos **paus** se faz **uma canoa**” ou, em versão semelhante, “com quantos **paus** se faz **uma cangalha**”.

No entanto, antes de seguir com a análise deste tipo de formulação, esclarecemos conceitualmente que “os provérbios são saberes que circulam anonimamente” e que, aparentemente, apresentam sentidos “cristalizados” e “da ordem da generalidade” (INDURSKY, 2011, p.93). Por isso, por mais que a autoria dessas frases já possa ter sido atribuída a diversas pessoas, o que nos interessa não é a sua origem em si, mas o fato de que se tornou um saber que “circula anonimamente”.

Entendido isso, podemos dizer, discursivamente, que o provérbio, “ao circular e ser objeto de retomadas, [...] permite observar como a repetibilidade mobiliza uma memória e de que forma essa memória é retomada e materializada” (INDURSKY, 2011, p.93). Isso ocorre mesmo que a repetibilidade não seja completa, pois, ainda que os ditos populares possam aparecer em forma de paráfrase²⁸, de maneira a se posicionar em Formações Discursivas diferentes das originais, eles não deixam de mobilizar a memória de discursos (INDURSKY, 2011).

Em outras palavras:

o provérbio original não é retomado/repetido tal e qual. Ao ser retomado, ele sofre uma deriva que produz sua re-significação. Em função disso, o sentido da formulação-origem apenas faz “eco” na nova formulação. Ele aí ressoa, mesmo que esteja ausente porque, embora seu sentido seja antagônico ao da formulação-origem, ele carrega consigo traços discursivos que fazem ressoar na nova formulação o espaço de memória a que está indelevelmente associado (INDURSKY, 2011, p.101).

Nos títulos de colunas em que há substituição de palavras em provérbios ocorre, por vezes, alterações nos discursos que estão sendo materializados. É o caso da expressão “cada **povo** tem o **governo** que merece” que pode ser entendido como uma FD crítica ao governo, enquanto que sua reformulação “cada **época** tem os **adolescentes** que merece” nem sequer faz referência ao campo da política. Assim, a formulação distancia-se do sentido dominante sem, no entanto, deixar de lembrá-lo, por efeito da repetição. Algo diferente ocorre com o provérbio “com quanta **culpa** se faz **modernidade**”, que pode ser entendido, dentre as muitas leituras possíveis, como um dito que carrega o sentido de “desafio” que a formulação de origem propõe.

Outras formulações, embora não correspondam a provérbios e não causem o mesmo efeito de *pré-construído*, também podem ser entendidos como *já-ditos*, uma vez que

²⁸ Aqui, utilizamos “paráfrase” no sentido de forma de reprodução de um texto, com alguma modificação sobre o a versão original e não como conceituada pela AD, que se contrapõe à “polissemia” (deslocamento de sentidos) (ORLANDI, 2005).

constituem a memória discursiva. É o caso do título “O **clichê** nosso de cada dia” (ZUSMAN, *O Globo*, 13/01/1997), que remonta o discurso religioso, por meio da referência à oração que diz “o **pão** nosso de cada dia”. O sentido “original” é modificado, na medida em que não se trata de algo necessário para o sustento (como o pão), mas de um elemento que, segundo o psicanalista, se repete diariamente (o clichê).

“Comigo não, violão” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 13/02/1982) e “Mal necessário” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 27/03/1982) também são expressões retomadas em títulos de colunas, que constituem a memória discursiva, de forma a também (re)atualizá-la, ainda que repitam as formulações de origem, sem modificá-las ou parafraseá-las. Isso é importante na medida em que os sentidos, “pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que se eternaliza. Num espaço [que podemos entender como “o discurso”] fortemente regido pela simbolização das relações de poder” (ORLANDI, 2005, p.38).

São também exemplos de repetibilidades, com alguns deslocamentos, as colunas intituladas “E agora, **João?**” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 07/03/1983) e “**Desumano, puramente desumano**” (COSTA, *O Globo*, 11/01/1996), ambos correspondentes a paráfrases de títulos, que pressupõem um leitor culto.

Há paráfrase na primeira frase – porque, ainda que o texto faça circular discursos críticos ao governo da época e às instituições psicanalíticas (ao mencionar o caso Amilcar Lobo), a memória que constitui primeiramente pertence ao campo literário –, ao recuperar o poema “E agora, **José?**”, de Carlos Drummond de Andrade. Neste caso, o autor realiza apenas a troca do nome próprio indicado por outro que não necessariamente é citado ao longo do texto, ou seja, a substituição de “José” por “João” em si não tem sentido, sendo apenas um recurso que aponta para um “estilo”, que reafirma a função-autor. Vale comentar que, ao final deste texto, o psicanalista torna a recuperar o poema, deslocando os sentidos de forma mais clara do que se pode perceber pelo título. Ele escreve: “**E agora José. E agora, João?** Eis, desnuda, a face do arbítrio – e da impunidade. Sem desmontá-la, desarticulando o sistema, a abertura estará emperrada e, por isso mesmo, em recuo” (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 07/03/1983).

O segundo título remete, por sua vez, à Filosofia, ao parafrasear o título da obra de Friedrich Nietzsche “Humano, demasiado humano”, em que há uma substituição quase completa das palavras que compõem a frase original – o que se mantém é a estrutura de repetição de “desumano”, como o original faz com “humano”, e a utilização de um advérbio com sentido de ênfase. Porém, há a substituição desse advérbio. Troca-se “demasiado” por

“puramente”, sintagmas que possuem sentidos diferentes, uma vez que o primeiro indica algo em excesso e o segundo aponta para algo que é único. Além disso, é clara a inversão de sentido proposta pela substituição de “humano” por seu oposto, “desumano”. Mais uma vez, podemos afirmar, contudo, que a formulação do jornal aponta para uma memória do dizer e, ao mesmo tempo, a atualiza com a nova referência.

Entre os títulos de colunas, outras memórias são mobilizadas com referências a filmes, como “Apocalipse ‘now’” (BIRMAN, *O Globo*, 28/04/1997), e, de forma mais “popular”, ao famoso “grito da galera” “Ah! Eu tou maluco!” (BIRMAN, *O Globo*, 19/07/1997). Nestes dois casos, as expressões fazem sentido mesmo para o leitor que não compartilha a mesma memória, mas o entendimento será, evidentemente, outro. Por exemplo, ao saber que “Apocalipse ‘now’” trata-se de um filme sobre a guerra do Vietnã, que contém cenas extremamente violentas, terá outra imagem do texto, ainda que sem consultá-lo para além do título. No entanto, há outros sentidos possíveis que permitem leituras outras, como, por exemplo, a religiosa, que traz referência sobre o apocalipse, embora esteja em outro lugar da memória discursiva.

Da mesma forma, a memória dos discursos é (re)produzida em enunciados que mencionam nomes próprios, os quais os psicanalistas imaginam fazer sentido, ou seja, supõem que seus leitores conheçam as figuras às quais estão se referindo – do contrário, não as mencionariam ou não o fariam no título, espaço no qual não cabe explicação mais detalhada.

Entre os nomes próprios mais mencionados pelos psicanalistas estão os de Freud e Lacan (com 11 ocorrências cada um deles, entre 71 colunas – 17 de *O Globo* e 54 de *Folha de S. Paulo* – conforme listadas em anexo, que apresentavam algum nome próprio), como exemplificam os títulos: “**Lacan** para os íntimos” (AMERICANO DO BRASIL, *O Globo*, 16/06/1991) e “**Freud** superstar” (CESAROTTO; SOUZA LEITE, *Folha de S. Paulo*, 16/06/1985). Nestes casos, como na maioria, o autor pressupõe o conhecimento prévio do leitor acerca dos sujeitos mencionados.

Há, dentre os títulos de colunas analisados, apenas um que traz a explicação de que Lacan seria um psicanalista – “**Lacan** oscila entre o céu e o inferno em três relatos sobre **o psicanalista**” (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 17/08/1991) – e um que, embora não explicita a relação do nome mencionado com a psicanálise, evidencia que se trata de uma coluna sobre este saber – “**Lacan** explora o avesso **da psicanálise**” (KOLTAI, *Folha de S. Paulo*, 14/06/1992). Diferentemente, quando Freud é citado no título de colunas dos jornais

não há outra referência à psicanálise, como se o próprio nome bastasse para isso, o que pode indicar a projeção imaginária de leitores que conhecem o “pai da psicanálise”.

Por vezes, o título faz referência direta a alguns dos casos citados nas obras de Freud, como “**Anna O.** – psicanálise e transmissão” (FORBES, *Folha de S. Paulo*, 23/01/1983) e “Nunca houve uma mulher como **Dora**” (LINO, *O Globo*, 14/06/1992). Exemplos como estes apontam para a projeção imaginária de um leitor conhecedor da psicanálise não apenas na superficialidade de reconhecer os nomes de Freud e Lacan, mas mais profundamente, sabendo de personagens e questões abordadas em seus textos.

Outros títulos pressupõem um leitor “culto”, que são aqueles com referências teóricas a grandes nomes da filosofia – como “**Platão** versus **Kant**: o conflito de duas alegorias” (STEIN, *Folha de S. Paulo*, 09/01/1983) e “**Foucault** e a loucura” (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 26/08/1984).

Entre os demais títulos que citam nomes próprios, há os que mencionam atores políticos, em cenário internacional – “O enterro de **Mitterrand** e a tradição do amor cortês” (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 19/01/1996) – e, nacional, em “A África do Sul, as mulheres e **FHC**” (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 14/02/1997) e “**Lula** como **Antígona**” (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 05/06/1994). Nestes exemplos, o autor indica pressupor o entendimento do leitor acerca dos nomes mencionados. É possível dizer que, ainda que os leitores não se encontrem na mesma Formação Discursiva que o autor – crítica ou a favor de FHC ou de Lula – eles compartilham uma mesma memória discursiva, o que permite o entendimento dos títulos. Além disso, o segundo exemplo aqui destacado aponta também para a projeção imaginária de um leitor que conhece a figura mitológica da tragédia grega, a Antígona, já que faz uma comparação desta com o então candidato à presidência.

Alguns títulos referem-se a figuras históricas – “**Napoleão** em crise de identidade” (FONSECA, *O Globo*, 05/12/1993) – e lendárias – “As amigas de **Sheherazade**” (WAJNBERG, *Folha de S. Paulo*, 09/02/1997). Ainda que nomes como estes tenham sido referenciados primeiramente na história ou na literatura, já adquiriram, com o tempo, novos sentidos. Dessa forma, a memória discursiva é atualizada a cada vez que a história é recontada, em filmes ou livros, por exemplo.

Além disso, são ricas as referências artísticas, tanto literárias – como, por exemplo, “**Nelson** e **Graciliano**: Memórias do Cárcere” (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 02/09/1984) – como cênicas – “Pensando em **Anatol Rosenfeld**” (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 15/01/1984) – ou, ainda, cinematográficas – “**Ana**, como **Gláuber**”, referindo-se a Gláuber Rocha (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 09/11/1982) – e musicais –

“Suicídios traem **Russo**”, dizendo respeito ao compositor e vocalista Renato Russo (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 19/10/1996). Estes casos apontam não só para a projeção imaginária do psicanalista como intelectual autorizado a discutir questões relativas às artes, mas também (e simultaneamente), à imagem que este projeta sobre seu leitor, de interessado em manifestações artísticas e conhecedor das figuras deste meio.

Por fim, há também nomes próprios que retomam – ao mesmo tempo em que atualizam – a memória discursiva acerca de pessoas famosas por lidarem diretamente com meios de comunicação, como é o caso de “**Silvio Santos** preserva submissão feminina” (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 27/06/1994) e “Caro sr. **Roberto Marinho...**” (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 17/02/1997). Ao fazer referências a estes nomes, os psicanalistas projetam um leitor que identifica sobre quem ou a quem estes textos fazem referência.

Ainda lançando um olhar analítico sobre os títulos de textos dos jornais, podemos pensar aqueles que relacionam diretamente a psicanálise a algo. Isso é interessante na medida em que a articulação do saber psicanalítico, ao ser feita pelo próprio psicanalista (colunista ou articulista), produz, ainda que indiretamente, sentidos sobre si.

Para isso, retomamos o estudo realizado por Guilhamou e Maldidier (1984), em que se analisa o sintagma “pão e X”²⁹. Neste caso específico, o enunciado tem o sentido de algo que se demanda, diante de uma situação de subsistência do cenário da Revolução Francesa, o que é reforçado pelo valor semântico atribuído a “e”, na estrutura coordenada. No caso dos títulos que repetem a estrutura “psicanálise e X”, não há sentido de demanda, mas de soma, de algo que se associa ao saber em questão.

Foram identificados seis títulos que correspondem à estrutura sintática “psicanálise e X”, todos na *Folha de São Paulo*, na década de 1980 (a forma invertida, “X e psicanálise”, não foi utilizada). Os três primeiros fazem referência às relações de poder existentes nas instituições psicanalíticas, embora apenas dois o façam de maneira direta: “**Psicanálise e poder dominante**” (CHECHINATO, *Folha de S. Paulo*, 12/12/1982) e “**Psicanálise e poder – Os atrativos do vazio**” (HERMANN, *Folha de S. Paulo*, 29/11/1981). A associação de “psicanálise” ao sintagma “poder”, nos títulos, chama a atenção para o jogo de forças do qual este saber participa, ainda que sem esclarecer se “poder” e “poder dominante” estão no sentido de “governo”, de outros saberes, por exemplo, da saúde mental ou mesmo do poder institucional, o que só se esclarece ao longo do texto.

²⁹ Ver página 61.

O mesmo ocorre com “**Psicanálise e excomunhão**” (AMERICANO DO BRASIL, *Folha de S. Paulo*, 11/07/1982), terceiro título, entre as colunas que utilizam a mesma estrutura coordenada “Psicanálise e X”, sobre a “crise” institucional que resultou expulsão de Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas da SPRJ. No entanto, neste caso, há um deslocamento de sentidos proposto pela palavra “excomunhão”, que remete a uma FD religiosa. Dessa forma, a expressão associa a psicanálise a certa forma de punição que a Igreja Católica exerce ao expulsar um indivíduo de sua “comunidade”.

Também em relação a um discurso religioso, há “**Psicanálise e judaísmo**” (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 13/02/1987). Este caso leva-nos a pensar que, em títulos de colunas, o autor muitas vezes opta por não especificar do que se trata seu texto, o que permite uma abertura ampliada de sentidos. Assim, sabe-se que foi proposta uma articulação entre saber ou prática psicanalítica e a religiosa sem, no entanto, poder antever que outros discursos serão mobilizados ao longo do texto.

Algo semelhante ocorre com “**Psicanálise e justiça social**” (MALLET, *Folha de S. Paulo*, 01/06/1986), mas com uma abertura de sentidos ainda maior, uma vez que o sintagma “justiça social” pode mobilizar vários discursos diferentes – jurídicos, de Direitos Humanos, econômicos, entre outros.

Por fim, o último de título é “Anna O. – **psicanálise e transmissão**” (FORBES, *Folha de S. Paulo*, 23/01/1983), no qual a expressão analisada pode ser lida de maneira diferente das anteriores. Neste caso, não apenas “psicanálise” aparece “somada” à ideia de “transmissão”, como ambas as palavras aparecem complementando o que se quis dizer com “Anna O.”.

A análise dos títulos aponta para a produção do que chamamos, em AD, de “efeito-título”, neste caso, um efeito de direcionamento de sentidos sobre psicanálise e sobre o psicanalista. Assim, “o título não ‘engloba’ as subjetividades do discurso, ele seleciona uma(s) e, ao fazê-lo, silencia outra(s)” (NUNES, 2003, p.59). E este jogo entre seleção e silenciamento se dá também com demais elementos discursivos, como práticas, objetos, sentidos e acontecimentos.

A partir da análise apresentada nesta seção é possível fazer algumas considerações parciais. Nota-se que a mobilização de uma memória discursiva aponta para efeitos de sentido articulados entre si, que acabam por orientar as possibilidades de leitura e ressaltar determinados sentidos em detrimento de outros. Isso fica evidente, embora de maneira distinta, tanto na análise dos títulos que utilizam provérbios como nas combinações do tipo “psicanálise e X”.

No caso dos provérbios, isso se dá porque ora eles remetem a dizeres compartilhados pela memória, realçando determinada matriz discursiva, ora deslocam o sentido, ainda que sem desvincular-se do *já-dito*. Assim, os ditos populares, ao serem reproduzidos pelos psicanalistas nos jornais, atualizam a memória discursiva, ampliando as possibilidades de sentido.

Já nos títulos que articulam “psicanálise e X”, a remissão à memória discursiva não se dá de forma a ampliar sentidos, mas a limitar. Isso porque “X” funciona não apenas como palavra que remete a uma memória, mas como termo que delimita os sentidos que o psicanalista pretende abordar em seu texto. Para exemplificar, podemos dizer que enquanto a palavra “psicanálise” sozinha propõe a abertura máxima de possibilidades de leitura, ao ser combinada a outra expressão “X” – como “e judaísmo” – há um fechamento de sentidos em torno de determinado discurso – religioso, por exemplo. Dessa forma, dá-se um jogo de realces e, por outro lado, de apagamentos de discursos mobilizados pelos psicanalistas nos jornais.

Processo discursivo semelhante – de realce e apagamento – decorre da citação de nomes próprios em títulos de colunas publicadas na imprensa, pois, com frequência, o nome engloba um sentido mais amplo – como que resumindo a temática de um texto – ao remeter a uma memória do discurso compartilhada com o leitor e o jornal. Por exemplo, o nome “Freud” estaria resumindo o sentido de “saber psicanalítico”. Dessa forma, acaba por limitar as possibilidades de leitura, destacando determinados discursos em detrimento de outros. Além disso, a citação de “personagens” – seja da política, seja de mitos ou romances literários – que pressuponha o conhecimento dos leitores implica na projeção imaginária que os psicanalistas têm de para quem escrevem.

A seguir, direciona-se a análise para a questão da imprensa, vendo discursivamente como os psicanalistas significam a mídia como objeto.

4.2.2.2 “A imprensa” segundo os psicanalistas

A projeção imaginária que os psicanalistas têm dos jornais – IA (B’’) – não pôde ser entendida diretamente por meio de colunas e entrevistas publicadas pela imprensa, sendo mais evidentes as imagens projetadas sobre os leitores. No entanto, enquanto intelectuais, eles fazem circular discursos sobre “a imprensa” e “a mídia”, ainda que sem incluir-se como parte integrante desses meios de comunicação de massa, mesmo sendo redatores de colunas ou sujeitos que divulgam seus saberes por meio de entrevistas aos jornais.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos de dizeres de psicanalistas sobre “a imprensa” (indicados por P7SY, em continuidade à indexação realizada anteriormente). É importante destacar que este tipo de discurso não foi identificado em *O Globo*, apenas na *Folha de S. Paulo*, dentre as colunas e entrevistas analisadas.

P7S1: O que é que ela tem? ... ela quem? **A imprensa**. Ouvidos para escutar. (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 08/02/1985)

P7S2: [...] **a imprensa não se entrega ao samba, é movida por uma outra tradição, a do escândalo**, e a proposta de entregar o País à comunidade dos bicheiros é escandalosa. (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 08/02/1985)

É possível observar, portanto, que “a imprensa” é tomada, pelos psicanalistas, como uma “unidade imaginária”. Tanto ao dizer que “a imprensa” tem “ouvidos para escutar” como ao afirmar que “a imprensa não se entrega ao samba, é movida por uma outra tradição, a do escândalo” (como se, por exemplo, todo jornal ou revista tivesse abertura para “ouvir” ou como se fosse possível generalizar que a toda ela só importa “o escândalo”). Ressaltamos aqui que nosso interesse não é em criticar o que dizem os psicanalistas, apenas buscar compreender que sentidos estes atribuem a tal elemento da comunicação.

No segundo segmento destacado acima, é notável o discurso crítico aos meios de comunicação de massa, descritos como desinteressados de uma tradição cultural como o samba e interessada apenas pelo que há de escandaloso. Tal sentido está presente em outros textos, conforme mostra-nos o exemplo abaixo:

P7S3: Um mercado variado e drogas sustenta e produz esta demanda de ilusão, promovendo uma espécie de toxicomania generalizada. Mas a que drogas estou me referindo? Primeiro, às drogas propriamente ditas, pelo menos de três tipos, fabricadas pela indústria farmacológica: produtos do narcotráfico [...]; fórmulas da psiquiatria biológica [...]; miraculosas vitaminas prometendo uma saúde ilimitada [...]. Depois, outros tipos de drogas, menos evidentes, mas igualmente procuradas. **A droga oferecida pela TV, multiplicada pelos canais a cabo, o cinema comercial e outras mídias mais** (ROLNIK, *Folha de S. Paulo*, 19/05/1996)

Neste último caso, no entanto, a crítica não ataca “a imprensa”, mas a “TV [...] e outras mídias mais”. Percebe-se, aqui, uma projeção imaginária plural das “mídias”, que englobam, inclusive, “o cinema comercial”. Ao comparar as drogas providas pelas mídias aos produtos do narcotráfico e a outras fabricadas pela indústria farmacêutica, a psicanalista demonstra ter uma visão bastante pessimista acerca dos efeitos da comunicação de massa, ainda que demonstre compreender que o jornal para o qual escreve inclui-se nesta pluralidade de produtos midiáticos nocivos à saúde humana.

4.2.3 As projeções imaginárias dos jornais em relação aos psicanalistas

Conforme já explicado anteriormente, as projeções imaginárias se dão também no sentido de B em relação a A e sendo B'' referente ao jornal, temos: IB'' (B'') “quem sou eu [o jornal] para que ele [o psicanalista] me fale assim?” (que não analisaremos neste trabalho) e IB (A) “quem é ele [o psicanalista] para que me fale assim?”. Este segundo tipo de projeção nos permite pensar que imagem o jornal faz do psicanalista, o que pode ser captado por meio da análise: a) de como os psicanalistas são identificados pelos jornais, ao final de cada coluna ou no texto de apresentação do especialista, nas entrevistas; b) de perguntas que os jornais direcionam aos psicanalistas, nas entrevistas.

4.2.3.1 As formas de identificação dos psicanalistas colunistas pelos jornais

Os discursos dos jornais sobre os psicanalistas se materializam de diversas formas, dentre elas, na maneira de apresentar quem é o colunista ou o entrevistado. Por isso, desenvolvemos a análise dos textos de descrição que acompanham todas as colunas e entrevistas de nosso *corpus*. Atentamo-nos, principalmente, aos descritores que indicam formação acadêmica e psicanalítica. Esclarecemos que o modo de apresentação do autor pelos jornais depende, evidentemente, do tema dos textos – se a coluna aborda uma questão do campo da Filosofia, possivelmente constará na descrição do redator que ele possui, por exemplo, doutorado na área. No entanto, deve ser observado que, para além da escolha temática dos autores, há relações de poder em jogo – tanto pela convocação, como pelo modo de descrição, pois esta evidencia a relação saber-poder.

Por um cuidado metodológico, esclarecemos algumas questões. A primeira delas é que a soma dos autores nem sempre coincide com o número de publicação por ano indicado anteriormente, o que se deve ao fato de haver mais de um autor por coluna, ou mais de um entrevistado sob o mesmo título (o que, nas entrevistas, ocorre apenas em *O Globo*, 09/12/1990). Nestes casos, analisamos separadamente cada um dos autores. Uma segunda observação é que contabilizamos os descritores por texto e não por psicanalista, não só porque observamos que os jornais várias vezes descrevem o mesmo colunista utilizando textos distintos, como também porque consideramos que, quando o mesmo sujeito foi apresentado pelo jornal de maneira diferente, esta repetição é capaz de apontar para discursos sobre os psicanalistas.

Destacamos ainda que, na *Folha de S. Paulo*, estes textos de descrição estavam ilegíveis em duas colunas, o que impediu a análise da totalidade dos descritores – apesar de acreditarmos não prejudicar a compreensão, devido à extensão do *corpus* analisado. Além disso, neste mesmo jornal, uma das colunas não é assinada como habitualmente, em nota acima ou abaixo do texto, mas traz o nome e a descrição do autor em legenda da foto do psicanalista – “Psicanalista escritor carioca, autor de ‘Psicanálise e Contexto Cultural’” (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 21/01/1989) –, o que possibilitou a inclusão da coluna entre as textualidades analisadas nesta pesquisa.

Apenas dois textos – um de cada jornal – identificaram o colunista como “analista” ao invés de “psicanalista”. Foi o caso de: “40, é **analista**, professor do curso de Psicopatologia e Psicoterapia Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae” (TELLES, *Folha de S. Paulo*, 09/03/1986); e “**É analista** didata e presidente do Fórum de Psicanálise e Cinema” (ZUSMAN, *O Globo*, 30/03/1996). Outra exceção neste sentido é o texto de descrição “é psicóloga graduada pela USP e **trabalha com psicanálise**” (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 21/08/1985), no qual o enfoque é dado à formação da colunista em psicologia e a relação com a psicanálise aparece de forma secundária.

Apresentados alguns casos específicos, podemos passar à análise dos descritores que acompanham as colunas publicadas na *Folha de S. Paulo* e em *O Globo*. A partir dessa, é possível afirmar que as formas mais comuns de apresentação, em ambos os jornais, foram aquelas que descreviam o colunista como “psicanalista e autor de...” e, em seguida, mencionavam uma ou mais obras publicadas (quase sempre indicando as editoras responsáveis por estas publicações); e as que diziam apenas que se tratava de um psicanalista, sem adicionais – o que apareceu nas formas de “é psicanalista” (mais frequente), “o psicanalista”, “[nome do colunista], psicanalista...”, ou ainda, “são psicanalistas”. Na *Folha de S. Paulo*, essas duas formas apareceram, respectivamente, 33 e 31 vezes e, em *O Globo*, 41 e 24. Neste último, mais uma vez, as colunas de Alberto Goldin contribuíram para que, numericamente, determinada categoria se destacasse, pois Goldin fora descrito como “psicanalista e autor de...” em todas as colunas, ainda que o título de suas obras variasse algumas vezes.

Na *Folha de S. Paulo*, a terceira forma mais recorrente de referir-se ao colunista foi “é psicanalista, professor(a) e autor(a) de...”, ou seja, acrescentou-se às descrições de “psicanalista + autor(a)” a informação de que atua também como professor(a) – por vezes, indicado com mais detalhes, como “professor emérito”, “professor adjunto”, “professor convidado” ou ainda, mencionando em qual Departamento, Faculdade ou Universidade

leciona. Entre todas as combinações possíveis de descritores, 53 textos de apresentação de psicanalistas colunistas da *Folha de S. Paulo* descreviam o autor como “professor”, enquanto que em *O Globo*, apenas seis enfatizaram este cargo.

O destaque à autoria de livros é também bastante forte entre os colunistas da *Folha de S. Paulo*, o que é marcado principalmente pelo descritor “autor” – combinado às formas “psicanalista e escritor(a)”, “psicanalista e membro de instituição psicanalítica”, “psicanalista e doutor/mestre”, “médico e psicanalista”, “psiquiatra e psicanalista”, entre outros. Há também referências aos psicanalistas escritores, ensaístas e poetas (foram identificados, em alguma dessas formas, em 57 textos). Em *O Globo*, embora a apresentação como “autor de...” seja frequente, outras formas como as mais ligadas a obras literárias (como poeta, por exemplo) não aparecem, restando apenas a descrição de “escritor” (em nove textos).

Destacamos que o descritor “autor”, na *Folha de S. Paulo*, foi duas vezes substituído pela forma “Escreveu [nome do livro]”. Isso ocorre em: “38, é psicanalista e ensaísta, **escreveu o livro** ‘O amor é uma droga pesada’” (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 28/12/1989) e “É psicanalista e presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. **Escreveu** ‘Andaimos do Real’ (Casa do Psicólogo), ‘Melanie Klein’ (Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais) e ‘O que é Psicanálise’ (Brasiliense)” (HERMANN, *Folha de S. Paulo*, 08/09/1985).

Além disso, consideramos entre “autor” também a forma “organizadora da coletânea” (ROLNIK, *Folha de S. Paulo*, 19/05/1996; 13/04/1986). Também chamou nossa atenção, como especificidade da *Folha de S. Paulo*, a expressão “autor, **entre outros trabalhos científicos**, de...”, enunciado que aproxima os saberes psicanalíticos dos científicos, especificando o tipo de trabalho realizado pelo psicanalista. Em um dos textos, aparece ainda como informação complementar: “ele escreve mensalmente na Folha” (*Folha de S. Paulo*, 07/04/1996), acrescentando à autoria do psicanalista, os textos que publica no jornal. Formas de apresentação como estas não aparecem em *O Globo*.

Em ambos os jornais, foi frequente nos pequenos textos sobre os psicanalistas colunistas a associação deles às Instituições Psicanalíticas que integram ou que ajudaram a fundar – 38 vezes na *Folha de S. Paulo* e 15 em *O Globo*. Neste caso, consideramos todas as palavras que ligam esses sujeitos às Escolas ou Sociedades de psicanálise, sem distinguir os cargos que ocupam ou ocuparam. Assim, identificamos os seguintes sintagmas: “membro”, “integrante”, “diretor”, “presidente”, “coordenador de seminários”, “didata” e “membro fundador” (sendo estes dois últimos os únicos presentes em *O Globo*).

Na *Folha de S. Paulo*, o mais recorrente foi a associação de colunistas ao Instituto Sedes Sapientiae, mencionado 28 vezes, tanto para indicar professores do Instituto (que integram o Departamento de Psicanálise), como para mencionar a Escola de Formação de alguns psicanalistas. O nome desta instituição aparece em textos de vários psicanalistas, como Miriam Chnaiderman, Renato Mezan, Lea Bigliani, Sérgio Telles, Renata Cromberg e Regina Chnaiderman.

Foi sobre esta última psicanalista que a *Folha de S. Paulo* publicou a apresentação da autora de forma peculiar:

Psicanalista, nasceu em 1923. Formando-se inicialmente em Química, pela USP, estudou depois, na mesma Universidade, Psicologia. Participou, nos anos 70, da equipe que fundou o Sedes Sapientiae, instituição de ensino superior voltado, sobretudo, para a Psicologia e a Psicanálise, onde lecionou até a sua morte, em princípios de 1985 (*Folha de S. Paulo*, 15/06/1986).

Nosso intuito em destacar este texto de apresentação da psicanalista é não só trazer informações sobre o Instituto Sedes Sapientiae, que tanto aparece entre os colunistas do jornal, como também observar que se trata do único texto publicado após o falecimento da autora. Vale comentar também que Regina Chnaiderman foi a única psicanalista apresentada como bacharela em Química.

Além do Sedes Sapientiae, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo também foi recorrente em textos de apresentação dos colunistas, tendo sido mencionada 12 vezes, associadas a Fábio Hermann e Marta Suplicy. Outras instituições foram identificadas, ainda que uma única vez, sendo as brasileiras: o IBRAPSI, o Centro de Estudos Freudianos de São Paulo, a Associação Psicanalítica de Porto Alegre, o Instituto Freudiano de Psicanálise e a Biblioteca Freudiana Brasileira; e as estrangeiras: a Escola Freudiana de Paris, a *École de la Cause Freudienne*, a Sociedade Britânica de Psicanálise, a Fundação Europeia de Psicanálise e a Sociedade Psicanalítica de Estados Latino-Americanos.

As instituições das quais fazem parte os psicanalistas que escrevem para *O Globo* são outras. Neste jornal, predominam colunistas associados à Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano (mencionados em dois textos, um de Isidoro Americano do Brasil e outro de Dora Gurfinkel Haratz); e ao Corte Freudiano Associação Psicanalítica (presidido, à época, por Antônio Quinet e tendo como membro a articulista Halina Grymberg). As demais instituições – Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; Instituto de Psicanálise de São Paulo; Escola Freudiana de Paris; *École de la Cause Freudienne*; e *International*

Psychoanalytic Association – foram indicadas apenas uma vez, entre os textos de descrição de psicanalistas colunistas de *O Globo*.

Além de instituições psicanalíticas, outras – ligadas diretamente ou não à saúde mental – foram utilizadas pelo jornal para apresentar o colunista ao leitor. A *Folha de S. Paulo* mencionou várias, como: o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual; a clínica “Central Psíquica” de Belo Horizonte; a Recepção Integrada do Instituto Philippe Pinel (RJ); a Comissão Especial da Mulher do Parlamento Latino-Americano; e Comissão de Seguridade Social e Família e da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados; além do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *O Globo* mencionou apenas a “Clínica Villa Guadalupe” de Buenos Aires.

Na área da psicanálise, não só a associação a uma instituição psicanalítica indica “pertencimento” do intelectual a uma Escola de pensamento, como também quem foi o didata responsável pela formação, como indica o segmento textual, extraído do texto de descrição de uma colunista: “É psicanalista e escritora, **foi analisanda de Lacan de 1973 a 1977** e a primeira **tradutora** do seu ‘Seminário’ para o português [...]” (*Folha de S. Paulo*, 23/10/1994). Neste caso, apresentá-la como ex-analisanda direta de Lacan legitima mais ainda seus dizeres, além de reforçar a imagem da psicanalista intelectual ao descrevê-la como “tradutora”. Este descritor aparece apenas duas vezes, ambas fazendo referência à Miriam Chnaiderman, e apenas na *Folha de S. Paulo*. Cabe ressaltar que outras duas formas de descrição aparecem mais de uma vez e apenas nas colunas desta psicanalista. Trata-se de “diretora cinematográfica” e “doutoranda em Artes Cênicas pela ECA-USP”, além de os textos de apresentação indicarem sempre seu vínculo ao Instituto Sedes Sapientiae, fundado por sua mãe.

A análise das associações institucionais leva-nos a pensar que mencionar a participação de psicanalistas em Escolas e Sociedades do próprio campo pode não só reforçar as relações de poder travadas entre essas instituições – permitindo que o leitor compreenda que há cisões e rupturas que levam à linhas de pensamento diferentes dentro do saber psicanalítico – como também mostrar que os jornais dão espaço a especialistas profissionalmente ativos e reconhecidos em sua área de atuação. Por outro lado, há descritores que estabelecem relações de proximidade da psicanálise com o meio acadêmico, reforçando discursos sobre conhecimento e saber científico. É o que ocorre principalmente em textos que apresentam o colunista como “professor”, “mestre”, “doutorando”, “doutor” ou “autor da tese”, associando o psicanalista a uma universidade ou instituição de pesquisa.

Chama-nos a atenção que o descritor “pesquisador(a)” apareceu uma única vez, em “Ana Raddi Uchôa é psicanalista e pesquisadora junto ao Instituto de Psicologia da USP e da Universidade Paris 7” (*Folha de S. Paulo*, 10/04/1996). Além destas universidades e centros de pesquisa, foram mencionados, na *Folha de S. Paulo*, também, na área de saúde mental, o “Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília”; a “Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)”; os cursos de pós-graduação em “Psicopatologia e Psicoterapia Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae” e em “Psicologia da PUC-SP”; o curso de “Psicologia do Instituto Metodista”; o “Instituto de Medicina Social da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)”.

Quanto a psicanalistas associados a instituições estrangeiras, o jornal mencionou um “doutor em psicopatologia clínica pela Universidade de Aix-en-Provence (França)”; um “professor visitante da The New School de Nova York (EUA)”; bem como um colunista que compunha a equipe do “Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Buenos Aires” e outro que atuava como “professor assistente no departamento de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Maryland (EUA)”. Todos estes referentes à saúde de forma mais voltada à atuação clínica, ao menos quando analisadas apenas suas formas de apresentação fornecidas pelo jornal.

Em *O Globo*, poucos centros universitários são mencionados: apenas o “Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Paris 7” (único estrangeiro); a “Faculdade de Psicologia da PUC de São Paulo”; o curso de “Psicologia da PUC-RJ”; o “Departamento de Psiquiatria da UFRJ”; o “IMS-Uerj” e, quando apresenta o psicanalista Joel Birman, o jornal o descreve como “professor da UFRJ e da UERJ”. Nota-se, portanto, que *O Globo* abrevia com frequências as universidades, possivelmente por tomá-las como conhecidas de seus leitores. Além disso, para este veículo, só houve necessidade de informar o vínculo com universidade ou laboratório de pesquisa quando se tratava de instituições voltadas para a especialidade da saúde mental clínica, enquanto que as ligadas às humanidades médicas ou às ciências humanas não foram citadas.

Neste sentido, a *Folha de S. Paulo* apontou – embora em menor quantidade do que os cursos, departamentos e faculdades de psicologia e medicina – três casos: “professor convidado de antropologia médica na Universidade da Califórnia, em Berkeley”; “professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” e “doutor em filosofia pela Universidade de Princeton (EUA)”. Há também, neste jornal, o texto descritivo que indica a relação entre psicanálise e direito – “42, psicóloga e psicanalista. Foi professora em cursos de especialização em psicanálise, atendimento clínico em consultório e **grupos de estudo**

interdisciplinar entre direito e psicanálise” (*Folha de S. Paulo*, 01/07/1994) – aproximando, discursivamente, o saber psicanalítico de mais um campo sem, no entanto, deixar de mencionar a relação com a psicanálise clínica.

De forma combinada com outros descritores referentes à saúde mental, os colonistas foram apresentados como médico e/ou psiquiatras em 43 textos da *Folha de S. Paulo* (a palavra “médico” apareceu 17 vezes e “psiquiatra”, 26), mas apenas em quatro em *O Globo* (duas vezes cada uma das palavras). A combinação com “psicólogo”, por sua vez, não apareceu nenhuma vez neste último jornal, enquanto que, no primeiro, foi indicada apenas três vezes – sendo que nenhuma delas apenas “psicólogo(a) e psicanalista”, mas acompanhando informações como “membro de instituição psicanalítica”, “autor(a) de...” e “professor(a)”. Em contrapartida, *O Globo* trouxe combinações contendo os sintagmas “psicanalista e sexóloga” (sempre no gênero feminino), em quatro colunas (todas assinadas por Sheiva Scherman).

As referências aos campos interdisciplinares da psicanálise com as ciências humanas e sociais aplicadas foram encontradas materializadas em descritores como “educador” (presente apenas na *Folha de S. Paulo*, em quatro textos); “socióloga” (também apenas na *Folha de S. Paulo*, em uma única coluna); “filósofo” (presente tanto na *Folha de S. Paulo*, em cinco colunas, nas formas de “professor de Filosofia” e “doutor em Filosofia”, como em uma coluna de *O Globo*, em que apareceu como “bacharel em Filosofia”); e “historiadora” (apenas em *O Globo*, em uma coluna).

Os descritores referentes a cargos políticos também estão presentes nos jornais, sendo que em *O Globo* nas cinco vezes em que aparecem estão relacionados apenas à figura da Marta Suplicy, como deputada, enquanto que, na *Folha de S. Paulo*, de oito descritores, sete dirigem-se a deputadas – seis ligadas à Suplicy, mas uma à Maria de Jesus Andrade Belo, que, diferentemente, é apresentada como “55, psicanalista, deputada do Parlamento Europeu pelo Partido Socialista de Portugal, é vice-presidente da Comissão de Cooperação e Desenvolvimento daquele Parlamento” (*Folha de S. Paulo*, 15/02/1993). A oitava referência diz respeito a Antonio Lancetti, descrito pelo jornal da seguinte forma: “47, é psicanalista e foi secretário de Ação Comunitária da Prefeitura de Santos (1993-1996)” (*Folha de S. Paulo*, 12/02/1997), ocupando, portanto, cargo político diferente das demais psicanalistas.

Diante do apresentado, ao observar as oscilações que cada descritor apresenta ao longo do período analisado, tem-se que, na *Folha de S. Paulo*, as referências às combinações que incluem o descritor “psiquiatra” são mais comuns nos anos 1980, tendo poucas ocorrências depois de 1990 e, ainda assim, estas ficam restritas ao início da década. A forma

“psicanalista e autor(a) de...” é vista de maneira distribuída ao longo dos 19 anos da pesquisa, o que indica que a relação entre psicanálise e autoria se sustenta na imagem desse especialista. No entanto, a forma simplificada do sujeito apresentado apenas como “psicanalista”, apesar de também estar presente ao longo das quase duas décadas, se concentra mais no início de 1980 (sendo, inclusive, a única no primeiro ano da década e a predominante no segundo).

A mesma observação em *O Globo* aponta que a forma “psicanalista e autor(a) de...” não era muito utilizada até a inclusão da coluna de “consultório sentimental” de Goldin, em 1998, com exceção de apenas três textos em 1996. Além disso, nesse momento fica ainda mais claro o motivo de nossa opção por considerar como *corpus* também as colunas de Pedro Salas, embora este não assine como “psicanalista”, mas ele é o único sujeito com esta formação que escreve para *O Globo* até 1985. Até o final da década de 1980, então, além de Salas, predomina a forma “psicanalista”. É em 1991 e, mais intensamente, em 1996 e 1997, que há destaque para a descrição que indica a instituição psicanalítica de que o colunista é parte. A apresentação como “professor” também fica mais frequente, neste jornal, em 1996.

Como já visto, são notáveis semelhanças e diferenças entre os dois jornais analisados. Em acréscimo às que já foram apresentadas anteriormente, algumas outras questões, com o objetivo de fornecer comparações entre os dois veículos.

A começar pelas semelhanças, as principais dizem respeito às duas principais formas de apresentação dos colunistas – “psicanalista” e “psicanalista e autor(a) de...” – que são as mais frequentes em ambos os veículos. É perceptível também que, tanto a *Folha de S. Paulo* como *O Globo*, mencionam referências mais próximas a suas sedes (o que vale, principalmente, para as Sociedades Psicanalíticas mencionadas), embora isso desencadeie diferenças, pois um está instalado em São Paulo – e, portanto, prioriza membros do Instituto Sedes Sapientiae e da PUC-SP – e outro no Rio de Janeiro – próximo ao Instituto de Medicina Social da UERJ e da UFRJ. Além disso, ambos demonstram a preocupação em assinalar quando o psicanalista é estrangeiro ou é integrante de uma instituição psicanalítica original de outro país, demarcando como que uma valorização do que não é nacional, ao usar os descritores com sentido de “legitimar” o colunista. Por outro lado, aparece também, nos dois veículos submetidos à análise, a localização do psicanalista no espaço, como em “É psicanalista e escritor radicado no Rio de Janeiro” (*Folha de S. Paulo*, 08/01/1983) e “É psicanalista no Rio de Janeiro” (*O Globo*, 02/12/1996).

Partindo para a enumeração das diferenças, percebemos que a principal delas é a diversidade de formas de descrição encontrada na *Folha de S. Paulo*, algo bastante reduzido em *O Globo*. Notamos também que este primeiro jornal inclui com frequência a idade do

autor. Isso tem início com a descrição “**61**, é psiquiatra e psicanalista, escritor, entre outros trabalhos científicos, de ‘Revisão do Complexo de Édipo’” (*Folha de S. Paulo*, 21/08/1985) e permanece ao longo do período analisado. *O Globo*, por sua vez, só o faz em uma coluna, trazendo a idade como único descritor adicional à profissão: “Psicanalista, 43 anos” (*O Globo*, 20/09/1987).

Entre as diferenças, chamou nossa atenção um descritor de *O Globo* que imprime abertamente a opinião do jornal sobre seu colunista, ao dizer, na voz do veículo: “o maior psicanalista brasileiro: Hélio Pellegrino” (*O Globo*, 23/09/1990). Isso não ocorre na *Folha de S. Paulo*, que, por sua vez, possui outras particularidades, como a de disponibilizar, após 1996, o endereço eletrônico (e-mail) de alguns psicanalistas (o que ocorre ao indicar, ao final do texto de apresentação, os seguintes meios para contato: ccalligari@aol.com; jfreirecosta@ax.ibase.org.br; msuplicy@solar.com.br).

O resultado parcial da análise discursiva, com base nos descritores utilizados pelos jornais para fazer referência aos psicanalistas, aponta para formas de convocação desse especialista fortemente associadas à imagem do intelectual – autor de livro(s), professor em Universidade, membro de determinada instituição de psicanálise, entre outras. Chamou nossa atenção o fato de poucos terem sido apresentados como “pesquisadores”, embora quase todos os nomes relacionados a instituições de ensino superior ou a institutos de formação psicanalítica desenvolvam pesquisa científica.

Foram realizadas associações da imagem do psicanalista a de especialistas da saúde mental, como nas combinações “psicólogo e psicanalista” ou “médico, psiquiatra e psicanalista”, embora não tendo sido uma das formas de descrição mais frequentes. Estas combinações podem tanto apontar para disputas entre campos – de saber e de práticas – como realçar a legitimação da figura do psicanalista enquanto especialista.

E, por fim, vale observar que a combinação de “psicanalista” com “escritor”, “poeta”, “doutora em artes cênicas”, apesar de aproximar a imagem do colunista com a do artista, não deixa de reforçar a erudição relacionada a um sujeito intelectualizado.

4.2.3.2 *O modo de significar o psicanalista nas entrevistas*

Assim como nas colunas, o modo como os jornais projetam imaginariamente os psicanalistas nas entrevistas, tem começo na forma de apresentar esses sujeitos aos leitores. Partimos dos descritores identificados na análise dos textos de apresentação do psicanalista (no jargão jornalístico, o “lidão”), para, em seguida, passarmos as entrevistas. Aqui serão

considerados somente os psicanalistas na posição de entrevistados. É preciso esclarecer que consideramos apenas os psicanalistas que aparecem na posição de entrevistados, não levando em conta os que se posicionam como entrevistadores.

As entrevistas apresentam textos de apresentação bastante distintos e com maior variedade de descritores. Há, por exemplo, na *Folha de S. Paulo*, entrevistado que não é apresentado pelo jornal como “psicanalista”, mas como “lacaniano” (*Folha de S. Paulo*, 12/12/1982), “freudiano ortodoxo” (*Folha de S. Paulo*, 13/11/1988), ou ainda, como “discípulo de Lacan” (*Folha de S. Paulo*, 29/11/1981), o que explicita, de outra maneira, a relação do sujeito entrevistado com a psicanálise.

Há ainda a descrição do psicanalista pelo papel que ele ocupa no cenário psicanalítico, como exemplificam os seguintes segmentos textuais: “é um dos líderes mais ativos e representativos da psicanálise francesa, desde a morte de Jacques Lacan, em 9 de setembro de 1981” (*Folha de S. Paulo*, 25/09/1983); e “o psicanalista Jean Laplanche, um dos principais nomes da psicanálise francesa” (*Folha de S. Paulo*, 20/08/1993).

O mesmo ocorre em *O Globo* que, por vezes, além de ressaltar a importância que determinado psicanalista tem em sua área, ainda realça seu trabalho ou certa obra, por meio de adjetivações, como nos serve de exemplo o enunciado: “Emilio Rodrigué **publicou uma inquietante biografia** em três volumes de Sigmund Freud...” (*O Globo*, 11/05/1996).

Assim como nas colunas, algumas vezes os jornais especificam a cidade – “Eduardo Mascarenhas, psicanalista do Rio...” (*Folha de S. Paulo*, 17/11/1991) ou “Dr. Humberto Haydt de Souza Mello, psicanalista-titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, residindo em Brasília” (*O Globo*, 04/06/1980) – ou o país onde o psicanalista clínica, leciona ou reside, no entanto, nas entrevistas publicadas na *Folha de S. Paulo* foi mais comum fazer referência ao estrangeiro, como demonstram os descritores “Psicanalista residente na França” e “Psicanalista residente na Inglaterra” (*Folha de S. Paulo*, 15/06/1986). Além disso, apresentação como “psicanalista francês”, “psicanalista francesa”, “psicanalista franco-alemão”, entre outras nacionalidades é algo bastante recorrente nas descrições na *Folha de S. Paulo*.

Principalmente neste jornal, a relação com o exterior é reforçada pelas instituições de saúde mental das quais os entrevistados fazem parte, listadas a seguir, sendo todas estrangeiras: Clínica Psiquiátrica de la Borde; Escola da Causa Freudiana (francesa); *Société Psychanalytique de Paris*; Sociedade de Psicanálise belga; Associação Internacional de História da Psicanálise; *Asociación Psicoanalítica Argentina*. Além disso, há também referências a universidades que, com exceção da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do

Instituto de Medicina Social da UERJ, são todas instituições francesas – Departamento de Psicanálise na Universidade de Vincennes; Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8; Departamento de Filosofia da Paris VIII – ou norte-americanas – Universidades de Princeton e New Jersey.

O Globo, em comparação com a *Folha de S. Paulo*, menciona mais instituições psicanalíticas, universidades e centros de pesquisa brasileiros – como o Instituto de Psicologia Clínica da UERJ, que desenvolve um projeto de pesquisa de psicanálise aplicada com adolescentes (*O Globo*, 13/09/1992); a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro; o Movimento Freudiano; e o Instituto de Psicologia da UFRJ – embora estas ainda estejam em minoria em relação às estrangeiras – Instituto de Psicanálise de Londres; Departamento Acadêmico de Psiquiatria da *University College* de Londres; Universidade de Paris XIII; Clínica de Disfunções Sexuais da Faculdade de Medicina de Buenos Aires; Centro de Estudos sobre América Latina, no Canadá; *International Psychoanalytical Association* (IPA); e *Société Internationale d’Histoire de la Psychiatrie et de la Psychanalyse*. Ressaltamos que enumeramos aqui da forma como os jornais publicaram os nomes.

Em *O Globo*, cinco das 34 entrevistas destacam o fato de o(a) psicanalista ser estrangeiro(a), de origem ou francesa ou argentina. Há ainda um caso isolado que descreve o entrevistado como “filósofo e psicanalista, nascido na Argélia em 1948...” (*O Globo*, 03/10/1993). Este segmento textual, ao indicar o ano de nascimento do entrevistado, permite que o leitor conheça a idade desse sujeito, além de possibilitar que seja compartilhada uma memória discursiva sobre o cenário da época – que, entre muitas possibilidades, pode estar marcado pela questão dos refugiados de guerra europeus.

Em relação à idade dos entrevistados, *O Globo* só traz esta informação em cinco entrevistas. Na *Folha de S. Paulo* também são poucos os textos que indicam a idade dos psicanalistas – apenas sete em 40. Dentre estes, vale destacar um em que a indicação de quantos anos tem o entrevistado significa, não só de forma a demonstrar a amplitude da experiência do sujeito – como expressa “Virgínia Bicudo está com quase oitenta anos de idade e é uma das pioneiras da psicanálise em São Paulo” (*Folha de S. Paulo*, 05/06/1994) –, mas também para apontar para a resistência na luta pela Reforma Psiquiátrica, indicado por “Psiquiatra e psicanalista, 41 anos, há 15 na luta contra a reinternação” (*Folha de S. Paulo*, 06/03/1994).

Em *O Globo* há uma particularidade, que é a referência à família dos entrevistados, algo que não vimos na *Folha de S. Paulo*. Este jornal frequentemente recorre à

história dos pais do entrevistado para apresentá-los, criando um cenário sobre o sujeito – como é mostrado tanto pelo comentário: “a psicanalista descendente da mais fina estirpe paulista” (*O Globo*, 11/10/1998); como pelo texto mais descritivo: “José Nazar, lacaniano, de 38, filho de um carpinteiro árabe que, adolescente, emigrou para São Paulo” (*O Globo*, 12/12/1983). Em outro exemplo, o jornal menciona a relação afetiva do entrevistado – “Tem 54 anos e está casado há 30 com Célia, pesquisadora na área de história” (*O Globo*, 29/10/1998) – como forma de mostrar como este psicanalista está apto a avaliar as relações amorosas, tema principal da entrevista intitulada “Vamos recriar o amor de alto a baixo”.

Há um caso em que o próprio psicanalista se apresenta como tal no decorrer da entrevista, mas trata-se de uma exceção – “pois sou um psicanalista...” (*Folha de S. Paulo*, 05/09/1982). Em todos os outros, o jornal apresenta-o pela especialidade.

Alguns descritores presentes em entrevistas não aparecem em colunas. Na *Folha de S. Paulo*, é o caso dos que relacionam o psicanalista ao ativismo político ou ao estudo de ciências políticas – como “político militante”, “militante político” e “cientista político”. Um dos psicanalistas (Hélio Pellegrino) é descrito como “político militante” em entrevista, mas, em colunas e, ainda que o tema delas se articule à política, é apresentado como “psiquiatra e psicanalista, escritor, entre outros trabalhos científicos, de ‘Revisão do Complexo de Édipo’” (*Folha de S. Paulo*, 21/08/1985).

Outros descritores, além dos que relacionam psicanálise e política, foram utilizados, pelos jornais, exclusivamente para fazer referência a entrevistados, como “psicanalista e fotógrafo” e “psicanalista e economista”. Além disso, houve dois psicanalistas identificados como “psicanalistas e filósofos” e uma que foi descrita, dentre outras coisas, como “socióloga e psicanalista”. Houve, na *Folha de S. Paulo*, apenas um “psicanalista e psiquiatra” e um “médico”, o que aponta, no jogo de relações de poder entre saberes, para um predomínio das vozes dos intelectuais humanistas entre os psicanalistas entrevistados pelo jornal.

Em *O Globo*, descritores que aparecem unicamente neste jornal e nas entrevistas são “criador de série de TV e autor de peças teatrais”, “psicanalista e psicoterapeuta”, “linguista” (combinado com “escritora, autora e psicanalista”) e “juiz que se aposentara para tornar-se psicanalista, após ter-se dado conta de que ficara 30 anos sem escutar as pessoas” (*O Globo*, 15/11/1997) e “psicanalista rompido com a psicanálise tradicional e criador da somaterapia”. Percebe-se, assim, a diversidade de formas de atuação combinadas à atividade psicanalítica, bem como, neste último caso, o rompimento com o saber e o alinhamento a

outra forma terapêutica associada à saúde mental, demarcando relações de poder entre saberes.

As entrevistas, mais do que as colunas, parecem destacar os maiores feitos de cada psicanalista, como se justificassem ao leitor a escolha pelo entrevistado – o que é visto, por exemplo, em “Jacques Alain-Miller é um dos líderes mais ativos e representativos da psicanálise francesa” (*Folha de S. Paulo*, 25/09/1983); “o paulista Flavio Dias, 84, primeiro médico analisado no Brasil. Um dos pioneiros da Psicanálise no Brasil” (*Folha de S. Paulo*, 20/10/1985); ou ainda “psicanalista francês, um lacaniano que se aventurou pelos difíceis caminhos da análise da perversão e da homossexualidade” (*O Globo*, 18/06/1995). Outro exemplo interessante trata-se da apresentação do entrevistado como “O argentino Alberto Goldin é o psicanalista de nove entre dez estrelas de cinema” (*O Globo*, 19/08/1991), diferenciando-o pela fama de quem frequenta seu consultório. Diferentemente, as colunas focam mais na legitimação do colunista pela sua capacidade de reflexão, ao fornecer informações como diversos livros publicados pelo autor.

Nos textos de apresentação dos entrevistados fica mais evidente a divisão entre linhas de pensamento da psicanálise, enquanto que as colunas demarcam mais a diversidade de instituições psicanalíticas. Marca disso, nas entrevistas, é a demarcação entre seguidores de Freud e de Lacan, sendo que o segundo predomina entre os entrevistados, em ambos os jornais. Além disso, dois psicanalistas são apresentados como próximos a Melanie Klein: Emilio Rodrigué que “fez sua formação em Londres, tendo frequentado o grupo de Melanie Klein” (*Folha de S. Paulo*, 17/09/1995), em outras palavras, “chegou à vice-presidência da ultra-conservadora *International Psychoanalytical Association* (IPA) depois de se formar em Londres e estudar com Melanie Klein” (*O Globo*, 11/05/1996) e Virgínia Bicudo que “teve aulas com Melanie Klein, de quem foi amiga” (*Folha de S. Paulo*, 05/06/1994).

Comparativamente, o texto de apresentação dos entrevistados deu bem menos ênfase à formação acadêmica dos psicanalistas, apontando, em ambos os jornais, quase nenhum “doutor”, “doutorando” ou “mestre”. Entre as raras exceções a esse caso está o enunciado “Marcos Baptista baseou sua tese de doutorado nos efeitos da heroína” (*O Globo*, 17/03/1998) que, apesar de não dizer na forma de título atribuído ao entrevistado, menciona o desenvolvimento de uma tese de doutorado.

Nas entrevistas, embora tenha sido possível observar regularidades e diferenças entre as formas como os jornais referem-se aos psicanalistas, a análise não apontou para mudanças significativas nos descritores ao longo do período analisado.

Outra forma de identificar como os jornais projetam imaginariamente os psicanalistas é analisando as perguntas que direcionam a eles, quando os tomam como entrevistados. A seguir, apresentaremos algumas das imagens que os jornais têm do psicanalista, apresentando exemplos de enunciados recortados dos textos de entrevista. Os segmentos textuais serão indicados por “P8SY”, sendo “Y” a ordem de aparição no texto, de modo a dar continuidade à enumeração realizada desde o início da análise.

4.2.3.2.1 Imagem do psicanalista “pensador” - IB” (A) 1

Assim como observado nas projeções do tipo IA (A), ou seja, nas que os psicanalistas têm de si mesmos, a partir de textos publicados na imprensa, é notável a imagem que os jornais têm e fazem circular desses “intelectuais”, como sujeitos capazes de produzir entendimentos, avaliações e análises sobre o mundo. É o que nos mostra, por exemplo, o seguinte segmento textual:

P8S1: Entrevistador: Você escreve que o amor não é natural, que é uma invenção, como a roda, o fogo e o casamento. Diz ainda que ele é uma crença historicamente construída. Como um ideal pode ter persistido por tanto tempo na cultura?

Psicanalista: Quando eu digo que ele é uma invenção, forço um pouco a comparação para poder chamar a atenção das pessoas. Ele é uma invenção assim como a invenção do religioso [...]. (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 15/11/1998)

O que está em jogo neste tipo de discurso sobre o psicanalista é o reforço de uma imagem idealizada do intelectual. Como podemos ler no exemplo destacado, a discussão se dá em torno do amor, algo que poderia ser abordado de inúmeras formas – inclusive mais descontraídas ou lúdicas – mas que ao jornal interessa discutir a partir de uma reflexão teorizada, com foco na noção de construção histórica e cultural. A *Folha de S. Paulo* recorre, então, a pensamentos expressos em outro momento pelo entrevistado – possivelmente um livro já publicado, ao dizer “você escreve que...” – e busca confrontar essa ideia, a partir de um questionamento – “Como um ideal pode ter persistido por tanto tempo na cultura?” –, dando, assim, espaço para que o psicanalista exponha sua reflexão.

Este tipo de projeção não se dá apenas sobre sentimentos, mas também – e recorrentemente – sobre política, como podemos ver a partir dos exemplos:

P8S2: Entrevistador: Por onde passa a política atualmente? Pelas formas tradicionais de política de poder ou pelas **micropolíticas do dia-a-dia**, onde as pessoas conseguem manter uma certa autonomia? **A política tradicional está morta?**

Psicanalista: A política tradicional está morta. Não como realidade, pois sobrevivem os Estados, os partidos, etc., embora com um apoio restrito entre as populações nacionais. Está morta porque dela não podemos esperar mais nada [...]. (CASTORIADIS, *Folha de S. Paulo*, 05/09/1982)

P8S3: Entrevistador: As proezas esportivas de Collor, ou o caso da ex-ministra Zélia, representariam uma certa “erotização” do poder, não cercam a política de uma certa carga erótica?

Psicanalista: Não, ao contrário. Parece ter havido muito mais uma grande angústia, negada através de mecanismos maníacos do tipo “eu sou o máximo”. (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 28/06/1992)

Os dois casos destacados acima foram escolhidos dentre diversos outros exemplos, por terem sido publicados em cenários políticos distintos, tanto mundial como nacionalmente, e proporem reflexões bastante diferentes. O primeiro, do início da década de 1980, direciona-se a um psicanalista europeu e questiona sobre “a política tradicional” com sentido de “política de poder”. O segundo, publicado dez anos depois, utiliza outro sentido para “poder” (sinônimo de “governo”), e busca focar-se em uma situação especificamente brasileira – “as proezas esportivas de Collor ou o caso da ex-ministra Zélia”. Apesar das diferenças, ambos colocam o psicanalista no lugar do “pensador”, capaz de compreender questões do campo da política, seja como intelectual conhecedor do conceito de “micropolítica” e capaz de discutir se a “política tradicional está morta” (como em P8S2), seja como avaliador da conduta de governantes brasileiros (conforme P8S3).

No exemplo P8S3, destacamos que a discussão acerca da “erotização” do poder” ou daqueles que “cercam a política de uma certa carga erótica”, aponta para outra imagem do psicanalista, a de quem deve reconhecer comportamentos sexuais “desviantes” de certa norma. Assim, o entrevistador, ao realizar a pergunta destacada, parece propor que o psicanalista empreenda uma análise do comportamento dos personagens políticos mencionados.

Este mesmo tipo de pergunta, que já direciona a resposta do entrevistado, quase que a antecipando através de uma afirmação do entrevistador, acontece também em outros casos, como no destacado a seguir:

P8S4: Entrevistador: o sr. concorda que Freud era autoritário?

Psicanalista: Eu acho que era um liberal conservador, com um toque autoritário... (RODRIGUÉ, *Folha de S. Paulo*, 17/09/1995)

No entanto, no que diz respeito ao sentido, ocorre aqui uma inversão em relação ao que vimos no exemplo anterior. Em P8S3, a pergunta direcionada ao psicanalista o leva a

analisar o comportamento de determinados sujeitos, com base no saber psicanalítico sobre sexualidade (erotização). Em P8S4, a questão leva uma figura de importância para a psicanálise a ser analisada por um saber externo ao psicanalítico, quando menciona a noção de autoritarismo – que, embora possa estar presente também na teoria psicanalítica, está mais comumente associada à política (o que é reforçado, inclusive, pela resposta do psicanalista).

Além disso, ainda que não estejamos analisando nesta seção as respostas dadas pelos psicanalistas, cabe-nos uma observação especificamente sobre este exemplo. Diante de uma pergunta que demandava apenas “sim” ou “não” do entrevistado, este escapa à simplicidade e se reposiciona como “pensador” – sujeito que reflete no momento em que responde – ao dizer “Eu acho que era um liberal conservador, com um toque autoritário...”. São as reticências grafadas, pelo jornal, ao final da resposta que funcionam como marca de uma reflexão continuada, levando-nos a ver a imagem do psicanalista “pensador” neste enunciado.

Assim como nas projeções de psicanalistas sobre si mesmos, a imagem do “pensador” da teoria e da prática psicanalíticas é bastante forte nas perguntas realizadas pelos jornais a estes “detentores do saber”, como podemos ver em:

P8S5: Entrevistador: O senhor diz que a psicanálise permanece um saber vivo, um outro modo de produção do saber fora da universidade. Será que ela ficou de fora por causa de suas características ou contra a própria vontade dos psicanalistas e dos universitários?

Psicanalista: Pode-se considerar a universidade como uma espécie de túmulo do saber. Mas em cima desse túmulo há uma série de coisas que podem ser feitas com os cadáveres: pode-se dissecar, desenvolver, articular etc. [...] (MILLER, *Folha de S. Paulo*, 29/11/1981)

P8S6: Entrevistador: Falando em moda, gostaria de saber como o senhor vê a psicanálise em países como a Argentina e o Brasil, onde o discurso psicanalítico foi exacerbado até as últimas consequências, disseminando-se por todas as instâncias da sociedade, como um lugar-comum. O que resta da psicanálise em sociedades como estas?

Psicanalista: Quando existe um fenômeno sociológico, compreende-se que ele contém uma moda e uma considerável potência de erosão sobre o próprio fenômeno. Se a psicanálise é vulgarizada por toda parte e se ela constitui uma espécie de corrente no discurso cotidiano é porque já acabou. (FÉDIDA, *Folha de S. Paulo*, 20/08/1987)

Em P8S5, o jornal projeta sobre o psicanalista – possivelmente embasado nas palavras ditas anteriormente por este, uma vez que o entrevistador inicia a pergunta com “o senhor diz que...” – a imagem de um sujeito identificado com uma FD que questiona o lugar do saber psicanalítico, que, segundo ele, estaria “de fora” da universidade. Ao mesmo tempo, ao estabelecer a associação entre psicanálise e saberes institucionalizados pela universidade, o jornal materializa um discurso que abrange questões como ciência e produção de

conhecimento. Assim, mesmo que a psicanálise esteja sendo tratada como “excluída” dos saberes que poderiam ser considerados “universitários”, estes discursos tocam a mesma região da memória discursiva.

Em P8S6, os discursos sobre o lugar da psicanálise também estão presentes neste enunciado – entre outras leituras, afinal, como já dito anteriormente, “em Análise do Discurso, o princípio da heterogeneidade nos diz que os discursos estão sempre constituídos por outros discursos que lhes antecedem e que intervêm neles” (NUNES, 2001, p. 39). Assim como em P8S6, parece haver uma busca por qualificar (ou desqualificar) a psicanálise, mas, enquanto no primeiro isto é efeito da comparação com os saberes legitimados pela universidade, no segundo, há uma afirmação de que a psicanálise se tornou “moda” ou “lugar comum”.

Além disso, o entrevistador em P8S5 utiliza o tom mais sugestivo, ao perguntar “será que...?”, ao passo que em P8S6, o jornal encaminha a questão como “gostaria de saber como o senhor vê...?”. Em seguida, apresenta afirmações como a de que o “discurso psicanalítico foi exacerbado até as últimas consequências, disseminando-se por todas as instâncias da sociedade”, o que aponta para a imagem de um saber desagastado. E ainda finaliza com a pergunta: “O que resta da psicanálise...?”, ou seja, o jornal desvalida, assim, o saber psicanalítico.

A ideia de que um saber é ameaçado por uma “moda” aparece também em outro enunciado, mas que não se refere à psicanálise.

P8S7: Entrevistador: Como a psicanálise vê a moda da PNL, que promete cura rápida de fobias, além da prosperidade material?

Psicanalista: São discursos diametralmente opostos. A psicanálise não pretende nada do que promete a neurolinguística. A psicanálise é um método de investigação e se o resultado dessa investigação melhora a vida de alguém, é um mero efeito. Numa época de imediatismo, a psicanálise só pode ser vista como longa. A psicanálise não tem cura para o mal-estar da condição humana. (CALMON, *O Globo*, 08/05/1994)

Neste caso, a “moda” que tem por efeito vulgarizar um saber, não diz respeito à psicanálise, mas a outra técnica do campo da saúde mental, a Programação Neurolinguística (PNL), colocando em debate a relação de poder entre saberes. Destaca-se que a pergunta é introduzida pelo jornal de modo a colocar o entrevistado na posição de “representante” do saber, como “aquele que fala em nome da psicanálise” – o que pode ser entendido a partir da colocação “como a psicanálise vê...?”. Assim, a questão não foi posta ao sujeito psicanalista como nos demais exemplos que se dirigem nas formas de “você” ou “o senhor”, mas de maneira a fundir o sujeito com o saber que constitui.

4.2.3.2.2 Imagem do psicanalista “especialista” - IB” (A) 2

Entendemos como “especialista” aquele que é convocado para dar explicações sobre temas do cotidiano, por ser um entendedor do comportamento humano. Essa imagem difere-se da do “pensador” porque as perguntas não exigem alto grau de reflexão para que sejam respondidas e, nesses casos, parece que o jornal espera do psicanalista não um preparo intelectual elevado ou a capacidade de articular ideias e teorias, mas uma resposta breve e esclarecedora. Em relação às projeções dos psicanalistas sobre si mesmos, esta imagem se aproximaria à do “psicanalista clínico”, porém, o entrevistado não está diante de um paciente/analizando que o consulta, mas de um entrevistador que ocupa o lugar de um jornal. A seguir, reproduzimos alguns segmentos textuais, contendo enunciados destacados em negrito, a fim de exemplificar.

P9S1: Entrevistador: O que a heroína provoca no corpo do usuário?

Psicanalista: É devastadora. É sedutora, tanto que é chamada na França de droga do bem-estar. Quem a usa no modo injetável diz ter uma sensação melhor do que o gozo sexual. (BAPTISTA, *O Globo*, 17/03/1998)

Em casos desse tipo o jornal parece (con)fundir a imagem do psicanalista à do médico clínico. Por isso, pergunta de forma bastante direta e parece preocupar-se (com base nesta única pergunta, evidentemente) em saber apenas quais são os efeitos biológicos do uso de heroína – aquilo que afeta “o corpo”. O modo de referir-se ao indivíduo que utiliza a droga como “usuário” aponta para uma FD outra, distinta à que a psicanálise se localiza, pois para esta seria, possivelmente, o “sujeito”.

Há perguntas que, da mesma forma, demandam explicação do psicanalista, mas o fazem utilizando estratégias distintas, como podemos ver em P9S2:

P9S2: Entrevistador: Como a senhora definiria as diferenças entre o transexual e o travesti?

Psicanalista: A importância do pênis é a diferença radical entre eles [...]. (MILLOT, *O Globo*, 02/05/1998)

Neste caso, temos o exemplo da pergunta direcionada ao “especialista” que o responsabiliza pela resposta, uma vez que parece pedir à psicanalista uma opinião ao invés de uma explicação, o que parte da forma “como a senhora definiria...?”. Assim, não se deseja saber simplesmente “quais são as diferenças entre o transexual e o travesti”, mas sim, “de acordo com essa especialista, portadora de um saber, quais são as diferenças...”. Esta

formulação desloca não só o sentido da pergunta, como a posição que o psicanalista ocupa no discurso do jornal sobre esse especialista.

Em outros enunciados, o fator “sensibilidade” é levado em conta na projeção do jornal sobre o psicanalista e este assume a imagem de um sujeito preocupado com questões que vão além das de “especialista”. Vejamos o exemplo a seguir:

P9S3: Entrevistador: É muito difícil ser adolescente hoje, com tantas contradições como a liberdade sexual e a Aids?

Psicanalista: Os adolescentes não sofrem muito com isso, acho que os pais é que sofrem. Eles têm uma vida sexual e vai depender da maior ou menor conscientização de cada um para orientar a sua conduta sexual [...]. (ALBERTI, *O Globo*, 13/09/1992)

A abordagem é feita de forma direta – mais uma vez, utiliza-se o tipo de pergunta que demanda apenas “sim” ou “não” –, mas sensível, pois espera que o psicanalista não só seja capaz de produzir avaliações sobre o tema, a partir de seus conhecimentos, como também de sentir, para dizer se é “muito difícil ser adolescente hoje”. Em outras palavras, é como se fosse esperado que essa psicanalista fosse capaz de colocar-se no lugar do adolescente para responder.

O mesmo tipo de pergunta direta ocorre em P9S4, a seguir:

P9S4: Entrevistador: Casamentos longos diminuem o desejo sexual?

Psicanalista: Isto pode ocorrer quando o tédio e a rotina predominam no casamento. (KUSNETZOFF, *O Globo*, 11/09/1994)

Enunciados como P9S4 estão mais associados à ideia de “consulta”, como seriam nos consultórios sentimentais, em que o psicanalista lê um relato e esclarece dúvidas sobre questões pessoais e íntimas. Comumente, este tipo de questionamento, em entrevista, leva a um pedido de “dica”, colocando o “especialista” na posição de aconselhar como os casais – ou, em quando ligados a outros temas, como, por exemplo, o comportamento dos filhos adolescentes, como os pais – devem lidar com determinada situação.

Há ainda outro tipo de imagem que se projeta diante do psicanalista especialista, que pode ser vista no exemplo a seguir:

P9S5: Entrevistador: Que chances você vê de as pessoas algum dia poderem controlar seu aparelho psíquico em vez de serem conduzidas por ele?

Psicanalista: A pergunta traz de contrabando o conceito do produto acabado. Ele tem nos tirado o direito sagrado de sermos aprendizes, o prazer do projeto não realizado. Você não pode colocar o dilema do produto final versus o fracasso de uma intervenção cultural. (DAUDT, *Folha de S. Paulo*, 10/12/1992)

Neste último caso, embora a pergunta aponte para uma projeção de um “especialista”, a resposta aproximaria mais o entrevistado da imagem de “psicanalista pensador”. Este exemplo reforça, portanto, o que há de *imaginário* nestas projeções e que, nesse “jogo de antecipações” que os interlocutores fazem de si, há o tempo todo a possibilidade de errar e, conseqüentemente, não corresponder ao que imagina o jornal, os leitores ou os psicanalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa indicaram que os psicanalistas foram mais convocados pelos jornais na forma de colunistas/articulistas do que de entrevistados, embora tenham tido expressiva participação como fontes em reportagens. É importante ressaltar que reconhecemos que a escolha dos recortes de pesquisa implica em determinados resultados e exclui a possibilidade de outros. Neste caso, a opção que fizemos por analisar as textualidades de colunas e entrevistas deixou de fora, por exemplo, textos da editoria de “Ciências” que, em *O Globo*, apresentava um número elevado (614) de resultados; no entanto, por não atenderem ao critério do recorte, não foram submetidos à análise.

Foram excluídas da pesquisa também muitas referências a psicanalistas muito “midiáticos” da época. Para exemplificar, observamos o caso de Eduardo Mascarenhas. Realizamos a busca pelos sintagmas “Eduardo Mascarenhas psicanalista” e encontramos 273 páginas em *O Globo* e 100 na *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 1980 e 1998. No entanto, este psicanalista apareceu em apenas uma coluna e uma entrevista no mesmo período, o que indica que seu nome, embora recorrente nos jornais, era mais frequentemente convocado em outro tipo de texto. Ressaltamos, então, que todo recorte resulta na produção de um arquivo analítico que obtivemos, apesar da exclusão necessária de alguns textos (devido à extensão do material), a fim de constituir um *corpus* analisável.

Foi possível notar que houve variação, ao longo do período de 1980 a 1998, nos temas sobre os quais psicanalistas escreviam suas colunas: temas especializados, que se fundamentam em conceitos e princípios psicanalíticos, têm mais espaço nos anos 1980 (principalmente na primeira metade da década), enquanto que os temas gerais – como arte e cultura, comportamento, política, violência, desigualdades e direitos humanos, entre outros – predominam na maior parte do tempo.

Entre os temas especializados, há destaque, principalmente na *Folha de S. Paulo*, para os que fazem referência à “crise” das instituições psicanalíticas, que marcou a historiografia da psicanálise no país nos primeiros anos da década de 1980. Este tema, no entanto, não é retomado posteriormente, nos textos publicados pelos jornais.

Os tipos de projeção imaginária do psicanalista, na imprensa, estão diretamente relacionados às formas como estes se percebem autorizados a fazer propagar determinados discursos, como as regularidades encontradas pela análise são capazes de demonstrar. Por sua vez, as relações discursivas se dão não só no âmbito do discurso mesmo, mas também da ideologia, o que implica em relações de poder. Estas não só ocorrem na disputa entre diversos

saberes como também na relação – ainda que determinada por diversas formações imaginárias – entre imprensa e psicanálise.

A análise discursiva permitiu-nos identificar cinco tipos predominantes de projeções imaginárias dos psicanalistas acerca de si próprios (autoimagem ou autoprojeção), nas textualidades materializadas nos/pelos jornais: 1) o “pensador” – seja de questões que afligem a sociedade, seja do saber psicanalítico ou do papel do psicanalista diante do mal-estar contemporâneo; 2) o “avaliador institucional” – atento não só às instituições psicanalíticas, mas também a outras; 3) o “militante” – cujo discurso de ativista direciona-se ou para um partido político ou para o movimento feminista; 4) o “crítico de arte” – que tende a avaliar, e então recomendar ou desqualificar romances, filmes e peças teatrais; 5) o “clínico” – que analisa e, por vezes, diagnostica o sujeito e seu sofrimento.

De todas estas imagens identificadas, de modo geral, predominam, entre os textos analisados, o psicanalista que se projeta no lugar de “pensador”. São vários os temas mobilizados por esta figura – da morte interpretada através do saber filosófico à crítica ao racismo brasileiro, passando por debates sobre leis, cultura e ciência. Isso aponta para maior recorrência do psicanalista como “intelectual ideólogo”, conforme a classificação de Bobbio (1997), em detrimento da figura do “experto”. Em outras palavras, os psicanalistas, nos jornais, apresentam-se mais como “manipulares de ideias” do que “manipuladores de dados”.

Chamou-nos a atenção que, mesmo em textos que materializam discursos de especialidades do saber psicanalítico, a abordagem mais comum é a do intelectual humanista, e não do *expert*, que valoriza demasiadamente saberes técnicos da profissão. Ou seja, predomina o psicanalista que utiliza a base teórica e conceitual da psicanálise para discutir questões que interessam – ou, ao menos, que pensam, a partir da projeção imaginária que têm de seus leitores – aos leitores e, por extensão, à sociedade. Uma análise comparativa dos dois jornais mostra-nos que, na *Folha de S. Paulo*, predominou a imagem do psicanalista “pensador”, enquanto que, em *O Globo*, foi mais recorrente a figura do “clínico”, devido às numerosas colunas do tipo “consultório sentimental”.

Quanto às projeções imaginárias que os jornais produzem e fazem circular sobre os psicanalistas – além das que, obviamente, se constituem pelo fato de os textos de colunas e entrevistas estarem publicados sob sua “permissão”, o que já atribuí à imprensa, ainda que de forma indireta, o sentido de concordância e unificação das vozes de jornal e especialista – identificou-se a imagem do psicanalista intelectual, associado constantemente à autoria de livros e à pós-graduação ou docência em instituições renomadas.

A análise das formas de descrição dos psicanalistas pelos jornais indicou que *O Globo* mostrou-se mais sucinto na forma de apresentar os colunistas, trazendo, proporcionalmente, menos informações sobre a formação desses do que a *Folha de S. Paulo*. Por conta disso, realizou menos associações entre instituições psicanalíticas e universidades, enfatizando, em geral, apenas a autoria de livros. Em contraste, a *Folha de S. Paulo* apresentou maior diversidade de descritores – como escritor, ensaísta, poeta, tradutor, psicólogo, médico, professor, psiquiatra, filósofo, deputado, pesquisador, educador, entre outros – e também de combinação entre eles, o que aponta para uma valorização do psicanalista.

A análise das entrevistas permitiu-nos ver como os dois veículos analisados projetam de formas diferentes os mesmos especialistas, ao longo do mesmo período de tempo. A *Folha de S. Paulo* apresenta entrevistas, em geral, mais longas e aprofundadas, que levam o psicanalista a se posicionar como intelectual *savant*, capaz de interpretar o mundo a partir de conhecimento não só do campo psicanalítico, mas também, comumente, de outros campos das ciências humanas e sociais – ainda que para questionar-se sobre o lugar da psicanálise. Por sua vez, *O Globo* privilegia outro tipo de entrevista, mais curta e com perguntas mais diretas e com abordagens menos teóricas, fazendo circular, predominantemente, a imagem do *expert*, convocado a esclarecer dúvidas do cotidiano do leitor, por exemplo, sobre saúde, bem-estar e comportamento.

A análise mostrou também que, apesar de a psicanálise enquadrar-se entre os “saberes *psi*” e integrar o campo da saúde mental – além de ainda disputar espaço, aos olhos de uma vertente de psicanalistas e epistemólogos, para compor também o campo científico – a imagem dos psicanalistas nos jornais a insere em um jogo ainda mais complexo de relações entre poderes, no qual estão em disputa também os saberes das ciências humanas e sociais.

Percebe-se que há nos textos tanto de colunas como de entrevistas, a articulação forte da psicanálise com outros saberes, o que aponta para atravessamentos discursivos de Formações Discursivas tanto do campo *psi* – como as referentes às neurociências ou à luta antimanicomial – como outras, como a crítica ao discurso religioso ou à mídia brasileira.

Ao analisarmos os títulos de colunas, deparamo-nos com a utilização de provérbios que, além de constituírem – e, simultaneamente, atualizarem – uma memória discursiva, apontam para a suspeita de uma projeção imaginária do psicanalista sobre seu leitor e, por consequência, do jornal. Captura-se, a partir de então, a imagem de um leitor culto, conhecedor dos principais nomes da psicanálise e que compartilha da memória dos

ditos populares, sendo capazes de reconhecer os sentidos das formulações originais para entender o efeito das alterações.

A análise apontou para diferenças marcantes entre o modo de convocação do psicanalista pela *Folha de S. Paulo* – em geral mais ligada ao saber psicanalítico e às articulações dele com demais saberes (filosófico ou religioso) – e *O Globo* – no qual é recorrente a imagem do psicanalista que fornece dicas de como solucionar determinado problema íntimo é assinalada pelas colunas do tipo “consultório sentimental”.

Enfim, toda a análise – dos trajetos temáticos à identificação de projeções imaginárias – aponta para a predominância, nos jornais, da imagem do psicanalista intelectual, culto e detentor de um saber (científico ou não), reconhecido e legitimado. Ou seja, o psicanalista não perdeu espaço, como voz autorizada na imprensa, mesmo diante das disputas com os demais saberes da saúde mental. No entanto, houve um deslocamento da figura do intelectual mais especializado em temas próprios da psicanálise – teorias e conceitos – para o que produz avaliações dos sujeitos, do governo e das mídias, por exemplo. Nossa hipótese de pesquisa, portanto, não se confirmou, tendo, aliás, ocorrido o inverso do que esperávamos, o que nos leva a pensar que é justamente o movimento de valorização das neurociências e da psicofarmacologia que fez com que o lugar do psicanalista se deslocasse cada vez mais para a discussão acerca das humanidades.

A realização de uma pesquisa que esteja na interface da mídia com a historiografia da psicanálise, realizada por meio do viés discursivo, nos permite uma compreensão mais ampla do campo da comunicação – e, portanto, das ciências sociais aplicadas – na atualidade. Um estudo como esse, voltado a compreender a autorização e a desautorização de vozes, sujeitos e saberes pelos jornais tem relevância na medida em que reconhecemos que o jogo de realces e apagamentos de determinados discursos tem consequências políticas e implica em disputas epistemológicas. Em vista disso, é possível dizer que a sociedade valoriza determinados profissionais mais do que outros e atribui valor de verdade a certos dizeres mais do que a outros, por conta da imagem que a imprensa formula e faz circular dos especialistas que convoca.

Dessa forma, os resultados desse trabalho no âmbito da história da intelectualidade não ficam restritos apenas aos psicanalistas. Poderiam ser ampliados também a outras figuras associadas à intelectualidade – como historiadores, filósofos, sociólogos, cientistas políticos, por exemplo – ainda que a cada campo caibam questões específicas a serem observadas. Assim como ocorre com os psicanalistas, a percepção que estes intelectuais têm de si, bem como a imagem que a sociedade tem a respeito deles, muito tem a ver com a

projeção imaginária que a imprensa circula sobre esses sujeitos enquanto pensadores e (re)produtores de saberes legitimados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar de; COELHO, Maria Thereza Ávila; PERES, Maria Fernanda Tourinho. O conceito de saúde mental. **Revista USP**, Revista da Superintendência de Comunicação Social da Universidade de São Paulo, n.43, p.100-125, set/nov 1999. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/43/10-naomar.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

ALTHUSSER, Louis. Freud and Lacan. In: **Lenin and Philosophy and other essays**. London: The Gresham Press, 1977. p. 181-202.

ALVES, Wedencley. **A mediação das (neuro) ciências: discurso, sujeito e ideologia**. Campinas: UNICAMP, 2007. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. Vocalizações e gestualizações: produção de sentidos na leitura e na escrita em rede. In: **Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p.95-115.

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

_____. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

AMENDOEIRA, Wilson. **Psicanálise no Brasil**. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; MEDEIROS, Sabrina; VIANNA, Alexander Martins (Org.). **Enciclopédia de Guerras e Revoluções: A Época dos Imperialismos e da Grande Guerra**. São Paulo: Elsevier, 2015.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. 1a.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

_____, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.

BACHELARD, Gaston. A psicanálise do conhecimento objetivo. In: **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 147-170.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. A psiquiatria contemporânea e seus desafios. In: ZORZANELLI, Rafaela; BEZERRA JÚNIOR, Benilton; COSTA, Jurandir Freire. **A criação de diagnósticos na psiquiatria contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 9-34.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Pensamento freudiano III: psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. Subjetivações e risco na atualidade. **Revista EPOS**, Revista do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 1-24, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaepos.org/?p=934>>. Acesso em 19 jul. de 2015.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean et al. (Orgs). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-145.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMARGO JÚNIOR, Kenneth. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. **Cadernos de Saúde Pública**, v.29, n. 5, p.844-846, mai. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n5/02.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

CAMPOS, Iara; ALVES, Wedencley. Mídia, memória e acontecimento: discursos sobre a psicanálise nos jornais O Globo e Jornal do Brasil (1980-1981). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 20., 2015, Uberlândia. 15 p. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1826-1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CELES, Luiz Augusto; BUCHER, Richard. O sujeito: limite epistemológico da psicanálise. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, v. 36, n. 4, p.76-89, out./dez. 1984. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/viewFile/19024/17762>>. Acesso em: 15 set. 2016.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **Crise da psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 13-36. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v9n1/02.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2016.

COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto. A imagem da imagem: questões sobre as relações entre Psicanálise e Mídia. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 27., 1999, Caracas. Disponível em: <<http://www.oocities.org/hotsprings/villa/3170/Nelson.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Guardiães da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”. Rio de Janeiro: Oficina do ator, 1995.

_____. Práticas “psi” no Brasil do “milagre”: algumas de suas produções. **Mnemosine**, v.1, n.0, p.48-52, 2004. Disponível em: http://cliopsyche.com.br/wp-content/uploads/ClioPsyche_Historas_psicologia_Brasil.pdf.pdf. Acesso em: 20 fev. 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo. **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989, p.13-38.

FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos Fidélis da. Da “profissão que não existe” no Brasil. In: ENCONTRO MUNDIAL DOS ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, 2., 2003, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/1_Facchinetti_46110903_port.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Linguagem, ideologia e psicanálise. **Estudos da Língua(gem)**: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso, n.1, p.69-75, 2005. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/10/16>. Acesso em 20 abr. 2015.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A psicanálise dos psicólogos no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Culturas psi**: Revista do Instituto de Desarrollo Económico y Social, Buenos Aires: Ed. IDES, v.0, p.85-99, 2012. Disponível em: <<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/culturaspsi/article/view/3890>>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro na década de 70. In: BIRMAN, Joel (Coord.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1988. p. 123-147.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 4. 2003.

_____. **História da loucura**: na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

_____. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, Sigmund. (1915). Recalque. In: **Obras psicológicas completas**: Edição Standard Brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GANDOUR, Ricardo. São Paulo: 2010. **Observatório da Imprensa**, 07 out. 2010. Entrevista concedida a Bob Fernandes. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/fui-demitida-por-um-delito-de-opiniao/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p.11-25, mai. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/6865/6201>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GUILHAMOU, Jacques. A propos de l'analyse de discours: les historiens et le « tournant linguistique ». **Langage et Société**, n.65, p. 5-38, 1993. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/lso_0181-4095_1993_num_65_1_2622>. Acesso em: 05 nov. 2016.

_____. L'analyse de discours du côté de l'histoire : Une démarche interprétative. **Langage et Société**, v. 3, n. 121, p. 177-188, 2007. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2007-3-page-177.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

GUILHAMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Coordination et discours: « du pain et X » à l'époque de la Révolution Française. **Linguistique Institute Nanterre-Paris (LINX)**, v.10, n.1, p. 97-117, 1984. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1984_num_10_1_994>. Acesso em: 12 nov. 2016.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

HONNETH, Axel. **The critique of power: reflective stages in a critical social theory**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

_____. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)**. Campinas: UNICAMP, 1992. 382 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

_____. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo & Señá**: Revista da Facultad de Filosofía y Letras (UBA), n.24, p. 91-104, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/118>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

KEHL, Maria Rita. “Fui demitida por um ‘delito de opinião’”. São Paulo: 2010. **Observatório da Imprensa**, 07 out. 2010. Entrevista concedida a Bob Fernandes. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/fui-demitida-por-um-delito-de-opinio/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de fórmula em Análise de Discurso: quadro teórico e metodológico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan (Org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970. p. 5-32.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e autoria. In: INDURSKY, Freda (Org.). **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-103.

LAKATOS, Imre. Ciência e pseudociência. In: **História da ciência e suas reconstruções racionais**. Lisboa: Edições 70, 1998. p. 1-6.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 2012. p.7-34.

MAGNO, Machado Dias; MEDEIROS, Nelma. **Razão de um percurso**. Rio de Janeiro: Novamente, 2015.

MAIA, Aline Borba; MEDEIROS, Cynthia Pereira de; FONTES, Flávio. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos da clínica**, v. 17, n. 1, p. 44-61. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v17n1/v17n1a04.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2016.

MANNHEIM, Karl. O problema da “Intelligentsia”. In: **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 70-139.

MARIANI, Bethania. Para que(m) serve a psicanálise na imprensa? Comunicação apresentada no Congresso da Associação Brasileira de Linguística, Recife, 2003. Disponível em:<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache%3A2S86ByezFkMJ%3Awww.geocities.ws%2Fgt_ad%2Fbethania.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 04 dez. 2016.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MELLONI, Maria Teresa Saraiva. **O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização**. 2009. Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/teses/dissertacaomariateresamelloni.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

MEZAN, Renato. Problemas de uma história da psicanálise. In: BIRMAN, Joel (Coord.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1988. p. 15-41.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacque (Org.). **História do Corpo III – As mutações do Olhar: O século XX**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008, p. 15-82.

NUNES, José Horta. Discurso de divulgação: a descoberta entre a ciência e a não-ciência. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001. p. 31-40.

_____. A divulgação científica no jornal: ciência e cotidiano. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**. v. 2. Campinas: Pontes, 2003. p. 43-62.

OLIVEIRA, Fernando. A mídia, o campo, a ordem e o discurso: molduras do Poder Simbólico. Comunicação apresentada no 5º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19459.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

_____. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e em Psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 21-30.

_____. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 2007a.

_____. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2007b.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

PAYER, Maria Onice. Escrever, (d)enunciar a verdade, sugerir sentidos. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e em Psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006. p.59-70.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento** (1983). Trad.: Eni Orlandi. 4^a ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. Memória e produção discursiva do sentido. In: **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

PELLEGRINO, Hélio. Análise da Instituição Psicanalítica: um caso clínico. In:

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (Org.). **Crise na psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 31-51.

PONTE, Carlos Fidélis da. **Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil**. 1999. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em <<http://portaldeseres.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1999/pontecfm/capa.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014.

POPPER, Karl. **A lógica da investigação científica**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 3-124.

PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Psicanálise e Ciência. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 25, n. 1, p. 58-69. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n1/v25n1a06.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise**: A Escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. A cisão de 1998. **Pulsional**: Revista de Psicanálise, Escuta, n.137, p. 83-89, 1999. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/137_08.pdf. Acesso em 13 fev. 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da Psicanálise na França**: a Batalha dos Cem Anos. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. **Por que a psicanálise?** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dictionnaire de la Psychanalyse**. Paris: Fayard, 2011.

RUSSO, Jane. Uma leitura antropológica do mundo "psi". In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABUR, Fabio; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (Orgs.). **Clio-Psyché**: Histórias da Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 37-42.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista Saúde Pública**, Revista da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, set. 1997. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v31n5/2334.pdf> >. Acesso em: 01 jul. 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-154, mai/ago. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2015.

SISSON, Nathalia; WINOGRAD, Monah. A ciência de Freud: Introdução ao problema da cientificidade da psicanálise. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/221>>. Acesso em: 12 set. 2016.

VALLADARES, Carmen Lucia Montechi. **História da psicanálise**: São Paulo. São Paulo, Escuta, 2005.

WACQUANT, Loïc. **Poder simbólico e fabricação de grupos**: Como Bourdieu reformula a questão das classes, 2013. Tradução de Sérgio Lamarão, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a07n96.pdf>>. Acesso em 28 abr. 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1999.

ZARETSKY, Eli. **Segredos da alma**: uma história sociocultural da psicanálise. São Paulo: Cultrix, 2006.

ANEXOS

ANEXO A – TABELA COMPLETA DE COLUNAS (1980 – 1998)

I) FOLHA DE SÃO PAULO

Data	Página	Autor	Título	Família Temática	Descritores
22/10/1980	3 – Ilustrada	Betty Milan	Freud, o feminino e o feminismo – 1	TG: Desigualdades e Direitos Humanos (feminismo)	É psicanalista
23/10/1980	3 – Ilustrada	Betty Milan	Freud, o feminino e o feminismo – 2	TG: Desigualdades e Direitos Humanos (feminismo)	É psicanalista
22/11/1980	24 – 1º Caderno	Betty Milan	Pederastia x homossexualidade	TG: Comportamento (sexualidade)	É psicanalista
15/03/1981	3 – Folhetim	Hélio Pellegrino	A Sociedade Psicanalítica e a expulsão dos demônios	TE: Instituições psicanalíticas	O psicanalista
15/03/1981	5 – Folhetim	Betty Milan	A inflação do eu	TE: Instituições psicanalíticas	É psicanalista, autora de “Manhas do poder” (Ática)
26/04/1981	4 – Folhetim	E. Portella Nunes	Violência e inconsciente	TG: Violência	Psicanalista
12/05/1981	3 – Ilustrada	Betty Milan	Bobby, a morte pela vida	TG: Comportamento	É psicanalista
28/05/1981	2 – Ilustrada	Betty Milan	Comportamento – A inveja e a mensagem dos mídia	TG: Sentimentos (inveja) e Violência	É psicanalista
12/07/1981	10-11 – Folhetim	Fábio Hermann	O atentado	TG: Debates Ideológicos	É psicanalista, autor de “Andaimes do Real” (EPU).
19/07/1981	16 – Folhetim	Marilene Carone	Quem dança em “Baila comigo”?	TG: Cultura; Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista
23/07/1981	28 – Ilustrada	Betty Milan	Kagemusha ou o saber do	TG: Comportamento	É psicanalista

			poder		
31/07/1981	32 – Ilustrada	Betty Milan	Comportamento – Cinderela e seu sonho brasileiro	TG: Cultura	É psicanalista
03/08/1981	23 – Ilustrada	Betty Milan	Grupo Mabou Mines, o teatro sem preconceito	TG: Cultura	É psicanalista
11/09/1981	1 – Ilustrada	Chaim Samuel Katz	Grande nome depois de Sigmund Freud	TE: Teoria Psicanalítica	Os psicanalistas (referindo-se também a Luis Carlos Nogueira)
11/09/1981	2 – Ilustrada	Betty Milan	Delinquência no paraíso das árvores	TG: Violência	É psicanalista
03/10/1981	2 – Ilustrada	Betty Milan	Sobre países inexistentes	TG: Cultura (literatura)	É psicanalista
29/11/1981	4 – Folhetim	Fábio Hermann	Psicanálise e poder – Os atrativos do vazio	TE: Instituições psicanalíticas	É psicanalista, integrante da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e autor do livro “Andaimos do Real”
29/11/1981	9 – Folhetim	Chaim Samuel Katz	Um sofista entre nós	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	É psicanalista e escritor
29/11/1981	10-11 – Folhetim	Richard Bücher	As contradições do ensino da psicanálise	TE: Instituições Psicanalíticas	É psicanalista, doutor em psicologia e professor do Depto. de Psicologia da Universidade de Brasília
20/12/1981	3 – 1º Caderno (Opinião)	Hélio Pellegrino	Presença de Mário	TG: Política e Cultura	É médico, psicanalista e escritor
13/02/1982	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Comigo não, violão	TE: Instituições psicanalíticas (e militar)	É médico, psicanalista e escritor
27/02/1982	3 – 1º Caderno: Opinião	Durval Checchinato	Em defesa da psicanálise	TE: Instituições psicanalíticas	É psicanalista da ex-Escola Freudiana de Paris, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp
27/03/1982	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Mal necessário	TE: Instituições psicanalíticas	É médico, psicanalista e escritor
03/05/1982	3 – 1º Caderno:	Hélio Pellegrino	Descaramento fascista	TG: Debates Ideológicos	É médico, psicanalista e escritor

	Opinião			(fascismo)	
30/05/1982	8 – Folhetim	Chaim Samuel Katz	Formação psicanalítica e democracia	TE: Formação psicanalítica	É psicanalista e escritor
20/06/1982	9 – Folhetim	Gregório Baremlitt	A resposta da diretoria do Ibrapsi a Chaim Samuel Katz	TE: Instituições psicanalíticas	Psicanalista
27/06/1982	4 – Folhetim	Cecília Montag Hirschzon; Melany S. Copit	Mitos do êxito em carruagens de fogo	TG: Cultura (cinema)	São psicanalistas
11/07/1982	8 – Folhetim	Isidoro Eduardo Americano do Brasil	Psicanálise e excomunhão	TE: Instituições psicanalíticas	É psicanalista, coordenador de seminários no Instituto Freudiano de Psicanálise e na Sociedade Psicanalítica de Estados Latino-Americanos
15/07/1982	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	O antiópio do povo	TE: Instituições psicanalíticas e outras instituições (religiosa e militar)	É médico, psicanalista e escritor
18/07/1982	9 – Folhetim	Chaim Samuel Katz	Filosofia, saber e poder	TE: Saberes psicanalíticos e outros saberes (filosófico)	É psicanalista e escritor
01/08/1982	9 – Folhetim	Gregório Baremlitt	Elogios à loucura do Brasil	TE: Instituições psicanalíticas	É psicanalista e diretor do IBRAPSI
18/08/1982	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	A inquietude cívica	TG: Violência	É psicanalista e escritor
19/09/1982	11 – Folhetim	Marilene Carone	Crise na psicanálise	TE: Instituições psicanalíticas	É psicanalista
09/11/1982	2 – Ilustrada	Betty Milan	Ana, como Gláuber	TG: Cultura (cinema)	É psicanalista e autora de “Manhas do Poder” (Ática) e da novela “O Sexophuro” (Codecri)
12/12/1982	3 - Folhetim	Durval Chechinato	Psicanálise e poder dominante	TE: Saberes psicanalíticos e outros saberes (psi)	É psicanalista da ex-Escola Freudiana de Paris, professor da Faculdade de Ciências Médicas da

					Unicamp
08/01/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Uma impostura ideológica	TG: Debates Ideológicos (comunismo)	É psicanalista e escritor radicado no Rio de Janeiro
09/01/1983	5 – Folhetim	Ernildo Stein	Platão versus Kant: o conflito de duas alegorias	TE: Saberes psicanalíticos e outros saberes (filosófico)	É professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e psicanalista, autor de “Melancolia” (Movimento), “A questão do método na Filosofia” (Duas Cidades), “O que é trabalho”, “A evolução da concepção especulativa de trabalho em Hegel na época de Iena” (a serem publicados pela Brasiliense) e “Práxis e totalidade” (a ser publicado pela Movimento)
19/01/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Betty Milan	Círculo vicioso no Manicômio Judiciário	TG: Violência e Desigualdade e Direitos Humanos	É médica, psicanalista e escritora, autora de “Manhas do Poder” e da novela “O Sexophuro”
23/01/1983	8-9 – Folhetim	Jorge de Figueiredo Forbes	Anna O. – psicanálise e transmissão	TE: Teoria psicanalítica	É psicanalista, diretor da Biblioteca Freudiana Brasileira e coordenador científico do Centro de Estudos Freudianos de São Paulo
20/02/1983	10 – Folhetim	Miriam Chnaiderman	Fitzcarraldo: o sentido da inutilidade	TG: Cultura (cinema)	É psicanalista, escritora, tradutora e professora do curso de Psicanálise do Sedes Sapientiae
27/02/1983	8-9 – Folhetim	Félix Guattari	O caso Toni Negri: justiça à italiana	TG: Debates ideológicos	É filósofo e psicanalista, autor de “O Anti-Édipo” (Imago), “Mille Plateaux” (Minuit), ambos com Deleuze, e “Pulsões Políticas do Desejo” (Brasiliense)
07/03/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	E agora, João?	TE: Instituições psicanalíticas	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos

				TG: Política	científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
08/03/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Betty Milan	O ano e os sexos	TG: Desigualdades e Direitos Humanos (feminismo)	É psicanalista e autora de “Manhas do Poder” e da novela “O Sexophuro”
03/04/1983	10-11 – Folhetim	Renato Mezan	O que Pedro diz sobre Paulo	TE: História da psicanálise	É psicanalista, professor da PUC e do Sedes Sapientiae e autor de “Freud: a trama dos conceitos” (Perspectiva) e “Freud – A conquista do proibido” (Brasiliense)
03/04/1983	6 – Folhetim	Marilene Carone	O caso Schreber – a verdade no delírio	TE: Teoria psicanalítica	É psicanalista
03/04/1983	5 – Folhetim	Hélio Pellegrino	Aprendizado da psicanálise: formação ou deformação?	TE: Formação psicanalítica	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
04/04/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Materialismo e misticismo	TG: Debates ideológicos (marxismo e cristianismo)	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
09/05/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Quase uma impostura	TG: Violência	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
21/05/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	As guerras sujas	TG: Mundo (guerra)	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
22/05/1983	11 – Folhetim	Marilsa Tafarel	Reencontro com Melanie Klein	TE: Teoria Psicanalítica	É psicanalista
05/06/1983	11 – Folhetim	Chaim Samuel	Ordem familiar e limites da	TE: Instituições	É psicanalista e escritor, autor de

		Katz	loucura	psicanalíticas e outras instituições (psiquiátricas) TG: Debates ideológicos	“Psicanálise e Instituição” (Documentário), “Ética e Psicanálise” (Graal) e “Dicionário Básico de Comunicação” (Paz e Terra)
12/06/1983	8 – Folhetim	Fábio Hermann	Horkos ou “pelos charutos de Freud”	TE: História da psicanálise	É psicanalista, autor de “Andaimos do Real” (EPU), “O que é Psicanálise” (Brasiliense) e co-autor da seleção e introdução de “Melanie Klein” (Ática)
19/06/1983	5 – Ilustrada	Luiz Tenório Oliveira Lima	Psicanálise, futuro de uma possibilidade	TE: [livro] Prática psicanalítica	É médico e psicanalista
26/06/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Apologia da dor de dente	TG: Sentimentos (dor e sofrimento)	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
11/09/1983	11 – Folhetim	Hélio Pellegrino	Pacto edípico e pacto social (da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira)	TG: Desigualdade e Direitos Humanos	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
04/10/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	A multiplicação dos pães	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
21/10/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Lembrança de Mário de Andrade	TG: Cultura	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
15/11/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	A burrice do demônio	TG: Mundo	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”

25/12/1983	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Meditação	TG: Sentimentos (esperança)	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
15/01/1984	3-4 – Folhetim	Regina Chnaiderman	Pensando em Anatol Rosenfeld	TG: Cultura (teatro)	É psicanalista e professora do Sedes Sapientiae
08/02/1984	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Não me venham com indiretas	TG: Política (“Diretas já”)	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
28/02/1984	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Coice na segurança nacional	TG: Política	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
04/03/1984	11 – Folhetim	Betty Milan	Ladinos/Latinos	TG: Cultura; TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista, autora de “O que é o amor” (Brasiliense)
03/04/1984	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Lombrigueiro contra indiretas	TG: Política (“Diretas já”)	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
26/05/1984	47 – Ilustrada	Betty Milan	A crise da identidade e a política da clausura	TG: Cultura	É psicanalista, autora de “O que é o amor” (Brasiliense)
12/06/1984	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	“Con questa pittura”	TG: Debates ideológicos	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
24/06/1984	2 – Folhetim	Guilherme W. Machado	Roberta Close, por que tão próxima?	TG: Comportamento (sexualidade)	É psicanalista
26/08/1984	5 – Folhetim	Chaim Samuel Katz	Foucault e a loucura	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos)	É psicanalista e escritor, autor de “Psicanálise e Instituição” (Documentário), “Ética e

					Psicanálise” (Graal) e “Dicionário Básico de Comunicação” (Paz e Terra)
02/09/1984	11 – Folhetim	Miriam Chnaiderman	Nelson e Graciliano: Memórias do Cárcere	TG: Cultura (literatura)	É psicanalista, professora do Curso de Psicanálise do Sedes Sapientiae e escritora
07/10/1984	7-8 – Folhetim	Hélio Pellegrino	Psicanálise da criminalidade brasileira: ricos e pobres	TG: Desigualdade e Direitos Humanos; Violência	É psiquiatra, psicanalista e escritor
29/10/1984	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Capitalismo e mistificação religiosa	TG: Desigualdade e Direitos Humanos; Debates Ideológicos	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
11/11/1984	4-5 – Folhetim	Oscar Cesarotto e Márcio Peter de Souza Leite	Lacan surrealista	TG: Cultura	São psicanalistas e autores de “O que é Psicanálise (2ª Visão)” (Brasiliense)
19/12/1984	3 – 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Nós, os belgas	TG: Desigualdade e Direitos Humanos	É psiquiatra e psicanalista, escritor, autor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
30/01/1985	31 – Primeiro Caderno	Betty Milan	Uma grande mãe e anfitriã nata	TE: Biografia de Psicanalista (Regina Schnaiderman)	É médica-psicanalista, autora de “O que é o amor” (Brasiliense)
08/02/1985	48 – Primeiro Caderno: Ilustrada	Betty Milan	A imprensa não entende o que diz Joãozinho Trinta	TG: Cultura (carnaval)	É médica-psicanalista, autora de “O que é o amor” (Brasiliense)
31/03/1985	2-3 – Folhetim	Fábio Herrmann	Aéreos, subterrâneos – nossos filósofos chegam à psicanálise	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos)	É psicanalista, autor de “Andaimos do Real” e “O que é Psicanálise”, entre outros
16/06/1985	6-8 - Folhetim	Marcio Peter de Souza Leite; Oscar Cesarotto	Freud superstar	TE: Divulgação do Pensamento Psicanalítico	São psicanalistas, autores de O que é a Psicanálise – O retorno a Freud e Jacques Lacan – através do

					espelho, ambos pela editora Brasiliense
06/07/1985	38 – Ilustrada	Lea Bigliani	Quando a doença é provocada pelo médico	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (médicos)	É médica psiquiatra e psicanalista, professora titular do curso de Psicopatologia e Psicoterapia Psicossomática do Instituto “Sedes Sapientiae” e ex-professora-adjunta da equipe de [ilegível] do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Buenos Aires
21/08/1985	3 - 1º Caderno: Opinião	Hélio Pellegrino	Tortura, nunca mais	TG: Política; Debates Ideológicos	61, é psiquiatra e psicanalista, escritor, entre outros trabalhos científicos, de “Revisão do Complexo de Édipo”
21/08/1985	3 - 1º Caderno: Opinião	Maria Rita Kehl	Análise de um caráter	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Política	33, é psicóloga graduada pela USP e trabalha com psicanálise; autora de “O amor é uma droga pesada”
25/08/1985	10-11 – Folhetim	Miriam Chnaiderman	Gestos em fuga	TE: Instituições Psicanalíticas e Outras Instituições (psiquiátricas)	É escritora e psicanalista, trabalha no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
08/09/1985	3-5 – Folhetim	Fábio Hermann	De um debate que não há	TE: Teoria Psicanalítica; Prática Psicanalítica	É psicanalista e presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Escreveu “Andaimos do Real” [ilegível], Melanie Klein (Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais) e O que é Psicanálise (Brasiliense)
08/09/1985	6-7 – Folhetim	Geraldino Alves Ferreira Neto; Marcio Peter de	Totem e Talmud	TE: Teoria Psicanalítica; Instituições psicanalíticas	São psicanalistas. Marcio e Oscar escreveram O que é psicanálise? – 2ª visão e Jacques Lacan – Através

		Souza Leite; Oscar Cesarotto			do espelho (ambas as obras editadas pela Brasiliense). Geraldino é coordenador da cadeira de Psicologia do Instituto Metodista.
08/09/1985	8-9 – Folhetim	Renato Mezan	Para além dos monólogos cruzados	TE: Teoria Psicanalítica; Instituições Psicanalíticas	É psicanalista e professor do Instituto Sedes Sapientiae e da PUC-SP, autor de Freud, Pensador da Cultura (Brasiliense)
20/10/1985	5-7 – Folhetim	Marilene Carone	Freud em português (2)	TE: Teoria Psicanalítica	É psicanalista
03/11/1985	8-9 – Folhetim	Rubens Marcelo Volich	A constituinte, o desejo, e a lei	TE: Teoria Psicanalítica TG: Temas Jurídicos	É psicanalista
09/12/1985	3 – 1º Caderno: Opinião	Betty Milan	A psicanálise do Brasil	TG: Cultura	É psicanalista autora, entre outros trabalhos de “Manhas do poder” e de “Sexophuro”
12/01/1986	3-6 – Folhetim (Quarto caderno, p.61)	Renato Mezan	Que real é esse?	TE: Teoria psicanalítica (conceito de “real”)	35, é psicanalista e professor do Instituto Sedes Sapientiae e da PUC-SP, autor de Freud Pensador da Cultura
07/03/1986	3 – Primeiro Caderno: Opinião	Betty Milan	O psicanalista das multidões	TG: Política; Temas Jurídicos	É psicanalista e autora de “O que é amor”
09/03/1986	4-5 – Folhetim	Sérgio Telles	No inconsciente dos arquivos	TE: Biografia de Psicanalista (Freud)	40, é analista, professor do curso de Psicopatologia e Psicoterapia Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae
13/04/1986	2 – Folhetim	Suely Rolnik	Impasse pós-moderno e transição pós-mídia	TG: Cultura (mídia)	37, é psicanalista, professora de pós-graduação em psicologia da PUC-SP, organizadora da coletânea “Revolução Molecular” (Brasiliense), de Félix Guattari e co-autora, com Guattari, de

					“Micropolítica: Cartografias do desejo” (a sair pela Vozes)
01/06/1986	8-9 – Folhetim	Elias Mallet	Psicanálise e justiça social	TE: Teoria Psicanalítica; TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista, membro efetivo da Sociedade Britânica de Psicanálise
15/06/1986	10-12 – Folhetim	Regina Chnaiderman (1923-1985)	Política de formação em Psicanálise	TE: Formação psicanalítica	Psicanalista, nasceu em 1923. Formando-se inicialmente em Química, pela USP, estudou depois, na mesma Universidade, Psicologia. Participou, nos anos 70, da equipe que fundou o Sedes Sapientiae, instituição de ensino superior voltado sobretudo para a Psicologia e a Psicanálise onde lecionou até a sua morte, em princípios de 1985.
15/06/1986	8-9 – Folhetim	Fábio Hermann	Psicanálise em São Paulo	TE: Teoria psicanalítica	É o atual presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autor de Andaimos do Real e de outros livros
24/08/1986	10-11 – Folhetim	Oscar Cesarotto	Oscar Masotta e o modelo pulsional	TE: História da Psicanálise (na Argentina)	É psicanalista e autor, com Marcio Peter de Souza Leite, de “O que é Psicanálise 2ª Visão” e “Jacques Lacan – Através do Espelho” (Brasiliense)
26/10/1986	56 – Ilustrada (4163207)	Chaim Samuel Katz	Lobo, um psicanalista no divã	TE: Instituições Psicanalíticas	É psicanalista e escritor
23/01/1987	6-9 - Folhetim	Marilene Carone	Freud em português	TE: Teoria Psicanalítica	É psicanalista e está traduzindo, a partir do texto original a obra completa de Sigmund Freud para a Brasiliense
18/09/1987	10-11 –	Renato Mezan	Esquecer? Não: In-quecer	TE: Saberes	51, é psicanalista e professor da

	Folhetim			Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos e sociológicos) TG: Debates Ideológicos (nazismo)	PUC e do Sedes Sapientiae e autor, entre outros, de “Freud: a trama dos conceitos” (Perspectiva) e “Psicanálise Judaísmo Ressonâncias” (Escuta)
25/11/1987	37 – 1º Caderno	Renato Mezan	Perspectiva lança livro sobre Klein	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	47, é médico psicanalista
16/02/1988	3 – Primeiro Caderno: Opinião	Néstor Perlongher; Suely Rolnik	A força do carnavalismo	TG: Cultura (carnaval)	Suely Rolnik é psicanalista, professora dos mestrados de Psicologia Clínica e de Psicologia Social da PUC (SP) e autora, com Félix Guattari, de “Micropolíticas – cartografia do desejo”
09/04/1988	3 – Livros	Luís Tenório Oliveira Lima	Conrad Stein examina teoria e prática francesas	TE: [livro] Teoria Psicanalítica; Prática Psicanalítica	47, é médico e psicanalista
25/06/1988	4 – Livros	Liana Reichstul	Bettelheim, 84, fala à antiga para pais de hoje	TG: [livro] Comportamento (infantil)	39, é psicanalista
21/08/1988	2 – Cidades (Livros)	Marina Massi	Psicanálise de sintomas sociais	TE: [livro] Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	31, é psicanalista, pós-graduada em Psicologia pela USP, é professora na PUC-SP
08/10/1988	2 – Livros	Renata Cromberg	Green desvela articulações entre o narcisismo e a pulsão de morte	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	Psicanalista, é professora do Instituto Sedes Sapientiae
08/10/1988	2 – Livros	Oscar Cesarotto	“História” de Roudinesco recupera a saga do pensamento lacaniano	TE: [livro] História da psicanálise	É psicanalista, autor “Jacques Lacan – através do espelho”, da editora Brasiliense e “No olho do outro”, da editora [ilegível]
08/10/1988	2 – Livros	Jorge Forbes	7º Seminário de Lacan trata da clínica psicanalítica	TE: [livro] Divulgação do pensamento psicanalítico (evento)	É psicanalista e médico-psiquiatra, é presidente da Sociedade Psicanalítica de São Paulo
09/10/1988	24 – Classifolha	René Branco	Psicanalista é alvo fácil de	TE: Saberes	38, é médico-psiquiatra e

		Coelho	estereótipos	Psicanalíticos e Outros Saberes	psicanalista, membro da Escola de Psicanálise de São Paulo
13/10/1988	3 – Ilustrada	Mirian Chnaiderman	Horstein questiona a cisão entre conhecimento e cura na psicanálise	TE: Divulgação do pensamento psicanalítico (evento)	38, é psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae
18/10/1988	2 – Cidades	Fani Hisgail	Uma semana para discutir Jacques Lacan	TE: Divulgação do pensamento psicanalítico (evento)	29, é psicanalista
22/10/1988	2-5 – Folhetim	Antonio Quinet	Lacan contra Aristóteles	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos)	É psicanalista, membro da École de la Cause Freudienne, professor da Universidade de Paris e autor de “Clínica da Psicose” (Fator)
22/10/1988	5-7 – Folhetim	Sérgio Telles	O gozo místico	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (religiosos)	É médico psiquiatra, psicanalista e professor do curso de psicopatologia e psicoterapia psicanalíticas do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo
10/12/1988	3 – Livros	Miriam Chnaiderman	Cathérine Clément propõe refletir sobre a “badalação” psicanalítica	TE: [livro] Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	É psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
21/01/1989	12 – Folhetim	Jurandir Freire Costa	Freire Costa se interroga sobre os limites da psicanálise	TE: Teoria Psicanalítica; Prática Psicanalítica	Legenda da foto acima do texto (a coluna não é assinada): Psicanalista escritor carioca, autor de “Psicanálise e Contexto Cultural” [...]
28/12/1989	3 – Primeiro Caderno: Opinião	Maria Rita Kehl	Notas sobre as eleições	TG: Política (eleições)	38, é psicanalista e ensaísta, escreveu o livro “O amor é uma droga pesada”
27/05/1990	9 – Educação	Sylvana Hemsí sobre o livro “Papai, mamãe e eu”	Espontaneidade do leitor é fundamental	TG: [livro] Educação	34, é psicanalista e realiza trabalhos clínicos com crianças

07/07/1990	3 – Letras	Renato Mezan sobre o livro “Tausk e o aparelho de influenciar na psicose”	Tausk instiga o diálogo atual sobre a loucura	TG: [livro] Saúde Mental	39, é psicanalista, professor do Sedes Sapientiae e da PUC, autor, entre outros livros, de “A vingança da esfinge” (Brasiliense) e de “Psicanálise Judaísmo Ressonância” (Escuta)
19/08/1990	3 – Opinião – Primeiro Caderno	Félix Guattari	Reinventar a política	TG: Política	Psicanalista francês, é autor junto com Gilles Deleuze, de “O Anti-Édipo”
15/09/1990	8 – Letras	Maria Rita Kehl sobre livro “Da horda ao Estado – Psicanálise do Vínculo Social”	(Eugéne) Enriquez estabelece um diálogo entre a sociologia e a psicanálise	TE: [livro] Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (sociológicos)	É psicanalista e ensaísta, autor de “O amor é uma droga pesada”
29/09/1990	6 – Letras	Miriam Chnaiderman sobre o livro “A construção do espaço analítico”	Psicanálise é vista como invenção de uma realidade	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista, membro do Depto. De Psicanálise do Sedes Sapientiae, autora de “O hiato convexo” (ed. Brasiliense) e “Ensaio de Psicanálise e Semiótica” (ed. Escuta)
12/01/1991	2 – Opinião	Neuza Nogueira Mazzeo	Saúde mental: um modelo busca sua prática	TG: Saúde Mental	40, é psicanalista e médica assistente técnica de direção do Suds-58
17/08/1991	7 – Letras	Miriam Chnaiderman	Lacan oscila entre o céu e o inferno em três relatos sobre o psicanalista	TE: [livro] Biografia de Psicanalista (Lacan)	É psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae, autora de “O Hiato Convexo”
21/09/1991	4 – Letras	Renato Mezan sobre livro de Le Guen	Ensaio de Le Guen empreende volta a Freud	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	41, é psicanalista professor da PUC-SP e autor de “A Vingança da Esfinge” (Brasiliense) e “Freud Pensador da Cultura” (Brasiliense)
20/10/1991	3 - Opinião	Marta Suplicy	A perda da compostura	TG: Política	45, psicanalista, é membro d o

					Instituto de Psicanálise de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Psicanálise e do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
25/11/1991	4 – Cotidiano	Márcio V. Pinheiro	Medicina - Indústria da saúde	TG: Saúde	55(?), médico psiquiatra e psicanalista, é professor assistente no departamento de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Maryland (EUA) e diretor da clínica Central Psíquica, em Belo Horizonte
27/01/1992	4 – Cotidiano	Márcio V. Pinheiro	Erro médico – custo alto nos EUA	TG: Temas Jurídicos	59(?), médico psiquiatra e psicanalista, é professor-assistente no Departamento de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Maryland (EUA) e diretor da Clínica Psíquica de Belo Horizonte
11/06/1992	2 – Folha Vale (Opinião)	Alcimar Alves de Souza Lima	Tutu – paradigma da vida em dias tão complicados	TG: Comportamento; Violência	É psicanalista
13/06/1992	3 – Cotidiano	Marta Suplicy	O dr. Veronesi e a Aids	TG: Saúde	45, psicanalista, é membro do Instituto de Psicanálise de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Psicanálise e Coordenadora do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
14/06/1992	4773045 – Ilustrada	Katerina Koltai	Lacan explora o avesso da psicanálise	TE: Teoria Psicanalítica	É socióloga, psicanalista e professora da PUC-SP
14/06/1992	4773041 – Ilustrada	Jurandir Freire Costa	Entre a inocência e o vício	TG: Comportamento	Psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

26/08/1992	8 – Ilustrada	Miriam Chnaiderman	A imprevisibilidade do instante é esperança	TG: Política	É psicanalista e autora de “O Hiato Convexo”
21/11/1992	2 – Cotidiano	Luiz Fernando Silva Pedroso e Celi Denise Cavallari	Febem – além do bem e do mal	TG: Violência	Luiz Fernando Silva Pedroso, 40, médico psiquiatra e psicanalista. Foi psiquiatra assistente da Febem. Celi Denise Cavallari, 34, psicanalista, é conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Foi encarregada técnica da Unidade Educacional 3 da Febem.
06/12/1992	4764072 – Mais!	Maria Rita Kehl	Civilização soterra masoquismo feminino	TG: Sentimentos (amor); Debates Ideológicos	É psicanalista e ensaísta
27/12/1992	4796090 – Mais!	Jurandir Freire Costa	Eros passeia de casaca preta	TG: Cultura; Sentimentos	É psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ, autor de “A inocência e o vício – estudos sobre o homoerotismo”
31/01/1993	4792509 – Mais!	Renato Mezan	Psicanálise ganha novos lançamentos	TE: [livro] Divulgação do Pensamento Psicanalítico	É psicanalista, professor da USP e autor de “Freud, pensador da cultura”
15/02/1993	3 – Opinião	Maria de Jesus Andrade Belo	O bobo e os reis	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Mundo (xenofobia)	55, psicanalista, deputada do Parlamento Europeu pelo Partido Socialista de Portugal, é vice-presidente da Comissão de Cooperação e Desenvolvimento daquele Parlamento
08/03/1993	3 - Opinião	Marta Suplicy	A adolescente mulher	TG: Temas Jurídicos; Comportamento	47, é psicanalista, é membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e coordenadora do GTPOS (Grupo de Trabalho e

					Pesquisa em Orientação Sexual)
28/03/1993	6 – Livros (4945367)	Solange Silva Barbosa	Biógrafa usou os arquivos da filha de Freud	TE: [livro] Biografia de Psicanalista (Freud)	É psicanalista
28/03/1993	3 – Opinião	Jurandir Freire Costa	Os imorais	TG: Política	48, psicanalista, é professor-adjunto do Instituto de Medicina Social da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e autor de “Violência e psicanálise” e “A inocência e o vício”, entre outros livros
27/04/1993	8 – Ilustrada	Jurandir Freire Costa (sobre Calligaris)	Psicanalista destronou definição preconceituosa de “perversão”	TE: Teoria Psicanalítica (conceito de “perversão”)	É psicanalista e professor-adjunto do Instituto de Medicina Social da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)
18/06/1993	3 – Opinião	Marta Suplicy	A Oligotimização do país	TG: Política	48, psicanalista, é membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e coordenadora do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS)
08/08/1993	4950052 – Mais! (4950052)	Renato Mezan	O homem dos “casos difíceis”	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista, professor da USP e autor de “À sombra de Don Juan e outros ensaios”
08/08/1993	6 – Livros (4950054)	Maria Rita Kehl	A violência, o sexo e o “SOS Mulher”	TG: Violência; Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista e membro do Conselho de Redação da revista Teoria e Debate
15/09/1993	2 – Especial /8 – Ilustrada	Miriam Chnaiderman	“Tatuagens” lê signos de Régis Bonvicino	TG: Cultura (vídeo)	É psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae e doutoranda em Artes Cênicas
24/09/1993	3 - Opinião	Marta Suplicy	O holofote no homem	TG: Comportamento; Debates Ideológicos	48, psicanalista, é membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e coordenadora do

					Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS)
06/11/1993	3 – Opinião	Contardo Calligaris	Cada época tem os adolescentes que merece	TG: Comportamento; Temas Jurídicos	45, psicanalista, doutor em psicopatologia clínica pela Universidade de Aix-en-Provence (França), é membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Fundação Europeia de Psicanálise
21/11/1993	6 – Mais! (4852931)	Renato Mezan	Cada disciplina com seu objeto	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (médicos)	43, é professor da USP-SP, editor da revista “Percurso” (publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae) e autor de diversos livros, entre os quais “À sombra de Don Juan e outros ensaios” (Brasiliense, 1993) e “Psicanálise Judaísmo Ressonâncias” (Escuta, 1987)
30/01/1994	4858411 – Mais!	Contardo Calligaris	Olho clínico – Crônicas americanas 3	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos e psicológicos)	É psicanalista, autor de “Hello Brasil” (editora Escuta)
06/03/1994	4944609 – Mais!	Marta Suplicy	As minorias querem muito mais	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
16/03/1994	2 – Folha de São Paulo	Angela Oliveira	Opinião – A criança e o direito	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	33, é psicóloga e psicanalista em São Paulo e membro da Comissão Clínica do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
03/04/1994	48566138 –	Marina Massi	As metáforas da intimidade	TE: [livro] Biografia de	É psicanalista membro do Instituto

	Mais!			Psicanalista (Freud)	de Psicanálise de São Paulo e autora de “Vida de Mulheres: cotidiano e imaginário” (Ed. Imago)
17/04/1994	4953060 – Mais!	Betty Milan	Duras fala do “amor à escrita”	TG: Sentimentos (amor)	Psicanalista e escritora, autora do romance “O papagaio e o Doutor” (Siciliano) e do “O que é amor” (Brasiliense) entre outros ensaios
26/05/1994	3 – Opinião	Marta Suplicy e Rose Marie Muraro	O sindicato das mulheres	TG: Temas Jurídicos	49, psicanalista, é membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e coordenadora do GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual)
05/06/1994	4862111 – Ilustrada	Contardo Calligaris	Olho clínico – Lula como Antígona	TG: Política	É psicanalista e autor de “Hello Brasil” (Editora Escuta)
19/06/1994	4850152 – Mais!	Maria Rita Kehl	Ensaio analisa a questão moral na teoria freudiana	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista e ensaísta
19/06/1994	4850128 – Mais!	Contardo Calligaris	Com quanta culpa se faz modernidade	TG: Cultura	É psicanalista, autor de “Hello Brasil” (ed. Escuta)
27/06/1994	11 – Ilustrada	Marta Suplicy	Silvio Santos preserva submissão feminina	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, coordenadora do GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual)
01/07/1994	4834763 – Folha São Paulo	Eliane Michelini Marraccini	Psicologia do concubinato	TG: Temas Jurídicos	42, psicóloga e psicanalista. Foi professora em cursos de especialização em psicanálise, atendimento clínico em consultório e grupos de estudo interdisciplinar entre direito e psicanálise
02/07/1994	3 – Primeiro Caderno	Renato Mezan	Sadismo e inflação	TG: Economia	43, psicanalista, é editor da revista “Percurso” do Departamento de

					Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e autor de, entre outros, “A Vingança da Esfinge” (Brasiliense, 1988) e “A Sombra de Don Juan e Outros Ensaio” (Brasiliense, 1993)
19/07/1994	3 – Primeiro Caderno	Marta Suplicy	Homossexualidade, preconceito e ignorância	TG: Comportamento (sexualidade)	49, psicanalista, é membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e coordenadora do GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual)
24/07/1994	4956533 – Mais!	Contardo Calligaris	O reino encantado chega ao fim	TG: Sentimentos (felicidade)	É psicanalista, autor de “Hello Brasil” (ed. Escuta)
31/07/1994	4961155 – Mais!	Jurandir Freire Costa	Olho clínico – O sexo moderno e a cultura do sentimento	TG: Comportamento (sexualidade)	É psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É autor de “Inocência e vício – estudos homoeróticos”
21/08/1994	4955498 – Mais!	Miriam Chnaiderman	Espelhos contemporâneos	TG: Debates Ideológicos	É psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae, doutoranda em Artes Cênicas pela ECA-USP
21/09/1994	2 – Folha São Paulo	Miriam Chnaiderman	Memória e modernidade	TG: Cultura	É psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae e professora convidada de pós-graduação em artes cênicas da Escola da Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo). É autora de “O Hiato Convexo: Literatura e Psicanálise”
23/10/1994	4852327 –	Contardo	Olho clínico – Imagens a	TG: Cultura (mídia)	É psicanalista, autor de “Hello

	Mais!	Calligaris	bordo de um táxi		Brasil” (editora Escuta)
23/10/1994	4852318 – Mais!	Betty Milan	Um antropófago europeu	TG: Cultura	É psicanalista e escritora, foi analisanda de Lacan de 1973 a 1977 e a primeira tradutora do seu “Seminário” para o português; publicou recentemente “O Papagaio e o Doutor”, sobre sua experiência pessoal com o psicanalista francês [ilegível]
04/12/1994	4857125 – Mais!	Suely Rolnik	Um singular estado de arte	TG: Cultura	É psicanalista e professora titular da PUC-SP (pontifícia Universidade Católica de São Paulo). É autora de “Cartografia Sentimental – Transformações Contemporâneas do Desejo” (Estação Liberdade), e, em colaboração com Felix Guattari, de “Micropolítica – Cartografias do Desejo” (Vozes)
26/02/1995	558300 – Mais!	Contardo Calligaris e Eliana Calligaris	Todas as formas do amor	TG: Sentimentos (amor)	É psicanalista, autor de “Hello Brasil” (Editora Escuta)
09/04/1995	556928 – Mais!	Jurandir Freire Costa	As agonias da confissão	TG: Saúde (Aids)	É psicanalista, professor de medicina social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, autor de “A Ética e o Espelho da Cultura”
04/06/1995	529314 – Mais!	Miriam Chnaiderman	A psicanalista – “é preciso repensar as formas do desejo”	TE: Teoria Psicanalítica	A psicanalista
23/07/1995	543663 – Mais!	Contardo Calligaris	Olho clínico – A cultura da assimilação	TG: Mundo (imigração); Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista, autor de “Hello Brasil” (ed. Escuta)

25/07/1995	3 – Primeiro Caderno	Marta Suplicy	Mulheres parlamentares rumo a Beijing	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	Psicanalista, é deputada federal pelo PT de São Paulo. Integra a Comissão Especial da Mulher do Parlamento Latino-Americano
02/10/1995	2 – Jornal de resenhas	Miriam Chnaiderman	Aquilo que escapa	TE: Divulgação do pensamento psicanalítico	É psicanalista, membro do departamento de psicanálise do Sedes Sapientiae, autora de “O Hiato Convexo: Literatura e Psicanálise” e “Ensaio de Psicanálise e Semiótica”
15/10/1995	491633 – Mais!	Jurandir Freire Costa	Olho clínico – O céu que nos espera	TG: Debates Ideológicos (religiosos)	É psicanalista, professor de medicina social na Universidade Estadual do rio de Janeiro; acaba de lançar “A Face e o Verso – Estudos Sobre o Homoerotismo 2” (Escuta)
02/11/1995	1 – Turismo	Contardo Calligaris	Morte lembra o horror do fim	TG: Comportamento	47, psicanalista, autor de “Hello Brasil” (editora Escuta), é professor visitante da The New School de Nova York (EUA)
05/11/1995	481658 – Mais!	Miriam Chnaiderman	Reflexões sobre o inconsciente literário	TE: [livro] Saber Psicanalítico e Outros Saberes (literários); TG: Cultura (literatura)	É psicanalista, doutora em artes cênicas (USP) e autora de “O Hiato Convexo: Literatura e Psicanálise”
06/11/1995	13 – Folha nordeste (Jornal de resenhas)	Jurandir Freire Costa	Referência perdida	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista e professor de medicina social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro; é autor, entre outros, de “A Face e o Verso – Estudos sobre Homoerotismo” (Escuta)
12/11/1995	5158299 – Primeiro caderno	Rubem Alves	Sobre jornais e aleluias	TG: Cultura; Sentimentos	62, educador, escritor e psicanalista, doutor em filosofia pela Universidade de Princeton

					(EUA), é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)
03/12/1995	522410 – Mais!	Benilton Bezerra Jr.	O desgaste de um conceito	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista, professor do programa de pós-graduação em saúde coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
03/12/1995	522410 – Mais!	Octavio Souza	Uma identidade problemática	TE: [livro] Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	É psicanalista, professor do programa de pós-graduação do departamento de psicologia da Pontifícia Universidade Católica-RJ e autor do livro “Fantasia de Brasil”
09/12/1995	3 – Primeiro caderno	Marta Suplicy	Governo FHC: Comunidade Solidária aos bancos	TG: Política	50, psicanalista, é deputada federal pelo PT de São Paulo e membro da Comissão de Seguridade Social e Família e da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados
10/12/1995	523583 – Mais!	Chaim Samuel Katz	Os prodígios da loucura	TG: [livro] Cultura; Saúde (mental)	[ilegível]
19/01/1996	3 – Primeiro caderno	Betty Milan	O enterro de Miterrand e a tradição do amor cortês	TG: Política; Mundo	Psicanalista, é autora de “O Papagaio e o Doutor” e “A Paixão de Lia”, entre outros livros
25/02/1996	493003 – Mais!	Elisabeth Roudinesco	A discórdia silenciada	TE: Instituições psicanalíticas	[ilegível]
17/03/1996	528750 – Mais!	Contardo Calligaris	A ressaca do Prozac e os milagres da fala	TG: Saúde (mental)	É psicanalista e autor de “Hello Brasil” (editora Escuta)
31/03/1996	479704 – Mais!	Miriam Chnaiderman	Os poderes ocultos do fálico Oscar	TG: Cultura	É psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e autora de “Ensaio de Psicanálise e

					Semiótica” (Ed. Escuta) e “O Hiato Convexo” (Ed. Brasiliense)
31/03/1996	479704 – Mais!	Jurandir Freire Costa	O laboratório social de assassinatos	TG: Debates Ideológicos (capitalismo); Violência	É psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; é autor de “A Inocência e o Vício” e “A Face e o Verso”
07/04/1996	557909 – Esporte	Betty Milan	A rede de proteção cosmopolita	TG: Debates Ideológicos; Mundo	É escritora e psicanalista, autora, entre outros, de “A Paixão de Lia”
07/04/1996	557904 – Esporte	Contardo Calligaris	A nova lei seca nos EUA e a erotização do risco	TG: Comportamento (vício)	É psicanalista e autor de “Hello Brasil” (editora Escuta); ele escreve mensalmente na Folha
10/04/1996	3 – Informática	Ana Raddi Uchôa e Miriam Chnaiderman	“Obras completas” de Freud em espanhol têm versão eletrônica	TE: Divulgação do Pensamento Psicanalítico	Ana Raddi Uchôa: é psicanalista e pesquisadora junto ao Instituto de Psicologia da USP e da Universidade Paris 7; Miriam Chnaiderman: é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e doutora em Artes Cênicas pela ECA/USP
21/04/1996	4734491 – Mais!	Maria Rita Kehl	Marginais, nunca mais	TG: Violência	É psicanalista e autora de “O amor é uma droga pesada”
26/04/1996	2 – Folha São Paulo	Marta Suplicy	Opinião - fume em SP: efeito bumerangue	TG: Comportamento (vício)	50, psicanalista, é deputada federal pelo PT de São Paulo
28/04/1996	538828 – Mais!	Jurandir Freire Costa	A pura energia de um amor de perdição	TG: Cultura (cinema)	É psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e autor de “A Frente e o Verso”, entre outros
05/05/1996	553864 – Primeiro	Rubem Alves	Quem não pode transar não pode casar	TE: Instituições Psicanalíticas e/ou	62, escritor e psicanalista, doutor em filosofia pela Universidade de

	Caderno			Outras Instituições TG: Debates Ideológicos (religiosos)	Princeton (EUA), é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)
12/05/1996	555074 – Mais!	Contardo Calligaris	Explicação de Goldhagen é retrocesso	TG: [livro] Debates Ideológicos (nazismo)	É psicanalista, autor de “Hello Brasil” e de uma tese, “A Paixão de Ser Instrumento” (de 1993), sobre a participação de homens comuns no genocídio, que será publicado este ano na França e no Brasil
19/05/1996	4744305 – Mais!	Suely Rolnik	A multiplicação da subjetividade	TG: Cultura (identidade nacional)	É psicanalista, professora da Pontifícia Universidade Católica/SP, autora dos livros “Cartografia Sentimental, Transformações Contemporâneas do Desejo” (Estação Liberdade) e, em co-autoria com Félix Guattari, de “Micropolítica, Cartografias do desejo” (Vozes) e organizadora da coletânea de textos de Félix Guattari, “Revolução Molecular, Pulsões Políticas do Desejo” (Brasiliense)
14/06/1996	3 – Primeiro Caderno	Marta Suplicy	O caso do estupro	TG: Violência	50, psicanalista, é deputada federal pelo PT de São Paulo e membro das comissões de Saúde e Seguridade Social, Direitos Humanos e Relações Exteriores da Câmara dos Deputados
20/06/1996	2 – São Paulo	Claudia Corsbisier	Santa Genoveva e manicômios	TG: Saúde	39, psicanalista, é coordenadora da Recepção Integrada do Instituto Philippe Pinel (RJ)

07/07/1996	293346 – Mais!	Contardo Calligaris	“Corcunda” cor-de-rosa	TG: Cultura	É psicanalista e autor de “Hello Brasil” (Editora Escuta)
07/07/1996	293343 – Mais!	Daisy Wajnberg sobre o livro “Romeu e Julieta e outros contos renascentistas italianos”	Nas origens de Shakespeare	TG: [livro] Cultura (literatura)	é psicanalista, mestre em comunicação e semiótica, com tese sobre a narrativa das “Mil e Uma Noites”
14/07/1996	7 – Mais!	Jurandir Freire Costa	O mundo encantado de Mário Peixoto	TG: [livro] Cultura	É psicanalista, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e autor de “A Inocência e o Vício”, entre outros Email: jfreirecosta@ax.ibase.org.br
30/07/1996	2 – São Paulo	Celi Denise Cavallari	O uso de drogas e a Aids	TG: Saúde (Aids)	37, psicanalista, é supervisora do projeto
22/09/1996	272811 – Mais!	Jurandir Freire Costa	A devoração da esperança no próximo	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos) TG: Violência	É psicanalista, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e autor de “A Inocência e o Vício”, entre outros Email: jfreirecosta@ax.ibase.org.br
22/09/1996	272808 – Mais!	Contardo Calligaris	A praga escravagista brasileira	TG: Violência; Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista, atualmente professor convidado de antropologia médica na Universidade da Califórnia, em Berkeley
30/09/1996	3 – Primeiro Caderno	Marta Suplicy	Coisa pequena?	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Política	50, psicanalista, é deputada federal pelo PT de São Paulo, membro da Comissão de Seguridade Social e Família e da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e coordenadora nacional da campanha Mulheres Sem Medo do Poder

19/10/1996	6 – Ilustrada	Miriam Chnaiderman	Suicídios traem Russo	TG: Cultura	É psicanalista
22/12/1996	263965 – Mais!	Maria Rita Kehl	O escândalo rebelde da face oculta	TG: Cultura (música)	É psicanalista, poeta e ensaísta, autora de “A Mínima Diferença” (Imago), entre outros
02/02/1997	258764 – Mais!	Miriam Chnaiderman	As mutações atrozes do erotismo	TG: Cultura (cinema)	É psicanalista, doutora em artes cênicas (ECA-USP) e autora de “O Hiato Convexo – Literatura e Psicanálise” (Brasiliense) e “Ensaio de Psicanálise e Semiótica” (Escuta); dirigiu o curta-metragem “Dizem que sou louco”
09/02/1997	5347353 – Mais!	Daisy Wajnberg sobre o livro “As artimanhas das mulheres”	As amigas de Sheherazade	TG: [livro] Debates Ideológicos	É psicanalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e autora de “Jardim de Arabescos: uma leitura das ‘Mil e Uma Noites’” (Imago, no prelo)
12/02/1997	3 – Folha de São Paulo	Antonio Lancetti	Túnel x criança	TG: Política	47, é psicanalista e foi secretário de Ação Comunitária da Prefeitura de Santos (1993-1996)
14/02/1997	3 – Primeiro Caderno	Marta Suplicy	A África do Sul, as mulheres e FHC	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	50, psicanalista, é deputada federal (PT-SP) e membro das comissões de Seguridade Social e Família e de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados
17/02/1997	3 – Primeiro Caderno	Rubem Alves	Caro sr. Roberto Marinho...	TG: Cultura (mídia)	63, educador, escritor e psicanalista, doutor em filosofia pela Universidade de Princeton (EUA), é professor emérito da

					Unicamp
23/03/1997	266713 – Mais!	Maria Rita Kehl	WR, quem diria... [Wilhelm Reich]	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (psi)	É psicanalista, poeta e ensaísta, autora de “A Mínima Diferença” (Imago), entre outros
30/03/1997	267667 – Mais!	Maria Rita Kehl sobre livro “Por uma estilística da existência”	A complexa arte da subjetividade	TE: [livro] Teoria Psicanalítica; Prática Psicanalítica	É psicanalista, autora de “A Mínima Diferença” (Imago), e “Processos Primários” (Estação Liberdade)
13/04/1997	4879866 – Mais!	Contardo Calligaris	Sexo	TG: Comportamento (sexual)	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (Ática)
25/05/1997	265497 – Mais!	Contardo Calligaris	A vida boa e o país paraíso	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (Ática) Email: ccalligari@aol.com
25/05/1997	265496 – Mais!	Jurandir Freire Costa	O pecado de todos nós	TG: Sentimento (felicidade) e Comportamento	É psicanalista e professor de medicina social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e autor de “Inocência e Vício – Estudos Sobre o Homoerotismo” e “A Ética e o Espelho da Cultura” Email: jfreirecosta@ax.ibase.org.br
10/06/1997	3 – Primeiro Caderno	Marta Suplicy	O que é balanço social	TG: Temas Jurídicos	50, psicanalista e deputada federal pelo PT de São Paulo e vice-líder do partido na Câmara dos Deputados Email: msuplicy@solar.com.br
13/06/1997	284117 – Ilustrada	Suely Rolnik	Artista se move na fronteira da arte	TG: Cultura	Psicanalista e ensaísta, autora de “Cartografia Sentimental – Transformações Contemporâneas

					do Desejo” (1989)
29/06/1997	269256 – Mais!	Maria Rita Kehl	“O amor está em algum lugar”	TG: Sentimentos	A psicanalista
07/09/1997	250473 – Primeiro Caderno	Contardo Calligaris	Morte preservou imagem virgem de Diana	TG: Mundo e Cultura	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (Ática)
28/09/1997	253783 – Primeiro Caderno	Rubem Alves	O nervo exposto	TG: Debates Ideológicos	63, educador, escritor e psicanalista, doutor de filosofia pela Universidade de Princeton (EUA), é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)
29/11/1997	10 – Ilustrada	Miriam Chnaiderman	Fotogramas de “Remanscências” cristalizam o tempo	TG: Cultura (fotograma)	É psicanalista, doutora em artes cênicas pela USP e diretora do curta-metragem “Dizem que sou louco”
19/12/1997	280117 – Ilustrada	Betty Milan	“Ela”, de Zé Celso, limpa a alma	TG: Cultura (teatro)	É escritora e psicanalista, autora de “Paris não acaba nunca” e “A paixão de Lia”
18/01/1998	602689 – Mais!	Maria Rita Kehl	Papai e mamãe nos trópicos: maioria diz viver em uma cultura liberada, mas não se interessa tanto por sexo	TG: Comportamento (sexual)	É psicanalista, poeta e ensaísta, autora de “A Mínima Diferença” (Imago) e “Processos Primários” (Estação Liberdade)
24/01/1998	1 – Ilustrada	Miriam Schnaiderman	Adultos ingênuos, crêem no mito das imagens puras	TG: Comportamento	É psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae e autora de “O Hiato Convexo – Ensaio sobre Psicanálise e Literatura” e doutora em artes pela ECA-USP
01/02/1998	558351 – Mundo	Contardo Calligaris	Crise mostra descompasso entre mídia e público	TG: Cultura (mídia)	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas

					do individualismo cotidiano” (Ática)
08/02/1998	562465 – Mais!	Miriam Schnaiderman	A favor do prazer	TG: [livro] Comportamento (sexual)	É psicanalista, autora de “Ensaio de Psicanálise e Semiótica” (Escuta)
11/03/1998	3 – Primeiro Caderno	Rubem Alves	Caro senhor Roberto Marinho	TG: Cultura (mídia)	64, educador, escritor e psicanalista, professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)
22/03/1998	629817 – Mais!	Contardo Calligaris	A verdade das massas	TG: Temas Jurídicos	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do individualismo cotidiano” (Ática) Email: ccalligari@aol.com
12/04/1998	577774 – Caderno Especial	Contardo Calligaris	Pedagogia do amor	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (médico-pediátricos)	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do individualismo cotidiano” (Ática) Email: ccalligari@aol.com
09/05/1998	6 – Jornal de resenhas	Maria Rita Kehl	Uma ética para a psicanálise	TE: Teoria Psicanalítica	É psicanalista
17/05/1998	607228 – Mais!	Miriam Schnaiderman	Livros: O olhar estrangeiro	TG: [livro] Mundo; Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae, autora de “O Hiato Convexo – Ensaio sobre Psicanálise e Literatura” (Brasiliense) e [ilegível] em semiótica
14/06/1998	12 – Mais!	Contardo Calligaris	A autoridade razoável	TG: [livro] Temas Jurídicos	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (Ática)

					Email: ccalligari@aol.com
20/09/1998	650781 – Mais!	Renato Mezan	Identidades vacilantes	TG: Comportamento	É psicanalista e autor, entre outros, de “Figuras da Teoria Psicanalítica” (Edusp/Escuta) e “Escrever a Clínica” (Casa do Psicólogo)
10/10/1998	7 – Jornal de Resenhas	Renato Mezan	Um capítulo da psicanálise no Brasil	TE: [livro] História da Psicanálise	É psicanalista e autor, entre outros [ilegível], de “Figuras da Teoria Psicanalítica” (Escuta Edusp)
25/10/1998	656842 – Mais!	Contardo Calligaris	Deseducação virtual	TG: Comportamento (diante de tecnologia)	É psicanalista e ensaísta, autor de “Hello Brasil” (Escuta) e “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (Ática) Email: ccalligari@aol.com
15/11/1998	602022 – Mais!	Renato Mezan	Paixão bem temperada	TG: Sentimentos (paixão)	É psicanalista, professor titular da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e autor, entre outros, de “Escrever a Clínica” (Casa do Psicólogo) e “Tempo de Muda” (a sair nesse mês pela Companhia das Letras)

ANEXO A – TABELA COMPLETA DE COLUNAS (1980 – 1998)

II) O GLOBO

Data	Página	Autor	Título	Família Temática	Descritores
13/01/1980	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	À procura de uma infância idealizada	TG: Sentimentos (amor)	-
17/02/1980	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Como curar impulso sexual desvinculado de sentimento?	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos)	-
24/02/1980	6 – Jornal da Família	Pedro Salas	Atirando setas sobre alvo cego	TG: Comportamento (sexualidade)	-
02/03/1980	8 – Jornal da Família	Pedro Salas	Luta da tradição, da superstição e da autoridade	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos) e Instituições Psicanalíticas	-
23/03/1980	8 – Jornal da Família	Pedro Salas	Com um bom foguete e alguma sorte vale a pena tentar o voo	TG: Comportamento (sexualidade)	-
27/04/1980	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	De médico e louco – diz o ditado – cada um tem um pouco	TG: Comportamento (timidez)	-
04/05/1980	11 – Jornal da Família	Pedro Salas	O sentimento religioso e o medo de ficar só	TG: Sentimentos (medo da solidão)	-
11/05/1980	9 – Jornal da Família	Pedro Salas	Conflitos, etapa inevitável rumo ao crescimento	TG: Sentimentos (autoestima)	-
01/06/1980	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	A crença no mito e o desconhecimento do poder da ciência	TG: Debates Ideológicos	-
08/06/1980	9 – Jornal da Família	Pedro Salas	As palavras trocadas	TE: Teoria Psicanalítica	-

			podem realçar - emoções adormecidas		
03/08/1980	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	O mundo interior do ser humano e suas fantasias	TG: Comportamento (relacionamento)	-
26/10/1980	8 – Jornal da Família	Pedro Salas	Um passo importante rumo à compreensão	TG: Comportamento (timidez)	-
26/07/1981	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Quando a necessidade de segurança impede o crescimento	TG: Sentimentos (insegurança)	-
23/08/1981	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	As sombras no escuro mundo das emoções	TG: Comportamento (relacionamento)	-
30/08/1981	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Valorização da superfície e os ressentimentos no âmago	TG: Comportamento (sedução)	-
18/10/1981	10 – Jornal da Família	Pedro Salas	Questionar é estar aberto para descobrir as próprias contradições	TG: Sentimentos	-
01/11/1981	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	O psicanalista devorado e a vontade de poder (saber)	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	-
07/02/1982	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Acomodar-se à dependência é abrir mão dos próprios pensamentos	TG: Sentimentos (medo e insegurança)	-
02/05/1982	9 – Jornal da Família	Pedro Salas	Na expectativa de uma ajuda mágica	TG: Sentimentos (angústia)	-
13/06/1982	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	O jargão da psicanálise	TE: Prática Psicanalítica	-
04/07/1982	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Um romance não iniciado, mas já absolvido por Freud	TG: Comportamento (relacionamento)	-

17/10/1982	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Um permanente esforço para recriar a mãe	TG: Comportamento	-
26/12/1982	6 – Jornal da Família	Pedro Salas	Filosofia para cimentar uma peneira	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos)	-
18/09/1982	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	‘Eu sou o sonho, ou o desejo, do outro’	TG: Comportamento	-
13/02/1983	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	O imponderável signo do amor	TG: Comportamento	-
20/03/1983	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Um desejo: ser faixa preta	TG: Comportamento	-
29/05/1983	2 – Jornal da Família	Pedro Salas	A identidade ameaçada	TG: Comportamento	-
28/08/1983	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	O previsível, o repetitivo	TG: Comportamento (relações familiares)	-
11/09/1983	3 – Jornal da Família	Pedro Salas	Sonhos dourados, realidade frustrante	TG: Comportamento e Sentimentos	-
01/10/1983	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	A queixa arcaica – e a volta por cima	TG: Comportamento	-
16/10/1983	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Consideração pelas fantasias	TG: Comportamento (casamento)	-
08/07/1984	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Sem microscópio, o cientista nada vê	TE: Prática Psicanalítica	-
26/08/1984	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Muletas descartáveis	TG: Comportamento	-
23/09/1984	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Uma “precipitação” que não “fortaleceu vínculos”	TG: Comportamento (casamento)	-
21/10/1984	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	“Um bloqueio em tudo que faço”	TG: Comportamento (relacionamento)	-
02/06/1985	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	A dificuldade de amar o cunhado	TG: Comportamento (relações familiares)	-
14/07/1985	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	“Era linda, o tipo que idealizo”	TG: Comportamento (relacionamento)	-

18/08/1985	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Uma moça sensível, romântica e só	Sentimentos (infelicidade)	-
31/10/1985	1 – 2º Caderno	Wilson Chebabi	Violência: o problema da rejeição	TG: Violência	Psicanalista
17/11/1985	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Sonhos de cinema, drama da “rosa púrpura” do Rio	TG: Sentimentos	-
02/02/1986	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Que pena! Além de carente, a mãezinha não lhe faz o jantar	TG: Sentimentos (melancolia e inveja)	-
17/08/1986	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Namorar, a missão impossível	TG: Comportamento (relacionamento/namor o)	-
31/08/1986	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Perplexa. Fim da amizade colorida	TG: Comportamento (amizade colorida)	-
14/09/1986	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Um amor filial jamais confessado	TG: Sentimentos (amor)	-
26/10/1986	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	Cabeça borbulhante, quem sabe se de anjo ou demônio?	TG: Comportamento (relacionamento)	-
02/11/1986	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	Amor de carnaval, quase infinito	TG: Sentimentos (amor e paixão)	-
16/11/1986	7 – Jornal da Família	Pedro Salas	O namoro desintegrou o grupo	TG: Sentimentos	-
05/04/1987	5 – Jornal da Família	Pedro Salas	A ansiedade e o pavor dos medos	TG: Sentimentos (medo e culpa)	-
28/06/1987	3 – Jornal da Família	Pedro Salas	O namorado é noivo de outra. A família descobriu. Qual é a saída?	TG: Comportamento (traição)	-
20/09/1987	7 – 2º Caderno	Elisabeth Roudinesco	Batalha dos cem anos no Rio. O avanço da	TE: História da Psicanálise	Psicanalista, 43 anos

			psicanálise		
10/12/1987	4 – O País	Maria Lúcia Alzuguir Gutierrez	A cabeça é delas	TG: Comportamento	É psicanalista e professora da Faculdade de Psicologia da PUC de São Paulo
06/03/1988	5 - Jornal da Família	Cecília Pedras	Pais e filhos competindo... em sensualidade	TG: Comportamento (sensualidade)	Psicanalista
09/02/1989	1 – 2º Caderno	Betty Milan – escritora e psicanalista	O Joãozinho de cabeça feita	TG: [livro] Cultura (carnaval)	Escritora e psicanalista. Autora de seis livros, entre eles “o sexo Phuro”, “O que é o amor” e “Os bastidores do carnaval”. Médica com formação analítica feita na Escola Freudiana de Paris, Betty se autodenomina “interlocutora oficial” de Joãozinho Trinta há dez anos, desde que passou a pesquisar o carnaval – mais especialmente os bastidores da Beija-Flor – para o livro que escreveu sobre o tema.
16/09/1990	4 – 2º Caderno	Octavio Souza sobre livro “Uma temporada com Lacan”	No gabinete de Lacan	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista
23/09/1990	4 – 2º Caderno	Hélio Pellegrino	“Drummond tinha a imensa capacidade de	TG: Cultura (literatura e poesia)	“o maior psicanalista brasileiro: Hélio

			simbolizar o Mundo”		Pellegrino”
28/04/1991	7 – Opinião	Antônio Quinet	O amor no divã: uma questão ética	TE: Prática Psicanalítica (ética em psicanálise)	É psicanalista, Presidente do Corte Freudiano Associação Psicanalítica, membro da École de la Cause Freudienne e autor de “Clínica da Psicose”
26/05/1991	6 – 2º Caderno	Octavio Souza	Carta de amor aos brasileiros	TG: [livro] Cultura	É psicanalista
16/06/1991	7 – 2º Caderno	Isidoro Americano do Brasil sobre o livro “Jacques Lacan – 5 Rue de Lille”	Lacan para os íntimos	TE: [livro] Biografia de Psicanalista (Lacan)	É psicanalista e fundador da Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano
09/07/1991	6 – Opinião	Glória Leal	Programa Bom Menino	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É médica e psicanalista e ex-coordenadora do Programa do Bom Menino
20/10/1991	6 – 2º Caderno	Halina Grymberg	Um inventário de Freud	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista, Membro Associado do Corte Freudiano Associação Psicanalítica
10/11/1991	7 – Opinião	Marta Suplicy	Nem Zélia, nem Zuleide	TG: Desigualdades e Direitos Humanos e Debates Ideológicos (feminismo)	É psicanalista e membro do Instituto de Psicanálise de São Paulo e da Sociedade Brasileira de Psicanálise
14/06/1992	7 – 2º Caderno	Clodoaldo Lino	Nunca houve uma mulher como Dora	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista
22/08/1993	7 – 2º Caderno	Beth Müller sobre o livro “Freud e a mulher”	A impossível viagem através da mulher	TE: [livro] Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	É psicanalista e mestra em psicologia pela PUC-RJ
24/10/1993	7 – 2º Caderno	Ivanise Fontes sobre	A linguagem oculta do	TE: [livro] Teoria	É psicanalista

		o livro “Estudos psicanalíticos sobre psicossomática”	corpo humano	Psicanalítica TG: Saúde	
31/10/1993	6 – 2º Caderno	Clara Góes sobre o livro “Jacques Lacan – uma biografia intelectual”	Mergulho no planeta Lacan	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	Psicanalista e escritora
28/11/1993	6 – 2º Caderno	Clara Góes sobre o livro “Os rios turvos”	Poeta nas malhas da Inquisição	TG: [livro] Cultura (literatura)	É historiadora e psicanalista
05/12/1993	6 – 2º Caderno	Beatriz Fonseca sobre o livro “A morte de Napoleão”	Napoleão em crise de identidade	TG: [livro] Cultura (literatura)	É psicanalista e escritora
26/12/1993	10 – 2º Caderno	Beatriz Fonseca sobre o livro “Lendas de Outono”	Herói rebelde em meio à decadência	TG: [livro] Cultura (literatura)	É psicanalista e escritora, autora de “Um jogo perigoso”
02/01/1994	8 – 2º Caderno	Beatriz Fonseca sobre o livro “Angelo”	O sonho inacabado de Visconti	TG: [livro] Cultura (literatura e cinema)	É psicanalista e escritora, autora de “Um jogo perigoso”
06/02/1994	7 – 2º Caderno	Beatriz Fonseca sobre o livro “Conversas com o homem dos lobos”	Os bastidores de uma terapia	TE: [livro] Teoria Psicanalítica (neurose infantil)	Psicanalista e escritora
07/08/1994	7 – Jornal da Família	Sheiva Scherman	Psicoterapia trata a frigidez	TG: Comportamento (frigidez)	Psicanalista e sexóloga
09/10/1994	2 – Jornal da Família	Orlando Coser Filho	A psicanálise vai à raiz do problema	TE: Prática Psicanalítica; Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (psicoterapêuticos)	Psicanalista e psiquiatra, professor do Departamento de Psiquiatria da UFRJ
27/11/1994	6 – 2º Caderno	Clara Góes sobre o livro “Fantasia de Brasil”	O Brasil e seus fantasmas	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista e escritora

25/01/1995	4 – 2º Caderno	Jacob David Azulay	Apenas uma visão psicanalítica do homossexualismo	TG: Comportamento (sexualidade)	É psicanalista.
04/03/1995	7 – Opinião	Marta Suplicy	Laqueaduras gratuitas	TG: Saúde (da mulher)	É psicanalista e deputada federal pelo PT de São Paulo
19/08/1995	7 – Opinião	Marta Suplicy	Setembro em Pequim	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Política	É psicanalista e deputada federal pelo PT de São Paulo
26/09/1995	6 – 2º Caderno	Clara Góes	A nudez ainda castigada	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Cultura	É escritora, psicanalista e autora de “Aberlardo, Heloisa”
11/01/1996	7 – Opinião	Jurandir Freire Costa	Desumano, puramente desumano	TG: Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista e professor do IMS-Uerj
12/01/1996	7 – Opinião	Waldemar Zusman	Veras e Edmundo, mitos e drogas	TG: Cultura	É psicanalista.
21/01/1996	7 – Jornal da Família	Eduardo Kalina	Como a maconha modifica o cérebro	TG: Comportamento (consumo de drogas)	É psiquiatra e psicanalista, diretor da Clínica Villa Guadalupe, Buenos Aires
17/02/1996	3 – Prosa e Verso	Daniel Kupermann sobre o livro “Comendo Pavlova”	A psicanálise deitada no divã da ficção	TG: [livro] Cultura	É psicanalista e autor de “Universos da psicanálise”
24/02/1996	7 – Opinião	Marta Suplicy	Debate: A legalização do aborto no Brasil	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Temas jurídicos (aborto)	É psicanalista, deputada federal pelo PT-SP e integrante das comissões de Seguridade Social e Família e de Direitos Humanos da Câmara
08/03/1996	7 – Opinião	Marta Suplicy	Ritual de passagem para a democracia paritária	TG: Debates Ideológicos e Política	É psicanalista, deputada federal pelo PT-SP e integrante das comissões

					de Seguridade Social e Família e de Direitos Humanos da Câmara
30/03/1996	7 – Opinião	Waldemar Zusman	Debate: a corrupção na polícia do Rio. Uma breve anatomia	TG: Política (corrupção)	É analista didata e presidente do Fórum de Psicanálise e Cinema
13/04/1996	3 – Prosa e Verso	Marília Sodré	A percepção infantil dos grandes temas	TG: [livro] Cultura	É psicanalista e autora de “Vôo livre”
10/05/1996	7 – Opinião	Jurandir Freire Costa	Por que Jorge Romano?	TG: Temas Jurídicos e Desigualdades e Direitos Humanos	É psicanalista e professor do IMS-Uerj
20/05/1996	7 – Opinião	Marta Suplicy	Mídia: drogas lícitas e ilícitas	TG: Comportamento (consumo de drogas); Cultura (mídia)	É psicanalista, deputada federal pelo PT-SP e Integrante da Comissão de Seguridade Social e Família
24/05/1996	7 – Opinião	Waldemar Zusman	Drogas e lucidez	TG: Comportamento (uso de drogas)	É psicanalista didata e membro da International Psychoanalytic Association
01/06/1996	1 – Prosa e Verso	Jurandir Freire Costa	O homossexualismo avança. “O argumento central de Sullivan é discutível”	TG: [livro] Desigualdades e Direitos Humanos (preconceito); Comportamento	É psicanalista
23/06/1996	7 – Jornal da Família	Moisés Tractenberg	Terapia da mente: com ou sem remédio?	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (psiquiátricos)	É psicanalista
29/06/1996	4 – Prosa e Verso	Miriam Chnaiderman	Palavras em movimento nos poemas de Bonvicino	TG: [livro] Cultura (poesia)	É psicanalista e autora de “O hiato convexo: literatura e psicanálise”
15/07/1996	7 – Opinião	Waldemar Zusman	A complacência dos	TE: Teoria Psicanalítica	É psicanalista didata

			conceitos	TG: Sentimentos (solidão)	
25/08/1996	7 – Jornal da Família	Moisés Tractenberg	Infarto do miocárdio em adultos jovens	TG: Saúde	É psicanalista
19/10/1996	4 – Prosa e Verso	Octavio Souza sobre o livro “Masculino/feminino: uma tensão insolúvel”	A guerra dos sexos pela ótica das ciências sociais	TE: [livro] Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (das Ciências Sociais)	É psicanalista
17/11/1996	7 – Jornal da Família	Heloísa Caldas Ribeiro	O significado do hábito de grafitar	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Comportamento	É psicanalista e membro da Escola Brasileira de Psicanálise
02/12/1996	8 – Informática	Paulo Sternick	Um verdadeiro mergulho “cabeça” na Internet	TG: Comportamento	É psicanalista no Rio de Janeiro
05/01/1997	7 – Jornal da Família	Moisés Tractenberg	Diferenças entre traição e infidelidade	TG: Comportamento (traição e infidelidade)	É psicanalista.
13/01/1997	7 – Opinião	Waldemar Zusman	O clichê nosso de cada dia	TG: Debates Ideológicos e Cultura (mídia)	É psicanalista didata e membro da International Psychoanalytic Association
06/03/1997	7 – Opinião	Waldemar Zusman	Clonificação: fatos e mitos	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (científicos)	É psicanalista didata e membro da International Psychoanalytic Association
28/04/1997	7 – Opinião	Joel Birman	Apocalipse “now”	TG: Violência	É psicanalista
18/05/1997	7 – Jornal da Família	Ivanise Fontes	A eficácia do tratamento psicanalítico	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (neurocientíficos)	É psicanalista e defende tese no Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Paris 7
24/05/1997	7 – Opinião	Waldemar Zusman	Os meninos de Brasília	TG: Violência	É psicanalista didata

13/07/1997	7 – Jornal da Família	Sheiva Cherman	O sexo como tema dos currículos escolares	TG: Saúde (Aids); Comportamento (sexual)	É psicanalista, sexóloga e autora dos livros “Sexo x afeto” e “A força vital”
19/07/1997	7 – Opinião	Joel Birman	Ah! Eu tou maluco!	TG: Política	É psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da UFRJ
18/08/1997	7 – Opinião	Plínio Leite dos Santos Júnior e Maria Eliza Pereira Nunes Maciel	Homossexualidade perturba a todos	TE: Teoria Psicanalítica	São psicanalistas
22/08/1997	7 – Opinião	Sonia Maria dos Santos Braga	Em defesa de uma certa alegria	TE: Teoria Psicanalítica	É psicanalista
09/09/1997	7 – Opinião	Carlos Roberto Saba	A livre busca da felicidade	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	É psicanalista
27/09/1997	3 – Prosa e Verso	Chaim Samuel Katz sobre o livro “Standard Freud”	Strachey roubou a “dimensão trágica” de Freud	TE: [livro] Teoria Psicanalítica	É psicanalista e escritor
18/10/1997	2 – Prosa e Verso	Carlos Roberto Saba sobre o livro “Guerra de esperma”	Aula de Robin Baker sobre sexualidade humana pode chocar alguns leitores	TG: [livro] Comportamento (sexualidade)	É psiquiatra e psicanalista
24/10/1997	7 – Opinião	Fernando Rocha	Édipo, cem anos depois	TE: Teoria Psicanalítica TG: Comportamento	É psicanalista
26/11/1997	7 - Opinião	Waldemar Zusman	Sem retoques	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosóficos e do campo da linguagem)	É psicanalista didata
06/12/1997	3 – Prosa e Verso	Antonio Quinet sobre o livro “Lacan elucidado”	Coletânea mostra rigor do pensamento de Lacan	TE: [livro] Teoria Psicanalítica (desejo, gozo e culpa);	É psicanalista e doutor em Filosofia

				Divulgação do Pensamento Psicanalítico	
11/12/1997	2 – Jornais de Bairro	Sheiva Cherman	Adolescência e sexualidade	TG: Comportamento (sexualidade na adolescência)	É sexóloga e psicanalista
23/01/1998	7 – Opinião	Benilton Bezerra Jr.	Município e saúde mental	TG: Saúde Mental	É psicanalista.
25/01/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando a mulher gosta de encenar a violência na cama	TG: Comportamento (fetiche sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
01/02/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	E se o marido tem ejaculação precoce com a esposa?	TG: Comportamento (sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
08/02/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando o homem é sexualmente insaciável	TG: Sentimentos (desejo sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica”
15/02/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando o marido gosta de ver a mulher com outro	TG: Comportamento (fetiche sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
15/02/1998	7 – Jornal da Família	Moisés Tractenberg	O casamento na terceira idade	TG: Comportamento	É psicanalista.
22/02/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	O prazer no sexo é mais importante que o amor?	TG: Sentimentos (prazer sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
01/03/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando a sombra da outra interfere no desejo	TG: Sentimentos (culpa)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
08/03/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Ciúme não é prova de amor, mas de traumas infantis	TG: Sentimentos (ciúme)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
15/03/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	O desejo sexual que volta depois de anos de	TG: Comportamento (traição)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora

			casamento		Nova Fronteira)
15/03/1998	7 – Jornal da Família	Sônia Eva Tucherman	O significado do senso de humor na psicanálise	TE: Teoria Psicanalítica	É médica psicanalista e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
19/03/1998	2 – Jornais de Bairro	Sheiva Kf. Cherman	Casamento dá certo?	TG: Comportamento (casamento)	É psicanalista e sexóloga
22/03/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	O pânico de voar oculta um desejo inconfessável	TG: Sentimentos (pânico)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
29/03/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Uma mulher com os desejos sexuais à flor da pele	TG: Comportamento (sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
05/04/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Uma garota que sente desejo sexual por uma amiga	TG: Sentimentos (desejo sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
12/04/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	A masturbação atrapalha o sexo no casamento?	TG: Comportamento (masturbação)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
19/04/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando a mulher sente dor com a penetração	TG: Sentimentos (dor no ato sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
26/04/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Marido que gosta de usar calcinhas de sua mulher	TG: Comportamento	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
03/05/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Fantasias que afastam o medo da impotência	TG: Sentimentos e Comportamento	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
10/05/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	A receita para manter um casamento feliz	TG: Comportamento (casamento)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
17/05/1998	2 – Jornal da Família	Alberto Goldin	Um marido que quer	TG: Sentimentos	É psicanalista e autor de

	(Vida Íntima)		sexo e uma mulher indiferente	(desejo sexual)	“Freud explica”
20/05/1998	4 – Segundo Caderno	Dora Gurfinkel Haratz	Riscos de uma grande heroína	TG: Cultura (novela)	É psicanalista
24/05/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Um homem com medo de seu próprio desejo	TG: Sentimentos (medo e insegurança)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
31/05/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando o homem só pensa em trocar de mulher	TG: Sentimentos (insatisfação sexual e compulsão)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
07/06/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Um homem com vergonha por ter pênis pequeno	TG: Sentimentos (vergonha)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
14/06/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando o sexo virtual se torna subitamente real	TG: Comportamento (sexo virtual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
21/06/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Uma posição estranha para ter prazer sexual	TG: Sentimentos (prazer no ato sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
28/06/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando o desejo sexual naufraga em melancolia	TG: Sentimentos (perda de desejo sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
05/07/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	De onde vem o desejo sexual masculino?	TG: Sentimentos (desejo sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)

12/07/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando a paixão questiona a identidade cultural	TG: Comportamento (sexualidade)	É psicanalista e autor de “Freud explica” (Editora Nova Fronteira)
19/07/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	A estabilidade do casamento ou o risco da procura?	TG: Comportamento (casamento)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (ambos publicados pela Editora Nova Fronteira)
26/07/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Como o ciúme pode arruinar um casamento feliz	TG: Sentimentos (ciúme)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (ambos publicados pela Editora Nova Fronteira)
02/08/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Desejo reprimido gera necessidade obsessiva de sexo	TG: Sentimentos (desejo sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
09/08/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando a falta de ânimo vai minando a vida a dois	TG: Sentimentos (preguiça crônica e desinteresse)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
15/08/1998	4 – Prosa e Verso	Joel Birman sobre o livro “Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica”	O vir-a-ser da aprendizagem e o eterno desejo de saber	TG: [livro] Educação	É psicanalista e professor da UFRJ e da UERJ
16/08/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	O momento certo para definir a sexualidade	TG: Comportamento (sexualidade)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
23/08/1998	2 – Jornal da Família	Alberto Goldin	Quando a mulher deixa	TG: Sentimento (fim do	É psicanalista e autor de

	(Vida Íntima)		de se sentir bela e desejada	desejo sexual)	“Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
30/08/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	A difícil escolha entre o amor e o desejo sexual	TG: Sentimentos (amor e desejo sexual)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
06/09/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando a mulher manda sinais em busca de prazer	TG: Comportamento (casamento)	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
06/09/1998	7 – Jornal da Família	Dora Gurfinkel Haratz	O tratamento psicanalítico do adolescente	TG: Saúde Mental	É psicanalista e membro fundador da Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano
07/09/1998	7 - Opinião	Moisés Tractenberg	Circuncisão, uma violência	TG: Violência e Debates Ideológicos	É bacharel em filosofia e psicanalista
13/09/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	A falta de orgasmo que ameaça um casamento	TG: Sentimentos	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira)
20/09/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	A curiosidade de fazer amor com um desconhecido	TG: Sentimentos	É psicanalista e autor de “Freud explica” e “Amores freudianos” (ambos publicados pela Editora Nova Fronteira)
10/10/1998	4 – Prosa e Verso	Nelisa Guimarães	Choque entre Anna Freud e Melanie Klein acabou em um acordo de damas	TE: [livro] Instituições Psicanalíticas e Formação Psicanalítica	É psicanalista
06/12/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	O desejo de riscar a palavra traição de suas	TG: Sentimentos (culpa) e	Psicanalista

			relações	Comportamento (traição)	
13/12/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Um inimigo de que todo homem deseja manter distância	TG: Sentimentos	É psicanalista e autor de “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira) e “Histórias de amor e sexo” (Objetiva)
17/12/1998	2 – Jornais de Bairro	Iterbio Galliano	Violência, chavões e...	TG: Violência	É escritor e psicanalista
20/12/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Um homem à procura de um amor perfeito	TG: Sentimentos (amor)	É psicanalista e autor de “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira) e “Histórias de amor e sexo” (Objetiva)
27/12/1998	2 – Jornal da Família (Vida Íntima)	Alberto Goldin	Quando o direito ao prazer se torna uma obrigação	TG: Sentimentos (prazer)	É psicanalista e autor de “Amores freudianos” (Editora Nova Fronteira) e “Histórias de amor e sexo” (Objetiva)

ANEXO B – TABELA COMPLETA DE ENTREVISTAS (1980 – 1998)

I) FOLHA DE SÃO PAULO

Data	Página	Autor	Título	Família Temática	Descritores
29/11/1981	5 – Folhetim	Félix Guattari	Guattari, entre a análise e a militância	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes TG: Desigualdades e Direitos Humanos	Político militante, psicanalista na Clínica Psiquiátrica de la Borde, co-autor, junto com Gilles Deleuze, do livro “Anti-Édipo”
29/11/1981	6-7 – Folhetim	Jacques Alain Miller	Os conflitos e as riquezas da psicanálise	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	Discípulo e genro de Lacan. Chefia um Departamento de Psicanálise na Universidade de Vincennes
05/09/1982	4-5 - Folhetim	Félix Guattari	Contra os sistemas, a invenção da vida	TG: Debates Ideológicos	“pois sou um psicanalista...”
05/09/1982	6-7 - Folhetim	Cornelius Castoriadis	O fim da política e a crise da crítica	TG: Política	Filósofo, cientista político, economista e psicanalista
12/12/1982	4-5 - Folhetim	Jean Clavreul	Clavreul e os rumos da psicanálise	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	Lacaniano sem adotar o lacanês como linguagem apenas a um grupo de iniciados
25/09/1983	4 – Folhetim	Jacques Alain Miller	Entre a poética e a lógica	TE: Teoria Psicanalítica	Jacques Alain-Miller é um dos líderes mais ativos e representativos da psicanálise francesa, desde a morte de Jacques Lacan, em 9 de setembro de 1981. Entre suas atividades, podem ser destacadas: diretor das revistas “Ornicar?” e “L’Ane”, responsável pelo estabelecimento final dos Seminários de Jacques Lacan, chefe do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8 e diretor-secretário da Escola da Causa

					Freudiana, além da autoria de diversos ensaios bastante conceituados no meio psicanalítico e da prática clínica como psicanalista.
11/08/1984	50 – Ilustrada	Marie-Claire Boons	Analista, para que te quero?	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosófico); Teoria Psicanalítica	Psicanalista, membro aderente da <i>Société Psychanalytique de Paris</i> , professora do departamento de Filosofia da Paris VIII
20/10/1985	8-9 – Folhetim	Flavio Dias	Um desconhecido muito ilustre	TE: História da Psicanálise	O paulista Flavio Dias, 84, primeiro médico analisado no Brasil. Um dos pioneiros da Psicanálise no Brasil
12/01/1986	7-9 - Folhetim	Fábio Hermann	A dor de cotovelo no divã	TE: Teoria Psicanalítica	Analista
15/06/1986	2-4 – Folhetim	Paulo Fernando Queiroz Siqueira	Paris – a divisão por essência	TE: Formação Psicanalítica; Prática Psicanalítica	Psicanalista residente na França
15/06/1986	4-5 – Folhetim	Elias Mallet da Rocha Barros	Londres – a coesão diplomática	TE: Formação Psicanalítica; Prática Psicanalítica	Psicanalista residente na Inglaterra
15/06/1986	5-7 – Folhetim	Renato Mezan	Brasil – psicanálises possíveis?	TE: Formação Psicanalítica; Prática Psicanalítica	Psicanalista
20/08/1987	46 - Ilustrada	Pierre Fédida	O mal-estar no discurso psicanalítico	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	Psicanalista francês
13/02/1987	31 – 1º Caderno	Renato Mezan	Psicanálise e judaísmo	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (religioso)	Psicanalista e professor de Psicologia
19/09/1987	29 - Ilustrada	Elizabeth Roudinesco	A psicanálise no fluxo da história	TE: História da Psicanálise	Psicanalista francesa

08/05/1988	18 - Exterior	Félix Guattari	Guattari acha que intelectuais perderam influência na política	TG: Política	Filósofo e psicanalista francês
30/07/1988	6-11 - Folhetim	Jean Laplanche	Os postulados da razão tradutora	TE: Divulgação do Pensamento Psicanalítico	Psicanalista, autor de “Vocabulário da Psicanálise” (juntamente com J. Pontalis) e de “Nouveau Fondements pour la Psychanalyse”
30/08/1988	3 - Ilustrada	Joseph Attié	Novas interpretações sobre Freud e Lacan trazem Attié ao Brasil	TE: Teoria Psicanalítica	Psicanalista francês Sobre os psicanalistas que realizaram a entrevista: Samira Chalhub é psicanalista, professora de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Miriam Chnaiderman é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae.
13/11/1988	12 - Ilustrada	Conrad Stein	Psicanálise na educação traz Conrad Stein ao Brasil	TE: Divulgação do Pensamento Psicanalítico	Psicanalista franco-alemão, 64, um “freudiano ortodoxo”, conforme ele mesmo
23/01/1989	8 – Ilustrada	Jacques-Alain Miller	Genro de Jacques Lacan enfrenta a ética da psicanálise	TE: Teoria Psicanalítica	Genro de Jacques Lacan. Psicanalista
24/09/1989	24 – Folha D	Hélio Pellegrino	“A condição humana não tem cura” – Hélio Pellegrino	TE: Formação Psicanalítica; Instituições Psicanalíticas	Entrevista publicada <i>post mortem</i> – Psicanalista, poeta e militante político
08/04/1991	4 – Cotidiano: Saúde	Renato Mezan	Desafio da psicanálise hoje é tentar vencer o tédio	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	Professor da PUC. Psicanalista
29/05/1991	10 – Ilustrada	Donald Spence	Psicanalista reformula ideias fundamentais de Freud	TE: Divulgação do Pensamento	Psicanalista norte-americano. Professor em Princeton e New Jersey;

				Psicanalítico	autor de “Narrative Truth and Historical Truth” (1982) e “The Freudian Metaphor” (1987: sairá no Brasil)
17/11/1991	15 – Brasil	Eduardo Mascarenhas	Psico-deputado diz que Collor amadureceu	TG: Política	Psicanalista do Rio
31/05/1992	4836459 – Mais!	Jurandir Freire Costa	Rancor se soma à decepção, diz psicanalista	TG: Violência; Política	Psicanalista, 48, é autor de uma das mais fortes reflexões sobre o comportamento social brasileiro escritas nos últimos anos: o ensaio “Narcisismo em tempos sombrios”, publicado em 1989 na coletânea “Percurso na História da Psicanálise” (Gaal)
28/06/1992	4788447 - Cotidiano	Renato Mezan	Psicanalista vê fortalecimento social em meio ao desânimo	TG: Comportamento; Política	Psicanalista
01/11/1992	5 – Mais!	Renato Mezan	A barbárie surda e cotidiana das elites	TG: Violência	Psicanalista e professor da USP, autor de “Freud, pensador da cultura”
10/12/1992	4764066 – Mais!	Francisco Daudt da Veiga	Daudt propõe o ódio como o “principal instrumento de justiça”	TE: Teoria Psicanalítica (superego)	Psicanalista freudiano
31/01/1993	6 – Mais! (4792506)	Luis Tenório Oliveira Lima	Amor de Pierrô ou de Arlequim?	TE Teoria Psicanalítica (psicose)	Psiquiatra e psicanalista
27/04/1993	1 - Ilustrada	Contardo Calligaris	Fantasia da escravidão invade as relações no Brasil, diz psicanalista	TG: Debates Ideológicos	Psicanalista italiano, lacaniano ortodoxo
20/08/1993	4 - Ilustrada	Jean Laplanche	Laplanche faz conferências em São Paulo	TE: Divulgação do Pensamento Psicanalítico	O psicanalista Jean Laplanche, um dos principais nomes da psicanálise francesa
21/11/1993	6 – Mais!	Joel Birman	Analista recusa fantasia	TE: Saberes	Psicanalista e professor de teoria

	(4852936)		científica	Psicanalíticos e Outros Saberes (neurociências); TG: Saúde mental	psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
06/03/1994	GR14 – Revista da Folha	Nelson Carozzo	Depois da crise, a república	TG: Saúde (mental)	Psiquiatra e psicanalista, 41 anos, há 15 na luta contra a reinternação
03/04/1994	48566138 – Mais!	Lydia Flem	Método de trabalho de Lydia Flem combina sociologia com psicanálise	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (sociológicos)	É belga, com formação em sociologia e em psicanálise, é psicanalista filiada à Sociedade de Psicanálise belga e à Associação Internacional de História da Psicanálise, autora de “Le Racisme” (1985), com vários artigos publicados na “Nouvelle Revue de Psychanalyse” e membro da redação da revista “Le Genre Humain”. É autora de “A Vida Cotidiana de Freud e seus Pacientes”, editado no Brasil em 1988, pela L&PM editores
05/06/1994	4862104 – Mais!	Virgínia Bicudo	“Já fui chamada de charlatã”	TE: Saberes psicanalíticos e Outros Saberes (física); História da Psicanálise	Virgínia Bicudo está com quase oitenta anos de idade e é uma das pioneiras da psicanálise em São Paulo. Teve aulas com Melanie Klein, de quem foi amiga e chegou a ser chamada de “charlatã” – quando a psicanálise era praticamente desconhecida no Brasil
19/02/1995	4859918 – Mais!	Octavio Souza	O “complexo de paraíso”	TE: Teoria Psicanalítica; TG: Cultura (identidade nacional)	Psicanalista laciano
17/09/1995	502443 – Mais!	Emilio Rodrigué	Freud à brasileira	TE: Biografia de Psicanalista (Freud);	Psicanalista, autor da biografia de Freud.

				História da Psicanálise	Emilio Rodrigué nasceu em Buenos Aires em 1923. Mora na Bahia desde 1974. Entre 1948-52 fez sua formação em Londres, tendo frequentado o grupo de Melanie Klein e feito análise com Paula Heimann. De volta a seu país, foi membro fundador da Asociación Psicoanalítica Argentina
29/10/1995	GR28/GR29 – Revista da Folha	Hugo Denizart	Retratos da exclusão	TG: Cultura (fotografia)	O carioca Hugo Denizart, 49, fotógrafo e psicanalista
03/12/1995	522409 – Mais!	Jurandir Freire Costa	Um passeio no jardim sexológico	TE: Teoria Psicanalítica; TG: Comportamento (sexualidade)	Psicanalista
15/11/1998	602010 – Mais!	Jurandir Freire Costa	A invenção do amor	TG: Sentimentos (amor)	Psicanalista, 54, professor do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, [...] especialista em expor os discursos ocultos sob as normas – sociais, morais, comportamentais, psicológicas

ANEXO B – TABELA COMPLETA DE ENTREVISTAS (1980 – 1998)

II) O GLOBO

Data	Página	Entrevistado	Título	Família Temática	Descritores
04/06/1980	29 – Cultura	Humberto Haydt	“O verdadeiro psicanalista é um artista-cientista”	TE: Teoria Psicanalítica; Prática Psicanalítica	Dr. Humberto Haydt de Souza Mello, psicanalista-titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, residindo em Brasília.
12/12/1983	25 – Cultura	Hélio Pellegrino e José Nazar	O divã e a crise. O dinheiro é pouco, mas os clientes continuam fiéis aos analistas	TE: Prática Psicanalítica; TG: Economia	Hélio Pellegrino, mineiro de 60 anos incompletos, seguidor da corrente freudiana tradicional. José Nazar, lacaniano, de 38, filho de um carpinteiro árabe que, adolescente, emigrou para São Paulo
25/06/1984	6 – Jornais de Bairro	Roberto Freire	A política transformada em criatividade e paixão	TG: Cultura; Política	Médico, escritor do consagrado romance “Cleo e Daniel”, criador da série de TV “A Grande Família”, autor de peças teatrais, psicanalista rompido com a psicanálise

					tradicional e criador da somaterapia.
31/07/1989	1 – 2º Caderno	Gérard Pommier	Choque de cabeças. Discípulo de Lacan contesta teorias de Jacques Alain Miller, genro e herdeiro do psicanalista	TE: Instituições Psicanalíticas	Discípulo de Lacan Outro dissidente do lacanismo, Gérard de Pommier, de 48 anos
16/06/1990	4 – O País	Eduardo Mascarenhas	O ancião deprimido	TG: Comportamento	É psicanalista e Diretor Científico da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro
09/12/1990	7 – 2º Caderno	Isaac José Nigri e Isidoro Eduardo Americano do Brasil	“O divã em pé de guerra”	TE: Instituições Psicanalíticas; Formação Psicanalítica	Isaac José Nigri: Presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro; Isidoro Eduardo Americano do Brasil: fundador do Movimento Freudiano
19/08/1991	5 - Informática	Alberto Goldin	Relações fetichistas com o computador	TG: Comportamento	O argentino Alberto Goldin é o psicanalista de nove entre dez estrelas de cinema.
31/05/1992	7 – 2º Caderno	Félix Guattari	Guattari fala sobre a “Caosmose”	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (filosófico)	Psicanalista e filósofo francês
13/09/1992	6 – Jornal da Família	Sonia Alberti	“O adolescente precisa muito dos pais”	TG: Comportamento	A psicanalista Sonia Alberti, de 38 anos, professora do curso de especialização em psicologia clínica do Instituto de Psicologia

					Clínica da UERJ, que desenvolve um projeto de pesquisa de psicanálise aplicada com adolescentes
04/04/1993	4- Jornal da Família	Alessandra Piontelli	Fetos têm temperamento próprio	TG: Saúde (mental); Comportamento	Psiquiatra e psicanalista dedicada ao trabalho com crianças doentes mentais, a doutora Alessandra Piontelli se viu cheia de dúvidas. Com especialização em neuro-psiquiatria infantil e cursos avançados no Instituto de Psicanálise de Londres...
06/06/1993	6 – Jornal da Família	Francisco Daudt da Veiga	Freud contra a tirania infantil	TG: Educação	Psicanalista
13/06/1993	5 – Jornal da Família	Jurandir Freire Costa	Os reflexos da crise na família	TE: Instituição Psicanalítica e/ou Outras Instituições (instituição familiar)	Psicanalista / o psicanalista
01/08/1993	5 – 2º Caderno	Jean Laplanche	O divã “enquanto” arapuca	TE: Teoria Psicanalítica	O psicanalista francês (que se autodenomina o principal herdeiro de Jacques Lacan)
26/09/1993	6 – 2º Caderno	Luiz Alfredo Garcia Roza	Os livros da minha vida	TG: Cultura (literatura)	Psicanalista
03/10/1993	5 – 2º Caderno	Paul-Laurent Assoun	O que querem as mulheres?	TG: Sentimentos (paixão)	Filósofo e psicanalista, nascido na Argélia em 1948, professor e autor

					de mais de uma dezena de livros, entre eles “Freud e a Mulher”, editado na França em 1983 e recém-lançado no Brasil por Jorge Zahar Editor, e “O freudismo”.
26/12/1993	7 – Jornal da Família	Therezinha Penna	Contra a cultura do silêncio médico	TG: Saúde (diagnóstico)	Psiquiatra e psicanalista
24/04/1994	2 – Jornal da Família	Rosine Josef Perelberg	“Pela igualdade entre os sexos”	TG: Desigualdades e Direitos Humanos (gênero)	Psicanalista e psicoterapeuta do Departamento Acadêmico de Psiquiatria da University College de Londres
08/05/1994	3 – Jornal da Família	Miguel Calmon	A busca da felicidade a qualquer preço	TE: Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (neurociências - PNL)	O psicanalista
29/05/1994	5 – 2º Caderno	Julia Kristeva	O exílio de um mundo sonâmbulo	TE: Biografia de Psicanalista (autobiografia)	A escritora, autora de “Estrangeiros para nós mesmos”, publicado na França em 1988 e que acaba de ser lançado no Brasil pela editora Rocco. [...] Como linguista, Julia Kristeva ficou conhecida internacionalmente por sua filiação ao

					movimento estruturalista [...]. Apesar de prosseguir seu trabalho como psicanalista e diretora de estudos de Ciências de Textos e Documentos da Universidade de Paris XIII, Kristeva está cada vez mais envolvida no processo de criação literária e escreve mais um romance, "Possessão".
11/09/1994	1 – Jornal da Família	Juan Carlos Kusnetzoff	Desconhecimento, o maior problema sexual	TG: Comportamento (sexual)	O psiquiatra e psicanalista argentino Juan Carlos Kusnetzoff, diretor da clínica de disfunções sexuais da faculdade de medicina de Buenos Aires
23/10/1994	5 – 2º Caderno	Elisabeth Roudinesco	Lacan desvendado para o leitor	TE: Biografia de Psicanalista (Lacan)	A psicanalista
19/12/1995	21 – Rio	Eduardo Kalina	Internação mínima: 30 dias	TG: Saúde (internação)	Psicanalista e psiquiatra Eduardo Kalina, um dos profissionais mais conceituados no meio acadêmico na América Latina
12/03/1995	5 – 2º Caderno	Luiz Alfredo Garcia-	Na cozinha da bruxa	TE: Teoria	Já emplacou dez

		Roza	freudiana	Psicanalítica	edições do estudo introdutório “Freud e o Inconsciente” e suas aulas no Instituto de Psicologia da UFRJ estão inevitavelmente hiperlotadas de ouvintes. [...] Trabalhando sempre com a teoria da psicanálise, Garcia-Roza [...]
09/04/1995	7 – Jornal da Família	Michael Kaufman	O relógio não voltará atrás	TG: Desigualdades e Direitos Humanos; Violência	Psicanalista. Professor do Centro de Estudos sobre América Latina, no Canadá
18/06/1995	5 – 2º Caderno	Serge André	O jogo perigoso dos perversos	TE: Teoria Psicanalítica (perversão)	Psicanalista francês, um lacaniano que se aventurou pelos difíceis caminhos da análise da perversão e da homossexualidade
25/06/1995	50 - Economia	Alberto Goldin	“Ela quer ver até onde pode ir”	TG: Economia; Comportamento (consumo)	O psicanalista
11/05/1996	6 – Prosa e Verso	Emilio Rodrigué (entrevistado por Daniel Kuppermann e Paulo Sternick)	O franco-atirador do divã	TE: Biografia de Psicanalista (Freud)	Ele chegou à vice-presidência da ultra-conservadora International Psychoanalytical Association (IPA) depois de se formar em

					<p>Londres e estudar com Melanie Klein. É um psicanalista [...]. Emilio Rodrigué publicou uma inquietante biografia em três volumes de Sigmund Freud [...].</p> <p>Sobre os entrevistadores (que assinam ao final da entrevista): Daniel é psicanalista, membro da Formação Freudiana. Paulo Sternick é psicanalista, editor-científico de “Gradiva” e membro da Société Internationale d’Histoire de la Psychiatrie et de la Psychanalyse</p>
15/11/1997	17 – Rio	Cyro Marcos da Silva	Somos todos operados pelo direito	TG: Temas jurídicos	Um juiz que se aposentara para tornar-se psicanalista, após ter-se dado conta de que ficara 30 anos sem escutar as pessoas.
17/03/1998	11 – Rio	Marcos Baptista	Angústia, insônia e câimbras	TG: Comportamento (consumo de drogas); Saúde	Fundador do Nepad (Núcleo de Pesquisa e Atenção às Drogas), o psiquiatra e psicanalista

					Marcos Baptista baseou sua tese de doutorado nos efeitos da heroína.
02/05/1998	10 – Rio	Catherine Millot	“O transexual se situaria entre os dois sexos”	TG: Comportamento (sexualidade)	Psicanalista francesa, autora de um livro sobre o tema [transexualidade], “Fora-do-sexo”
09/05/1998	3 – Prosa e Verso	Jacques-Alain Miller	Nos “Escritos”, a pedra preciosa de Lacan	TE: Teoria Psicanalítica	O editor de “Seminários”
11/10/1998	12 – O País	Marta Suplicy	“Covas assinou um acordo em 94 e não cumpriu”	TG: Política	A psicanalista descendente da mais fina estirpe paulista
29/10/1998	4 – 2º Caderno	Jurandir Freire Costa	“Vamos recriar o amor de alto a baixo”	TG: Sentimentos (amor)	Psicanalista. Tem 54 anos e está casado há 30 com Célia, pesquisadora na área de história.
22/11/1998	3 – Jornal da Família	Alberto Goldin	“É mais fácil a mulher falar das dores”	TG: Comportamento	O psicanalista

ANEXO C – QUADRO DE COLUNAS E ENTREVISTAS POR ANO

Ano	<i>Folha de S. Paulo</i> Colunas	<i>O Globo</i> Colunas	<i>Folha de S. Paulo</i> Entrevistas	<i>O Globo</i> Entrevistas
1980	3	12	0	1
1981	17	5	2	0
1982	15	7	3	0
1983	24	7	1	1
1984	14	4	1	1
1985	14	5	1	0
1986	9	7	4	0
1987	3	4	3	0
1988	13	1	4	0
1989	2	1	2	1
1990	5	2	0	2
1991	5	6	3	1
1992	9	1	4	2
1993	13	6	4	7
1994	20	5	3	5
1995	15	4	4	5
1996	25	19	0	1
1997	17	17	0	1
1998	14	50	1	6
Total	237	163	40	34

Número de textos (colunas e entrevistas) por ano, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*

ANEXO D – QUADRO DE NOMES DE PSICANALISTAS

I) FOLHA DE S. PAULO: COLUNAS

Psicanalista/ano	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	Total	
1- Alcimar de Souza Lima	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
2- Ana Raddi Uchôa*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
3- Angela Oliveira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
4- Antonio Lancetti	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
5- Antonio Quinet	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
6- Benilton Bezerra Júnior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
7- Betty Millan	3	8	1	2	2	3	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	24
8- Cecília Montag Hirschzon*	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
9- Celi Denise Cavallari	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
10- Chaim Samuel Katz	-	2	2	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	8
11- Claudia Corsbisier	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
12- Contardo Calligaris	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	3	5	3	5	-	22
13- Daisy Wajnberg	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
14- Durval Checchinato	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
15- Elias Mallet	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
16- Eliana Calligaris*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
17- Eliane Michelini Marraccini	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
18- Élisabeth Roudinesco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
19- Ernildo Stein	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
20- Eustáchio Portella Nunes	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
21- Fábio Hermann	-	2	-	1	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
22- Fani Hisgail	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
23- Félix Guattari	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
24- Geraldino Alves Ferreira Neto*	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
25- Guilherme W. Machado	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
26- Gregório Baremlitt	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

27- Hélio Pellegrino	-	2	5	12	7	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	27
28- Isidoro Americano do Brasil	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
29- Jorge Forbes	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
30- Jurandir Freire Costa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	2	1	3	4	1	-	14
31- Katerina Koltai	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
32- Liana Reichstul	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
33- Lea Bigliani	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
34- Luiz Fernando Silva Pedroso*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
35- Luiz Tenório Oliveira Lima	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
36- Márcio Peter de Souza Leite*	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
37- Márcio V. Pinheiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
38- Maria de Jesus Belo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
39- Maria Rita Kehl	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-	1	1	1	-	2	3	2	13
40- Marilene Carone	-	1	1	1	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
41- Marilsa Tafarel	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
42- Marina Massi	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	3
43- Marta Suplicy	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	3	4	2	2	2	-	15
44- Miriam Chnaiderman	-	-	-	1	1	1	-	-	2	-	1	1	1	1	2	3	3	1	3	21
45- Melany S. Copit*	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
46- Néstor Perlongher*	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
47- Neuza Nogueira Mazzeo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
48- Octávio Souza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
49- Oscar Cesarotto	-	-	-	-	1	2	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
50- Regina Chnaiderman	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
51- Renata Cromberg	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
52- Renato Mezan	-	-	-	1	-	1	1	2	-	-	1	1	-	3	1	-	-	-	3	14
53- René Branco Coelho	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
54- Richard Bücher	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
55- Rose Marie Muraro*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
56- Rubem Alves	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	4
57- Rubens Marcelo Volich	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

58- Sérgio Telles	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
59- Solange Silva Barbosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
60- Suely Rolnik	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1	-	1	1	-	5	
61- Sylvana Hemsí	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	

*Psicanalistas que possuem apenas colunas em coautoria

Colunas em coautoria (em negrito, destacam-se os psicanalistas que possuem também textos assinados individualmente):

Cecília Montag Hirschzon e Melany S. Copit (1982)

Oscar Cesarotto e Márcio Peter de Souza Leite (1984 e 1985)

Geraldino Alves Ferreira Neto; Márcio Peter de Souza Leite; **Oscar Cesarotto** (1985)

Néstor Perlongher e **Suely Rolnik** (1988)

Luiz Fernando Silva Pedroso e **Celi Denise Cavallari** (1992)

Marta Suplicy e Rose Marie Muraro (1994)

Contardo Calligaris e Eliana Calligaris (1995)

Ana Raddi Uchôa e **Miriam Chnaiderman** (1996)

II) O GLOBO: COLUNAS

Psicanalista/ano	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	Total
1- Alberto Goldin	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	39	39
2- Antônio Quinet	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	2
3- Beatriz Fonseca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	-	-	4
4- Benilton Bezerra Júnior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
5- Beth Müller	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
6- Betty Milan	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
7- Carlos Roberto Saba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
8- Cecília Pedras	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
9- Chaim Samuel Katz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
10- Clara Góes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	-	-	4
11- Clodoaldo Lino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
12- Daniel Kupermann	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
13- Dora Gurfinkel Haratz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
14- Eduardo Kalina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
15- Élisabeth Roudinesco	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
16- Fernando Rocha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
17- Glória Leal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
18- Halina Grymberg	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
19- Hélio Pellegrino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
20- Heloísa Caldas Ribeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
21- Isidoro Americano do Brasil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
22- Iterbio Galliano	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
23- Ivanise Fontes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
24- Jacob David Azulay	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
25- Joel Birman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
26- Jurandir Freire Costa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	3
27- Maria Eliza Nunes Maciel*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

28- Maria Lúcia Alzuguir Gutierrez	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
29- Marília Sodré	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
30- Marta Suplicy	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	3	-	-	6	
31- Miriam Chnaiderman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
32- Moisés Tractenberg	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	2	5	
33- Nelisa Guimarães	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	
34- Octavio Souza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-	3	
35- Orlando Coser Filho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	
36- Paulo Sternick	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Pedro Salas**	12	5	7	7	4	4	7	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	48	
37- Plínio Leite dos Santos Júnior*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
38- Sheiva Scherman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	1	4
39- Sônia Eva Tucherman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
40- Sonia Maria dos Santos Braga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
41- Waldemar Zusman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	-	8	
42- Wilson Chebabi	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

*Psicanalistas que possuem apenas colunas em coautoria

**Contabilizamos o pseudônimo e o nome como um único colunista (Pedro Salas = Paulo Sternick)

Colunas em coautoria (em negrito, destacam-se os psicanalistas que possuem também textos assinados individualmente):

Plínio Leite dos Santos Júnior e Maria Eliza Pereira Nunes Maciel (1997)

III) FOLHA DE S. PAULO: ENTREVISTAS

Psicanalista/ano	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	Total
1- Conrad Stein	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
2- Contardo Calligaris	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
3- Cornelius Castoriadis	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
4- Donald Spence	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
5- Eduardo Mascarenhas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
6- Elias Mallet da Rocha Barros	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
7- Élisabeth Roudinesco	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
8- Emilio Rodrigué	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
9- Fábio Hermann	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
10- Félix Guattari	-	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
11- Flavio Dias	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
12- Francisco Daudt da Veiga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
13- Hélio Pellegrino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
14- Hugo Denizart	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
15- Jacques-Alain Miller	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
16- Jean Clavreul	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
17- Jean Laplanche	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2
18- Joel Birman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
19- Joseph Attié	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
20- Jurandir Freire Costa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	1	3
21- Luis Tenório Oliveira Lima	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
22- Lydia Flem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
23- Marie-Claire Boons	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
24- Nelson Carozzo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
25- Octavio Souza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
26- Paulo Fernando Queiroz Siqueira	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
27- Pierre Fédida	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

28- Renato Mezan	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	5
29- Virgínia Bicudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1

IV) O GLOBO: ENTREVISTAS

Psicanalista/ano	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	Total
1- Alberto Goldin	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	3
2- Alessandra Piontelli	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
3- Catherine Millot	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
4- Cyro Marcos da Silva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
5- Eduardo Kalina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
6- Eduardo Mascarenhas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
7- Élisabeth Roudinesco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
8- Emilio Rodrigué	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
9- Félix Guattari	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
10- Francisco Daudt da Veiga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
11- Gérard Pommier	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
12- Hélio Pellegrino*	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
13- Humberto Haydt	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
14- Isaac José Nigri*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
15- Isidoro Americano do Brasil*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
16- Jacques-Alain Miller	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
17- Jean Laplanche	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
18- José Nazar*	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
19- Juan Carlos Kusnetzoff	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
20- Julia Kristeva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
21- Jurandir Freire Costa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	2
22- Luiz Alfredo Garcia Roza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
23- Marcos Baptista	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
24- Marta Suplicy	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
25- Michael Kaufman	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
26- Miguel Calmon	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
27- Paul-Laurent Assoun	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1

28- Roberto Freire	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
29- Rosine Josef Perelberg	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
30- Serge André	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
31- Sonia Alberti	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
32- Therezinha Penna	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1

*Psicanalistas identificados apenas em entrevistas conjuntas

Entrevistas conjuntas com mais de um psicanalista:

Hélio Pellegrino e José Nazar (1983)

Isaac José Nigri e Isidoro Eduardo Americano do Brasil (1990)

ANEXO E – QUADRO DE FAMÍLIAS TEMÁTICAS POR ANO

I) FOLHA DE SÃO PAULO: COLUNAS

Ano	Temas Especializados (TE)/ Tema Geral (TG)	Famílias Temáticas
1980	TG (3)	Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Comportamento (1)
1981	TE (6)	Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (4)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (14)	Cultura (5)
		Violência (3)
		Comportamento (2)
		Debates Ideológicos (1)
		Sentimentos (1)
		Desigualdades e Direitos Humanos (1)
		Política (1)
1982	TE (11)	Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (8)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (2)
		Formação psicanalítica (1)
	TG (4)	Cultura (2)
		Violência (1)
1983	TE (9)	Teoria Psicanalítica (3)
		Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (2)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Formação Psicanalítica (1)
		História da Psicanálise (1)
		Prática psicanalítica (1)
	TG (16)	Debates ideológicos (4)

		Desigualdade e Direitos Humanos (4)
		Violência (2)
		Cultura (2)
		Sentimentos (2)
		Mundo (1)
		Política (1)
1984	TE (1)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (15)	Cultura (5)
		Desigualdade e Direitos Humanos (3)
		Política (3)
		Debates Ideológicos (2)
		Violência (1)
		Comportamento (1)
1985	TE (13)	Teoria Psicanalítica (5)
		Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (3)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (2)
		Divulgação do pensamento psicanalítico (1)
		Prática Psicanalítica (1)
		Biografia de Psicanalista (1)
	TG (8)	Debates Ideológicos (2)
		Política (2)
		Cultura (2)
		Temas Jurídicos (1)
		Desigualdades e Direitos Humanos (1)
1986	TE (7)	Teoria Psicanalítica (3)
		Formação Psicanalítica (1)
		Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (1)
		História da Psicanálise (1)
		Biografia de Psicanalista (1)
	TG (4)	Política (1)
		Desigualdades e Direitos Humanos (1)

		Cultura (1)
		Temas Jurídicos (1)
1987	TE (3)	Teoria Psicanalítica (2)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (1)	Debates Ideológicos (1)
1988	TE (12)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (5)
		Divulgação do pensamento psicanalítico (3)
		Teoria Psicanalítica (2)
		História da psicanálise (1)
		Prática Psicanalítica (1)
	TG (2)	Comportamento (1)
		Cultura (1)
1989	TE (2)	Teoria Psicanalítica (1)
		Prática Psicanalítica (1)
	TG (1)	Política (1)
1990	TE (2)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (3)	Educação (1)
		Saúde (1)
		Política (1)
1991	TE (2)	Teoria Psicanalítica (1)
		Biografia de Psicanalista (1)
	TG (3)	Saúde (2)
		Política (1)
1992	TE (1)	Teoria Psicanalítica (1)
	TG (11)	Comportamento (2)
		Sentimentos (2)
		Violência (2)
		Saúde (1)
		Cultura (1)
		Debates Ideológicos (1)
Temas Jurídicos (1)		

		Política (1)
1993	TE (5)	Teoria Psicanalítica (2)
		Biografia de Psicanalista (1)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Divulgação do Pensamento Psicanalítico (1)
	TG (12)	Comportamento (3)
		Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Temas Jurídicos (2)
		Violência (1)
		Debates Ideológicos (1)
		Política (1)
		Mundo (1)
		Cultura (1)
1994	TE (3)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
		Biografia de Psicanalista (1)
	TG (17)	Cultura (5)
		Desigualdades e Direitos Humanos (3)
		Sentimentos (2)
		Comportamento (2)
		Temas Jurídicos (2)
		Debates Ideológicos (1)
		Economia (1)
Política (1)		
1995	TE (6)	Teoria Psicanalítica (3)
		Saberes Psicanalítico e Outros Saberes (2)
		Divulgação do pensamento psicanalítico (1)
	TG (13)	Cultura (3)
		Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Sentimentos (2)
		Saúde (2)
		Comportamento (1)
Política (1)		

		Debates Ideológicos (1)
		Mundo (1)
1996	TE (4)	Instituições psicanalíticas e/ou Outras Instituições (2)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Divulgação do Pensamento Psicanalítico (1)
	TG (28)	Cultura (8)
		Violência (5)
		Debates Ideológicos (4)
		Saúde (3)
		Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Política (2)
		Comportamento (2)
Mundo (2)		
1997	TE (3)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
		Prática Psicanalítica (1)
	TG (17)	Cultura (6)
		Debates Ideológicos (2)
		Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Comportamento (2)
		Sentimentos (2)
		Mundo (1)
		Temas Jurídicos (1)
Política (1)		
1998	TE (3)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		História da Psicanálise (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (12)	Comportamento (5)
		Temas Jurídicos (2)
		Cultura (2)
		Desigualdades e Direitos Humanos (1)
		Mundo (1)
Sentimentos (1)		

II) *O GLOBO*: COLUNAS

Ano	Temas Especializados (TE)/ Tema Geral (TG)	Famílias Temáticas
1980	TE (4)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (2)
		Instituições Psicanalíticas e Outras Instituições (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (9)	Comportamento (5)
		Sentimentos (3)
		Debates Ideológicos (1)
1981	TE (1)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (4)	Comportamento (2)
		Sentimentos (2)
1982	TE (2)	Prática Psicanalítica (1)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (5)	Comportamento (3)
		Sentimentos (2)
1983	TG (8)	Comportamento (7)
		Sentimentos (1)
1984	TE (1)	Prática Psicanalítica (1)
	TG (3)	Comportamento (3)
1985	TG (5)	Comportamento (2)
		Sentimentos (2)
		Violência (1)
1986	TG (7)	Comportamento (3)
		Sentimentos (4)
1987	TE (1)	História da Psicanálise (1)
	TG (3)	Comportamento (2)
		Sentimentos (1)
1988	TG (1)	Comportamento (1)
1989	TG (1)	Cultura (1)
1990	TE (1)	Teoria Psicanalítica (1)

	TG (1)	Cultura (1)
1991	TE (3)	Prática Psicanalítica (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
		Biografia de Psicanalista (1)
	TG (4)	Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Cultura (1)
	Debates Ideológicos (1)	
1992	TE (1)	Teoria Psicanalítica (1)
1993	TE (3)	Teoria Psicanalítica (2)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (4)	Cultura (3)
		Saúde (1)
1994	TE (4)	Teoria Psicanalítica (2)
		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Prática Psicanalítica (1)
	TG (2)	Comportamento (1)
		Cultura (1)
1995	TG (6)	Desigualdades e Direitos Humanos (2)
		Comportamento (1)
		Política (1)
		Saúde (1)
		Cultura (1)
1996	TE (4)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (3)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (23)	Comportamento (6)
		Desigualdades e Direitos Humanos (5)
		Cultura (5)
		Temas jurídicos (2)
		Política (2)
		Saúde (1)
		Sentimentos (1)
Debates Ideológicos (1)		
1997	TE (10)	Teoria Psicanalítica (5)

	TG (11)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (4)
		Divulgação do Pensamento Psicanalítico (1)
		Comportamento (5)
		Violência (2)
		Debates Ideológicos (1)
		Saúde (1)
		Política (1)
Cultura (1)		
1998	TE (3)	Teoria Psicanalítica (1)
		Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (1)
		Formação Psicanalítica (1)
	TG (50)	Sentimentos (26)
		Comportamento (17)
		Violência (2)
		Saúde (2)
		Cultura (1)
		Educação (1)
		Debates Ideológicos (1)

III) FOLHA DE S. PAULO: ENTREVISTAS

Ano	Temas Especializados (TE)/ Tema Geral (TG)	Famílias Temáticas
1981	TE (2)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (2)
	TG (1)	Desigualdades e Direitos Humanos (1)
1982	TE (1)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (2)	Debates Ideológicos (1)
		Política (1)
1983	TE (1)	Teoria Psicanalítica (1)
1984	TE (2)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
1985	TE (1)	História da Psicanálise (1)
1986	TE (7)	Formação Psicanalítica (3)
		Prática Psicanalítica (3)
		Teoria Psicanalítica (1)
1987	TE (3)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (2)
		História da Psicanálise (1)
1988	TE (3)	Divulgação do Pensamento Psicanalítico (2)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (1)	Política (1)
1989	TE (3)	Teoria Psicanalítica (1)
		Formação Psicanalítica (1)
		Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (1)
1991	TE (2)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Divulgação do Pensamento Psicanalítico (1)
	TG (1)	Política (1)
1992	TE (1)	Teoria Psicanalítica (1)
	TG (5)	Violência (2)
		Política (2)
		Comportamento (1)
1993	TE (3)	Teoria Psicanalítica (1)
		Divulgação do Pensamento Psicanalítico (1)

		Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (2)	Debates Ideológicos (1)
		Saúde (1)
1994	TE (3)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (2)
		História da Psicanálise (1)
	TG (1)	Saúde (1)
1995	TE (4)	Teoria Psicanalítica (2)
		Biografia de Psicanalista (1)
		História da Psicanálise (1)
	TG (3)	Cultura (2)
		Comportamento (1)
1998	TG (1)	Sentimentos (1)

IV) O GLOBO: ENTREVISTAS

Ano	Temas Especializados (TE)/ Tema Geral (TG)	Famílias Temáticas
1980	TE (2)	Teoria Psicanalítica (1)
		Prática Psicanalítica (1)
1983	TE (1)	Prática Psicanalítica (1)
	TG (1)	Economia (1)
1984	TG (2)	Cultura (1)
		Política (1)
1989	TE (1)	Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (1)
1990	TE (2)	Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições (1)
		Formação Psicanalítica (1)
	TG (1)	Comportamento (1)
1991	TG (1)	Comportamento (1)
1992	TE (1)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
	TG (1)	Comportamento (1)
1993	TE (2)	Instituição Psicanalítica e/ou Outras Instituições (1)
		Teoria Psicanalítica (1)
	TG (5)	Saúde (2)
		Comportamento (1)
		Educação (1)
		Sentimentos (1)
1994	TE (3)	Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes (1)
		Biografia de Psicanalista (2)
	TG (2)	Desigualdades e Direitos Humanos (1)
		Comportamento (1)
1995	TE (1)	Teoria Psicanalítica (2)
	TG (4)	Saúde (1)
		Desigualdades e Direitos Humanos (1)

		Economia (1)
		Comportamento (1)
		Violência (1)
1996	TE (1)	Biografia de Psicanalista (1)
1997	TG (1)	Temas Jurídicos (1)
1998	TE (1)	Teoria Psicanalítica (1)
	TG (5)	Comportamento (3)
		Sentimentos (1)
		Política (1)

ANEXO F – QUADRO DE TOTAL DE OCORRÊNCIAS POR TEMÁTICA

I) TEMA ESPECIALIZADO (TE): COLUNAS

Família Temática	Folha de S. Paulo	O Globo	Total
Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	21	13	34
Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições	20	2	22
Teoria Psicanalítica	28	15	43
Prática Psicanalítica	5	4	9
Formação Psicanalítica	3	1	4
Divulgação do Pensamento Psicanalítico	7	1	8
História da Psicanálise	4	1	5
Biografias de Psicanalistas	5	1	6
<i>Total de TE (colunas)</i>	<i>93</i>	<i>38</i>	<i>131</i>

II) TEMA GERAL (TG): COLUNAS

Família Temática	Folha de S. Paulo	O Globo	Total
Debates Ideológicos	21	5	26
Política	18	4	22
Mundo	7	0	7
Desigualdades e Direitos Humanos	24	9	33
Temas Jurídicos	10	2	12
Economia	1	0	1
Arte e Cultura	44	15	59
Saúde	9	6	15
Sentimentos	12	42	54
Violência	17	5	22
Comportamento	22	58	80
Educação	1	1	2
<i>Total de TG (colunas)</i>	<i>186</i>	<i>147</i>	<i>333</i>

III) TEMA ESPECIALIZADO (TE): ENTREVISTAS

Família Temática	Folha de S. Paulo	O Globo	Total
Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes	10	2	12
Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições	1	3	4
Teoria Psicanalítica	9	4	13
Prática Psicanalítica	1	2	3
Formação Psicanalítica	2	1	3
Divulgação do Pensamento Psicanalítico	5	0	5
História da Psicanálise	4	0	4
Biografias de Psicanalistas	1	2	3
<i>Total de TE (colunas)</i>	<i>33</i>	<i>14</i>	<i>47</i>

IV) TEMA GERAL (TG): ENTREVISTAS

Família Temática	Folha de S. Paulo	O Globo	Total
Debates Ideológicos	2	0	2
Política	5	2	7
Mundo	0	0	0
Desigualdades e Direitos Humanos	1	2	3
Temas Jurídicos	0	1	1
Economia	0	2	2
Arte e Cultura	1	1	2
Saúde	2	3	5
Sentimentos	1	2	3
Violência	2	1	3
Comportamento	2	9	11
Educação	0	1	1
<i>Total de TG (colunas)</i>	<i>16</i>	<i>24</i>	<i>40</i>

ANEXO G – LISTA DE TÍTULOS DE COLUNAS (NOMES PRÓPRIOS)

D) *FOLHA DE S. PAULO*

1. **Freud**, o feminino e o feminismo (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 22/10/1980)
2. Grande nome depois de **Sigmund Freud** (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 11/09/1981)
3. Presença de **Mário** (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 20/12/1981)
4. A resposta da diretoria do Ibrapsi a **Chaim Samuel Katz** (BAREMBLITT, *Folha de S. Paulo*, 20/06/1982)
5. **Ana**, como **Gláuber** (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 09/11/1982)
6. **Platão** versus **Kant**: o conflito de duas alegorias (STEIN, *Folha de S. Paulo*, 09/01/1983)
7. **Anna O.** – psicanálise e transmissão (FORBES, *Folha de S. Paulo*, 23/01/1983)
8. O caso **Toni Negri**: justiça à italiana (GUATTARI, *Folha de S. Paulo*, 27/02/1983)
9. Reencontro com **Melanie Klein** (TAFAREL, *Folha de S. Paulo*, 22/05/1983)
10. Horkos ou “pelos charutos de **Freud**” (HERMANN, *Folha de S. Paulo*, 12/06/1983)
11. Lembrança de **Mário de Andrade** (PELLEGRINO, *Folha de S. Paulo*, 21/10/1983)
12. Pensando em **Anatol Rosenfeld** (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 15/01/1984)
13. **Foucault** e a loucura (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 26/08/1984)
14. **Nelson** e **Graciliano**: Memórias do Cárcere (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 02/09/1984)
15. **Lacan** surrealista (CESAROTTO; SOUZA LEITE, *Folha de S. Paulo*, 11/11/1984)
16. **Freud** superstar (CESAROTTO; SOUZA LEITE, *Folha de S. Paulo*, 16/06/1985)
17. **Freud** em português (2) (CARONE, *Folha de S. Paulo*, 20/10/1985)
18. **Oscar Masotta** e o modelo pulsional (CESAROTTO, *Folha de S. Paulo*, 24/08/1986)
19. **Lobo**, um psicanalista no divã (KATZ, *Folha de S. Paulo*, 26/10/1986)
20. **Freud** em português (CARONE, *Folha de S. Paulo*, 23/01/1987)
21. Perspectiva lança livro sobre **Klein** (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 25/11/1987)
22. **Conrad Stein** examina teoria e prática francesas (LIMA, *Folha de S. Paulo*, 09/04/1988)
23. **Bettelheim**, 84, fala à antiga para pais de hoje (REICHSTUL, *Folha de S. Paulo*, 25/06/1988)
24. **Green** desvela articulações entre o narcisismo e a pulsão de morte (CROMBERG, *Folha de S. Paulo*, 08/10/1988)

25. “História” de **Roudinesco** recupera a saga do pensamento lacaniano (CESAROTTO, *Folha de S. Paulo*, 08/10/1988)
26. 7º Seminário de **Lacan** trata da clínica psicanalítica (FORBES, *Folha de S. Paulo*, 08/10/1988)
27. **Horstein** questiona a cisão entre conhecimento e cura na psicanálise (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 13/10/1988)
28. Uma semana para discutir **Jacques Lacan** (HISGAIL, *Folha de S. Paulo*, 18/10/1988)
29. **Lacan** contra **Aristóteles** (QUINET, *Folha de S. Paulo*, 22/10/1988)
30. **Cathérine Clément** propõe refletir sobre a “badalação” psicanalítica (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 10/12/1988)
31. **Freire Costa** se interroga sobre os limites da psicanálise (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 21/01/1989)
32. **Tausk** instiga o diálogo atual sobre a loucura (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 07/07/1990)
33. **Enriquez** estabelece um diálogo entre a sociologia e a psicanálise (KEHL, *Folha de S. Paulo*, 15/09/1990)
34. **Lacan** oscila entre o céu e o inferno em três relatos sobre o psicanalista (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 17/08/1991)
35. Ensaio de **Le Guen** empreende volta a Freud (MEZAN, *Folha de S. Paulo*, 21/09/1991)
36. O dr. **Veronesi** e a Aids (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 13/06/1992)
37. **Lacan** explora o avesso da psicanálise (KOLTAI, *Folha de S. Paulo*, 14/06/1992)
38. **Eros** passeia de casaca preta (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 27/12/1992)
39. Biógrafa usou os arquivos da filha de **Freud** (BARBOSA, *Folha de S. Paulo*, 28/03/1993)
40. “Tatuagens” lê signos de **Régis Bonvicino** (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 15/09/1993)
41. Olho clínico – **Lula** como **Antígona** (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 05/06/1994)
42. **Silvio Santos** preserva submissão feminina (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 27/06/1994)
43. Governo **FHC**: Comunidade Solidária aos bancos (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 09/12/1995)

44. O enterro de **Miterrand** e a tradição do amor cortês (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 19/01/1996)
45. Explicação de **Goldhagen** é retrocesso (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 12/05/1996)
46. Nas origens de **Shakespeare** (WAJNBERG, *Folha de S. Paulo*, 07/07/1996)
47. O mundo encantado de **Mário Peixoto** (COSTA, *Folha de S. Paulo*, 14/07/1996)
48. Suicídios traem **Russo** (CHNAIDERMAN, *Folha de S. Paulo*, 19/10/1996)
49. As amigas de **Sheherazade** (WAJNBERG, *Folha de S. Paulo*, 09/02/1997)
50. A África do Sul, as mulheres e **FHC** (SUPLICY, *Folha de S. Paulo*, 14/02/1997)
51. Caro sr. **Roberto Marinho**... (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 17/02/1997)
52. Morte preservou imagem virgem de **Diana** (CALLIGARIS, *Folha de S. Paulo*, 07/09/1997)
53. “Ela”, de **Zé Celso**, limpa a alma (MILAN, *Folha de S. Paulo*, 19/12/1997)
54. Caro senhor **Roberto Marinho** (ALVES, *Folha de S. Paulo*, 11/03/1998)

II) *O GLOBO*

1. Um romance não iniciado, mas já absolvido por **Freud** (SALAS, *O Globo*, 04/07/1982)
2. No gabinete de **Lacan** (SOUZA, *O Globo*, 16/09/1990)
3. “**Drummond** tinha a imensa capacidade de simbolizar o mundo” (PELLEGRINO, *O Globo*, 23/09/1990)
4. **Lacan** para os íntimos (AMERICANO DO BRASIL, *O Globo*, 16/06/1991)
5. Um inventário de **Freud** (GRYMBERG, *O Globo*, 20/10/1991)
6. Nem **Zélia**, nem **Zuleide** (SUPLICY, *O Globo*, 10/11/1991)
7. Nunca houve uma mulher como **Dora** (LINO, *O Globo*, 14/06/1992)
8. Mergulho no planeta **Lacan** (GÓES, *O Globo*, 31/10/1993)
9. **Napoleão** em crise de identidade (FONSECA, *O Globo*, 05/12/1993)
10. O sonho inacabado de **Visconti** (FONSECA, *O Globo*, 02/01/1994)
11. **Veras e Edmundo**s, mitos e drogas (ZUSMAN, *O Globo*, 12/01/1996)
12. Por que **Jorge Romano**? (COSTA, *O Globo*, 10/05/1996)
13. O homossexualismo avança. “O argumento central de **Sullivan** é discutível” (COSTA, *O Globo*, 01/06/1996)
14. Palavras em movimento nos poemas de **Bonvicino** (CHNAIDERMAN, *O Globo*, 29/06/1996)
15. **Strachey** roubou a “dimensão trágica” de **Freud** (KATZ, *O Globo*, 27/09/1997)
16. Aula de **Robin Baker** sobre sexualidade humana pode chocar alguns leitores (SABA, *O Globo*, 18/10/1997)
17. Coletânea mostra rigor do pensamento de **Lacan** (QUINET, *O Globo*, 06/12/1997)

ANEXO H – GRÁFICOS

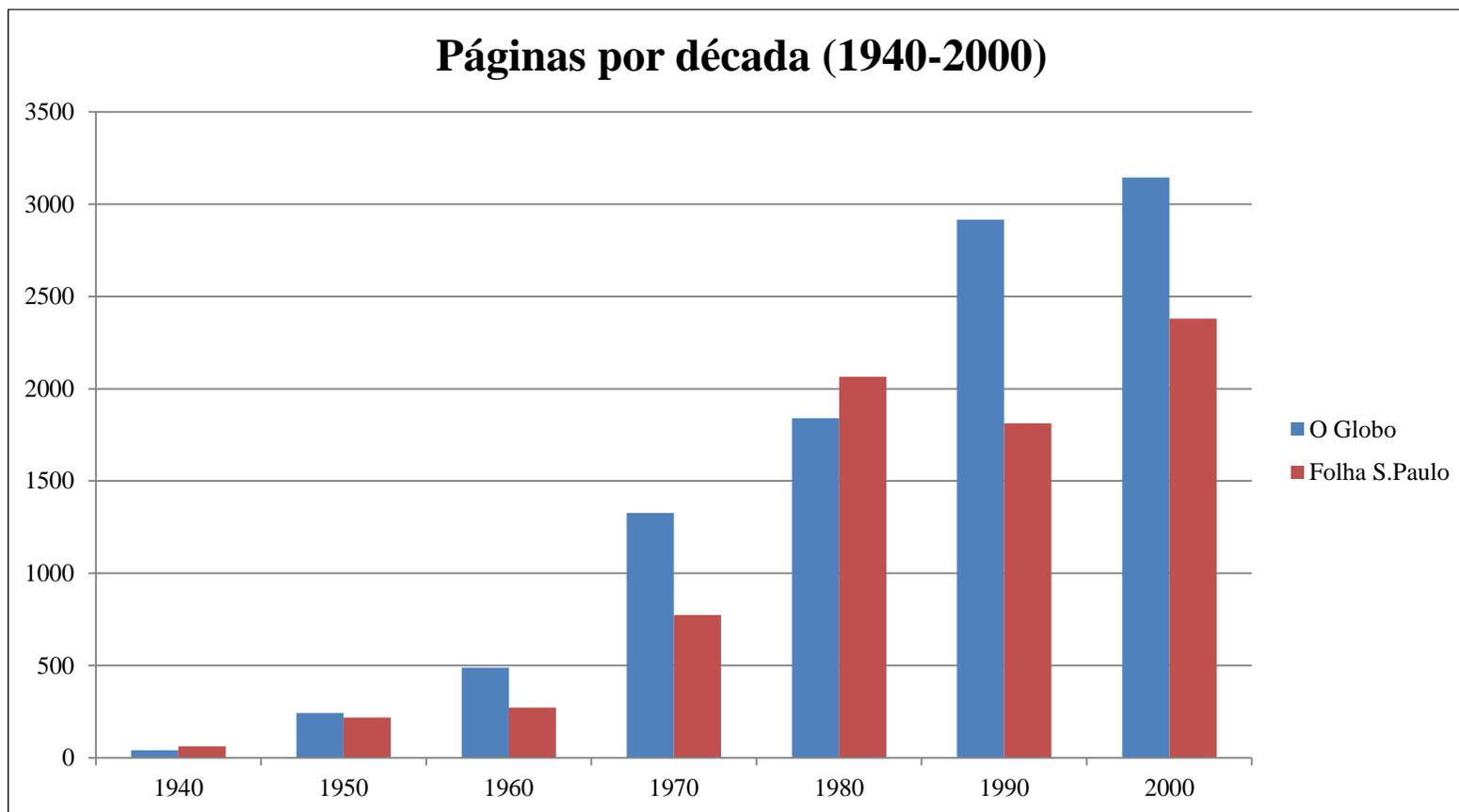


Gráfico 1: Número de páginas por década, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1940-2000)

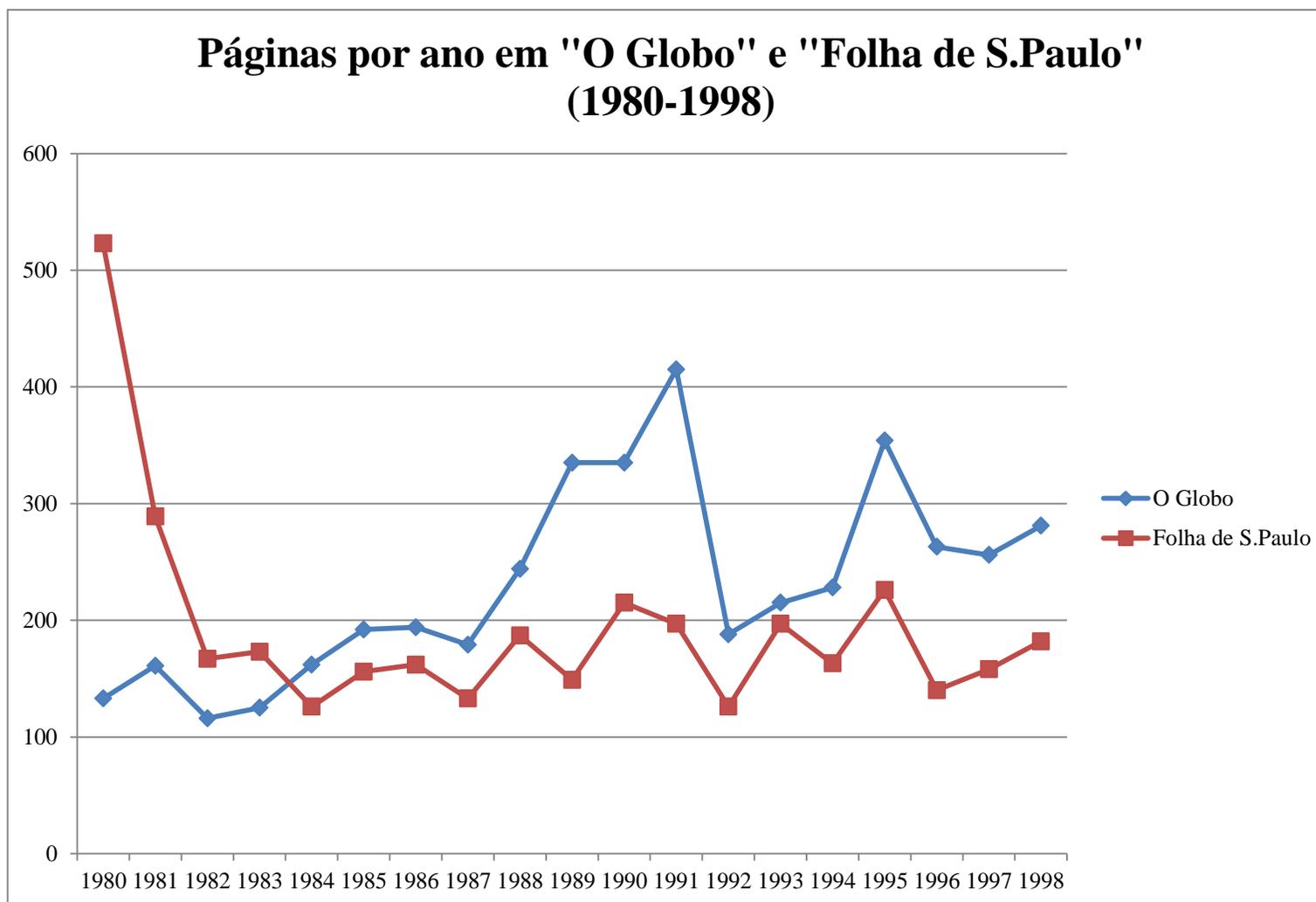


Gráfico 2: Número de páginas por ano, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1980-1998)

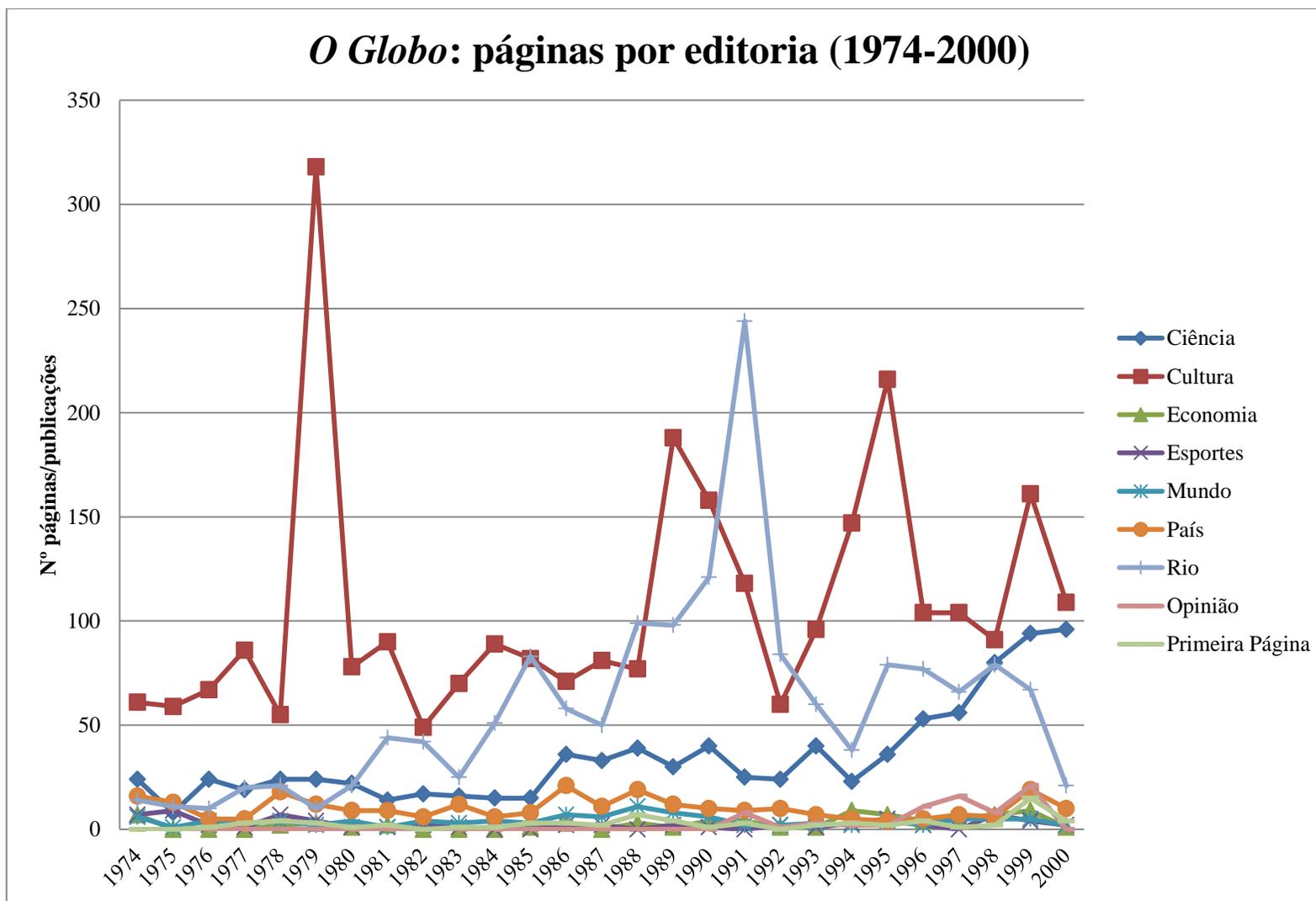


Gráfico 3: Número de páginas por editoria, em *O Globo* (1974-2000)

Folha de S. Paulo: páginas por editoria (1974-2000)

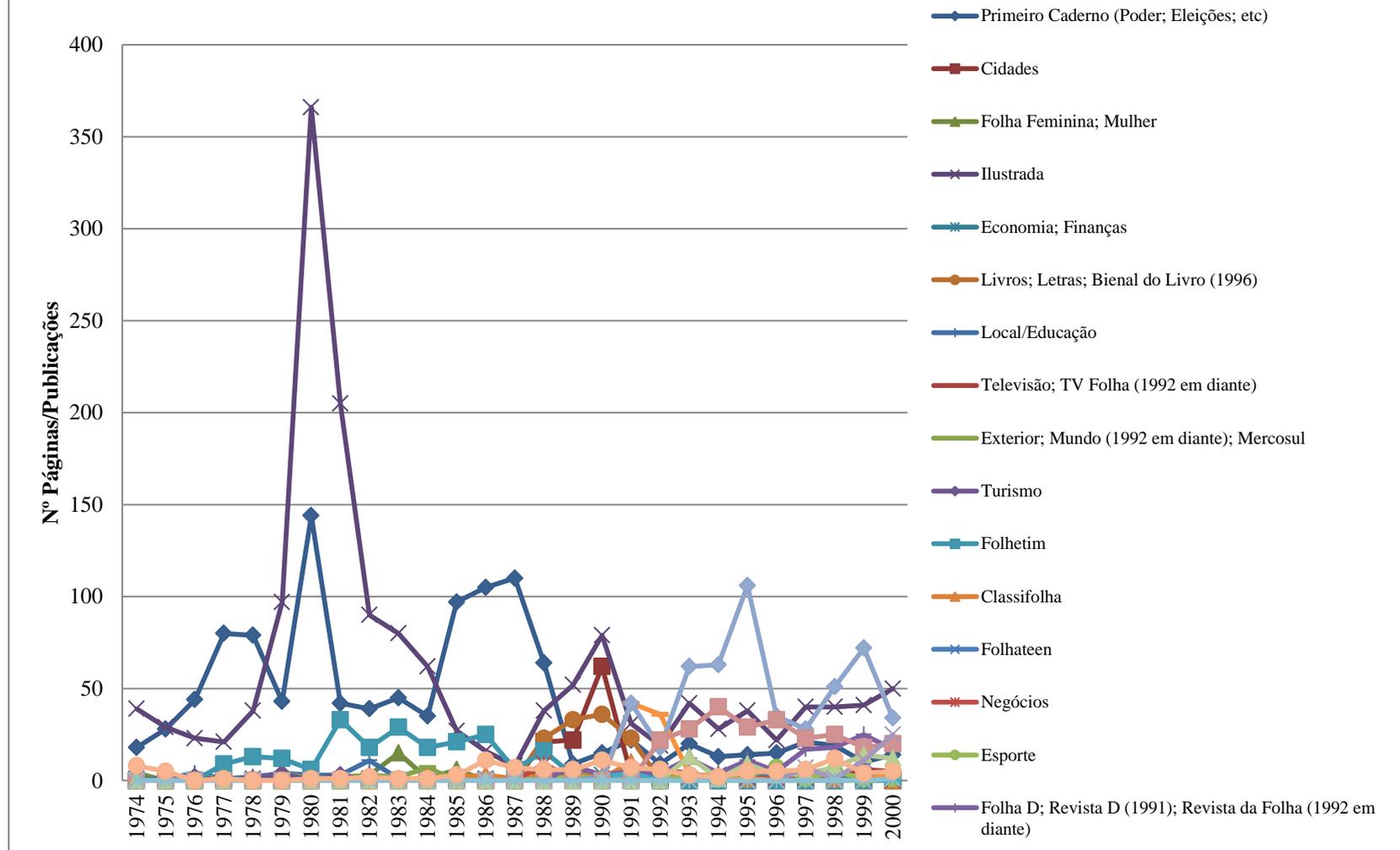


Gráfico 4: Número de páginas por editoria, em *Folha de S. Paulo* (1974-2000)

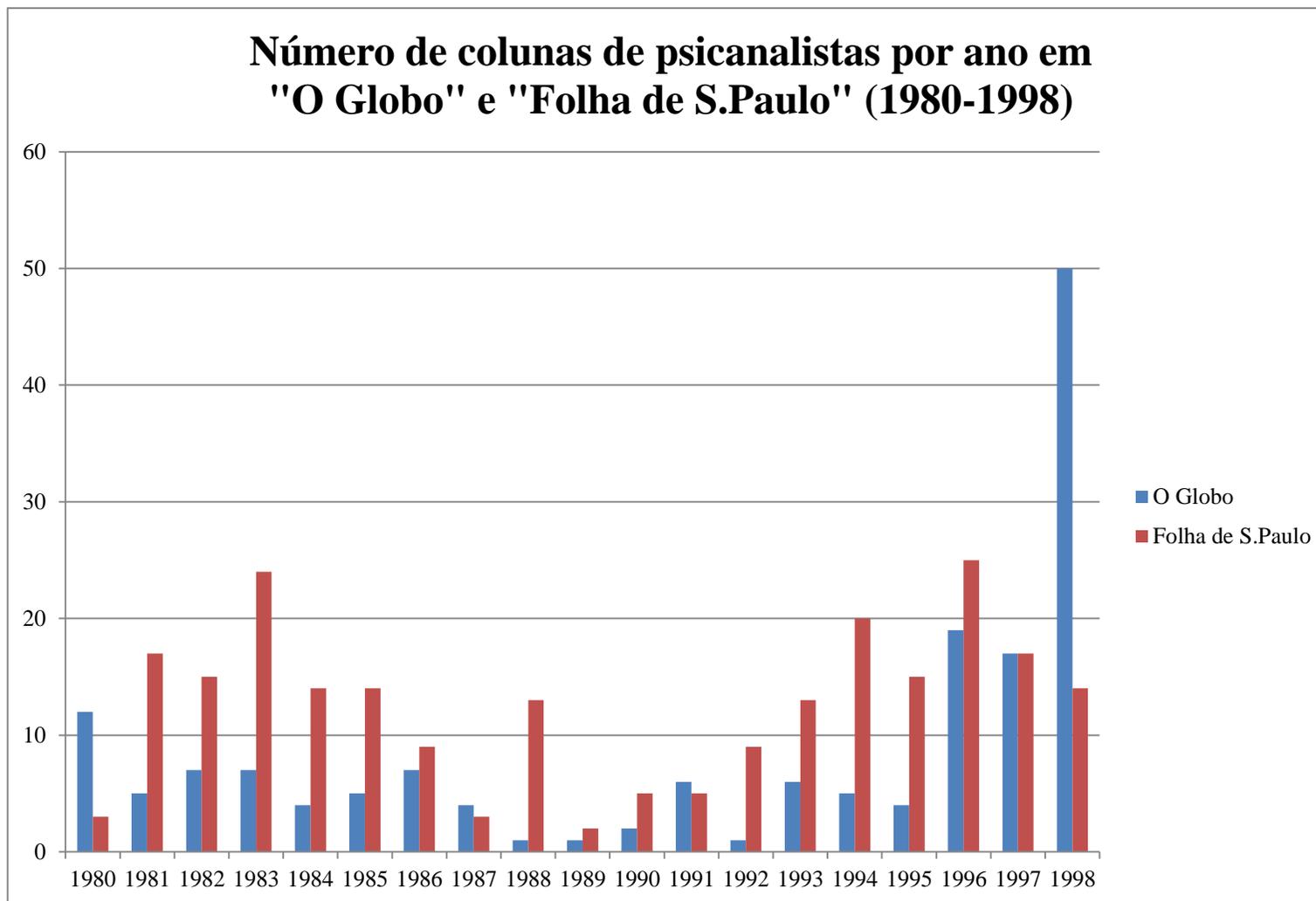


Gráfico 5: Número de colunas assinadas por psicanalistas por ano nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo (1980-1998)

Número de entrevistas com psicanalistas por ano em colunas de "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1980-1998)

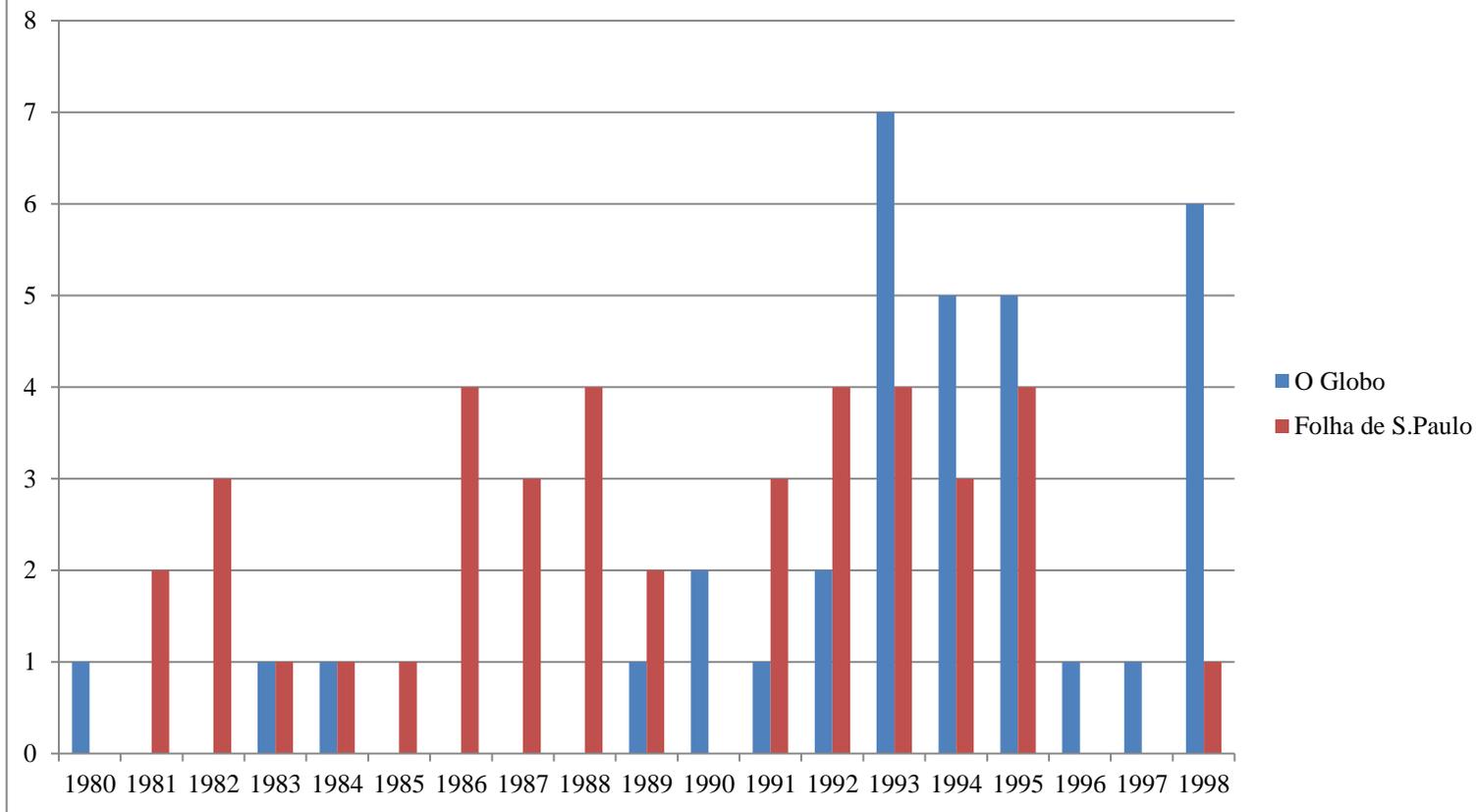


Gráfico 6: Número de entrevistas por ano com psicanalistas em colunas dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo (1980-1998)

Ocorrências de TE e TG por ano em colunas de "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1980-1989)

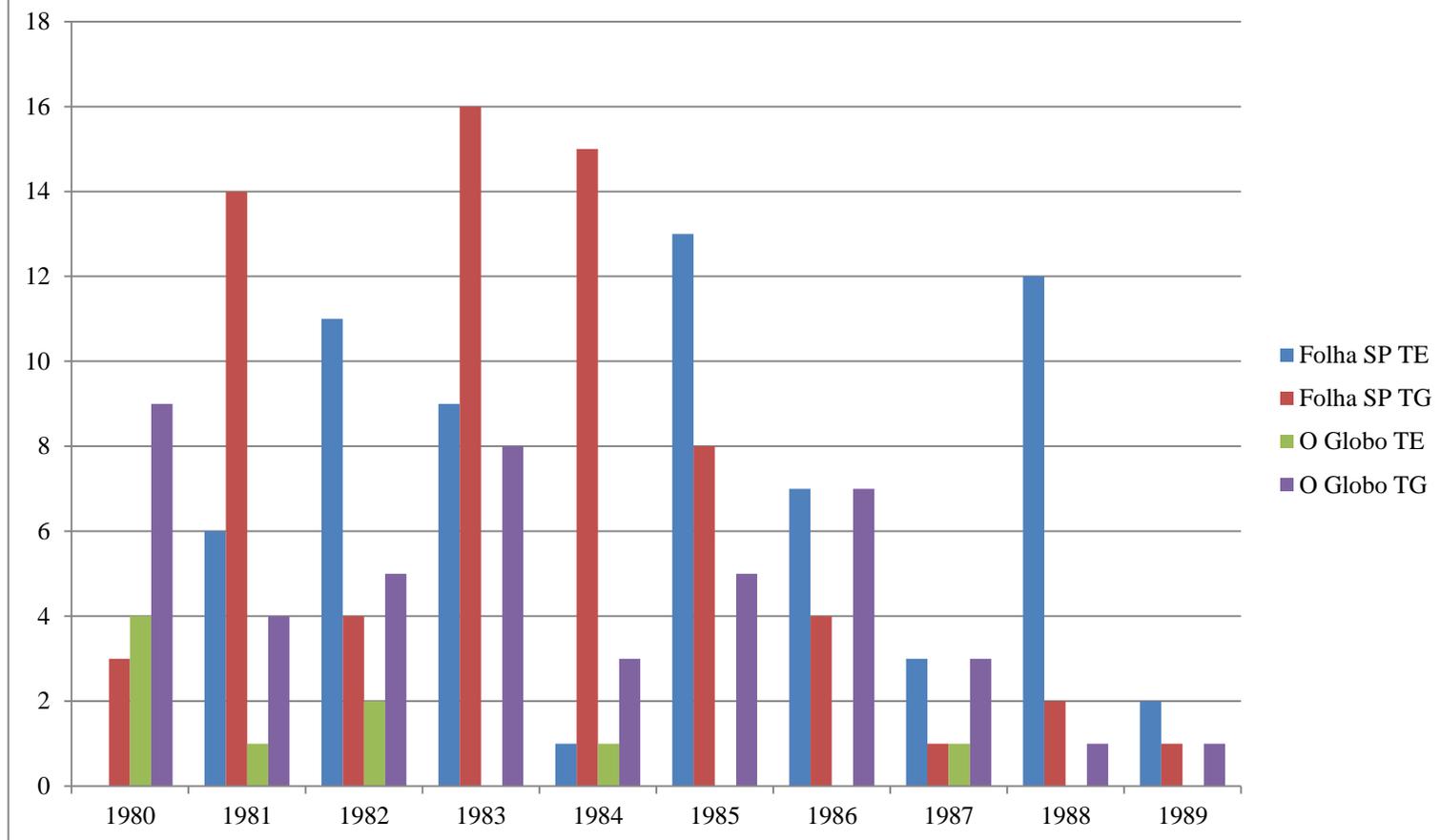


Gráfico 7: Trajeto temático (TE e TG) por ano, em colunas dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo (1980-1989)

Ocorrências de TE e TG por ano em colunas de "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1990-1998)

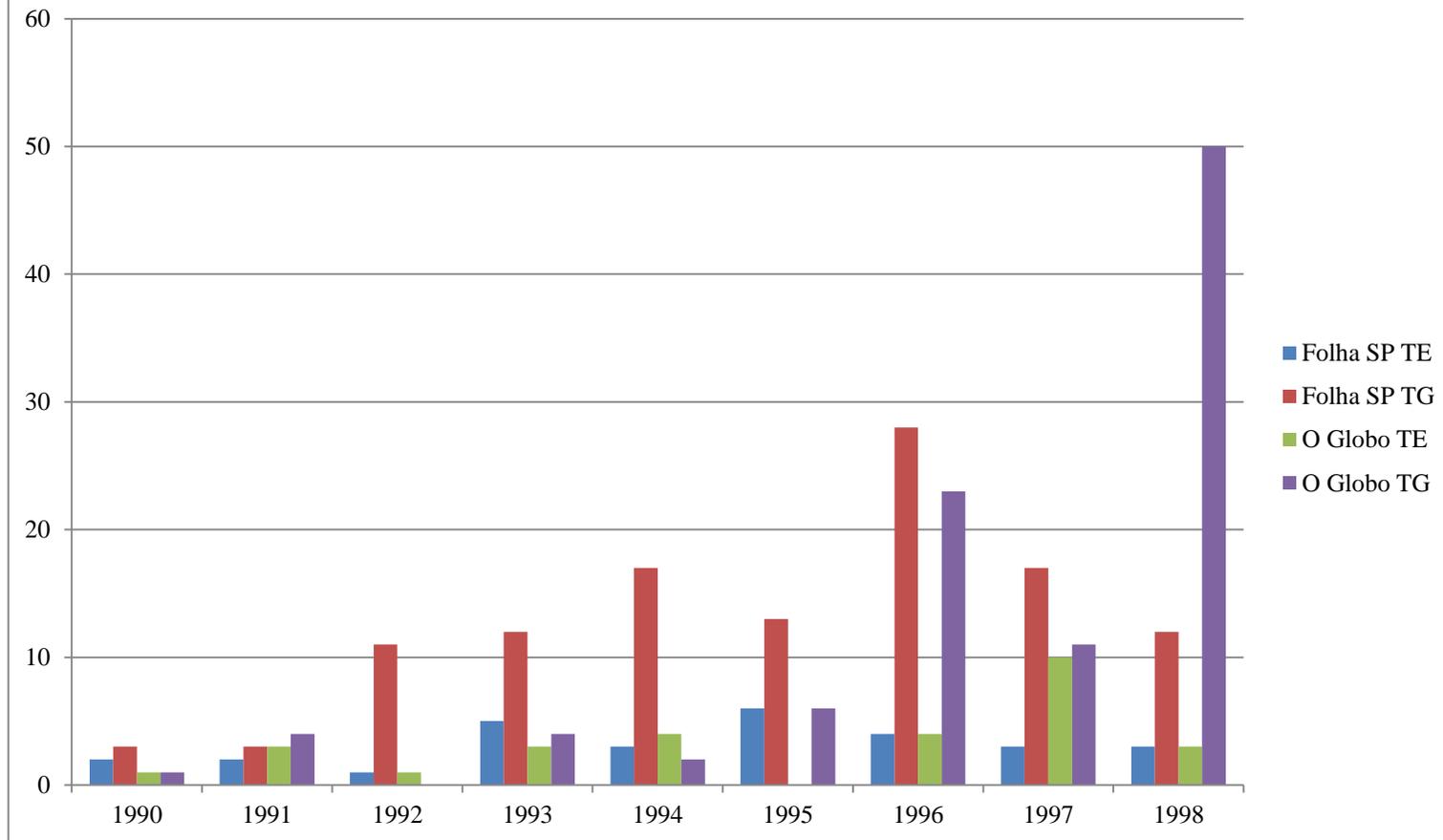


Gráfico 8: Percurso temático (TE e TG) por ano, em colunas dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo (1990-1998)

Ocorrências dos principais Temas Especializados por ano em colunas de "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1980-1989)

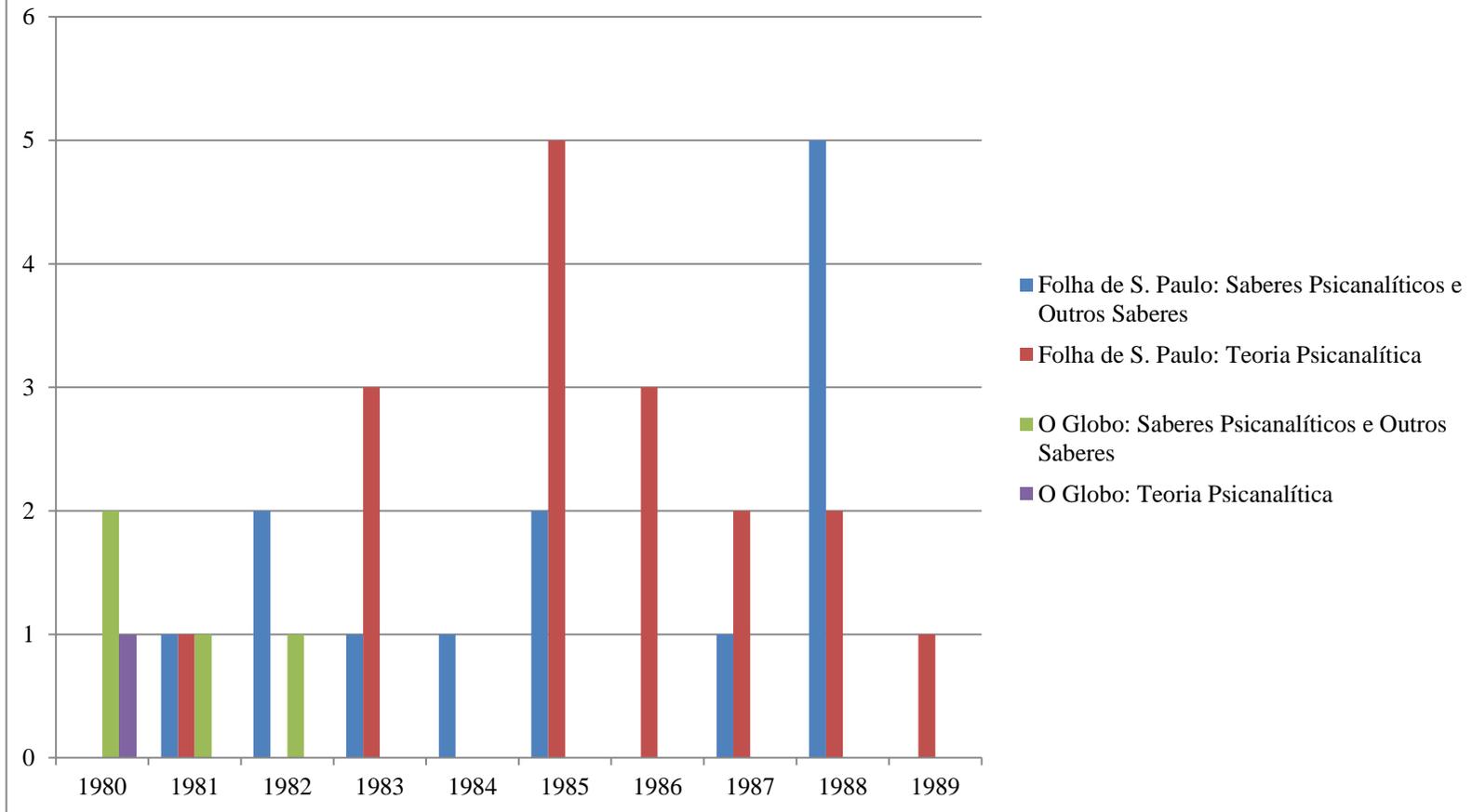


Gráfico 9: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” e “Teoria Psicanalítica”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1980-1989)

Ocorrências dos principais Temas Especializados por ano em colunas de "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1990-1998)

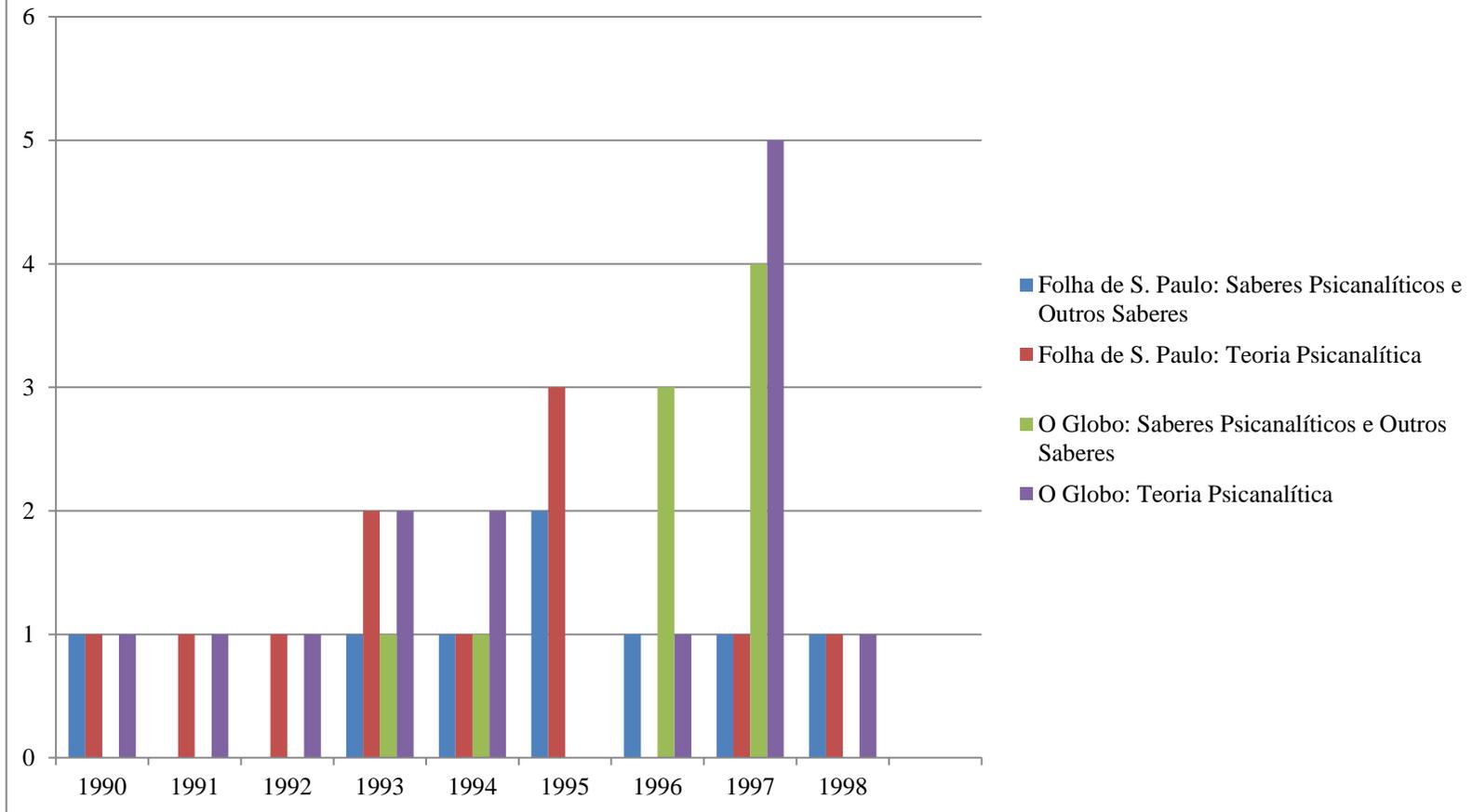


Gráfico 10: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes” e “Teoria Psicanalítica”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1990-1998)

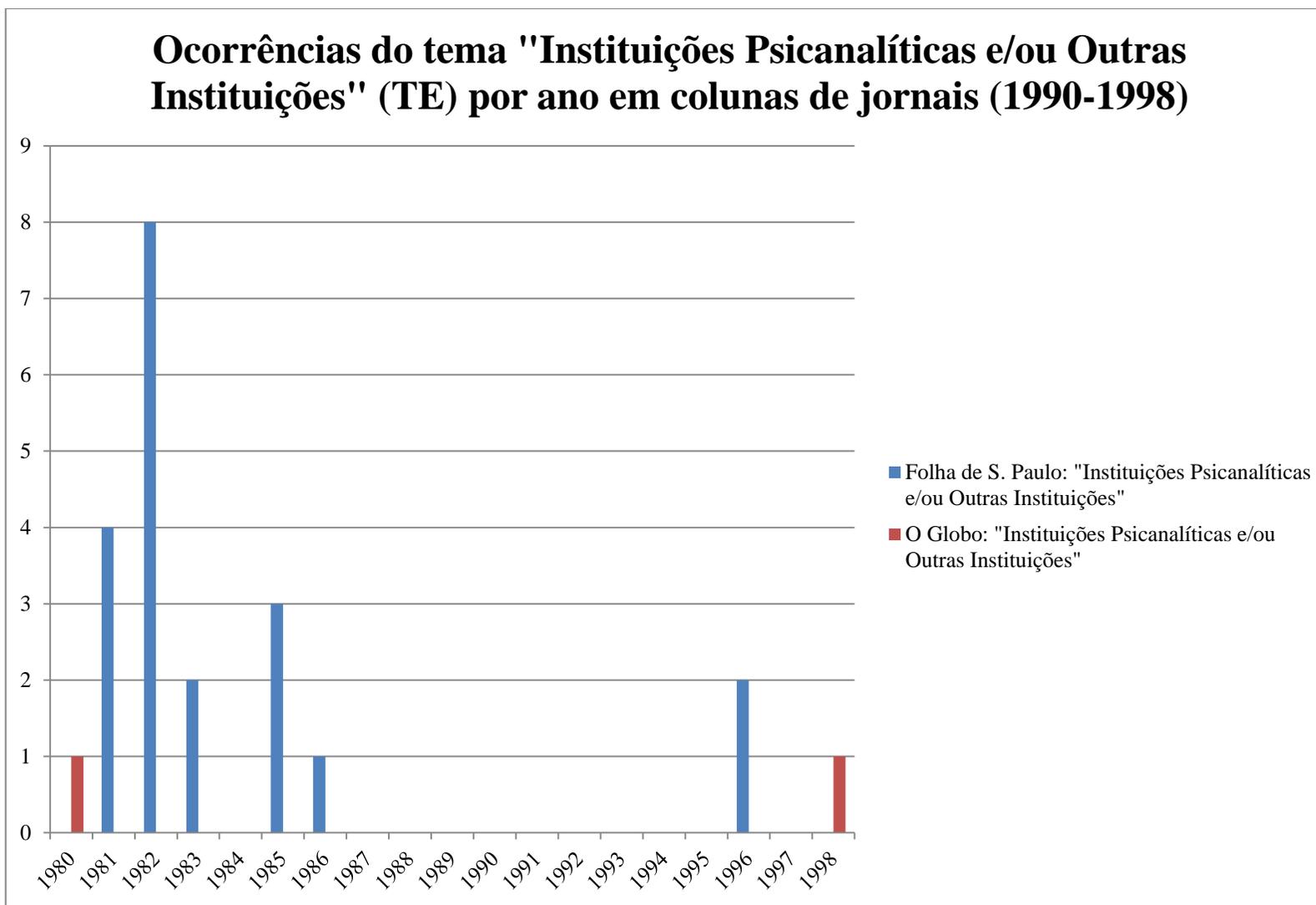


Gráfico 11: Número de ocorrências por ano correspondentes à temática “Instituições Psicanalíticas e/ou Outras Instituições”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo*

Ocorrências dos principais Temas Gerais por ano em colunas dos jornais "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1980-1989)

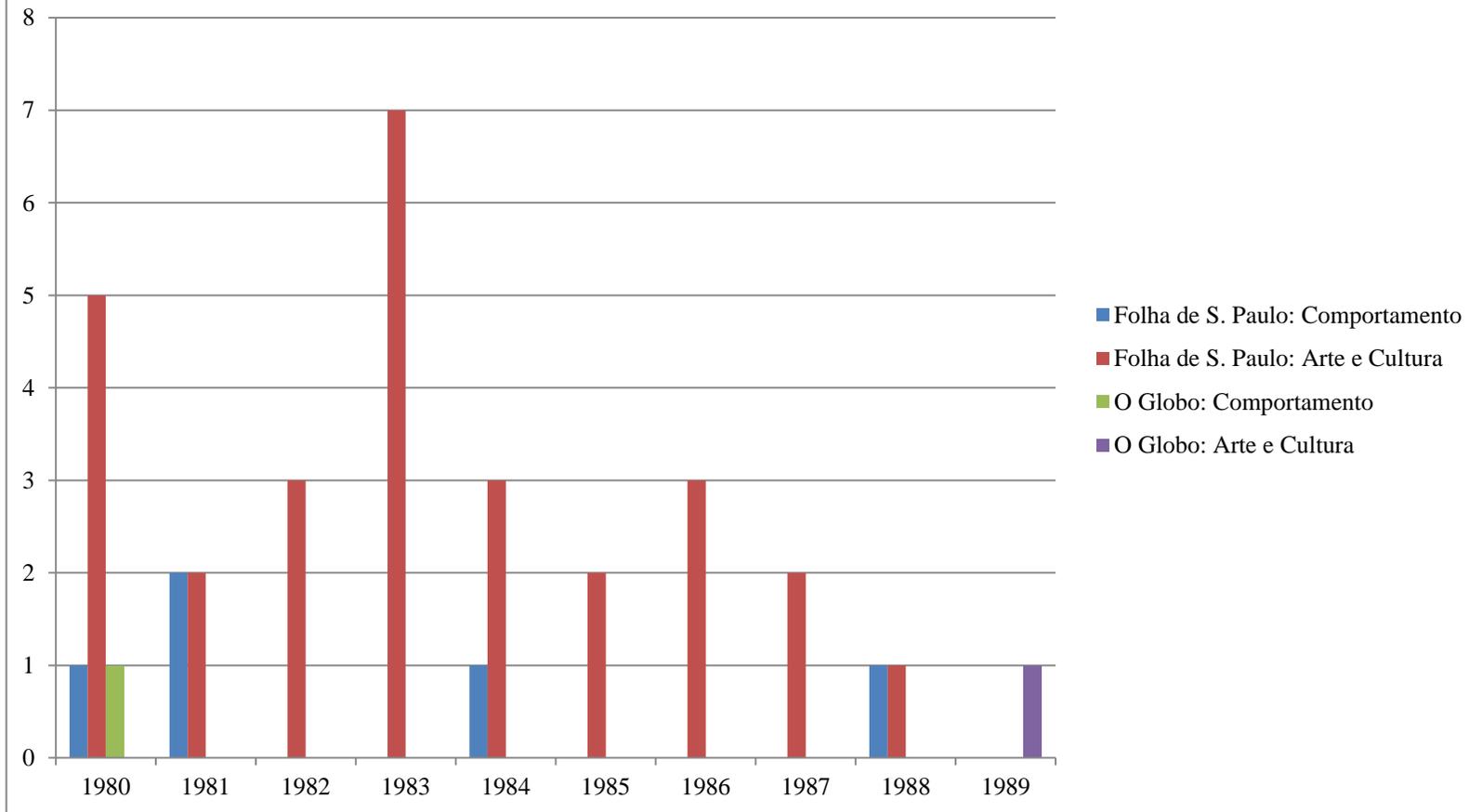


Gráfico 12: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Comportamento” e “Arte e Cultura”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1980-1989)

Ocorrências dos principais Temas Gerais por ano em colunas dos jornais "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1990-1998)

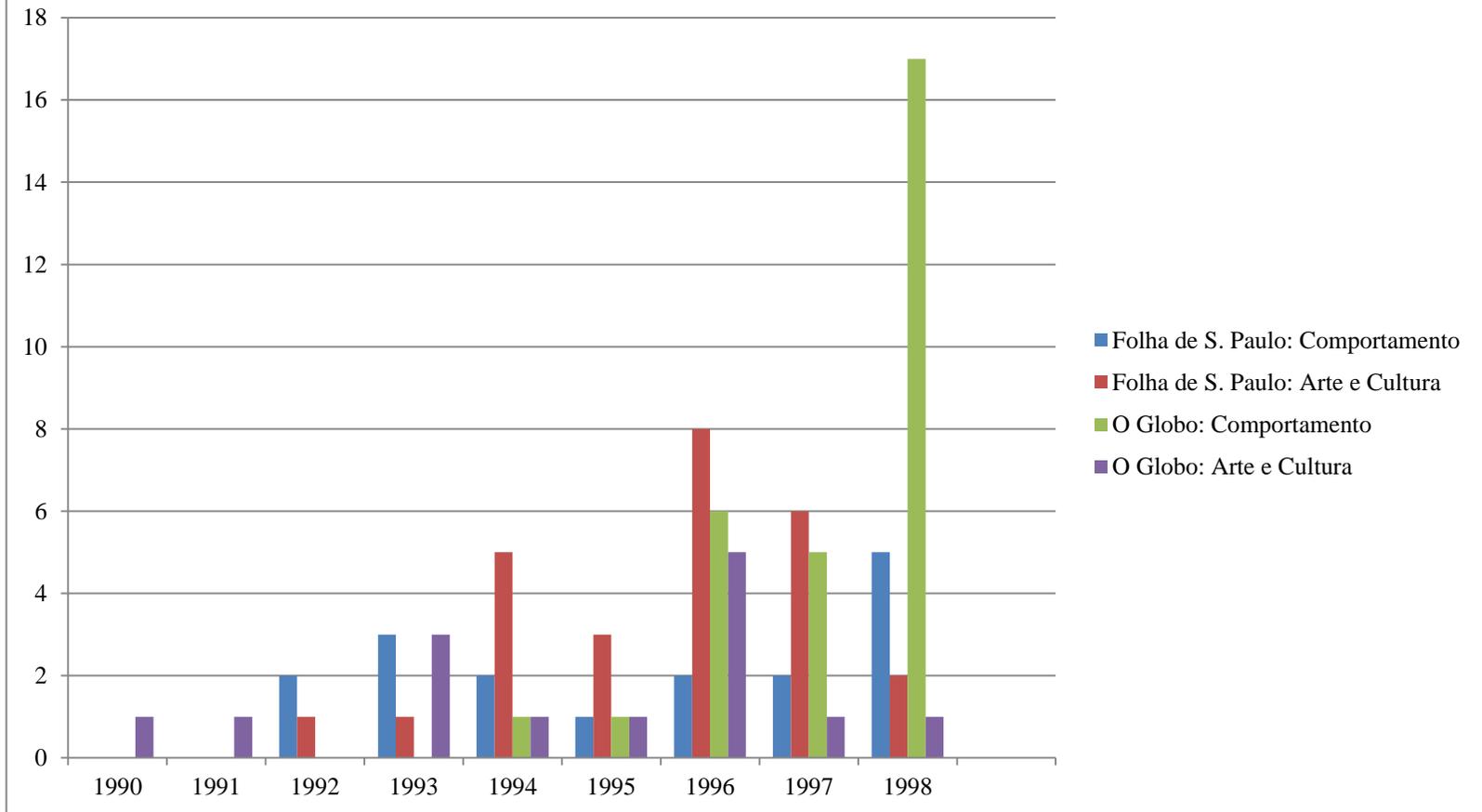


Gráfico 13: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Comportamento” e “Arte e Cultura”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1990-1998)

Ocorrências dos principais Temas Gerais por ano em colunas dos jornais "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1980-1989)

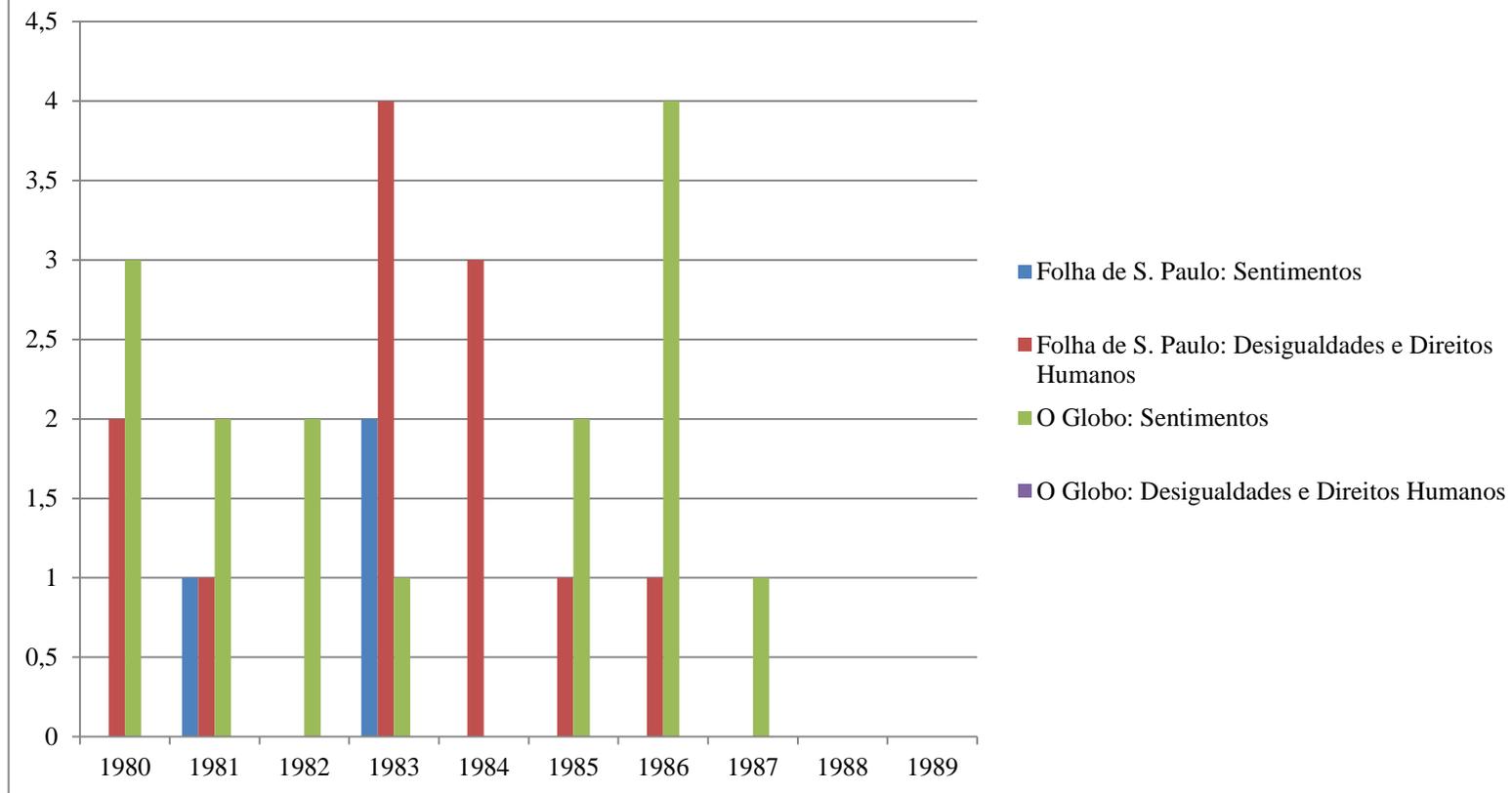


Gráfico 14: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Sentimentos” e “Desigualdades e Direitos Humanos”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1980-1989)

Ocorrências dos principais Temas Gerais por ano em colunas dos jornais "O Globo" e "Folha de S.Paulo" (1990-1998)

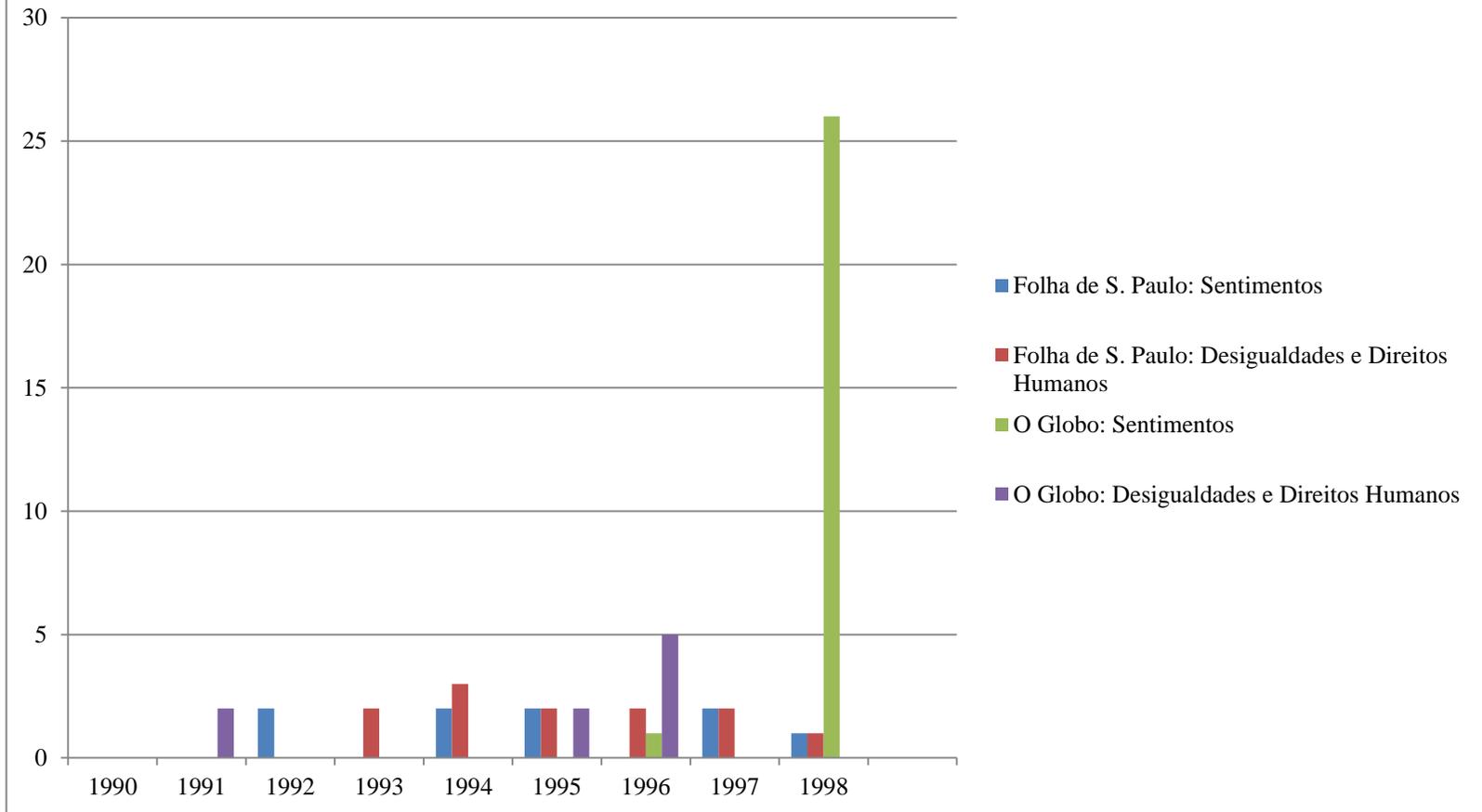


Gráfico 15: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Sentimentos” e “Desigualdades e Direitos Humanos”, em colunas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1990-1998)

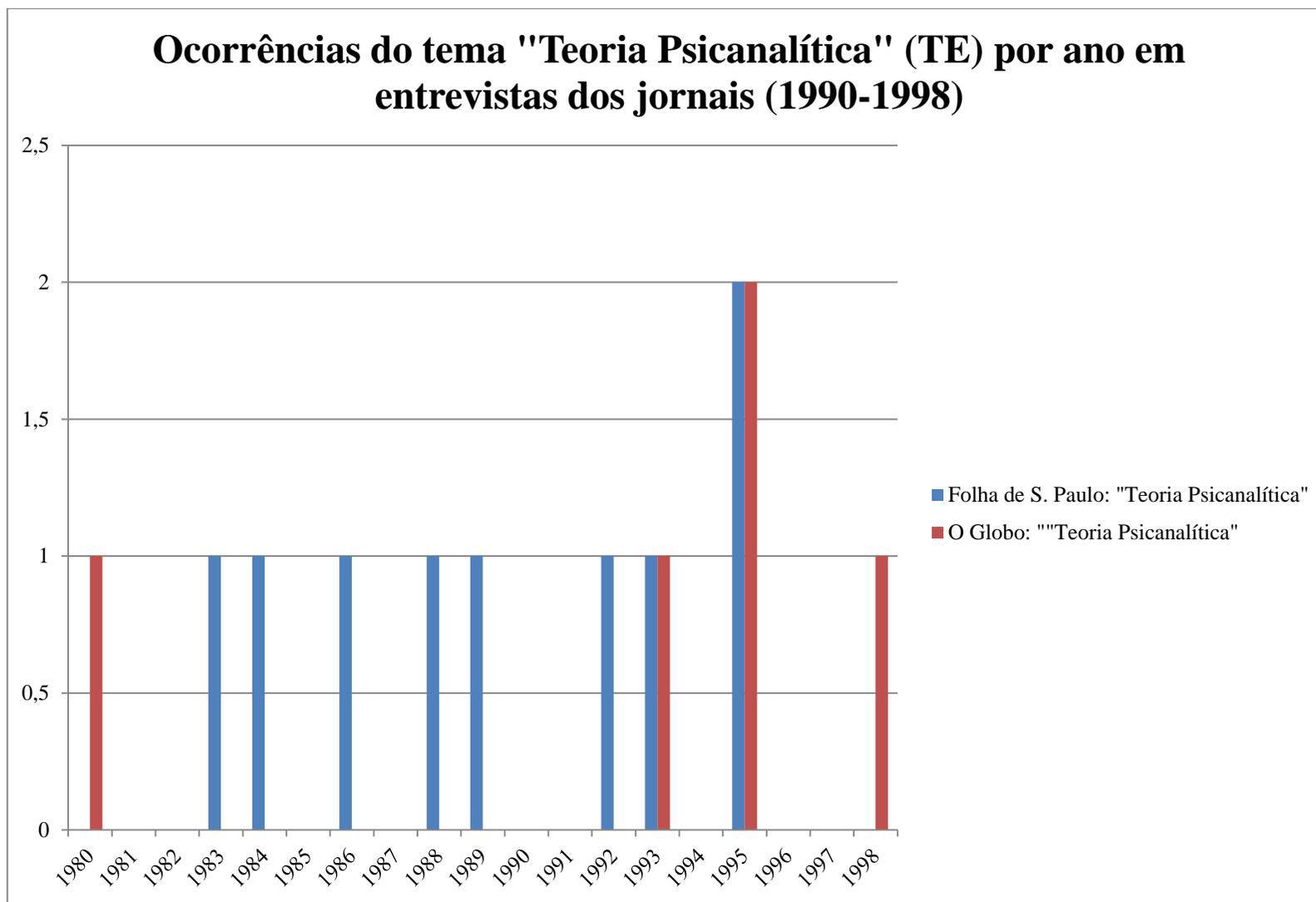


Gráfico 16: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Teoria Psicanalítica”, em entrevistas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1990-1998)

Ocorrências do tema "Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes" (TE) por ano em entrevistas dos jornais (1990-1998)

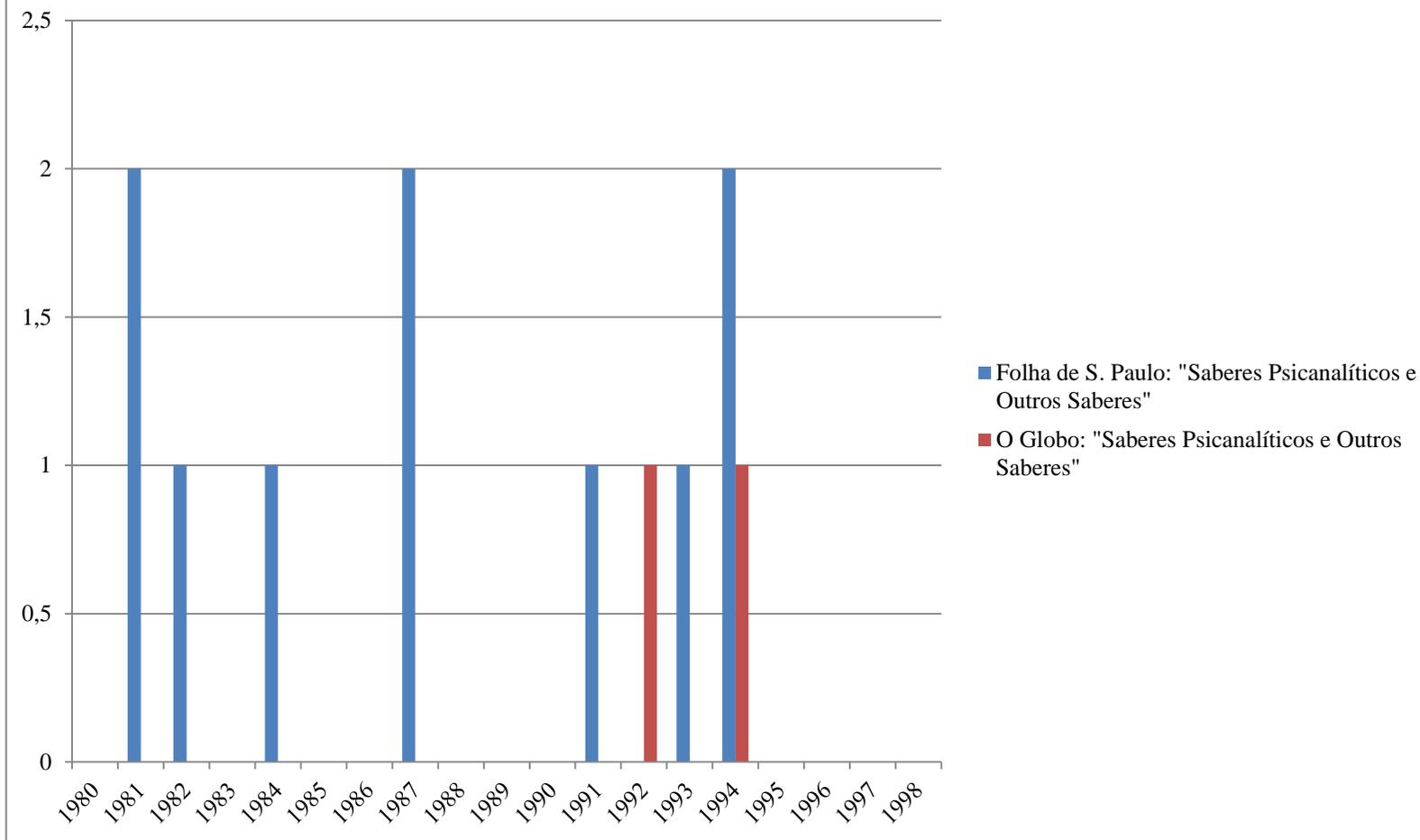


Gráfico 17: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Saberes Psicanalíticos e Outros Saberes”, em entrevistas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1990-1998)

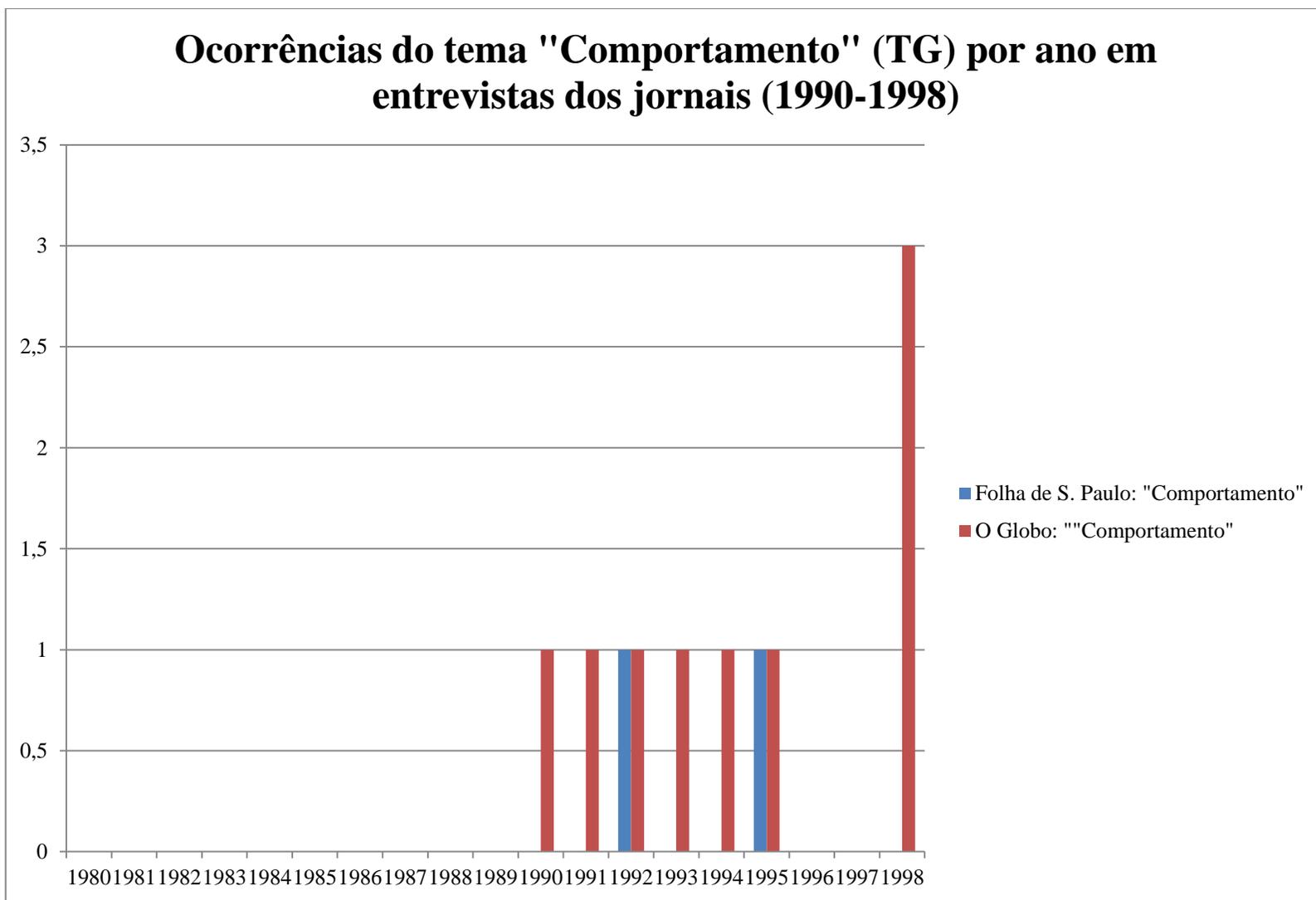


Gráfico 18: Número de ocorrências por ano correspondentes a “Comportamento”, em entrevistas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (1990-1998)